PUC
RIO

TANIA COELHO DOS SANTOS

SUBJETIVIDADE E DIFUSÃO DA PSICANÁLISE: UMA DISCUSSÃO DA CULTURA PSICANALÍTICA

Volume 1

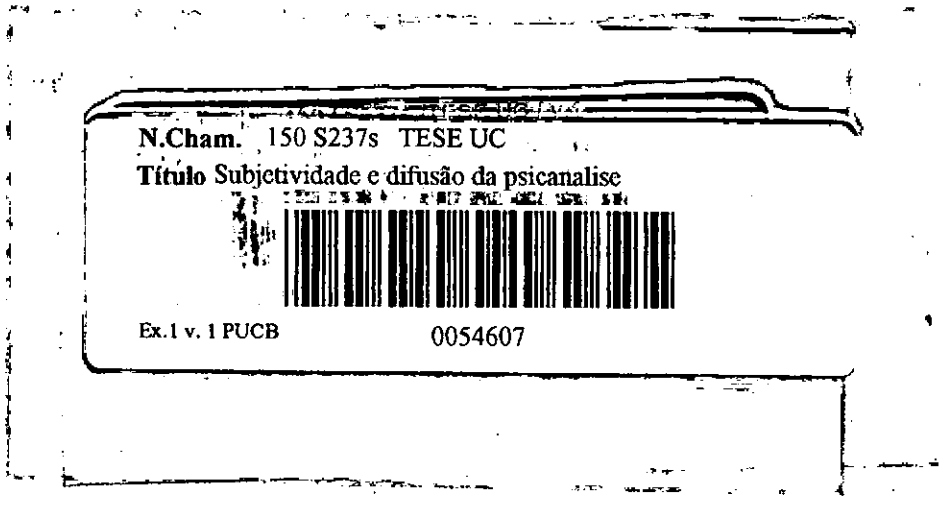
TESE DE DOUTORADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

ABRIL 1990

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
http://www.puc-rio.br


N.Cham. 150 S237s TESE UC
Título Subjetividade e difusão da psicanalise
Ex.1 v. 1 PUCB
0054607

Tania Coelho dos Santos

SUBJETIVIDADE E DIFUSÃO DA PSICANÁLISE:

UMA DISCUSSÃO DA CULTURA PSICANALÍTICA

Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica.

Orientadores:
Anna Carolina Lo Bianco
Joel Birman

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

abril 1990

VC 35287-6

349916

349916

pc/dc

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
963
BIBLIOTECA
12/02/92
DO RIO DE JANEIRO
54607

150
S237s
TESE VC
v.1

Para Catarina, Gustavo e Vitória, meus filhos.

AGRADECIMENTOS

AOS MEUS ORIENTADORES:

ANNA CAROLINA LO BIANCO, pela amizade, pelo crédito e pelas intervenções precisas, pela contribuição inestimável à concisão e à clareza desse escrito mas, principalmente, pela cumplicidade absoluta com meu projeto;

JOEL BIRMAN, pelo trabalho de orientação no sentido estrito cujos efeitos são transparentes ao longo de todo este texto, pelo acompanhamento paciente, pelo profundo respeito às minhas mais delirantes convicções e pela não menos valiosa defesa intransigente do resultado desse esforço.

Ao meu marido, NEWTON RABELLO DE CASTRO, editor meticuloso, revisor infinitamente paciente, que com uma dedicação sem reservas viabilizou a impressão desse escrito, e se tudo isso já não fosse muito, ainda pela presença assídua, solícita e carinhosa que soube utilizar para exigir que este trabalho todo fosse levado mais brevemente até o fim.

À HORUS VITAL BRAZIL, que ao longo de quatro anos de estudo me introduziu à leitura de Lacan, o que não foi de pouca importância para a construção de uma parte considerável desta discussão.

À MARYLINK KUPFERBERG, que sustentou uma dimensão essencial da arquitetura desta tese que se refere à coragem necessária para levar às últimas conseqüências uma interrogação e suportar a angústia que a dirige.

À ANA PAULA GOMES pela participação na pesquisa e pela correção dos erros de digitação de todo esse escrito.

À CAPES e ao CNPq que financiaram esse projeto.

RESUMO

A demanda de psicanálise foi investigada neste trabalho a partir de uma articulação da teoria freudiana do sujeito com a arqueologia do sujeito de Michel Foucault. A psicanálise é tomada como modo de subjetivação e suas concepções teórico-clínicas são engendradas, através da difusão desse saber em sociedade, até se atingir a problemática da constituição da subjetividade contemporânea pela produção social de uma demanda ampliada de psicanálise.

Interroga-se, pelo exame de material extraído de revistas femininas, a teoria psicanalítica difundida nas práticas de aconselhamento. Essa análise referencia-se, de outro lado, no exame das pesquisas antropológicas e sociológicas recentes acerca de fenômenos correlatos ao "boom" da Psicanálise no Brasil, associados à acelerada modernização dos costumes. Revela-se, ao longo dos anos 60/70 e 70/80, uma acentuada mudança nas representações ideais ordenadoras da subjetividade. Evidencia-se a articulação dessas diferentes representações ordenadoras e ênfases em diferentes concepções teórico-clínicas. Dessa forma, se delineia um universo mutante de representações de sujeito que configuram objetos distintos de demanda de psicanálise.

As demandas de psicanálise puderam ser pensadas como efeito de imaginários sociais historicamente datados e que se constroem na conjunção com a difusão da psicanálise na sociedade.

ABSTRACT

The demand for psychoanalysis has been investigated in this study following a paradigm built using the Freudian theory of the subject and Foucault's arqueology of the subject. Psychoanalysis is taken as a means for subjectivation and its theoretical and clinical concepts are developed through the diffusion of this knowledge in society up to the point we reach the question of the constitution of modern subjectiveness by the social production of an enlarged demand for phychoanalysis.

By examining evidence collected from women's magazines, we discuss the psychoanalytic theory that both guides and is disseminated by clinical practice. This analysis also draws references from recent antrophological and sociological researchs on phenomenons correlated to the boom of psychonalysys in Brazil and associated to the rapid modernization of habits. Throughout the sixties, seventies and eighties, we find a deep change in the ideal representations that structure the subjectivity. We show the connections between these different representations in various theoretical-clinical conceptions. This way, it is possible to outline a dynamic universe of representations of the subject that materializes in distinct objects of demand for psychoanalsis.

These demands for psychoanalsis are discussed as consequences of social imaginaries historically dated that are developed in connection to the diffusion of psychoanalsis in society.

SUBJETIVIDADE E DIFUSÃO DA PSICANÁLISE:

Uma Discussão da Cultura Psicanalítica

Tania Coelho dos Santos

SUMÁRIO

Pág.

INTRODUÇÃO 1

PARTE 1

TEMPOS PRÉ-PSICANALÍTICOS: O IMAGINÁRIO MORAL E ESTÉTICO DOS ANOS 50 26

I- A GRAFOLOGIA: O IMAGINÁRIO E AS PRÁTICAS DE ELABORAÇÃO DA SUBJETIVIDADE 26

I.1- A ARQUITETURA DO SUJEITO 30

I.2- O SUJEITO DO CARÁTER, DA VOCAÇÃO, DO SENTIMENTO E DA VONTADE 34

a. O Caráter 34

b. A Vocação 45

c. O Sentimento 52

d. A Vontade 63

II. REPRESENTAÇÕES DE MASCULINO, FEMININO E RELACIONAMENTO DE CASAL 64

II.1- REPRESENTAÇÕES DO FEMININO: Produções do modelo de sujeito moral religioso e do modelo estético e seus negativos 68

a.1-Caráter e feminilidade 68

a.2-MULHER INTERESSANTE: Representação do feminino produzida pelo modelo estético de sujeito 73

a.3-A MULHER INFANTIL: Uma representação masculina negativa da mulher romântica 81

a.4-MÃE ABNEGADA: Representação do feminino ditada pelo modelo moral religioso 87

II.2- REPRESENTAÇÕES DO MASCULINO: Príncipes, meninos travessos e companheiros igualitários 93

a.1-COMPANHEIRO IDEAL, COMPATIBILIDADE DE CARÁTER e o CASAMENTO MODELO: Representações ideais de conjugalidade 99

III- NOTAS SOBRE A DIREÇÃO DO ACONSELHAMENTO: O sujeito da moral religiosa e o sujeito da elaboração estética 110

III.1- SUJEITO DA CRISE, DO TRAUMA E DO SUBCONSCIENTE 111

PARTE 2

TEMPOS HERÓICOS: A "CULTURA PSICANALÍTICA" DA MODERNIZAÇÃO SOCIAL 130

I. "PSICOLOGIA DA MULHER" POR EMÍLIO SERVÁDIO: O início da difusão da psicanálise nas revistas femininas 130

II. MODERNIZAÇÃO E "CULTURA PSICANALÍTICA" 134

III. A ESCOLHA INFELIZ NÃO É UM ACASO: "Dize-me com quem andas e te direi quem és" 141

IV. O DETERMINISMO PSÍQUICO É UNIVERSAL: NÃO EXISTE "ENGANO" 143

V. NARCISISMO E ESCOLHA AMOROSA: IDENTIFICAÇÃO E DESTINO 147

VI. INCONSCIENTE: "O EU, ESSE DESCONHECIDO" 148

VII. UMA TIPOLOGIA DOS "REPRIMIDOS" 151

VIII. OS REPRIMIDOS E A PROJEÇÃO 153

IX. OS REPRIMIDOS E A TRANSFERÊNCIA 158

X. INFIDELIDADE MASCULINA: A DIFERENÇA SEXUAL E A NEUROSE 159

XI. O COMPLEXO EDIPIANO: A INFIDELIDADE É UMA "DISSOCIAÇÃO NEURÓTICA" 162

XII. FEMINILIDADE: AMOR, AGRESSIVIDADE E CULPA 166

XIII. O IDEAL DE AUTENTICIDADE 177

XIV. UMA TIPOLOGIA: "A MULHER ESPERTA" 180

XV. O TRABALHO EXTRADOMÉSTICO FEMININO: Higiene do vazio e da aridez 183

XVI.A NEUROSE DA DONA DE CASA 184

XVII. A REPRESENTAÇÃO IDEAL DA MULHER MODERNA 189

XVIII. A REPRESENTAÇÃO IDEAL DO NOVO CASAL 191

XIX.SEXUALIDADE PRÉ-MATRIMONIAL: ANÁLISE LEIGA X RELIGIÃO 192

XX. NOTAS SOBRE A DIREÇÃO DO ACONSELHAMENTO: O SUJEITO AUTÊNTICO E A PRODUÇÃO DE DEMANDA 192

PARTE 3

TEMPOS SOMBRIOS: A "CULTURA PSICANALÍTICA" DO NARCISISMO 198

I- INTRODUÇÃO 198

II- A "CULTURA PSICANALÍTICA DO NARCISISMO: UMA DISCUSSÃO 209

PARTE 4

PSICANÁLISE E PSICOLOGISMO 217

I. A QUESTÃO DE UMA WELTANSHAUUNG PSICANALÍTICA 217

II.PSICOLOGISMO E WELTANSCHAUUNG PSICANALÍTICA 227

III. PSICANÁLISE E PSICOLOGISMO 238

IV. DIFUSÃO PSICANALÍTICA: O PROBLEMA DO "MODO DE ADESÃO" 246

V. DEMANDA E DIREÇÃO DA CURA 255

VI. PSICOLOGISMO E REALIDADE PSÍQUICA 261

VII. SUJEITO/INDIVÍDUO: PSICANÁLISE DIFUNDIDA E IDEOLOGIAS INDIVIDUALISTAS 263

VIII. A PULSÃO SEXUAL E O MITO DA LIBERDADE SEXUAL, A PULSÃO DE MORTE E O MITO DA SINGULARIDADE 268

IX. A TEORIA FREUDIANA DO PODER X UMA TEORIA JURÍDICA CLÁSSICA 275

X. INDIVÍDUO E INDIVIDUALISMO NA "CULTURA PSICANALÍTICA" 280

PARTE 5

A REPRESENTAÇÃO, O SIMBÓLICO E O POLÍTICO 286

I. A REPRESENTAÇÃO 286

II. O INDIVÍDUO BIOLÓGICO E O EU NARCÍSICO 289

III. EU IDEAL E IDEAL DO EU: MODOS DE INVESTIMENTO OU DE ADESÃO A REPRESENTAÇÕES IDEALIZADAS INDIVIDUAL OU COLETIVAMENTE 304

IV. REALIDADE PSÍQUICA, SOCIEDADE E CULTURA 309

V.OS IDEAIS NA TEORIA FREUDIANA: 'no princípio foi o Ato' 314

VI. UMA "METAPSICOLOGIA DO SOCIAL" 375

PARTE 6

SUBJETIVAÇÃO E PODER 338

I. IDEOLOGIA E PODER 338

II. FOUCAULT E O PENSAMENTO FREUDIANO 348

III. SUBJETIVAÇÃO E PODER 359

IV. MODOS DE SUBJETIVAÇÃO: "OS SUJEITOS DE SEUS ATOS" E "OS SUJEITOS DO DESEJO" 364

V. ÉTICA E ESTÉTICA 371

VI. REPENSANDO A MUDANÇA SOCIAL NO BRASIL, A DIFUSÃO DA PSICANÁLISE E MODO DE SUBJETIVAÇÃO 375

PARTE 7

PSICOLOGISMO E MUDANÇA SOCIAL 387

I. INTRODUÇÃO 387

II. A QUESTÃO DO "PONTO DE VISTA": PESQUISADORES X ENTREVISTADOS 393

III. DUAS LÓGICAS (OU DOIS "MODOS DE INVESTIMENTO"?): DUAS REPRESENTAÇÕES DE SUJEITO 404

IV. REPRESENTAÇÕES DE COISA E REPRESENTAÇÕES DE PALAVRA 410

V.MODERNIZAÇÃO REATIVA E "FALSA CONSCIÊNCIA" 417

VI. O PSICOLOGISMO COMO REPRESENTAÇÃO DE UMA REALIDADE IMPOSSÍVEL: A IDEOLOGIA X A REALIDADE 420

VII.O PSICOLOGISMO COMO REPRESENTAÇÃO POSITIVA 428

VIII.O IMAGINÁRIO MODERNO COMO EXPERIÊNCIA DE DISCURSO 429

CONCLUSÃO 442

BIBLIOGRAFIA 461

SUBJETIVIDADE E DIFUSÃO DA PSICANÁLISE: UMA DISCUSSÃO DA CULTURA PSICANALÍTICA

INTRODUÇÃO

Este trabalho problematiza a demanda de psicanálise, manifesta entre sujeitos dos extratos médios e urbanos brasileiros, esforçando-se por pensá-la na articulação da teoria psicanalítica do sujeito com os efeitos da difusão da psicanálise. A demanda de psicanálise tal como a entendemos é o que pensamos poder captar através da "cultura psicanalítica".

A teoria psicanalítica tem instrumentos conceituais para pensar a procedência da demanda pelo que ela revela do sentido profundamente inconsciente que advém da relação com o desejo. Porque o sujeito vem dirigi-la ao psicanalista e não ao pai de santo, à liderança espiritual dos moralistas, aos pedagogos e todos os demais diretores de consciência que oferecem seu saber, anunciam um certo número de práticas e prometem, cada qual a seu modo, aliviar o "mal estar na civilização"? Para falar da demanda de psicanálise, pela via da cultura psicanalítica, vamos nos valer dos instrumentos da própria teoria psicanalítica, ao invés de substituí-la por uma outra teoria de cunho sociológico. Essa tarefa que propomos aqui apóia-se na perspectiva que adotamos da teoria psicanalítica do sujeito do inconsciente como sendo constituído pelo recalque o que remete às vicissitudes da

pulsão na cultura. Os conceitos de pulsão e cultura delimitam o campo epistemológico onde pode advir o sujeito da psicanálise como sujeito do inconsciente, marcado pela falta/recalque que o constitui como sujeito do desejo. É pelo vínculo com o desejo que o desfiladeiro dos objetos da demanda - tal como se constituem na cultura - não pode encontrar o apaziguamento definitivo.

Como e porquê entre os objetos da demanda vem constituir-se o psicanalista e sua escuta?. Pensamos que para além do vínculo entre o desejo e sua interpretação que constitui a demanda de análise seria preciso ter em conta os modos pelos quais o movimento psicanalítico, por meio de sua difusão entre o público leigo constitui determinados objetos de demanda, que aqui chamamos de representaÇoes ideais.

Esses objetos de demanda ou reprsentações ideais são aquilo que resulta das articulações do saber psicanalítico com as representações coletivas ou ideologias que circulam no imaginário social orquestradas no recente processo de difusão da psicanálise. A demanda de análise, tomada pela vertente de sua relação com o movimento psicanalítico vem revelar-se uma das modalidades históricas de elaboração da subjetividade. A inserção de outro ponto de vista que não a própria teoria psicanalítica, e vamos nos valer de M. Foucault, é essencial à construção da perspectiva pela qual tomamos a demanda de análise porque permite localizar a experiência psicanalítica entre outros dispositivos históricamente situados de produção de subjetivdade, mas principalmente, permite ligar a demanda

de análise aos objetos ou representações ideais produzidos ao longo do movimento psicanalítico.

Nossa pesquisa tem a intenção de revelar o vínculo da demanda, formulada pelos sujeitos dos extratos médios ao saber psicanalítico com as articulações do imaginário da modernização das representações sociais hegemônicas de indivíduo e família e a difusão da própria psicanálise. Uma das vias de captação desse compromisso é a que se revela em artigos e seções de aconselhamento psicológico nas revistas que circulam em bancas de jornais e serão o material sobre o qual vamos trabalhar.

A difusão da psicanálise no meio profissional dos psicólogos, passa pela sua inclusão e hegemonia nos cursos universitários de psicologia, pela multiplicação das instituições e sociedades de formação entre os anos 70 e 80 que respondem ao desejo já instalado, nesse mesmo segmento profissional, de se tornar psicanalista. Os meios de comunicação, fizeram e ainda fazem chegar ao público leigo a palavra dos psicanalistas. Essa é uma parte da história de como este saber e suas práticas se impuseram desde o início dos anos 70, entre os saberes e as práticas de elaboração da subjetividade, participando da produção de sua própria demanda.

A difusão do saber e das práticas psicanalíticas ancorada em mudanças econômicas, políticas e sociais. Entre os anos 50 e 70 a sociedade, nos seus extratos médios, passa

por mudanças nas representações ideais dominantes,a laicização que se reflete no apetite por a) novos códigos morais alternativos à moral religiosa e b) por códigos mais compatíveis com as novas aspirações que se abrem para os extratos médios de rápida ascenção social.

Estas perspectivas de ascenção social e a rápida laicização da sociedade vêm materializar-se no campo da organização social e familiar através de maior privatização da família e da aspiração à individualização por parte dos sujeitos dos extratos médios. A ascenção social encontra na flexibilidade do código moral a legitimidade necessária. Mas, isso não é tudo: os novos códigos são também instrumentalidade necessária para o agenciamento de sentimentos, idéias e desejos em consonância com a orientação ideológica hegemônica. O desejo de progresso, de sucesso e de ascenção social encontram na linguagem da valorização do "eu", da "liberdade", da "igualdade" entre os indivíduos seu dialeto: o psicologismo. Linguagem universal da demanda ou dialeto engendrado pelos novos saberes, quando se entrelaçam com as novas representações ideais e se unificam numa representação ideal poderosa: a mudança. As mudanças que os sujeitos deverão realizar têm um endereço determinado, uma direção definida e se traduzem em imagens de "eus" mais que perfeitos: "normais".

Na sociedade brasileira, algumas dessas profundas mudanças se fizeram notar, especialmente, no decorrer dos anos 60/70. Ao "milagre econômico" associaram-se fenômenos

como: a ascenção social por parte dos extratos médios urbanos, a explosão imobiliária, a ampliação e sofisticação da oferta de bens de consumo, a expansão da demanda de cursos universitários, as grandes ondas migratórias no território urbano em direção às zonas residenciais mais valorizadas, como a zona sul do Rio de Janeiro.

Essas mudanças são percebidas pelos agentes sociais como expressão do progresso material, e representam, portanto, para eles um aspecto ligado a um processo mais amplo de "modernização social". Mudança, progresso, modernização tornam-se representações saturadas de investimento e irrelativizavelmente "ideais".

Outras mudanças se registram nesse período, no domínio da subjetividade. A "mentalidade", ou seja, os valores, as aspirações e os comportamentos sofrem igualmente um processo acelerado e fortemente induzido pelos meios de comunicação, no sentido de se transformarem. As repercussões da modernização social no domínio da subjetividade manifestam-se pelo maciço investimento em representações ideais <1> tais como "crescimento interno", "amadurecimento como pessoa", "individualidade". Essas representações expressam no plano subjetivo a centralidade do valor da ascenção social e por isso organizam-se em torno de um eixo frequentemente

---

1.Essa expressão, de utilização exaustiva ao longo das páginas que se seguem e de valor absolutamente central para nossa análise das relações entre o processo de difusão da psicanálise em associação com a modernização da sociedade brasileira, será tematizada, separadamente, na seção III do capítulo II, dedicada a essa finalidade.

implícito no discurso dos agentes sociais concretos sobre si próprios, que é, como já dissemos, o valor da mudança.

A teoria psicanalítica do sujeito está inseparávelmente associada às mudanças nas representações ideais dominantes, Reforça, legitima e confere densidade psicológica a essas representações pois veicula novas práticas destinadas a regular, conferir sentido, dirimir dificuldades da vida cotidiana e orientar os indivíduos na selva espêssa das mudanças sociais.

A difusão do saber e das "práticas de interpretação" da psicanálise apresentam-se como verdadeiros dispositivos <2>, destinados a elaborar a subjetividade face o novo universo de valores. Ambos substituem essencialmente a visão de mundo e as práticas de aconselhamento afinadas com a moral religiosa. É o processo de constituição desse novo sujeito que se enuncia através da demanda de novos modos de subjetivação, entre os quais a psicanálise vem mantendo uma hegemonia indiscutível desde o início dos anos 70. Ela se expressa no dialeto do psicologismo. Ela é, em si mesma, a expressão da adesão aos novos valores, é a confissão do desejo de mudança, e implica subjetivar-se por referência a esse ideal.

A subjetividade contemporânea tem, portanto, na demanda de psicanálise sua via privilegiada de captação. Vamos pensá-la ao longo de nosso trabalho na articulação da teoria psicanalítica do sujeito com a analítica das relações

---

2.

concretas de poder de M. Foucault, ligando intimamente num mesmo dispositivo as forças que densificam o desamparo e as que se prontificam a acolher a demanda. A psicanálise não é o saber que vem responder a alguma coisa que se opera no social, independentemente de sua intervenção, mas uma das forças que vão concorrer na aceleração da rota dos agentes sociais em direção a esse nem sempre obscuro objeto de desejo: mudança.

Sua força são os novos procedimentos de direção das consciências, e que diferem, significativamente, em seus instrumentos e táticas, dos meios empregados até essa época para produzir sujeitos da aspiração de outros ideais. Os conteúdos, valores ou, como já passou antes a nomear, representações ideais, que sustentam essas práticas, são diferentes dos que regiam a direção do aconselhamento até o início do processo modernizador. Também as práticas concretamente, ou as técnicas de aconselhamento e orientação são modificadas radicalmente, em benefício da importância que será concedida ao "eu" a partir dos anos 60, por oposição ao que representava, nos anos 50, a adequação as instituições sociais.

Representações ideais são todo um conjunto de imagens que veiculadas através de discursos e práticas sociais "condensam" em "tipos ideais" as aspirações e desejos de um dado grupo social, dentro de um período histórico particular. São "ideais", essas representações ou imagens em dois sentidos diferentes. São abstrações ou tipificações, modelos

de sujeito e portanto são ideais no sentido de típicas ou coletivas. São produções de um dado imaginário social mas, só se revelam através dos discursos individuais e, por isso mesmo, somente em seus efeitos sobre uma dada subjetividade. São "sobredeterminadas" pois não fazem um todo coerente e homogêneo. São parte do patrimônio ideológico e dotadas de eficácia sobre as subjetividades concretas. Não são jamais inocentes de intenções políticas. Funcionam como dispositivos, o que significa dizer que são produtos de tecnologias de poder extremamente ágeis, que agenciam a subjetividade e que de acordo com interesses fortes e atuantes no campo social, estimulam novos pactos narcísicos, em torno de novos tótems e novos tabus.

Na esfera do sujeito concreto, são uma dimensão necessária da realidade psíquica, porque investidas de desejo. Ou não estaríamos no campo da política e sim da coerção externa ou, no limite, da própria violência. Na verdade, seu caráter ideal lhes advém de serem efeito das ilusões, aspirações e fantasias forjadas na flexibilidade própria seja aos dispositivos do poder das sociedades complexas, seja às vicissitudes da pulsão.

Concluindo, nossa perspectiva da demanda que o sujeito dirige ao saber psicanalítico, focaliza seu processo de constituição tendo em conta, de um lado, o movimento de difusão deste saber e, de outro, o desejo de "modernização" acionado por um campo discursivo e estratégico mais amplo e que, ao expressar-se através de uma linguagem psicologizada

(crescimento, amadurecimento, cura da neurose) revela sua dupla procedência. Pois,a demanda é efeito do processo de modernização social mas encontra-se também no centro das produções dos novos dispositivos devotados à elaboração da nova subjetividade.

A demanda de psicanálise articula-se através de uma complexa tradução das aspirações propagadas pelo imaginário da modernização social com suas representações ideais, em conceitos derivados da teoria psicanalítica e que envolvem os procedimentos de diagnóstico e as concepções associadas à direção da cura analítica.

Sendo assim, as representações ideais produzidas pelos interesses em jogo, no processo de modernização da organização familiar e da subjetividade, transubstanciam-se na intenção de produzir demanda de mudança social em representações associadas à direção da cura psicanalítica. O sujeito das representações ideais forjadas para dirigir a modernização social converte-se num suposto sujeito de um ideal psicanalítico de perfeição.

Até os anos 60, a moral religiosa foi (ao menos para um certo grupo do extrato médio urbano e católico) o recurso privilegiado para lidar com as vicissitudes da existência humana. Para tanto, ela era simultaneamente sistema de valores, meio de auto-regulação e instrumento na mediação de conflito interno. O pensamento religioso representava um regime seguro para lidar com fracassos, perdas, frustrações e

mesmo com as glórias do sucesso. Sua influência se exercia através de práticas como, "o exame de consciência", "a confissão de culpa", "o conselho", "a penitência", "a absolvição". Todas estas práticas ancoram-se na noção de "pecado" contra Deus e contra o próximo e indicam a primazia concedida neste imaginário à coesão familiar e social sobre os interesses e aspirações individuais, sem entretanto, deixar de ser um ideário individualista.<3>

No decorrer dos anos 60 a hegemonia desse universo simbólico se desfaz no confronto com idéias novas associadas a uma concepção laica da vida, mais individualista e mais hedonista.

Algumas aspirações, mais frequentemente associadas com essa nova visão de mundo foram: o questionamento da abstinência sexual antes do casamento, da indissolubilidade do casamento, da obediência dos filhos às determinações dos pais no que diz respeito à vida sexual, escolha de parceiro amoroso e inclinações profissionais. A hierarquia entre as faixas etárias e a segregação entre os sexos eram percebidas, pelos agentes sociais em questão, como firmemente enraizadas na tradição do catolicismo.

---

3. A moral religiosa do cristianismo supõe que cada homem é uma encarnação particular da humanidade em geral. Na sociedade, embora associados com atribuições distintas, e eventualmente hierarquizadas, a alma humana é essencialmente "imagem e semelhança de Deus", o que funda um laço, primariamente igualitário entre os indivíduos, que relativiza as diferenças sociais.

A religião é objeto, neste período histórico, de um questionamento intenso. O pensamento religioso tornou-se suspeito de sustentar valores tradicionais, mais interessados na conservação da coesão familiar e na submissão dos indivíduos à instituição família, do que na "felicidade" de cada um. Era associado aos compromissos firmados no período histórico anterior aos anos 60, entre a Igreja católica e os valores ligados a uma concepção holista e hierárquica, <4> da vida social e familiar. A segregação e complementaridade dos papéis femininos e masculinos, bem como, a assimetria das relações entre as gerações, são percebidos como valores centrais desse ideal de família, e serão, por isso mesmo, duramente combatidos pelos movimentos de transformação social, pois passam a representar o essencial do que se opõe ã mudança.

A nova concepção da existência, é leiga, mais individualista e mais hedonista, se difunde na malha social, entre indivíduos dos extratos médios, urbanos e católicos. A ascenção pessoal, o progresso e o prazer individual, a escolha de caminhos livres do pêso da sabedoria e da tradição são algumas das expressões mais evidentes da nova ideologia.

O novo modo de representar o ideal impõe mdificações concretas na rede de relações sociais. A organização familiar

---

4. Por holista e hierárquico entende-se o modelo de família ou de conjunto social onde as funções de cada parte no todo prevalecem enquanto valor sobre aspirações e desejos individuais. O valor do conjunto, do grupo ou da unidade familiar organiza-se como uma totalidade integrada e ordenada segundo uma hierarquia com base na diferença sexual e etária.

passa a referir-se à novas representações ideais de homem, pai, marido, mulher, mãe, espôsa, criança, filho e filha. Os laços tradicionais de dependência e reciprocidade, assentados em concepções e procedimentos que diferenciavam e hierarquizavam os membros da família entre si, cedem lugar aos laços associativos mais espontâneos e menos obrigatórios, ancorados numa concepção mais igualitária dos sexos e das gerações, percebidos inclusive como relativamente mais independentes uns dos outros .

Lembramos que neste mesmo período, toma corpo o processo de difusão dos conhecimentos de origem na Psicanálise. Dizemos assim, de origem, para deixar bastante claro, que essa difusão não é necessáriamente fiel ou infiel à fonte inspiradora. A questão da fidelidade não é importante face o papel hegemônico do saber psicanalítico que penetra em publicações dirigidas a leigos e associado ao processo de difusão de ideologias modernizadoras, cria representações ideais de sujeito.

Essa associação pode ser percebida nítidamente no trecho de uma entrevista concedida por um psicanalista, conhecido justamente pelo seu entusiasmo modernizador e que reproduzimos em seguida :"O desejo de auto-conhecimento,a vontade de melhorar a qualidade dos vínculos erótico,afetivos e familiares,a inquietação por desatar nós ou impasses existenciais, a ambição de ampliar a criatividade, iniciativa e eficácia profissional, tornaram-se agora os princípios motivadores para a busca de auxílio psicanalítico ...Porque o

boom psicológico iniciou-se há apenas 10 anos, seus efeitos na plenitude de sua impetuosidade, ainda tardam para manifestar-se. As gerações subsequentes, entretanto, testemunharão seu impacto." (Eduardo Mascarenhas, Jornal do Brasil, 12/02/78)

Os efeitos, na plenitude da sua impetuosidade do boom psicanalítico não tardaram tanto a manifestarem-se. De fato, como vaticinou o psicanalista, estão em toda parte. O jargão cotidiano avolumado por expressões procedentes do vocabulário técnico da psicanálise e a expansão do hábito de recorrer à terapêutica psicanalítica, entre indivíduos não enquadráveis em nenhuma categoria psicopatológica clássica, testemunham amplamente a realização do vaticínio do psicanalista. O entusiasmo desse psicanalista é uma das expressões mais claras do desejo de difusão da psicanálise.

Esse desejo, pode expressar-se assim, sem nenhum pudor, porque foi defintivamente legitimado pela convicção que atravessa o campo psicanalítico, neste período e sempre, de que a difusão deste saber trás a "peste". Não sabemos se o vírus da "revolução dos costumes" e da "liberdade sexual" era exatamente aquilo que Freud tinha em mente, quando se referiu à psicanálise através dessa expressão. Queremos crer que este é o sentimento que governa e legitima o processo de difusão da psicanálise no Rio de Janeiro. A mudança é percebida e valorizada como liberação.

A representação ideal de sujeito nos anos 60/70 é a encarnação multivariada do valor da liberdade sexual. A repressão é um tema que atravessa o imaginário social articulando a opressão do homem sobre a mulher, a autoridade dos pais sobre os filhos, a obrigação de exercer a sexualidade dentro dos limites do casamento legítimo, a disciplina escolar,todas as práticas enfim, que refletiam as representações ideais de sujeito dos anos 50, tornam-se passíveis de serem percebidas como autoritárias e repressivas.

O impacto de uma mudança tão radical nas representações ideais de sujeito, não poderia ser outro senão o de ensejar a violenta explosão de angústia. A perda dos emblemas identificatórios sedimentados no pacto social vigente até a aurora dos anos 60, expôs ao sentimento de desamparo, de confusão entre aspiraçoes contraditórias todos os que foram atingidos pelo irresistível desejo de mudar.

O desejo de mudar não se impôs sem um trabalho prévio dos "agentes desa estratégia sem sujeito" no sentido de desestabilizar, questionando a legitimidade, as repreentaçoes ideais, do passado. A produção social da demanda envolve essas manobras de desqualificação das representações dominantes e passa pela produção de "inversões no contrário", onde as representações ideais mais cortejadas passam à categoria de estigmas, ou seja de representações, ainda ideais, no sentido de que são ainda generalizações,

tipificações ou modelos, marcadas entretanto, com sinal negativo.

O processo de produção dos novos ideais conta com a chancela do pensamento psicanalítico. Por meio desse instrumento de legitimação, aspirar ser moderno equivale a ser sadio e ser conforme os ideais da sociedade dos anos 50 equivale a confessar-se gravemente neurótico. Essa é a principal regra de tradução, pela qual as representações sociais desse momento histórico são convertidas em ideais psicanalíticos.O essencial da direção da cura se apresenta aqui.

A emergência de uma demanda expandida de psicanálise sugere uma aproximação com a demanda de orientação e conselhos outrora dirigida à tradição, à sabedoria e à religião, reforçando nosso sentimento de que o campo da "moralidade" foi recoberto por um dispositivo que articula "liberdade sexual" com "revolução social" <5>. Assim, a

---

5. Essa observação está fundada na idéia de que aos movimentos de transformação social associam-se à desorientação e perplexidade dos indivíduos nela envolvidos. Admitimos , e é importante ter em conta essa consideração, que a desorientação, a perplexidade e o conflito não foram gerados pelos movimentos de transformação social. Desde sempre, a elaboração moral, a problematização da subjetividade são aspectos essenciais à condição humana(Foucault 1984). Propomos aqui, que os movimentos de transformação social do nosso passado recente associam-se a uma expressão específica da desorientação e do conflito, que por isso mesmo não poderão apaziguar-se facilmente nos veios da tradição e da religiosidade católica. Lembramos, no entanto que as missas de jovens, as mudanças na orientação da Igreja Católica no que concerne a juventude,aos casais em crise, às relações entre pais e filhos, notadamente aquelas empreendidas pelos jesuítas através dos encontros e cursilhos dos anos 70 testemunham o esforço da Igreja Católica em dissociar "religião" e tradição conservadora.

difusão da psicanálise se justifica porque é um dos agentes de uma revolução social. A demanda de tratamento psicanalítico é o reconhecimento de uma nova "etiologia": a insuficiente adesão ao desejo de mudança. Insuficiência que testemunha a "repressão sexual", razão e causa da adesividade da libido a identificações "arcaicas". Arcaicas, no sentido de diferentes das modernas. A assimilação do que é "arcaico", não moderno, ao que é "reprimido" constitui-se na segunda regra de tradução. O inconsciente é análogo do que é reprimido e este confunde-se com o que é proibido pela sociedade e pela família autoritária. A segunda regra delimita o essencial à configuração de uma demanda de psicanálise.

Estas regras, configuram a lógica mais elementar, o modo de encadeamento, menos sutil, da modernização social com a difusão psicanalítica. Operam no imaginário social a definição mais precisa da direção do desejo de mudança e da demanda de psicanálise.

Justificamos em trabalho recente, nossa convicção de que a difusão da Psicanálise desempenha um papel essencial na reelaboração das demandas de conselhos e orientação dirigidas por leitoras de revistas femininas, pois através de procedimentos de desconstituição e recodificação das queixas, estas, são traduzidas pelas consultoras especializadas em demanda de compreensão psicanalítica. (Coelho dos Santos, 1987)

Essa onipresença do processo de difusão da psicanálise, em associação com a modernização social está amplamente representada nos meios de comunicação. As revistas dirigidas à mulher, as revistas acerca dos primeiros anos da infância e sobre a adolecência, estão completamente imersas em preocupações psicoprofiláticas e psicoterapêuticas e servindo-se amplamente, para tanto, de colaboradores especializados que, via de regra, são psicanalistas.<6> Os meios de comunicação, como seus interesses específicos, são outra força nesse complexo dispositivo. São um suporte material para a veiculação dos discursos da modernização social e para a difusão do pensamento psicanalítico e de suas técnicas de aconselhamento. Mas não são um suporte passivo, é preciso ter em conta seus interesses próprios: atrair uma clientela potencial para seus anunciantes oferecendo "artigos de consumo" e "artigos para informação" que virtualmente lhes interessam ; formar hábitos de consumo e produzir sujeitos

---

6. A primeira revista feminina a qual tivemos acesso é a LADY da Ed. Melhoramentos e entre 1956 e 1959 , uma grafóloga , D.Olga, responde às inquietações existenciais de leitores que lhe endereçam cartas, associando ao aconselhamento uma análise das características de personalidade do leitor. Segue-se a esse periódico a revista Claudia editada pela Ed. Abril, a partir de 1961 onde a prática de aconselhamento com base nos usos e costumes celebrados pela tradição social encontra na personagem de D. Letícia uma outra versão. Em 1963, Carmem da Silva , uma psicanalista argentina, assume , neste mesmo periódico o lugar até então ocupado por D. Letícia, dando início a um estilo de aconselhamento fundado em representações ideais diferentes das consagrdas pela sabedoria e principalmente substituindo o consellho pelo questionamento. Modernização dos valores sociais e difusão do pensamento psicanalítico aparecem associados em magazines pela primeira vez através de sua coluna: A ARTE DE SER MULHER. De lá para cá todas as revistas de banca de jornal foram progressivamente incluindo no seu corpo de matérias, temas relacionados com a psicanálise e ou a modernização dos costumes. São exemplares nesse sentido, a Nova, a Capricho, a Pais e Filhos, e outras tantas.

capazes de desejá-los, e de dispor dos meios para adquirí-los.

Chamamos de psicologismo <7> ao conjunto dos efeitos do processo de difusão da psicanálise associados às representações ideais que se tornarão dominantes em consequência do esforço de modernizar os indivíduos, a família, a sociedade. Entre leigos, estes efeitos se manifestam através da expansão do cuidado intensivo, profilático e terapêutico da subjetividade que se expressa num dialeto próprio de cunho individualista. Entre técnicos evidencia-se através da adesão explícita de psicólogos e psiquiatras à teoria e às práticas terapêuticas psicanalíticas e que passam assim a diferenciar-se do contexto da formação de origem, psicologia e psiquistria respectivamente, intitulando-se preferencialmente como psicanalistas.

Entre psicanalistas, o expectro da psicologização do saber psicanalítico, ronda um imaginário saturado de representações do tipo psicanálise verdadeira, fiel ao espírito do fundador, e psicanálise adulterada, falsificada

---

7. Tratamos de psicologismo os efeitos da difusão da psicanálise, por entender que todo esforço de interpretação, mesmo quando empreendido por psicanalistas, fora da relação apropriada para este fim, arrisca "psicologizar"o pensamento psicanalítico aproximando-o de outras teorias psicológicas. Também os efeitos sobre a subjetividade daquele que tem acesso ao "entendimento da sua causa" através desse meio, psicologiza-se, no sentido estrito de que apropria-se de uma versão acerca das causas profundas do seu sofrimento e do seu conflito tipificada,generalizada e universalizante.Sua história, sua biografia, lhe são apresentadas "como idênticas" a de outros sujeitos ideais típicos.

pela associação com princípios e práticas estranhas à sua verdadeira vocação. (ver Figueira,1988)

O psicologismo é o fantasma que ronda o pensamento e a prática psicanalítica em consequência do esforço contínuo de "recalcamento" do desejo de expansão, difusão e notoriedade dos psicanalistas. Desejo cuja representação no campo da consciência é sistemáticamente negada, porque se afigura incompatível com as representações legítimas do "ser analista": o analista não tem desejo, seu poder lhe é conferido pela transferência do paciente, cuja fonte é o retorno do recalcado, e cujo objetivo é fazer resistência, que por isso mesmo deverá será liquidada pela análise. O desejo de difusão é um desejo de produzir ativamente a "transferência" pela oferta de um saber, de uma escuta, de uma relação de serviço. Porque o campo analítico não considera a "oferta" como anterioridade necessária à "demanda" ? Como veremos oportunamente, entre outros motivos, a concepção, que ronda o campo analítico, das relações entre poder e saber subverte a correta apreciação dessa questão.

Êrro que não é apenas a expressão de uma ignorância pois esse "desconhecimento" desempenha uma importante função na qualificação dos analistas (os que praticam a verdadeira psicanálise x os que a utilizam como uma Weltanschauung e procuram difundí-la, (pela conversão dos pacientes). Qualificação que reproduz uma diversificação igualmente importante no seio da clientela. Os pacientes que têm demanda de análise e aqueles que não podem abrir mão de uma certa

dose de persuasão, sugestão e conversão. Este últimos são os que demandam psicoterapia. No plano da técnica a psicoterapia está mais próxima da psicanálise difundida, fazendo um contraponto sistemático com a psicanálise verdadeira.

Deste modo, recusamos qualquer distinção fácil entre psicanálise verdadeira e psicanálise difundida no que diz respeito à análise da emergência de um sujeito contemporâneo que demanda atendimento psicanalítico. Como se poderá demonstrar na terceira parte deste trabalho, essa interseção é tematizada por diversos autores, que tendo analisado recortes específicos do processo de modernização social, depararam-se com a presença necessária do fenômeno da psicologização.

Em que pese a indiscutível diferença entre as práticas de difusão com relação ã prática da psicanálise própriamente dita, não é possível deixar de perguntar, o que é que no campo conceitual da teoria própriamente dita a aproxima do discurso da modernização social. O que é que leva a psicanálise no seu processo de difusão a representar-se a si própria como revolucionária ? É uma distorção conceitual ? Pura ação política ? Ou será possível localizar no cerne da teoria freudiana, na trama dos conceitos que impõe essa representação da prática analítica ? Só então se poderia responder: que manobras conceituais, que articulações discursivas realizam a soldagem da representações ideais dominantes com o pensamento psicanalítico.

Essa articulação interessa de perto aos objetivos de nosso trabalho pois a subjetividade como queremos considerá-la e pensá-la é justamente o que se materializa num efeito: a demanda. A demanda é, para efeito de uma analítica da subjetividade moderna, algo que se constitui no centro de uma certa articulação do poder, do saber e do prazer.

Poder que se manifesta na direção da mudança social que não é aleatória, e se afirma nos seus valores. Estes se condensam em representações ideais que por sua vez são forjadas na intercessão com saberes específicos que com elas se comprometem. E finalmente, a direção da mudança social se imprime através de práticas de elaboração da subjetivdade para conformá-la às representações ideais e que interferem nos circuitos do prazer, da busca de satisfação.

A subjetividade contemporânea, quando pensada como efeito de dois discursos, o da mudança dos papéis sociais e o da psicanálise difundida, manifesta-se no dialeto do psicologismo, linguagem da demanda. Demanda de mudança, pois o sujeito dos extratos médios urbanos brasileiros, que realiza e sofre a mudança nas representações ideais do seu passado histórico recente, manifesta-se pelo psicologismo.

Queremos caracterizar o modelo ou modelos de sujeito e as representações ideais que com eles se associam e que se modificaram. Entre elas, por exemplo, estão algumas das noções mais básicas do imaginário social; indivíduo, sociedade, homem, mulher, adulto, criança, relacionamento

intrafamiliar, felicidade, significado do trabalho, entre muitas outras. Pois, fazê-lo é também confrontar a direção que as práticas de aconselhamento imprimem à elaboração da subjetividade nos anos 50 e em plena vigência do universo simbólico da moral religiosa, com a que será adotada no momento da inclusão do pensamento psicanalítico.

Então, analisar as implicações mútuas dessas mudanças recentes do "imaginário social" e suas representações ideais dominantes com novas práticas de elaboração da subjetividade, como a psicanálise. O regime de convivência, a implicação e permutabilidade das noções do imaginario social com os valores da difusão psicanalítica, de acordo com o que pode ser registrado através da análise de publicações que circulam em banca de jornais. Ressaltando assim, sua articulação enquanto dispositivo.

É importante para os nossos propósitos tentar responder a respeito do que torna possível essa montagem entre os valores da modernização social e as aspirações que ela engendra, com a direção da cura das práticas psicoterapêuticas e que, no nosso modo de entender, dá lugar à emergência do fenômeno genérico a que chamamos de psicologismo como expressão da demanda. Pois o psicologismo é justamente o efeito da crença nessa montagem. Crença que não é simplesmente, uma adesão a uma ideologia, mas o ponto de apoio da produção dessa subjetividade.

Nossa pesquisa parte da hipótese de que essa montagem está assentada na oposição entre arcaico e moderno que é constitutiva do imaginário da modernização social e que encontraria sua tradução no corpo teórico da Psicanalise através de noções como a "neurose enseja a repetição da estrutura das relações infantís". O "infantil, causa da neurose" na teoria psicanalítica, seria transubstanciado no campo da psicanalise difundida em análogo do "arcaico, causa da impossibilidade de adesão à ideologia moderna" no campo da modernização das representações ideais. A articulação se faria através da crença de que a "permanência do arcaico" no âmbito mais evidente da subjetividade tem como causa a "não dissolução do infantil" no domínio mais profundo e menos evidente da mesma subjetividade.

A demanda de tratamento psicanalítico é o reconhecimento de uma nova "etiologia": a insuficiente adesão ao desejo de mudança. Insuficiência que testemunha a "repressão sexual", razão e causa da adesividade da libido a identificações "arcaicas". Arcaicas, no sentido de diferentes das modernas. A assimilação do que é "arcaico", não moderno, ao que é "reprimido" constitui-se na segunda regra de tradução. O inconsciente é análogo do que é reprimido e este confunde-se com o que é proibido pela sociedade e pela família autoritária. A segunda regra delimita portanto, o essencial à configuração de uma demanda de psicanálise.

A sexualidade na teoria psicanalítica tem uma valor de determinação no campo psíquico como força motriz. A

modernização social faz da sexualidade o campo por excelência do exercício da mudança. O afeto, as emoções e o prazer são dotados de eficácia política pois o discurso modernizador faz deles o verdadeiro motor da mudança dos papéis masculinos e femininos, das relações entre os gêneros e as gerações. São percebidas como uma revolução em ampla escala pois se acredita que enfim o cotidiano e a vida privada podem respirar o ar puro das verdadeiras emoções livres do jugo do dispositivo de aliança.

A liberdade sexual vem constituir nos anos 70 o arauto de um novo tempo e que se estabelece no cruzamento dos discursos da mudança social com a difusão da psicanálise. A demanda de liberação da sexualidade faz eco com as aspirações à ascenção social. Para os extratos médios abrem-se perspectivas de mobilidade social ascendente que parecem tocar em outra clave a mesma melodia doce da liberdade sexual que as mudanças nas relações entre os sexos e as gerações alardeiam.

Vamos precisar ao longo deste trabalho a fonte de nossas posições com respeito à relação entre o psicologismo e a modernização social, desenvolvendo alí os fundamentos de nossa captação do discurso psicologizante como a expressão legítima daquilo que permite configurar uma demanda como psicanalíticamente legível .

O psicologismo não é a expressão de uma falsa modernização nem de uma modernização insuficiente. Ao

contrário, ele é a expressão positiva de uma adesão que se manifesta pelo anseio, pelo desejo, pela demanda.

Essa é a perspectiva que orienta o levantamento do material que colhemos em revistas femininas entre os anos 50 e 80, e por meio do qual vamos ressaltar as articulações pontuais entre o saber da psicanálise e as representações ideais desse período histórico.

As proposições de vários autores que se dedicaram ao estudo da modernização social, serão consideradas na última parte (VII)com o objetivo de ressaltar como o discurso teórico de inspiração sociológica pode, à despeito dos esforços em contrário tratar o psicologismo como falsa representação, desconhecendo sua eficácia: a demanda. A positividade do dispositivo que agencia a subjetividade na direção da mudança dissolve-se no percurso de algumas das pesquisas que serão analisadas, no esforço inadequado de responder se os sujeitos tornaram-se modernos ou não e de qualificar o que seja uma verdadeira ou falsa modernização .

PUC-RIO

PARTE 1

TEMPOS PRÉ-PSICANALÍTICOS: O IMAGINÁRIO MORAL E ESTÉTICO DOS ANOS 50

I- A GRAFOLOGIA: O IMAGINÁRIO E AS PRÁTICAS DE ELABORAÇÃO DA SUBJETIVIDADE.

Em meados dos anos 50, surge o primeiro periódico brasileiro endereçado ao público feminino. A revista se chamava LADY, a editôra era a Melhoramentos de São Paulo e a data do primeiro exemplar foi outubro de 1956.

Já nos primeiros números as leitoras e leitores,pois são pessoas de ambos os sexos que escrevem à uma aconselhadora em busca de respostas quanto às questões referentes a decisões ou escolhas a serem efetuadas em suas vidas.

A demanda por conselhos, orientação e direção espiritual é recebida através de cartas que em razão de se apresentarem manuscritas prestam-se a uma análise das características psicológicas do leitor. Através do exame grafológico, uma senhora ajuda a solucionar problemas, preocupações ou dúvidas. A oferta de orientação não se faz sem ter em conta precisamente as características de personalidade daquele que escreve.

Esse serviço, conforme declaração da grafóloga na resposta à carta de um leitor, serve "**à difusão do valor científico desta arte (a grafologia) e assim, criar mentalidade disposta a valer-se dela.**" O objetivo da prática de aconselhamento é comercial. Através do serviço prestado aos leitores na revista, trata-se de alcançar uma clientela em prática privada. Essas apirações revelam-se claramente no pé da página de cada seção da revista, quando assinada pela consultora Olga Mayo, onde se lê:"**Olga Mayo aconselha e orienta na solução dos seguintes problemas: Educação (dificuldades pedagógicas), Profissão (determinação de vocações), Matrimônio (testes pré-nupciais de compatibilidade mútua), Avaliação de Funcionários. INSTITUTO PSICOGRAFOLÓGICO BRASILEIRO, diáriamente das 14 às 18 horas (hora marcada). Av. Brigadeiro Luís Antônio 4531-Fone 809465 Caixa Postal 5.812 - São Paulo.**

Chamamos atenção para o interesse claro e indisfarçável de criar "mentalidade" disposta a valer-se da grafologia. O objetivo de fazer propaganda desse tipo de serviço é apresentado de maneira indisfarçada. A criação de um "modismo" é, desde o aparecimento dos magazines, o meio utilizado para gerar demanda de certos bens de consumo ou de prestação de seviços.

É igualmente digno de nota, o fato de que o "eu" não é tematizado na sua totalidade "una" e "sintética". A apresentação do trabalho de orientação proposto por essa grafóloga setoriza o indivíduo por áreas da existência

evidenciando-se assim o compromisso privilegiado com a adequação do cliente às diferentes instituições, escola, família, esfera profissional.

O "eu" raramente deixa entrever algo de sua articulação singular. A noção de "tipo psicológico" amortece qualquer percepção do "eu" como singularidade. Essa noção é outro dos pontos de apoio desse universo teórico que tende a desparticularizar os indivíduos, confirmando seu compromisso privilegiado com a inserção destes na ordem social.

Essa ligação privilegiada com os "interesses da sociedade" articula-se , como mostraremos em seguida, em duas dimensões: o significado atribuído ao traço gráfico e lugar ocupado pelo grafólogo no estudo desse traço. A grafologia é apresentada como uma técnica científica pois a escrita, de acordo com a grafóloga Olga Mayo, não mente. A preocupação com a verdade, insere-se num quadro, onde quem detém seu conhecimento é o especialista, no interesse de atender às exigências da sociedade. Observe-se, em que direção se inclina a justificativa "teórica" para assentar sobre o traço gráfico, a análise da personalidade de alguém: **"o Estado e a sociedade teriam exigido a assinatura da pessoa como verdadeira afirmação de sua personalidade, sêlo de sua honorabilidade, da sua fé, da sua integridade moral."**

Ao longo das três últimas décadas testemunhamos uma rápida transformação quanto ao que se pode considerar como o "locus" da singularidade. É interessante fazer aqui uma

observação sobre o papel atribuído antes à escrita, à letra, ao estilo do traço gráfico em contraste com a importância que sucessivamente será concedida nos anos 70 ao conteúdo da fala, às lembranças pretéritas, ao domínio do factual,à história e a biografia (especialmente se tivermos em conta o florescimento das psicoterapias de base analítica) e a importância que hoje se concede, na teoria e na técnica da Psicanálise renovada pela leitura de Lacan à fala enquanto estilo, à palavra enquanto significante, ao estilo verbal.As chamadas terapias corporais expandem-se ao longo dos anos 80 indicando que esse locus não cessa de se deslocar.

Como se pode notar, a subjetividade é percebida no contexto da prática grafológica de aconselhamento, como algo a ser examinado, periciado e adestrado para o desempenho adequado de suas funções sociais. Não deve ser gratuita a evidência de que a grafologia habita hoje entre as técnicas de exame e perícia empregadas pela polícia civil. Na geografia das práticas de aconselhamento , a grafologia ocupa seu espaço num universo moral marcado pela vigilância, controle e amor à disciplina. Prática situada entre a religião e a ciência, os indivíduos são objeto de um intenso e indisfarçado controle pelas instituições e seus aparelhos ideológicos.

As psicoterapias de base analítica, por sua vez, expandem-se num outro momento do processo social. As mudanças econômicas aceleradas põem em marcha a modernização das "representações ideais", abrindo um fosso na hegemonia das

insituições sobre os indivíduos. As táticas de vigilância e aconselhamento diretivo, serão gradualmente substituídas, ao longo dos anos 70 por táticas de acompanhamento visando à conversão pela "revisão" da história passada. A importância concedida à biografia apóia-se nas exigências do que chamaremos de modelo da conversão. Problema que examinaremos no próximo capítulo.

Os anos 80 inauguram mudanças na prática psicanalítica que acompanham um período histórico de esfacelamento, pluralização e multiplicação das referências identificatórias ideais. A importância crescente da noção de desejo no imaginário da psicanálise por contraste com a importância concedida à história e ao "reprimido" no período precedente pode ser reveladora de que a prática e a teoria repensam suas noções numa certa sintonia com algo que as transcende e que se coloca no campo das transformações por que passam as sociedades.

I.1- A ARQUITETURA DO SUJEITO

Vamos caracterizar em seguida a técnica grafológica para, através do material extraído do trabalho de aconselhamento baseado nesta técnica inferirmos algumas das particularidades do modelo de sujeito, e dos valores dessa prática. Pensamos captar assim uma face do imaginário dos anos 50, tal como

pode ser revelada por essa práticas de elaboração moral e estética.

A fidedignidade da análise grafológica apoiar-se-ia na plena evidência dos fatos observáveis, pois: "Realmente, a Mariazinha bonita e graciosa, cheia de vida e juventude , um pouco leviana e independente, escreve de outra maneira que a Mariazinha franzina e feiosa, possuída de sentimentos de frustração e de outros complexos. O elegante Dr. José - educado, abastado e de boa família assina bem diferente do contínuo de repartição pública, salário de miséria, origem pobre e doentia , pai de cinco filhos difíceis de criar , com a mulher e os pais inválidos em casa."

Os personagens acima contrastados surpreendem, quando tomados pelo ângulo da arquitetura de suas subjetividades, ou como procuraremos explorar nas páginas que se seguem: como "modelo de sujeito" e que pretendemos apreender na interlocução entre um sujeito que demanda um conselho, uma informação, um esclarecimento e uma escuta que desempenha essa tarefa, valendo-se de uma "teoria sobre a subjetividade".

A primeira característica portanto, do "modelo de sujeito" do estudo grafológico é justamente apreender atributos físicos, traços psíquicos, posição na hierarquia social, infortúnios e circunstâncias particulares da existência de um sujeito sob o mesma categoria. Uma heterogeneidade absoluta, quer nos parecer, de planos do que

poderíamos chamar de cortes da arquitetura subjetiva e que para um olhar contemporâneo seriam o efeito de discursos de procedência epistemológicamente diversa, aparecem condensados, sobrepostos bidimensionalmente, integrando assim a noção de "personalidade" ou "caráter".

A personalidade ou o caráter de alguém são supostos capazes de dar conta daquilo que será sua existência no seu futuro. É sempre, de alguma forma do futuro que se trata e sobre ele que o leitor quer saber. O laço que liga a higidez do caráter aos auspícios da Providência ou do Destino indicam que essa concepção de sujeito, malgrado o forte sabor cientificista e positivista, guarda relações muito estreitas com o imaginário da moral religiosa. Caráter e destino se vinculam provávelmente pela via das expectativas de recompensa ou punição do divino pelas boas e más ações praticadas.

Respondendo a uma consulente, D. Olga lhe diz do seu caráter :"**É trabalhadeira, incansável dotada de espírito humilde e resignado e submisso às leis de Deus.**", excêrto onde se pode perceber a presença da moral religiosa, como um traço de caráter de valor nesse imaginário social. A direção do aconselhamento não se opõe, ao contrário, estimula a crença religiosa. A resposta a outra leitora também faz referência à religião como um traço do caráter de valor positivo:"**Você é agradávelmente comunicativa, honrada e religiosa, eficiente, aplicada, ordeira e hábil**". Ser religiosa é um aspecto do sujeito que é apresentado como mais

um traço do caráter e configura-se como um traço positivo, desejável na perspectiva de que a felicidade se coloca , de certo modo, numa relação com a aceitação dos desígnios da Providência divina e o reconhecimento de seu poder.

A resposta baseada no estudo grafológico vai difundir a idéia de que é preciso, no entanto, **conhecer** seu próprio caráter, vocação e sentimentos e a firmeza ou fragilidade da própria vontade para assegurar-se de um futuro feliz. Contrapõem-se, duas referências diferentes na direção do aconselhamento,baseadas em duas concepções da natureza da relação entre o caráter do sujeito e seu destino, com amplas consequências sobre o que será essa direção. . O caráter do sujeito permite prever seu destino, pois conhecê-lo equivale à **revelar** os desígnios da Providência divina. Noutra acepção, o caráter do sujeito pode ser objeto de uma **elaboração** que lhe permite fazer seu destino, pelo "conhecimento de seus traços positivos e negativos" podendo, então,pelo conhecimento, empreender uma busca de aperfeiçoamento em direção a "representações ideais de sujeito", saturadas de valores do que é o "bom", o "justo", o "belo".

As categorias : caráter, vocação, sentimento e vontade são os eixos que ordenam a arquitetura intrasubjetiva. Seu funcionamento no plano intrapsíquico indica uma diferenciação em dois níveis um plenamente consciente e outro subconsciente. As análises dos traços característicos do sujeito põem em cena constantemente a noção de "tipo psicológico". A ocorrência de expressões como crise e trauma

mostram a inclusão eventual de uma referência à história do indivíduo. São referências, convém marcar, absolutamente eventuais e não chegam a estabelecer ou a justificar plenamente uma diferença significativa na direção do aconselhamento. Encaminham, como poderemos mostrar, pela inclusão da "indicação de uma psicoterapia" a transição para o momento histórico seguinte, quando a orientação e o aconselhamento são substituídos por acompanhamentos de longo prazo.

Casualmente, nos deparamos com uma menção explícita a Carl Jung onde se sugeria a filiação desse modelo de aconselhamento ao pensamento junguiano. Não se trata aqui de averiguar a fidelidade às idéias de Jung, coisa para a qual nos faltaria competência, mas, tão somente, de perguntar qual seria a razão da presença de suas idéias nesses tempos pré-psicanalíticos. A essa questão, apresentamos como resposta a idéia de que a proximidade com o universo moral religioso e sua percepção tipológica da subjetividade não conflita com um universo social pouco individualizado.

I.2- O SUJEITO DO CARÁTER, DA VOCAÇÃO, DO SENTIMENTO E DA VONTADE

a. O Caráter.

Como já assinalamos mais acima, o **caráter** ou às vezes, como também é chamado, a **personalidade** de alguém é um

conjunto de traços que compreendem as áreas mais diversas do campo da existência.

Em todas as cartas, a indicação de uma solução concreta para cada caso é precedida de uma análise dos traços do caráter do consulente. Será através desses diálogos que ainda uma vez tentaremos perceber como ela configura uma certa noção de sujeito.

O caráter de alguém diz respeito basicamente a como esse sujeito se desempenha com relação a certas situações concretas da vida . Essas situações práticas são dotadas de um sentido unívoco na atividade de aconselhamento como mostraremos em seguida. Não há nada de ambíguo, de furtivo, de idiossincrático quando se trata de abordar a questão do significado da existência para cada pessoa. Só há uma maneira de viver, de agir e de ser feliz. Existem atitudes certas e atitudes erradas, de vez que o caminho que leva ao sucesso e a felicidade é o mesmo, em essência, para todos. A atividade de aconselhamento é o mais abertamente possível assertiva, diretiva e destinada a produzir a mais completa convicção de que o conselheiro, sabe.

Observe-se o trecho que se segue, pois trata-se da resposta à carta de um leitor a respeito de seu caráter que evidencia, a assertividade da resposta, e a ligação caráter-destino:"você particularmente, meu filho, pode estar confiante no bom êxito, e no sucesso tanto dos seus exames, quanto da futura carreira. Você possui nível mental superior,

capacidade prática de planejamento, largueza de vistas , espírito de inciativa, boa capacidade de adaptação e assimilação e senso de autocrítica. A sua mentalidade revela-se através do estudo psicografológico como principalmente artística. Por esse motivo, eu aconselharia a profissão de engenheiro-arquiteto, uma atividade tão bela, como agradável e rendosa."

A resposta à carta desse leitor deixa uma impressão muito forte quanto à relação entre um bom ou mau caráter e um destino auspicioso ou infeliz. Essa articulação entretanto não é tão simples. Introduzem-se, através de diferentes aberturas no plano da queixa, evidências de que essa relação está sujeita a uma série de outras mediações que passam pela noção de mudança no caráter.

Contraditóriamente ou não, com a concepção do caráter como algo que define o destino de alguém, há aspectos deste, que não são estáveis e por isso podem ser mudados por fatores relacionados com o ambiente e as circunstâncias externas, como indica a resposta a uma leitora:"O seu caráter, cara amiga, mudou um pouco no correr deste tempo: ficou mais enérgica, mais esclarecida e...menos romântica. Vive agora mais segura de si, porque ganhou algumas novas forças e ideais." A leitora "ficou" mais assim, menos assim, não se sabe porque e essas mudanças não guardam qualquer relação específica com um esforço deliberado de auto-transformação. O caráter pode mudar na relação com as forças

atuantes no ambiente, os acontecimentos e situaçoes particulares da existéncia de cada um.

Mas entre as causas das mudanças de caráter , a que mais nos interessa tematizar é aquela que é fruto do esforço deliberado de auto-transformação, pois é justamente essa concepção que viabiliza a captação da relação com o destino como algo que se constrói. Essa idéia de construção será fundamental como veremos no próximo capítulo para o imaginário da difusão psicanalítica nos anos 60e 70.

A ação da vontade é o meio ativo pelo qual o caráter pode ser modificado. A vontade deliberada de mudar supõe atitudes como:fé, calma, coragem, energia, confiança e concentração das forças mentais. Esse leitor é aconselhado a:" **combater sua caréncia de atenção, seu pendor para dispersar-se para diferentes lados em vez de decidir-se e tomar atitudes definidas**". Não é o único a portar essas características. Outra leitora, é advertida de que existe: **entre o seu querer e o seu poder ... certa discrepância . O motivo é a pouca persistência e a inconstância de seu temperamento. E ao mesmo tempo, o seu fácil desânimo, quando as coisas não correm conforme o seu desejo.** Outra leitora é igualmente caracterizada como vítima de desânimo:"**Você tão bem dotada, tão inteligente, nunca deve entregar-se ao desânimo**".

O polo transformador da personalidade, pela ação da vontade é a presença no caráter de "ideais".

As vítimas de desânimo,"**carecem de auto-determinação e frequentemente de ideais**". A resposta a uma leitora enfoca os efeitos do fracasso de auto-determinar-se que seriam "**penosas auto-críticas**". Outra é aconselhada a estabelecer uma meta, lutar por um ideal e isto independentemente da opinião alheia. Outra ainda:"**tem fraquezas que são impaciência, rápido desânimo, entusiasmo descontrolado, ãs vêzes indoléncia, fácil irritação, falta de ideal...**"

Fraqueza, desânimo fácil, pouca concentração das forças mentais, impulsividade, preocupação com a opinião alheia, indolência são aspectos ligados à vontade que indicam entretanto o valor central entre os traços de caráter na categoria dos "ideais".

Fé, calma, coragem, energia e concentração de forças mentais, parecem atributos vinculados à força da relação do sujeito com ideais. Ter ideais, cultivar e desenvolver talentos que o testemunhem, combater seus defeitos e corrigir-se são os princípios elementares do acesso a uma vida feliz e realizada e a cura de muitos males. Igualmente, ideais são alguma coisa que alguém pode não deter ou não deter suficientemente entre os traços do seu caráter.

Certo leitor é considerado sujeito de bom gosto, espírito progressista, idéias originais, inclinação para o confôrto e talento para o desenho, apresentadas como traços positivos do caráter a serem desenvolvidos. Porquanto, pareçam proceder de

uma diversidade de sistemas de classificação, todas as qualidades mencionadas relacionam-se com o valor concedido pela consultora ao cultivo de ideais, seja através do exercício de uma profissão, seja através de hobbys ou entretenimentos como esportes, música e pintura.

Não é apenas esse leitor que tem "mentalidade artística". Essa característica é encontrada na resposta a várias cartas com variações sugestivas no vocabulário empregado para designá-la, talento artístico, mentalidade artística, bom gosto são alguns dos diferentes modos de se reportar à presença do ideal como um traço do caráter. O ideal associa-se a uma dimensão estética da existéncia como a escolha do vocabulário indica claramente. Uma jovem leitora é portadora de **"ideais, talentos vários, dons artísticos e bom gosto"**. Outro tem: **boa educação e cultura, atitudes maduras e polidas, senso estético perfeito,auto-controle e espírito organizado"**. Certa esposa, que escreve acerca da infidelidade do marido é caracterizada como :**"...inteligentíssima, meiga, culta, tem mentalidade artística, adora o belo e o perfeito. É esplêndida dona-de-casa, mãe exemplar e esposa modelo."** Alguns anos depois dessa carta, a mesma leitora retorna a interrogar a consultora que lhe aconselha:**"trate de dar novo conteúdo à sua vida que pode ser muito bela ainda, tornando-se uma artísta de personalidade própria"** revelando o valor que a atividade artística representa nesse período histórico para o extrato social ao qual provávelmente pertencem a consultora e boa parte de seus leitores.

O senso estético, talento artístico, bom gosto são aparentemente dimensões ligadas aos ideais por um ângulo estético. Portá-los, não diz respeito a nenhuma obrigação moral nem a um código que defina o permitido e o interdito. A mentalidade artística refere-se a presença no sujeito de uma vontade de aperfeiçoamento assentada no gosto pela perfeição, pelo "belo", pela cultura indicando que a contemplação de um prazer estético integra a perspectiva da felicidade, pela via de um aperfeiçoamento e não do cumnprimento de um dever de ordem moral. A resposta à carta de uma leitora a quem "**falta paciência para estudos profundos**" recebe a recomendação de **tendo em vista o ideal de aperfeiçoar-se cada vez mais**" retirar de seus afazeres domésticos, estudo de pintura e desenho artístico,"**uma satisfação incomparável**" exercendo-as com **interesse profundo**, parece reafirmar essa transcendência da dimensão estética com relação à dimensão moral .

Ideais são uma dimensão do caráter que se desenvolve pela educação. Na resposta à carta de uma mocinha, D. Olga, refere-se à formaçâo perfeita da jovem tanto no sentido moral quanto emocional. Recomenda-lhe que prossiga nos estudos e sugere que sua educação e os ideais belos e indestrutíveis podem protegê-la da eventual influência indesejável do ambiente novo, numa grande metrópole, onde deverá residir para dar continuidade aos estudos. Essa colocação da consultora indica que o princípio estético é indicado como um substituto eficaz da ordem moral. Pela referência a ideais "belos e indestrutíveis", o sujeito ultrapassa a referência ao código moral.

O caráter é um conjunto heterogêneo de traços que de acordo com o ponto de vista pelo qual são enfocados podem ser percebidos como dotes, predicados, talentos, evocando assim o aspecto ligado à sorte, à Providência divina, ao destino, à missão ou serem tomados como virtudes podem ser percebidos como relevando da educação, da formação moral, do desenvolvimento do sujeito pela ação do ambiente ou pela força de suas aspirações ou pela ação da vontade.

Em nenhum momento, essa noção de ideais, foi remetida fosse de que modo fosse à idéia de identificação. Dom divino, produto do "bom hábito", algo por vezes relacionado com uma humildade ou com uma grande ambição, não é tematizado de modo algum como relacionad com os processos identificatórios.

A categoria dos ideais permite diferenciar dois "modelos" ou "representações" de sujeito. Um modelo é "estético" e outro é "moral religioso". O modelo "estético" se ordena em torno de determinados traços de caráter de valor pelo conteúdo realizador, criativo (mas não exatamente "trabalhador"), propulsor ou transformador, independente, leal ao outro (mas não abnegado), sincero (mas não dedicado ao outro), inclinado ao luxo e ao confôrto e não à abstinência, altivo e orgulhoso e não meigo ou modesto, ambicioso e não religioso (ou inclinado ao amor ao próximo), de senso crítico e de espírito independente e não de índole carinhosa, de espírito de sacrifício ou de "ingenuidade profunda", docilidade e meiguice.

O sujeito estético e sujeito moral religioso opõem-se igualmente pela diferença de percepção que com relação a cada um deles a consultora sustenta quanto ao vínculo entre caráter-destino. O sujeito "estético" é "dotado" ou tem talento o que equivale a dizer que seu caráter o predestina à ambição, à conquista e ao sucesse. Enquanto que o modelo moral religioso de sujeito faz dele um virtuoso, em função de sua personalidade humilde. A direção do aconselhamento põe em jogo a diferença entre conhecer seu caráter e pela virtude aceitar seu destino ou, ao contrário de encarar seus dotes e desenvolvê-los, de acordo com o modelo de sujeito ou o "tipo psicológico" que se apresenta.

A relação aos ideais tem para cada um desses tipos psicológicos gerais,uma significação específica. Como veremos, figuram entre os dotes mais frequentemente a inteligência, o talento, especialmente o "artístico", idealismo, originalidade nas idéias, capacidade de compenetração, iniciativa, capacidade de assimilação, senso crítico, espírito progressista, inclinação para o luxo e o confôrto, que ao que parece são encaradas como as capacidades ditas superiores. Esses traços de caráter são atribuídos consistentemente a leitores acompanhados de outros traços como altivez, orgulho, pretensão, temperamento ardente e apaixonado, ambição, tendências autoritárias, lealdade, sinceridade, senso moral incorruptível entre os mais frequentes e mais raramente, modéstia, índole meiga ou carinhosa e senso ordeiro e trabalhador.

Entre as virtudes, a "ingenuidade profunda", a pureza, a bondade, o espírito de abnegação e sacrifício, senso de responsabilidade e justiça, modéstia, índole carinhosa, amor ao próximo, relacionam-se consistentemente com habilidade para tarefas domésticas, espírito ordeiro e trabalhador além de eventualmente englobarem a religiosidade. Traços de caráter que contrastam com inteligência, inclinação para estudos profundos e mentalidade artística.

Cada um dos tipos encarna um modelo de individualismo. O tipo que aqui chamamos de estético, materializa as aspiraçôes do individualismo romântico, indvidualismo da diferença, e que se sustenta na supremacia do valor da liberdade, apoiando-se amplamente no valor da competição. A liberdade é um valor que se expressa, no contexto do aconselhamento, justamente pela mobilidade atribuída ao caráter. O tipo que aqui chamamos de moral religioso concretiza as aspirações do individualismo igualitário, regido pelo valor supremo da igualdade e fraternidade. Valôres que comandam a conservação e a aceitação do caráter, expressando assim a submissão aos desígnios do destino. O amor aos próximo, a abnegação e dedicação ao outro, humildade e modéstia, não significam , como poderia parecer falta de ideais. Parece tratar-se aqui de uma oposição entre o amor de si mesmo e o amor ao próximo, que entretanto trataremos junto à questão dos sentimentos.

O levantamento dessas análises do caráter empreendida por uma grafóloga indica que ao menos esses dois tipos de

subjetividade são considerados como valores positivos e complementares.

A predominância das características de um ou de outro modelo de individualismo ancoram-se idealmente nas diferenças sexuais, encontrando nelas a expressão mais valorizada da complementaridade entre os sexos. Assim o tipo moral religioso idealmente deveria ser do sexo feminino. O "amor materno", concebido como modelo de doação e entrega absoluta ao outro figura como suporte da construção da "representação ideal de feminino" Já o tipo estético, pelo seu caráter móvel, livre, ambicioso e conquistador convém à "representação ideal do masculino",pelo seu papel social ancorado na esfera pública onde pelo seu desempenho deve assegurar a sobrevivência da família.

Há indicações de que o homem fraco e a mulher desfrutável seriam as representações ideais típicas de conteúdo negativo. cada um a seu modo expressa a fraqueza moral ou a precariedade estética. Esses tipos frustram principalmente as expectativas de elaboração da subjetividade em direção aos traços psicológicos mais adequados ao gênero. Na mulher a ausência da vocação materna e no homem a falta do espírito provedor são percebidas como carências essenciais, pois dizem respeito à falta de ideais.

Essas representações serão tratadas entre as representações de masculino e feminino, pois o caráter, é alguma coisa relativamente independente do gênero. Não por

que o gênero não faça parte do caráter. A relação entre os traços de caráter indicadores do gênero e outros traços de caráter independentes do gênero é complexa e não coincidem necessáriamente com o sexo anatômico do sujeito. Como veremos, não coincidem, mas devem coincidir, ao menos a direção do aconselhamento, inclina-se a preferir essa coincidência. A dimensão dos ideais é concebida como devendo integrar o caráter de modo diferenciado de acordo com o gênero.

Essa inclinação a identificar a "representação ideal do feminino" com o tipo psicológico moral religioso, ao mesmo tempo que o tipo psicológico estético coincide com a "representação ideal do masculino" vai configurar o aspecto mais central do processo de modernização social, vindo a encontrar na difusão da psicanálise o saber que, tematizando o processo identificatório vai promover a desnaturalização das funções sociais de mãe e provedor.

b. A Vocação

Observe-se o trecho que se segue da carta de um leitor: **"Prezada D. Olga / Tenho 20 anos, sou estudante , prestes a ingressar em uma faculdade e desejaria que a senhora fizesse um estudo de minha grafia . Nesta época, com os exames à vista , sinto-me sobressaltado , inconstante , exausto ,às vezes até sem ânimo. É claro que isso deve passar , mas se houvesse algum caminho, uma orientação no que devo fazer , estou certo que poderia mudar muita coisa . Se for possível,**

D. Olga , diga alguma coisa sobre o meu caráter , tendências futuras e vocações , enfim, tudo que for possível ..."

A ligação do caráter e das tendências futuras ou vocações é o que começaremos por problematizar. No trecho da resposta que reproduzimos a seguir, a consultora literalmente prescreve ao seu consulente a carreira adequada. Desse modo, se percebe que a vocação se anteciçpa na aptidão.**"Meu caro amigo (...)essa situação é passageira e uma vez vencida essa fase de agitações e desassossêgo, abrem-se as portas para a gloriosa vida acadêmica e a esperança de um futuro auspicioso.Você (...)pode estar confiante no bom êxito e no sucesso tanto dos seus exames como de sua futura carreira . Por esse motivo, eu aconselharia a profissão de engenheiro-arquiteto, uma atividade tão bela como agradável e rendosa. A sua letra confirma as aptidões mais necessárias de que um construtor talentoso tem de dispor , para realizar obras que provem ao mesmo tempo o seu bom gôsto, seu espírito progressista e idéias originais. Você também tem talento para o desenho e inclinação para o luxo e confôrto."**

A vocação é alguma coisa que se conhece pela apreciação correta dos traços do caráter. É uma espécie de aplicação correta e adequada dos talentos ou dotes naturais que como são dotes , são dados e parecem não guardar nehuma relação necessária com o que o sujeito "quer". O mal-estar vocacional do leitor pode, segundo ele acredita, dissolver-se na certeza antecipada da decisão acertada.

É interessante observar que o lugar conferido ao sujeito na estrutura esse diálogo é comum aos interlocutores. Trata-se para o indivíduo de harmonizar-se com o meio. As aptidões, as vocações e o desempenho no mundo exterior, são apresentados de maneira que exclui a elaboração de um desejo singular. Tudo se reduz à aplicação de uma espécie de **administração de recursos humanos.**

Como consequência dessa exterioridade do problema da vocação no que concerne o desejo singular, o indivíduo concreto não sabe nada de sua vocação. A vocação é um "chamado" que quem escuta é o especialista. Os desígnios da providência divina ou o destino, a missão, e a vocação participam da mesma condição de desconhecimento.

A vocação é problematizada numa certa relação inseparável com duas outras: a do caráter, e a da ação bem sucedida. A certeza da qual se necessita diz respeito muito mais à garantia do sucesso, da escolha acertada de algo que no limite não está na dependência do que o sujeito "quer" e sim do que ele "deve" fazer para obter sucesso ou para ser feliz.

A procura de ocupações adequadas aos talentos configura o essencial da demanda n que concerne ao problema da vocação. O estudo do caráter é o essencial da resposta. A dimensão do desempenho do sujeito, e que diz respeito à questão da vontade integra-se à dimensão do caráter e da vocação. O sucesso ou o fracasso são consequências tangíveis de um

conhecimento correto dos talentos, uma correta avaliação da vocação e uma adequada aplicação das forças da vontade. Fica a cargo da "providência divina" fornecer as "oportunidades" para que o sujeito realize o seu "destino" ou a sua "missão" e encontre a felicidade.

A relação entre vocação e caráter integrados na dimensão do sucesso, transparece no trecho que se segue e que é uma resposta à carta de um leitor que quer saber se teria possibilidade, em virtude de seu caráter de vir a ter sucesso noutro estado, pois não se sente com ânimo para novas aventuras: **"A sua grafia retrata-o como homem habilidoso, funcionário de confiança, trabalhador e honesto. É sincero e com tudo isso não lhe falta uma natural e bem dosada modéstia...Tem grande sêde de saber e amor ao estudo...Pode embarcar para São Paulo, a grande metrópole não deve lhe inspirar mêdo algum...as possibilidades de progressos aqui são proverbialmente maiores... sim, porque progresso quer dizer igualmente ampliação de conhecimentos e você é capaz de aproveitar bons cursos de taquigrafia, inglês e contabilidade."**

O caráter habilidoso e trabalhador, modesto, sincero e "de confiança" aliado à vocação para os estudos situam-se como elementos que permitem à grafóloga predizer o sucesso que será obtido.

A inadequação entre a vocação e a ocupação efetiva pode desaguar em turbulências do caráter. Assim, um homem

irascível, instável, nervoso e hipocondríaco, de acordo com a análise grafológica, ocupava-se de uma função inadequada. O caráter "nervoso" estava a exigir uma função "dinâmica". A ocupação inadequada conduzira o sujeito ao mais completo fracasso profissional e às desordens do cárater já referidas.

Via de regra, o tema da vocação surge associado a cartas de leitores do sexo masculino. No caso feminino, indiscutívelmente, a tematização da vocação é substituída pela discussão do sentimento. Está implícita nessa atitude a crença de que a mulher tem uma única vocação. Outros interesses são tratados como ocupações secundárias, paralelas ou destinadas a cultivar e desenvolver o espírito através de atividades sadias que afastem a mulher de preocupações pouco salutares.

O modelo de sujeito estético só é inteiramente **legítimo** com relação ao gênero masculino. Falamos em legitimidade porque, ao contrário do que a literatura sociológica muitas vezes nos faz crer, não encontrei uma **coincidência** entre o "eu" das mulheres e o modelo moral religioso. Encontrei, isso sim, uma **direção do aconselhamento** que identifica o sujeito moral religioso com a "representação ideal da feminilidade".

Uma leitora demanda à consultora um conselho acerca de uma escolha que deve realizar:**"Com 17 anos namorei um rapaz de 26, estudante de medicina . Sentimos profunda atração recíproca e notei da parte dele sinceridade e intenções sérias à respeito do futuro.Infelizmente, dei ouvidos às**

amigas que me puseram na cabeça desistir do namôro, pois faltavam 4 anos para ele formar-se e depois (elas diziam). Ele te deixará, pois tu és pobre e ele de família rica. (...) Depois de um ano comecei a namorar o filho único de uma família importante e de posses. (...) Também percebi que ele depende financeiramente da ajuda do pai.(...) O outro rapaz já se formou e é hoje pessoa de bem e querida por todos. Ele voltou a falar comigo para casarmos apesar de saber que estou de casamento marcado para o fim do ano. O que fazer ?

O plano da vocação aqui não será propriamente problematizado . Para a consultora é evidente que só há uma vocação legítima, em se tratando de uma mulher:"(...) eles lhe ofereceram a suprema felicidade que cada moça de coração bem formado almeja nesse mundo: lar, marido, posição de esposa e futura mãe estimadíssima."

Essa opinião a respeito da mais alta vocação da mulher manifesta-se em diferentes ocasiões. Respondendo a uma jovem leitora, informa-a de que no terreno sentimental:"aspira a felicidade romântica e o amor de um trovador que se encante pela sua graça, seus dotes físicos e suas atitudes de Grande-Dama e cuja posição social não seja inferior à sua". Propõe "confiança em suas próprias capacidades de agradar e de entusiasmar outros por sua pessoa" a uma jovem de 20 anos que teme ser seu destino ficar solteirona. Reafirma a outra que, "Tenho certeza que moça tão bem dotada encontrará seu homem". E a uma leitora que "sonha com um lar, um marido a quem eu ame e filhos a quem eu possa me dedicar..." aconselha o mesmo

que a todas as outras consulentes, ou seja, ocupações variadas, hobbys, passatempos e até dedicação a estudos que ajudem a passar o tempo e encher as horas vagas.

A vocação no caso feminino não se limita à área do sentimento mas, em função da supremacia dos papéis de esposa e mãe, restringe-se a atividades que preparem para essa função, encham o tempo enquanto o casamento não se realiza ou os filhos não chegam ou assumem o lugar de ocupações paralelas destinadas a preencher o tempo vago.

Esses excertos exemplificam cada uma dessas possibilidades:

a. "Os seus ideais deverão girar nas seguintes órbitas: ampliação do campo profissional, estudando línguas etc...algum hobby musical ou esportivo, caridade e estar preparada física e psíquicamente para o magnífico espóso que a Providência certamente já lhe reservou."

b. "Continue namorando, o casamento só deve ser com o homem certo ...Dedique-se também um pouco aos estudos que são ótimo passatempo ."

c. "A sua letra demonstra claramente que tem habilidade tanto para aprender costura, quanto a arte de figurinista ou decoração de interiores. Simultâneamente tem aptidões especiais para substituir a mãe carinhosa de uns pobres sêres abandonados." (A leitora em questão quer adotar uma criança pois não pode ter filhos e preencher seu tempo porque não trabalha fora:"Sou casada há 14 anos, tenho 38 anos e não tenho filhos. Até bem pouco tempo atrás eu

trabalhava fora . Agora eu estou em casa e além de querer aprender costura e outros trabalhos, às vezes penso em adotar uma criança, o que a senhora acha ?"

As indicações de que a vocação por excelência da mulher é o casamento são abundantes. O dilema da moça que não sabe com quem vai se casar é apenas mais um dos múltiplos exemplos dessa indiscutível hegemonia.

A resposta da consultora a esse dilema põe em jogo uma outra categoria: a do sentimento. Essa é a categoria, que ocupa no caso feminino, o lugar de importância que o tema da vocação desempenha nas cartas masculinas.

c. O Sentimento

E com relação aos sentimentos, a consultora Olga Mayo conclui que **O estudo de sua grafia confirma a impressão de suas confissões, um tanto confusas sobre seus impulsos e sentimentos, às vezes meio impensados e descontrolados."**

Supreendentemente entretanto, sobre o sentimento a grafia nada pode dizer. Enquanto o tema da vocação profissional do primeiro consulente produz diagnóstico e prognóstico transparentes, no que diz respeito aos sentimentos da moça por um ou pelo outro dos rapazes o instrumento de análise grafológico silencia, devolvendo a pergunta à própria consulente que é incitada a responder sobre os seus

sentimentos, observe-se:"O único remédio aqui é a honestidade absoluta. Se tiver plena certeza de seus sentimentos desinteressados para com seu primeiro namorado , desfaça o mais breve possível o seu compromisso com o segundo."

A audácia e a assertividade que marcam a atitude da consultora com relação à vocação, converte-se em recuo frente à questão do sentimento. Por comparação, a economia de visibilidade entre os sentimentos e as vocações apresenta-se invertida. A vocação é opaca para o próprio sujeito e visível para o aconselhador. O sentimento, ao contrário é visível para o sujeito e invisível para a consultora. Sugerimos, por hipótese, que esse modelo de sujeito faz do sentimento um traço inapreensível, recôndito, colocando-se para além do que a técnica pode alcançar. O sentimento parece um limite ético uma espécie de fronteira da privacidade e da individualidade.

Outra consulente, quer saber, pela análise das grafias se ela e o namorado têm traços de caráter que combinem. Questão para a qual a consultora revela uma agilidade e uma assertividade semelhante àquela já demonstrada no que concerne à vocação:"O estudo de sua grafia revela apresentação distinta , bom gôsto e espontaneidade cordial. É inteligente vivaz, impulsiva e capaz de entusiasmar-se de todo coração por uma pessoa ou idéia que lhe agrade. Os seus talentos são vários, não lhe faltando também pretensões elevadas. No entanto, entre o seu querer e o seu poder nota-se certas discrepâncias. O motivo é pouca persistência e inconstância do seu temperamento. É ao mesmo tempo o seu

fácil desânimo quando as coisas não correm conforme o seu desejo. Você procura dominar esses fenômenos caracterológicos, o melhor possível. Porém, não tendo sempre o resultado satisfatório, provoca então penosa autocrítica . Devido ao seu tipo bem feminino, a sua capacidade de impressionar simpáticamente e o efeito da atração pessoal, você seria uma companheira desejável sob muitos pontos de vista. A letra do seu conhecido revela uma boa educação e cultura, atitudes polidas e maduras, senso estético perfeito, auto-controle e espírito organizado. Bastante prudente e realístico como é, demonstra antes, certo pendor para o celibato, devido talvez aos princípios adquiridos numa infância severa, provávelmente longe dos pais, num colégio interno. Seu grande anelo é o amor materno, talvez nunca tenha tido na infáncia e que já procurou certamente nas outras mulheres que passaram pela sua vida. É grande cumpridor dos seus deveres e assíduos trabalhador, sendo ambas as qualidades motivadas pela sua ambição de progredir, tanto na escala social quanto económica."

Nossa impressão quanto ao pudor que cerca a privacidade do sentimento se renova quando a consultora conclui que os traços e tendências dos gênios de um e de outro não combinam muito. Declara, entretanto: "Porém, uma real e profunda simpatia e o firme propósito de compreensão mútua , pode operar milagres, havendo nesse caso a especial possibilidade de se ajudarem reciprocamente e atenuar seus erros e imperfeições de caráter. Ele que afrouxe a sua reserva e grande desconfiança e faça você florecer seu instinto

materno, desenvolvendo também mais atividades úteis." O que no nosso entender, reafirma o valor do sentimento como um limite ético do trabalho de aconselhamento. Sobre os "verdadeiros" sentimentos de alguém, nada se pode dizer. O sentimento ultrapassa a previsibilidade dos traços de caráter e afigura-se como um elemento dotado de força e poder de transformação.

É bastante evidente que quanto ao sentimento a consultora se limita a confirmar em suas indicações e prognósticos a direção revelada através das declarações do consulente.

Certa leitora pergunta como dar a entender a um rapaz extremamente tímido que gosta dele, tendo em conta a posição social dos dois. A jovem sabe que o rapaz deseja namorá-la , porque todos os seus amigos e parentes já disseram isso, aconselhando-a a não perder a oportunidade de ser amada por uma rapaz correto, inteligente e que tanto lhe quer.

A resposta da grafóloga consultada discorre abundantemente sobre os **traços de caráter.** Trata-se, no entender da consultora de uma jovem cujo **psico-retrato** revela gosto em ser tratada com atenção e preferência, que dispõe de autoconceito elevado, gênio altivo, mais orgulhoso do que modesto, bastante pretensiosa e acostumada a ser notada e preferida no meio social. Não lhe faltam ideais mais aprecia **demais** as aparências exteriores , tem apego aos prazeres que a sua situação privilegiada lhe oferece. Destaca suas aspirações no terreno sentimental:" **a felicidade romântica e**

o amor de um trovador que se encante pela sua graça, seus dotes físicos e suas atitudes de Grande-Dama e cuja posição social não seja inferior à sua."

Valorizando a importância concedida pela consulente aos desígnios de sua posição social, Olga Mayo a aconselha no sentido de uma solução adequada e correta , embora um pouco antiquada. Ela deve valer-se de alguém do círculo de amigos para convencer o **tímido Romeu** de que poderia aproximar-se.

Solução tão prática que é servida juntamente com a confirmação do lugar privilegiado do sentimento como agenciador da aproximação. A solução técnicamente eficaz é seguida de um comentário que parece sugerir sutilmente que tantos embaraços fazem duvidar da autenticidade dos sentimentos: **"Aliás, existem ocasiões em que o AMOR sobrepuja todas as barreiras reais ou fictícias, deixando de ser problema para se resolver pela invencível força dos sentimentos.(...)em qualquer camada social uma jovem que se preza sabe dar a entender - sem faltar à dignidade feminina - que ele nao lhe é indiferente/"**

O lugar conferido ao sentimento, em detrimento da posição social e dos traços de caráter é confirmado através da resposta à carta de uma mãe temerosa pela felicidade futura da filha . Esta deseja se casar com um rapaz de nível social inferior. A resposta da consultora valoriza o sentimento que dois jovens dizem ter um pelo outro, secundarizando a diferença social. A noção de um homem ideal acompanha toda a

descrição do caráter do rapaz (e que foi realizada, com base na análise da grafia) conferindo aos traços psicológicos um não-sei-quê de nobreza e altivez que se substitui ao valor da posição social. A lógica desse argumento é revelada no trecho final quando a consultora faz as seguintes observações :"**Ao todo é um môço direito, leal, sincero, ambicioso e de grande talento, bem capaz, mesmo sem ser contemplado com uma fortuna herdada, de conquistar o coração de uma jovem romântica , a qual ele sabe convencer da satisfação muito maior que se sente, de uma vida dedicada ao bem do próximo, do que a fúteis prazeres mundanos".**

Há um caso de uma esposa cujo marido a abandonou e quer voltar a viver com ela que difere um pouco da habitual reserva em opinar sobre matéria que envolva sentimentos, como reconhece a própria consultora:"**Aconselho-a pois, o que raramente e muito a contragôsto faço, mantenha-se afastada desse homem. Não se deixe iludir no ímpeto tão compreensível de imaginar um lar, um pai, um marido amante.**" O sentimento nesse caso não deixou de ser tratado como algo íntimo e que diz respeito exclusivamente à pessoa da leitora, a direção do aconselhamento é que ousa contrariar as inclinações da consulente. Ousadia que se justifica pela emergência da categoria "homem fraco", representação que por sua vez,vai se apresentar definindo um limite à ética do aconselhamento, justificando uma virada na política de não intervenção no campo das relações amorosas.

O sentimento não apenas é algo privado, como também é percebido, via de regra, como o elemento dinâmico, capaz de movimentar a fixidez dos traços incompatíveis , combinando e conciliando naturezas adversas ou alterando traços de caráter indesejáveis. No caso supra-citado, também essa característica do sentimento não foi observada. O marido é considerado um sujeito fraco, vacilante , pouco sincero e que não sabe cumprir a palavra dada, e essas características não são apresentadas como podendo ser transcendidas pelo sentimento de amor de sua mulher.

O poder do sentimento sobre as dificuldades relativas à incompatibilidade de caráter encontra no caráter fraco um limite definitivo. De certo modo, é do limite do modelo moral religioso que se trata também, de vez que os traços de caráter ideais no sexo feminino, "ingenuidade profunda", "modéstia", "abnegação" não autorizam que a vocação para o amor ao próximo estenda-se indefinidamente.

A análise do sentimento revela que o modelo de sujeito moral religioso, apresenta-se claramente em conexão com a feminilidade, expressando-se como vocação para o amor ao próximo que se revela no desejo de ser mãe e no amor romântico pelo homem. Amor romântico ou amor sublime, amor desencarnado, que aspira uma dedicação e abnegação absolutas.

O dinamismo do sentimento não se supõe eficaz nem operante na idade avançada, igualmente. Quando um senhor viúvo aos 73 anos pergunta:"**Acha que posso pensar em**

casamento em minha idade avançada com mulher de mais de meia idade, solteira ou viúva, honesta, educada, modesta, meiga e sadia que venha encontrar em meu lar confôrto e bem estar? Como encontrar esta segunda espôsa idealizada? Poderá a Senhora me orientar com segurança pela psicografologia sobre a probabilidade de sucesso de meus planos?" A grafóloga consultada não hesita em desaconselhá-lo :"Mas, apesar de sua vitalidade geral , confirmada pela análise de sua letra,não lhe aconselharia contratar segundas núpcias. A mulher que envelhece quase imperceptivelmente junto com o espôso cuidará dele com todo carinho e desvêlo porquê ele nunca perde para ela os traços adorados do jovem namorado. Uma estranha nunca poderia nutrir sentimentos parecidos, não acha o senhor ? O Senhor que é profundamente emotivo, sensível e com sentimentos e esperanças ainda juvenis, poderia sofrer uma amarga decepção estragando-lhe os belos anos do outono de sua vida."

Se os sentimentos são dinâmicos e capazes de levar as naturezas mais contrastantes ao entendimento e se são algo que deva ser revelado pelo próprio sujeito, como é possível que a consultora saiba o que sentirá uma mulher na situação que foi descrita? Parece indicado aqui um outro limite com relação ao caráter transcendente do sentimento, bem como, uma evidente restrição com relação à nossa hipótese inicial. A relativa inacessibilidade do sentimento, seu lugar privilegiado como locus da singularidade e da privacidade, num universo social e simbólico marcado pela forte hegemonia das instituiçoes sobre os indivíduos sustenta-se

precariamente. O sentimento privatizador e individualizante encontra na direção de aconselhamento bem depressa sua fronteira com o poder institucional. Afinal, o casamento, nesse universo social é muito mais uma instituição forte do que um laço frouxo comandado pelo ir e vir das emoções. Estrategicamente, surge na resposta a essa carta uma tipologia dos sentimentos que vem cumprir a função de recolocar a dimensão institucional acima das aspirações particulares. Assim uma mulher é sempre romântica, uma senhora de meia idade não poderia amar um homem que não tivesse sido seu namorado na juventude, a suprema felicidade que cada moça de coração bem formado almeja mais nesse mundo (são)lar/marido, posição de esposa e futura mãe estimadíssima, e um jovem rapaz é leal, sincero, ambicioso ou modesto e trabalhador, para lembrar alguns exemplos mais frequentes e que contrastam com a extrema particularidade do sentimento. E, sendo assim, possivelmente sentimentos e esperanças ainda juvenis, no outono da vida, não se enquadram entre aqueles que gozam de legitimidade.

O sentimento é algo próprio, privado e a esfera mais íntima e inacessível do sujeito ao olhar do outro, mas é também alguma coisa cuja forma não varia de sujeito para sujeito de modo absoluto. Os sentimentos são individuais e privados ao mesmo tempo que são ou, melhor dizendo, devem ser típicos.

Esse caráter típico é que seria preciso referir aos traços mais distintivos do universo de representações ideais

de feminino, masculino e relacionamento entre os sexos.É nesse contexto que será possível identificar as referências que definem o campo legítimo dentro do qual o sentimento individual manifesta-se na sua particularidade legítima ou na sua desejada tipicidade. Manifesta-se aqui, nesta análise que empreendemos do sentimento, com uma clareza indiscutível, o fato de que as representações ideais valorizadas na direção do aconselhamento servem inequivocamente à ideologia dominante nesse universo social. Parece nítido que os indivíduos não são necessariamente conformes com aquilo que os ideais socialmente legitimados prescrevem. Igualmente, esse serviço psicológico não diferencia as suas daquelas socialmente desejadas.

O sentimento não é uma categoria que se esgota, entretanto, nos sentimentos de amor pelo outro. Os sentimentos do sujeito por si mesmo são apresentados numa relação com a presença entre os traços de caráter do "amor a ideais". A condição para que o sujeito dedique seu tempo e esforço à consecução de objetivos que não trarão retribuição imediata parece ser algo da ordem do valor e da estima consagrada a si mesmo.

A presença de "amor aos ideais"indica a presença de outra coisa no campo dos sentimentos, e que seriam sentimentos de apreciação e estima por si mesmo. A resposta à carta de um certo leitor é bastante reveladora dessa articulação:"...**Todas as suas dificuldades provêm da sua timidez incomum. Você alega que a sua situação financeira,**

desde a infância é precária, e este seria, ao seu ver, o motivo do seu isolamento psíquico, do seu insucesso pessoal até hoje nos diversos setores da vida...O que lhe falta, meu filho, é auto-confiança e pertinácia, é coragem de traçar um rumo certo e seguí-lo. O que você tem em demasia é auto-compaixão."

A coragem para traçar um rumo certo diz respeito a um outro eixo estruturante do sujeito: a vontade. Desde logo, o contexto em que a vontade emerge entre os aspectos da subjetividade está ligado ao "amor aos ideais" e ao "amor de si mesmo".

O tema dos sentimentos nos acrecenta alguma coisa ao conhecimento que já possuíamos dos modelos de sujeito moral religioso e estético. Coincide com as representações ideais associadas ao primeiro tipo a forte tematização dos sentimentos de amor pelo outro. O tipo estético, traz o tema do sentimento associado ao da vocação e ao da vontade o que parece relevante pois é uma indicação de que os sentimentos que tenderão a ser tematizados , nestes casos, referem-se ao próprio sujeito.

Lembramos que esses modelos de subjetividade que enfocamos aqui provavelmente pertencem ao campo das representações sociais e da ideologia. Nossa análise, entretanto, pode quando muito identificá-los como emergentes na direção do aconselhamento.

d. A Vontade

A fraqueza dos ideais é solidária da precariedade da vontade. Cultivar ideais é desempenhar-se com afinco e "resolução inabalável" em direção de um objetivo que só apresentará a satisfação pelo esforço realizado num futuro mais ou menos distante. Essa capacidade de realizar um esforço que não será premiado de imediato é a qualidade que falta aos sujeitos das mais diferentes demandas. A causa de seu mal-estar diz respeito portanto, à falta ou a fraqueza de um traço no caráter:"os ideais".

Traço que quando se faz presente é alardeado como uma indicação de um futuro pleno de sucessos e felicidade. O caráter pobre em ideais dá lugar à "representação social do sujeito fraco". Sujeito fraco é um sujeito pobre de ideais e que é regido pelos impulsos imediatos.

Ao contrário, "pretensões elevadas", "senso moral incorruptível" são sinônimos de um grande "idealismo". "Vontade firme", "perseverança", "resolução inabalável" associam-se automaticamente a esses traços de caráter.

A falta dos traços de caráter que indicam a presença de "idealismo" é acompanhada de transtornos da vontade. Relaciona-se com uma pobreza de sentimentos de estima, consideração e valorização por si mesmo.

Na resposta ao leitor cuja "timidez incomum" é testemunha da "falta de auto-confiança" e do excesso e "auto-compaixão", a grafóloga indica igualmente a perturbação da vontade:"Entretanto, existem inúmeros jovens em situaçoes parecidas...Aqueles que têm vontade firme, bom discernimento e perseverança vencem galhardamente os obstáculos que se interpõem no seu caminho. Eu mesma conheço inúmeras pessoas que vindo dum ambiente dos mais favoráveis, alcançaram posições excelentes graças a uma resolução inabalável".

"Coragem de traçar o rumo certo", "estabelecer uma meta", "lutar por um ideal","decidir-se e tomar atitudes definidas","desenvolver atividades mais úteis",são algumas das expressões que fazem alusão ao caráter da "vontade" de atributo livre de determinações exteriores, autônomo e plenemente capaz de dar um curso ao caráter, ao sentimento e à vocação, novo e independente.

II. REPRESENTAÇÕES DE MASCULINO, FEMININO E RELACIONAMENTO DE CASAL

Quando um leitor pergunta algo acerca de seus traços de personalidade ou de alguém próximo, as respostas da consultora deixam entrever aquilo que poderíamos considerar como os valores morais que ordenam as imagens de sujeito do sexo masculino ideal, sujeito do sexo feminino ideal e relacionamento ideal entre os sexos. O trabalho de aconselhamento e orientação gira em torno de representações -

meta ou representações ideais com relação às quais a personalidade real do sujeito que faz a consulta é avaliada e através das quais é idealizada uma solução para o caso . A solução idealizada constrói-se em torno da expectativa de aproximar o caráter do sujeito e seus desempenhos concretos da imagem ideal.

Como afirmamos anteriormente, (ver item Ia) entre os sujeitos que consultam a orientadora alguns são caracterizados como carentes de **ideais** e estimulados a desenvolvê-los. Os **ideais** dizem respeito a atividades culturais ou profissionais mas também articulam-se como traços de caráter ideais que o sujeito deve buscar elaborar no campo de sua própria subjetividade de vez que se constituem na única via segura para alcançar a felicidade.

O trabalho de aconselhamento aquilata as qualidades positivas e negativas do sujeito como se constituíssem um talento, um dote, ou ainda uma virtude conforme tenha sido, presenteado pelo destino ou conseguido pelo esforço pelo trabalho pela renúncia, lembramos, de acordo com dois modelo de sujeito, o estético e o moral religiosos.

Identificamos, no capítulo precedente, dois modelos ideais-típicos de sujeito ordenando a direção do aconselhamento. Outras seções da revista serão utilizadas neste capítulo, para por em relevo a relação entre caráter e feminilidade, caráter e masculinidade, compatibilidade e imcompatibilidade de caráter no relacionamento de casal. Como

nos esforçaremos por demonstrar , o imaginário social, tal como pode ser apreendido através de outras seções dessa mesma revista, revela uma nítida associação entre o tipo moral religioso e o caráter feminino e o tipo estético e o caráter masculino. Ficará bastante evidente, assim pensamos, que essas "representações" pertencem ao campo da "ideologia", não se confundindo, salvo em momentos bem determinados, com a crença de que os sujeitos concretos correspondam efetivamente àquilo que seria "ideal".

Usualmente, os artigos de diferentes seções da revista revelam que o imaginário social apreende uma diversidade de tipos psicológicos entre os indivíduos do gênero feminino. Entre esses tipos psicológicos, alguns se caracterizam por acentuada presença de características do modelo estético de sujeito. Embora não encarnem a representação ideal do gênero feminino, nem por isso deixam de ser percebidas como pertencentes a essa categoria. Sem dúvida alguma, a realidade anatômica na sua evidência não ultrapassável sobrepõe-se às elaborações imaginárias que se queira fazer dela. Alguém é mulher porque anatomicamente apresenta-se assim. A não adequação às representações ideais do gênero coloca uma questão de outra ordem, de ordem moral ou de ordem estética.

O domínio das representações ideais apresenta-se claramente demarcado como o campo dos valores que as exigências sociais colocam e que funcionam no plano da subjetividade como uma direção para sua elaboração moral e estética.

Ocasionalmente encontramos a expressão no discurso de um articulista de uma "lógica apaixonada". Esse discurso organiza-se pela anulação da distância entre as representações ideais e o "eu" de sujeitos concretos, que deste modo deixa de ser tomado como distinto da representação ideal. O ideal apresenta-se nesses discursos como realizado. Na paixão de reconhecer o desejável, é toda uma categoria que é apresentada como idêntica entre si e de acordo com uma imagem tipificada.

Com relação a essas produções discursivas pensamos que é importante situar o sentido de seu funcionamento, como prática política. Desfazer as diferenças entre a realidade de fato e as representações sociais ideais tem o efeito sobre os sujeitos concretos de reforço da ideologia pela "naturalização" ou "reificação" de suas representações ideais. Essa manobra no imaginário pode servir tanto para produzir uma adesão mais estreita aos valores sociais, quanto pode destinar-se a produzir subsequentemente uma viragem nesses valores, funcionando como ponto de apoio para a crítica social.

Será no campo específico onde esses discursos se inserem que buscaremos situar sua função e sua intencionalidade política.

II.1- REPRESENTAÇÕES DO FEMININO: Produções do modelo de sujeito moral religioso e do modelo estético e seus negativos.

a.1-Caráter e feminilidade

Um artigo traça três perfis ideais típicos do sexo feminino. São as mulheres gentis e suaves, as sensitivas e temperamentais e as confiantes e seguras de si. O caráter, a aparência e os divertimentos são os três eixos que organizam o contraste entre eles.

A mulher gentil e suave é modesta, não se dá muito valor, é afetuosa, receptiva e agradável, nunca está ocupada consigo mesma e é muito disponível para escutar os outros. Contrasta com a sensitiva e temperamental, mulher original, matreira, divertida, estimulante, provocante, teatral,além de pouco perseverante e pouco afetuosa. No vértice do triângulo, a mulher confiante e segura de si, tem boa noção de seus aspectos fortes e fracos, costuma ser tratada como utilidade pública, está sempre à mão, em qualquer emergência.

Os traços de caráter de cada uma são contrastados entre si pelo ângulo do efeito típico de sua subjetividade, também típica, sobre o gênero masculino. Essa comparação, traz uma informação importante com relação à representação do feminino. A mulher gentil e suave" deixa os homens à vontade pois nunca os assusta com tempestades temperamentais ou com brilho excessivo e sua acentuada feminilidade atrai a

proteção masculina...". Já as mulheres sensitivas e temperamentais são consideradas pelos homens **"como um tônico; apreciam sua vitalidade e repentes de humor, mas, às vêzes se exasperam pelo seu modo de se entregar ao desespêro por pequenas coisas".** Logo veremos que a feminilidade coincide com o primeiro desses dois tipos, o segundo e o terceiro tipo de mulher exibem traços de caráter que predominam sobre os traços considerados femininos. Ou, melhor dizendo, "seu lado feminino não está à mostra". A articulista recomenda a essas mulheres:**"Lembre-se de que você tem um lado gentil e feminino e deixe-o à vista, às vêzes, especialmente com os homens . Eles tem uma tendência para se alarmar demasiado com tôdas as mulheres autosuficientes."**

Analisadas pelo ângulo da aparência: o recato, a suavidade, a naturalidade, a delicadeza pálida da mulher gentil e suave coincide com o ideal de feminilidade. A aparência da sensitiva e temperamental tende para o espalhafatoso, com cores fortes e contrastantes, adoração pela moda, variação constante de roupas e tendência para o exagêro. Sem deixar de ser percebida como um tipo de caráter comum entre as mulheres, esse tipo de mulher, exagerada, indiscreta, não é um ideal positivo, para os valores dessa década. Ela chama a atenção sobre si, gosta de ser notada e se veste de maneira excessiva, contrariando os traços de caráter preferidos de seu gênero: gentileza, suavidade e modéstia.

A aparência da mulher confiante e segura de si é "correta", elegante, imaculada e bem tratada, nem suave e delicada, nem espalhafatosa e vibrante. Veste-se com roupas clássicas e práticas por isso, a articulista sugere às mulheres desse tipo que:"**...não deixe de lado a necessária extravagância de um vestido bonito para as ocasiões mais frívolas**", como uma espécie de antídoto para um caráter, cuja independência e racionalidade não se coadunam com modéstia e sensibilidade da mulher feminina ideal.

Essas descrições têm o mérito de situar com clareza o feminino como um traço de caráter entre outros. Afinal, a extravagância da mulher sensitiva e a racionalidade competente e exata da mulher confiante e segura de si contrastam entre si, determinando uma hieraquia, ao menos aparentemente entre os traços indicativos do feminino. Assim, gentileza, suavidade, roupas em cores suaves e neutras,de tecidos leves e macios, saias rodadas, golas altas, mangas compridas e justas e "make-up" natural aliadas à modéstia e receptividade não são apenas um conjunto de traços de caráter encontráveis num certo tipo de mulher e sim a própria essência da representação ideal de feminilidade.

Os outros tipos de mulher revelam traços de caráter outros, que predominam sobre os traços em que se apóia a representação ideal da feminilidade. Esse aspecto revela-se mediante uma comparação, mesmo apressada, entre as descrições dos modos pelos quais os três tipos de mulher buscam entretenimento. O tipo feminino ideal, revela a predominância

de certos traços em sua personalidade: "Anfitrioa cudadosa, atenciosa, você prefere deixar aos amigos a oportunidade de serem a atração da festa. Possui um dom natural que faz com que as pessoas se sintam importantes e sua casa é o lugar onde seus amigos encontram encorajamento, atenção, carinho, assistência amiga e receptiva."

Contagiante, criadora, talentosa e vigorosamente enérgica , a mulher sensitiva e temperamental, ao contrário "se sobressai entre os amigos,que gostam de ser organizados, levados pelo seu brilhante entusiasmo."

A seu modo, a mulher confiante e segura, "Brilha num grupo. Como anfitrioa dá-se a muito trabalho para oferecer algo novo e diferente para seus amigos comerem e beberem...Bem arrumada, suas amigas sempre a admiram pelo bom gôsto. Com os homens você tem sucesso pela sua eficiência geral. Todos notam que sua casa nunca é quente demais, os cinzeiros estão sempre onde procurados e faz apresentaçoes sem falsear os nomes". A mulher deste tipo brilha muito. O brilho é o traço que fazendo oposição significativa à modéstia contrasta qualquer outro traço positivo com o ideal feminino, que deste modo se afigura como um ideal de "apagamento".

O tipo feminino ideal se aproxima do modelo de sujeito moral religioso. Ao que parece, a noção de caráter ou de personalidade ideal não se reduz à adequação ao gênero próprio. A elaboração da subjetividade inclui a referência

aos traços ideais de gênero mas ultrapassa-a pelo valor da harmonia sobre a feminilidade.

Acreditamos que esse é o motivo pelo qual os traços de caráter extravagância e racionalidade, sem serem definidores do ideal de femininilidade, constituem-se entretanto como uma exigência necessária ao caráter em geral. Por isso a mulher confiante e segura de si tem que contrabalançar suas tendências à racionalidade, praticidade e economia de meios, representada pelo seus **"tailleurs de corte perfeito"** com a **"necessária extravagância de um vestido bonito para as ocasiões mais frívolas"**. A mulher gentil e suave deve tomar cuidado para **"que o seu amor às côres delicadas a apresente como um quadro lavado - use côres claras, mas em tons vivos, acentue sua aparéncia delicadamente pálida com um tom mais forte no chapéu ou numa echarpe."** E do mesmo modo a extravagante mulher sensitiva e temperamental é aconselhada à ter"...**cuidado com o exagêro"**.

A harmonia do caráter, o equilíbrio entre uma diversidade mais rica de traços, com respeito ao tipo de cada uma, é uma medida estética. O bom gôsto é representado pela estilização adequada e pelo uso estéticamente ordenado dos dotes é o valor hegemônico deste universo moral. O lugar do paradigma estético será tematizado em seguida nas suas relações com o feminino. Desse modo, o ideal de adequação ao próprio gênero, apresenta-se suplantado pelo ideal de ser hamoniosa.

a.2-MULHER INTERESSANTE: Representação do feminino produzida pelo modelo estético de sujeito.

A coexistência entre os traços de caráter de uma mulher de referências a ideais distintos é a marca da complexidade desse imaginário social onde a representação ideal do gênero convive com outras representações ideais de caráter mais universais e mais independentes do gênero. Seria essa complexidade a manifestação do processo de modernização social ? Trata-se então, dos primeiros sinais de que a hegemonia do papel de esposa e mãe modelo começa a fragmentar-se erodindo simultaneamente o império das representações ideais de feminino sobre o a elaboração da subjetividade da mulher ? Estaríamos diante de um quadro onde, por força das mudanças na sociedade, as atividades, antes consideradas como hobbys, passatempos, "artes de mulher" começariam a instituir-se legitimamente como realizações profissionais, alterando significativamente o lugar de importância das representações ideais de feminino na subjetividade da mulher ? Se assim é, a fragmentação do papel social em que se apoiava a estilização do "ideal feminino" estaria em vias de ter o seu prestígio relativizado em concorrência com outras representações ideais derivadas do modelo estético de sujeito. Este começaria a ganhar terreno na subjetividade da mulher.

Valorizar a própria personalidade, ser interessante, marcar com seu estilo pessoal aquilo que faz, revelar-se em

suas escolhas, hábitos, usos cotidianos é o que os mais diversos artigos procuram ensinar às mulheres nesta época.

Se nas respostas da grafóloga Olga Mayo percebe-se uma inclinação para valorizar alguma coisa que é geralmente qualificada de "mentalidade artística" ou senso estético e que coincide com o cultivo de ideais, essa mesma preocupação marca uma infinidade de artigos destinados a formar uma mentalidade fundada em paradigmas estéticos.

Ser interessante é uma espécie de ambição obrigatória, um conceito geral que deve ser comandado pelo esforço de dar realce a certos dotes ou traços de caráter determinados pois **"adaptar-se ao ambiente em que se vive e às pessoas com quem se tem contato" e "ter fé em si mesma"** são comportamentos apreentados como irrelativizáveis neste universo moral dos anos 50.

O paradigma estético na elaboração da subjetividade faz concorrência com o paradigma moral religioso no campo das representações ideais que cercam o gênero feminino. É bastante perceptível que o lugar do "estético" no caráter da mulher começa a se deslocar do repertório de passatempos e atividades paralelas às funções de esposa e mãe, para vir ocupar a cena principal onde se converte em valor hegemônico na elaboração da subjetividade. Ser harmônica, interessante, elegante, atraente, são representações ideais em franca concorrência com a modéstia, a humildade e a abnegação femininas.

É preciso ser espontânea, não imitar outras pessoas ou querer ser diferente do que se é. Trata-se de descobrir e valorizar as próprias qualidades e não substituí-las por outras estranhas. Paradigma estético da "identidade a si mesmo" que se sustenta pela oposição às mulheres que querem ser "diferentes". Isso se traduz pelo modismo, pelo linguajar em dia com os últimos têrmos, na esperança de provocar interesse. Contrariamente aos seus propósitos, pessoas assim despertam a impressão de que tudo nelas é postiço porque na verdade são vazias. Querer ser diferente, parece significar, ser "diferente de si mesma" ou chamar a atenção dos circunstantes, por não se harmonizar com ambiente comum, e assim "ser diferente dos outros", extravagante.

Pensar conforme às próprias opiniões e ver com os próprios olhos, característica de um "espírito de observação" igualmente obrigatório. Um dos artigos sobre esse tema enuncia: "Evite,contudo, os pensamentos fáceis demais. Sem cair no outro excesso, originalidade a todo custo, desenvolva seu espírito de observação e crítica. Pergunte-se sempre: Mas o que é que eu realmente acho diso? e se esforce para responder sinceramente. No dia que você tiver coragem de confessar que Rafael não lhe agrada e que as árvores da primavera lhe são completamente indiferentes, você estará no caminho certo."

"Saber alguma coisa de tudo e tudo de alguma coisa", fórmula que condensa o dever de informar-se ."Revistas de

atualidades, livros de todos os gêneros, em edições econômicas, discos de músicas e conferências variadas são oferecidos todos os dias às pessoas de boa vontade", assim uma articulista defende a idéia de que os tempos modernos aceitam cada vez menos o tipo "dona de casa somente", condenando as muitas mulheres que depois do casamento e do nascimento dos filhos, abandonam todo tipo de leitura ou de estudo , alegando que não têm mais tempo, nem vontade de a eles se dedicar.

A idéia de uma sociedade em transformação a exigir a modernização pela informação surge neste contexto, situando o final dos anos 5o e mesmo o surgimento de um magazine como Lady, dentro deste processo de mudança social. Neste novo contexto social, a obrigação de manter-se atualizada e informada é elevada à condição de exigência e estética, confirmando nossa opinião quanto à concorrência com o paradigma moral religioso.

Ser elegante é outro imperativo ou ideal obrigatório. Simplicidade no vestir, delicadeza de linguagem, a elegância que pode tornar alguém atraente é de ordem espiritual e cobre uma variedade de atitudes, ela vem de dentro é reflexo de uma gentileza de costumes radicada na subjetividade. **"Nenhuma escola de arte dramática e nenhum curso de manequim pode ensinar essa elegância secreta"**. Elegância que faz da "gentileza feminina" um traço estético destinado a atrair e não o efeito da supremacia do "amor ao próximo" sobre o gosto

pelo brilho pessoal, indicativo de uma segurança e confiança e si mesma contrastante com a modéstia feminina .

As pessoas têm ojeriza por pessoas tristes e infelizes e por isso é de péssimo gôsto lamentar-se de males verdadeiros ou inventados. É obrigatório ser otimista pois:**"Para simpatizar-se com as desgraças alheias deve-se ter uma disposição particularmente generosa, que bem poucos possuem... As reações de um indivíduo normal são precisas ou se aborrece ou finge estar prestando atenção mas pensa no que lhe interessa ou interrompe para contar uma história análoga , mas muito mais interessante ..."**

"Apegue-se a simples verdade de que o assunto preferido de cada um é ele mesmo e não ficará desiludida" máxima que condensa o valor de atração da simpatia, da cordialidade, da compreensão . A capacidade de participar sinceramente das alegrias e dores é nomeadamente a qualidade que cala mais fundo junto às necessidades que as pessoas têm de atenção, constituindo no principal artífice da personalidade "interessante".

Essas cartilhas de como comportar-se em sociedade parecem destinadas a fornecer orientação em tempos de mudança nas representações ideais. Parecem confirmar a impressão de que começamos a assistir um declínio das representaçoes ideais de feminino, apoiadas na estilização das funções de esposa e mãe.

Mudam os valores, mas não mudam as práticas de elaboração da subjetividade. Estas permanecem prescritivas e tipificantes tendendo a tomar o indivíduo muito mais pelo ângulo de uma necessária inserção no campo social do que pelas aporias de seu "eu" singular.

As mulheres são estimuladas a tornarem-se interessantes e não femininas, vale a pena notar. A "simpatia" é o valor que dá lugar à "abnegação" entre as representações ideais. Que é feito do feminino no imaginário social que se anuncia? Uma preocupação estética com o próprio "eu" substitue o valor da modéstia elevando o "brilho" calculado à condição de traço de caráter mais valioso.A hegemonia do modelo estético de sujeito começa a se insinuar entre as páginas desta revista feminina indicando possivelmente as primeiras marcações de um movimento de "modernização" das representações ideais para o gênero feminino.

O paradigma estético orienta-se pela produção de uma imagem do eu dotada de brilho próprio, uma espécie de manifestação na superfície das relações sociais da interioridade ou do "eu profundo". A presença do psicologismo já se faz sentir na associação entre modernização pela estética do "eu" e valorização das dimensões profundas e inconscientes do sujeito

A preocupação da década com a estética, articula-se tematicamente com a exploração do "eu profundo". Este, conforme o texto de uma propaganda, se exterioriza e marca

simultaneamente sua adequação aos valores estéticos do mundo que vive e dialeticamente o reconhecimento da originalidade que lhe cabe neste mundo em virtude da obra exclusiva e pessoal que realiza sobre esse "eu" e sobre tudo o que lhe cerca. Reproduzimos parcialmente esta propaganda de uma loja de decoração de interiores para exemplificar essa ligação íntima entre o "eu" e suas realizações ou exteriorizações:**"O lar é a sua obra mais exclusiva e pessoal. A decoração e o mobiliário empregados representam uma espécie de "teste" para a sua feminilidade da qual são um símbolo manifesto e exteriorizado. O arranjo do lar também revela muito de você. Por essa razão, todo êrro nêle cometido, como reflexo de atitudes descuidadas, que você deve evitar, é imediatamente notado...Quando você vai de loja em loja, examina, compara, hesita, sua escolha será determinada pela imagem inconsciente que você faz de si mesma, tal como acredita ser. Você, ao decidir-se por determinado artigo, exterioriza o seu eu mais profundo, e muitas vêzes sem o saber, coloca a mercê do julgamento alheio, determinados aspectos íntimos de sua personalidade, ligados às suas preferências e idiossincrasias etc..."**

A elaboração do "eu estético" passa pela representação da "outra mulher". No afã de eludir os perigos da infidelidade conjugal como "um destino inevitável", apresenta-se: "a outra", uma espécie de obssessão da década, pois são espelhadas nas características percebidas como típicas dessa mulher, que parte considerável dos atributos da "mulher interessante" são forjadas. A "mulher

interessante" é a outra da Outra. Assim, **"Carolina-interessante" é a outra da "Nancy - infantil": "Carolina se interessaria pelo trabalho do marido, perguntaria o que fizera durante o dia. Ouviria suas opiniões e daria as próprias, explicando as razões."** "A Outra" é uma mulher compreensiva, atraente, inteligente, culta, dedicada ao trabalho extradoméstico, acostumada ao diálogo adulto . A "Outra" é o exemplo mais perfeito do modelo estético no terreno das representações do feminino. A tematização e a preocupação com as manifestações de sua particularidade ou de seu "eu próprio" e suas vocações, gostos, estilo e preferências é outro modo de testemunhar a presença do modelo estético.

A mulher "interessante", ideal moral e estético faz um evidente contraponto com a "mãe abnegada", e cada uma encarna um modelo de subjetividade ideal, segundo os modelos estético ou moral religioso. Esse contraponto se verifica, igualmente, na oposição com o valor central da "paixão" no modelo de sujeito moral religioso pois, como veremos na próxima parte, este valor se expressa no campo das representações das diferenças e relações entre os gêneros, na imagem do sujeito "romântico". A mulher romântica pode encontrar sua estilização mais bem sucedida e socialmente valorizada na figura da "mãe abnegada". Entretanto, esse destino longe de cumprir-se pode se deparar com seu descaminho mais frequente, a mulher romântica desiludida com a realidade do casamento ou decepcionada com os homens, ou

ainda nervosa, irritada, inquieta e insatisfeita é frequentemente apresentada como uma "mulher infantil".

Um artigo a respeito de dificuldades da vida conjugal traça um esmerado retrato desse negativo da "mulher interessante" que é a mulher infantil e estragada pelos pais:**"Nancy fora uma criança muito estragada. Com um abraço e um beijo, seus pais faziam o que ela queria . Sua mãe limpava seu quarto pois achava que Nancy não era doméstica"**. Dona de casa, sem outros interesses além do casamento:**"Embora o casamento não fôsse como imaginava, ainda era muito importante para ela, pois não tinha interêsses, nem ambições fora do lar."** Medíocre : **"Na cabeça de Nancy havia dois padrões. Coisas que todos gostam e coisas que todos detestam."** Teimosa:**"...Nancy, quando discordava, nunca dava razões plausíveis."**

São frequentemente os homens que se referem a essa imagem da mulher, não raro de modo a fazer pensar que se trata "da mulher". Encontramos essa representação do feminino como uma espécie de referência negativa tanto para o modelo moral religioso quanto para o modelo estético.

a.3-A MULHER INFANTIL: Uma representação masculina negativa da mulher romântica.

Um costureiro entrevistado pela revista Lady fala de mulheres que não reconhecem seus defeitos físicos, insistindo

em usar modismos que não lhe caem bem. Nada mais contrário à sobriedade e harmonia que o paradigma estético valoriza. A "paixão" sem auto-crítica que faz uma mulher ficar cega ante a realidade de seus verdadeiros atributos é retratada nos trechos que se seguem:"**Talvez ela possua queixo duplo, pernas arqueadas, dois metros e dez de quadris, mas absolutamente não acredita, que só poderia apresentar-se entre outras pessoas de tailleur prêto, requintado de corte requintado e impecável. Oh Não/ Ela cisma precisamente com uma toilete de cetim, duchesse ciclame", faixa na cintura e drapeado na frente.**" Esse costureiro sonha com freguesas distintas que se deixam aconselhar docilmente e ficam satisfeitas com o resultado:"Esbeltas, só usam o que lhes fica bem".

Um cabelereiro revela o esforço que tem que fazer para contornar as situações colocadas em virtude das exigências de cada cliente:"**Nessa confusão feminina tem que ser a coluna-mestra. Conversando serenamente posso persuadir mesmo a cliente mais excitada...Eu sei exatamente como cada uma delas gosta de ser atendida. Uma irrita-se com muito movimento e conversa, outra por sua vez prefere ser acumulada de atenção, três manicuras ao mesmo tempo, mexericos e conversas. Afinal, esta é a minha atribuição e meu desejo é deixá-las todas satisfeitas.**"

A imagem mais dramática da mulher como uma criança impossível, foi traçada por um verdureiro de esquina:"**Mas as mulheres, essas têm que provar, mexer, beliscar, regatear, brigar com a vizinha sobre quem deve ser servida primeiro,**

voltam três vezes e ainda esquecem o mais importante. E por fim o culpado de tudo sou eu, naturalmente."

Um cirurgião plástico lastima-se de clientes que exasperam-se a cada nova ruguinha e esperam deles verdadeiros milagres. Querem fazer voltar atrás 20 anos e colocam a causa de todos os seus infortúnios nos pequenos e eventuais defeitos físicos que lhes surgem.

As mulheres aparecem nesses relatos como criaturas pouco dotadas de senso crítico, prisioneiras de uma vida imaginativa saturada de expectativas irreais. A mulher romântica não é um sujeito "estético", porque não é realista. Esse romantismo aparece nas mais diferentes versões. Nas imagens idealizadas que ela constrói de um parceiro, na abnegação que ela devota aos filhos ou ao marido e que a leva a colher decepções sem fim, nos mais diferentes comportamentos desajustados e irritantes porque povoados de expectativas impossíveis de serem satisfeitas.
De um ponto de vista estético, a mulher "romântica" não passa de uma criatura infantil.

São mulheres, que no imaginário masculino, mostram-se terrívelmente ciumentas e de imaginação "romanticamente infiel". É de uma consultora da revista Claudia, no início dos anos 60 o trecho que reproduzimos em seguida:**"A rotina da vida matrimonial e um vago sentimento de desilusão e cansaço, muitas vezes criam, na jovem espôsa, a justificação psicológica para tentar uma ...evasão. Mas, 'ceder', na**

esperança de encontrar alguma coisa nova, constitui êrro gravíssimo. O amor, dentro do matrimônio, é muito diferente e muito mais complexo do que sonham as mocinhas de dezoito anos."

A melhor expressão dessa representação da feminilidade é de um articulista, respondendo à acusação de que os homens são infiéis. Do seu ponto de vista, um homem não tem fantasias românticas diante de uma bonita mulher desconhecida. As mulheres, ao contrário:"...perante o primeiro idiota que canta em 'boite', perante o primeiro rapazola de olhos azuis 'que lembram o céu' sua mulher poderá cair naquela espécie de transe ..."

Uma leitora põe em foco o "despreparo das moças para o casamento". Pergunta, se não seria desejável que elas tivessem algumas "experiências passionais" antes de assumir uma compromisso definitivo. Isso porque, as decepções da jovem romântica com a realidade da vida conjugal podem ser o efeito da "falta de experiência". "...tudo o que eu sabia a respeito do amor era apenas teoria. Não que esperasse uma lua-de -mel extraordinariamente romântica, mas confesso que a realidade foi muito amarga e que o amor me desiludiu..."

Um outro atributo da mulher romântica é a "necessidade desmesurada de afeto". "A maior parte das mulheres tem necessidade de um carinho, uma palavra afetuosa, um olhar de admiração e de desejo no momento e nos lugares mais inoportunos, na rua, no bonde, numa recepção e se o homem,

naquele momento e naquele lugar, não se apercebe dessa necessidade, dizem que não são compreendidas."

Desmesurada, bem entendido, do ponto de vista do marido:"**...a sede de manifestações afetuosas que existe na mulher é demasiadamente complicada para a compreensão masculina. Um marido comum, que ao domingo passeia com sua espôsa, não pode compreender que ela sofra - e deixe esse sofrimento transparecer em seu rosto - só porque ele deixou de abraçá-la como fazia quando eram noivos,ou de andar de mãos dadas como costumam fazer as crianças.**"

A representação da mulher romântica decepcionada e insatisfeita dá lugar à acusação de ser uma criança infantil:"**Acho, pelo contrário - que todos aqueles mimos, aquelas palavrinhas , são criancices de mulher...**"

Os ciúmes, a ternura obsessiva, são no entender de uma articulista da Revista Claudia a "máscara de uma inveja inconsciente":"**Dir-se-ia que incapazes de obter uma liberdade e uma independência tão desejadas, elas vingam-se sobre o homem matando nêle a faculdade típica do seu sexo...**"

Colocações como essas vão ditar rumos diferentes no terreno do aconselhamento. Um primeiro rumo conciliador, tratará dessas caraterísticas femininas, como efeito da infantilidade da mulher, indicando o caminho do "amadurecimento" na relação com o homem pela aceitação dos homens como eles verdadeiramente são. Modelo de

aconselhamento fundado numa certa malícia, numa esperteza de quem "sabe levar" o homem e o casamento, ciente de suas limitações, porém manipuladora e caprichosamente. A mulher infantil converte-se por essa via na mulher esperta. O cálculo e a sedução da mulher esperta, seu "realismo" e hábil manipulação..., parece uma versão particularíssima do feminino provávelmente relacionada com a subversão do modelo moral religioso.

Outra vertente encampa a crítica masculina ao romantismo da mulher e se abre sobre a modernização e a modificação do comportamento social, tomando a direção de uma reivindicação de igualdade com o homem. Essa vertente chega ao apogeu entre os anos 60 e 70 carreando em seu bojo a difusão psicanalítica.

Tanto um caminho, como o outro se propõem a tomar distância com relação às representações da "mulher romântica" . Em tempos pré-psicanalíticos, essa distância não representa uma ruptura com a hegemonia dos papéis de espôsa e mãe: **"A mulher de hoje, não aspira a liberdade, porque já a possui, a tem dentro de si na consciência de sua importância como mulher, de seu valor individual...nem as senhoras patroas, nem humildes escravas, mas mulheres serenas que sabem renunciar e sacrificar-se com um sorriso nos lábios..."** Essa impossível ruptura articula-se de modo idêntico na transfiguração da insatisfação romântica da "mulher infantil" em manipulação eficaz de "mulher esperta".

Todas essas possibilidades se ordenam no imaginário social dos anos 50 em virtude da hegemonia ainda reinante, mas, provavelmente já ameaçada de fragmentação, de uma demarcação das representações ideais pelo critério de gênero. A direção do processo de modernização social apresentará todas essas figuras como a mãe abnegada, a esposa modelo, a dona de casa consciente do seu papel e feliz com suas funções, ou mulher infantil/mulher esperta como produções de uma mesma lógica perversa, a da sociedade patriarcal interessada na dominação e mutilação da identidade social das mulheres. A difusão psicanalítica legitimará a versão de que todas essas senhoras são representantes de algumas das mais finas patologias. Neste período entretanto, o "sonho não acabou" e a perspectiva de ver suturada a modernização social da mulher com a exclusividade de seus papéis tradicionais ainda encontra credibilidade.

a.4-MÃE ABNEGADA: **Representação do feminino ditada pelo modelo moral religioso**

A "mãe abnegada" é objeto de uma apreciação extensa num artigo assinado pela grafóloga Olga Mayo, onde afirma que construiu esse perfil psicografológico da mulher brasileira através do material que as cartas dos leitores lhe proporcionou. De acordo com a própria autora, estas cartas são os meios para se inteirar das dificuldades individuais mas também integram documentação necessária e suficiente para **"num corte transversal das condições existenciais do**

ambiente, das esperanças, dos sonhos, das ilusões que determinam as atitudes e tendências vitais da mulher brasileira, seja das metrópoles barulhentas, seja nas cidades pacatas do interior ou nas aldeias e fazendas longínquas", advinhar o desenho da verdadeira expressão da feminilidade.

A ambição desse retrato psicografológico da mulher brasileira é gozar de um certo grau de generalidade, no que diz respeito à extração social. Do nosso ponto de vista, parece confeccionado para expressar um ideal de feminilidade e menos para retratar as mulheres concretas que escrevem à consultora. O tom afetivo da descrição é revelador do caráter da "generalização abusiva" pois eleva certos traços, ou atributos valorizados e desejáveis numa alma feminina, à condição de representação totalizadora, excluindo do discurso tudo que lhe contradiz.

Os traços indicados no perfil da mulher gentil e suave são pintados aqui com as cores fortes do elogio ao sacrifício pessoal. A categoria de ideal assume uma inflexão distinta e crítica nesta figura central do modelo moral religioso. A "mãe abnegada" praticante do elevado ideal de "amor ao próximo" não alcança com seu desempenho, nem o sucesso, nem a felicidade. Não lhe faltam ideais e, no entanto, a vida lhe é pródiga em humilhações, sofrimentos e decepções: "Ressalta dos manuscritos o perfil da mais dócil, mais meiga, mais sublime, mais submissa, mais devota e mais santa criatura que se possa imaginar. Ela desempenha a tarefa nobre e espinhosa de mãe abnegada , espôsa modêlo e dona de casa caprichosa.

Vive e luta como verdadeira heroína incógnita. Sofre, enfrenta situações insuportáveis, combate, padece, aguenta humilhações de tôda espécie, quando se trata de proteger seus entes queridos. Em vez de ódio ou sêde de vingança manifesta lealdade imperturbável, tolerância filosófica e paciência __ paciência sem limites. É filha zelosa, obedecendo cegamente ao mando dos pais. Em caso de necessidade, cuida de um grupo de irmãos menores, educando-os à custa da própria felicidade. Se a bem da família tiver de renunciar à voz do coração, ela não hesita em casar-se sem amor. Como espôsa, enfraquecida por partos e privações, tem de enfrentar muitas vezes a indiferença do marido. Decepcionada e amargurada, mortalmente ferida no seu orgulho de mulher, nem por isso deixará de amá-lo, cuidando do lar e dos interesses comuns, esperando com fervor a volta do ingrato aos seus braços.Em outras circuntâncias, acontece-lhe ter de encarregar-se do sustento da família, da educação dos filhos, do confôrto dos parentes idosos e, além do mais, de zelar pelo prestígio da posição social do marido."

Mater dolorosa, espôsa traída, mulher bastante hábil na arte de "dourar a pílula", são algumas das imagens mais comuns entre as representaçoes ideais do feminino. Uma senhora escreve à grafóloga pedindo-lhe conselhos a respeito de como proceder com o marido, um ginecologista absolutamente mulherengo. Após proceder uma análise do caráter da consulente bastante lisonjeira, aconselha-a no que diz respeito ao marido:"Estes lindos dotes todos, são obnubilados pelo ciúme exagerado e pouca tolerância. a espôsa de um

médico - e especialmente um médico de senhoras - deve medir com outras medidas...nem uma pequena parte das calúnias que seus bons amigos lhe cochicham é verdade." A resignação quando não acompanha o relato da missivista, encontra na consultora alguém preparado para receitá-la. Talvez, nem todas as mulheres demonstrassem tanta resignação e capacidade para o sacrifício. Os ideais que norteiam a atividade de aconselhamento é que parecem contar com a tolerância entre as virtudes mais caras.

O exercício de virtudes heróicas impõe-se à mulher em razão de sua ligação irrelativizável com o casamento e a maternidade. O modo como essas funções ou papéis são exercidos e concebidos, por alguma razão que será necessário pensar, desliza completamente da esfera dos ideais que conduzem à realização na felicidade, para o campo onde o ideal é percebido como mais realizado quanto mais põe o sujeito à prova pelo sofrimento.

Talvez não seja adequado sequer falar em papel feminino de esposa e mãe. Essa noção supõe por si mesma uma relativização desse lugar que contrariamente nos parece compor aquilo que é considerado um destino que não pode ser recusado sob pena de perder o essencial do ser feminino. O ideal feminino corresponde à realização dessa natureza intrínseca e irrelativizável do feminino. Em todas as cartas endereçadas por mulheres essas funções parecem constituir o elemento central de suas aspirações. Em todas as respostas,

essa aspiração é fomentada, valorizada acima de outras possibilidades.

Lembramos aqui uma entre outras tantas amostras dessa preocupação central, nas palavras da consultora a uma leitora indecisa entre dois namorados:**"Justamente eles lhe ofereceram a suprema felicidade que cada moça de coração bem formado almeja mais neste mundo: lar, marido, posição de espôsa e futura mãe estimadíssima."**

À consulente que pergunta sobre a compatibilidade entre seu caráter e o do namorado, a consultora responde após analisá-los demoradamente que não são compatíveis :**"Porém, uma real e profunda simpatia e o firme propósito de compreensão mútua, pode operar milagres, havendo nesse seu caso especial a possibilidade de se ajudarem reciprocamente a atenuar seus erros e imperfeições de caráter. Ele que afrouxe a sua reserva e grande desconfiança e faça você florescer seu instinto materno, desenvolvendo também atividades úteis."** o florescimento do instinto materno,que falta a essa leitora, traria a correta inflexão do caráter, rumo à feminilidade.

A carta que lembramos em seguida, é exemplar, pois apresenta sem ambiguidades o temor de uma jovem quanto à possibilidade de não se casar :**"Estou com 20 anos e até agora só tive um namorado a quem não consegui amar, apesar de ser ótima pessoa ...e eu não consigo fazer com que um rapaz se interesse por mim....Que será que eu tenho que ninguém se interessa por mim ?...Será que meu destino é ficar solteirona**

? A resposta é igualmente transparente: **"O seu destino minha cara não é de ficar solteirona , pode ficar certa. Com 20 anos todos nós sofremos altos e baixos...Siga meu conselho, estude com afinco, ande sempre de cara alegre e evite pensar que ninguém gosta de você."** É sólida a cumplicidade entre a consulente e grafologista quanto à importância do casamento na vida de uma mulher. A propósito, o surgimento da expressão, **solteirona**, é uma indicação do isolamento social, da marginalidade que ameaça as mulheres se não cumprirem seu destino.

Outro diálogo com uma leitora desenrola-se em torno do preparo para o casamento. Ela diz:**"É claro que também sonho com uma lar , um marido a quem eu ame e filhos a quem eu possa me dedicar..."**A consultora lhe recomenda que se prepare física e psiquicamente para tanto:**"Mas, é necessário estabelecer uma meta e lutar por um ideal ...Os seus ideais deverão girar nas seguintes órbitas: ampliação do campo profissional, estudando línguas e etc...algum hobby musical ou esportivo, caridade e estar física e psiquicamente preparada para o marido que a providência certamente já lhe reservou."**

Lembramos ainda, de que modo, para incentivar uma leitora que não sabe se seria capaz de apaixonar-se novamente a consultora vem a responder sua carta:**"Óbviamente se você nutre a idéia de dedicar-se à digna missão de dona de casa, espôsa e mãe não lhe faltam os requisitos necessários para esta mais alta vocação da mulher."**

Ou ainda, seus conselhos a uma leitora que deseja desenvolver uma atividade profissional ao lado de suas funções de esposa e mãe para ajudar financeiramente ao marido:"O que acho lastimável é a necessidade de você precisar ajudar a manter o equilíbrio financeiro familiar. Cuidar do marido e de três filhos, por si só já constitui tarefa exaustiva. Logicamente você dedicando-se a trabalhos fora de casa descuida de grande parte dos seus deveres maternais e de espôsa...O ideal seria, a meu ver se você pudesse devotar-se à sua missão intrínseca de mãe, espôsa e dona-de-casa. Nem a melhor empregada pode substituí-la neste mister. Pelo contrário deixando faltar suas atenções a estas obrigações sagradas , corre o perigo de perder a auréola de ser insubstituível para os seus."

Essas ilustrações da importância central no destino da feminilidade das funções de mãe abnegada e espôsa modelo, prenhes de obrigações sagradas ditadas pela mais alta vocação da mulher, são representações do feminino em nítido contraste com as que se cristalizam em torno da idéia de "mulher interessante".

II.2- REPRESENTAÇÕES DO MASCULINO: Príncipes, meninos travessos e companheiros igualitários.

Não é vasto o material em que nos baseamos para tratar das representações do gênero masculino. Alguns poucos artigos

fazem referência diretamente ao homem. É possível entretanto, classificar esses retratos do masculino conforme a leitora a qual se dirigem. Assim, há um artigo sobre os príncipes de diversos países e que parece destinado a alimentar as fantasias românticas das jovens adolescentes. Endereçados à imaginação das mocinhas surgem perfis de jovens atores bonitos e "travessos". Representação do "menino grande", outra imagem do gênero masculino e que se concretiza através de atores como Tony Perkins, James Dean e Marlon Brando.

Esses tipos felinos, ariscos, "difíceis de agarrar", frequentemente considerados egoístas, auto-referentes e infiéis, fazem nítido contraste com a representação do "marido" a quem a mulher pode sufocar com seu caprichos ou "ajudar a vencer".

E finalmente o homem que faz do amor "uma arte de agradar as mulheres", configurando na sua infinita infidelidade, tão somente o sentimento de que não pode decepcioná-las ou contrariá-las.

O tipo "felino" e o "agradável D. Juan" são duas apresentações diferentes da imagem do "homem infiel", a mais constante imagem ligada à masculinidade no imaginário feminino.

Príncipes são "valorosos", "sérios", "corajosos", "prudentes","leais", "dignos", "elegantes" e "belos" e são desse modo cercados de um clima de conto de fada que nutre o

romantismo que se supõe uma característica feminina.De certo modo eles existem, ao menos é a representação que parece inspirar a resposta a essa carta: "O estudo grafológico do rapaz revela inteligência fora do comum, cultura e preparo elevado, espírito de resolução bastante desenvolvido, autodisciplina e brio masculino...Ao todo é um moço direito, leal e sincero, ambicioso e de grande talento, bem capaz mesmo, sem ser contemplado com alguma fortuna herdada, de conquistar o coração de uma jovem romântica, a qual ele sabe convencer da satisfação bem maior que se sente , de uma vida dedicada ao bem do seu próximo, do que a fúteis prazeres mundanos."

Romantismo que pode eleger o "menino grande" para o mesmo fim. Assim, rapagões "enormes", "despenteados", "revoltados" sobre motocicletas, perfilam-se ao lado dos príncipes em virtude da única características em comum: são raros e "difíceis de agarrar",

Do ponto de vista da mulher é frequente que o homem seja por isso mesmo representado como frio, egoísta, pouco compreensivo,"na realidade, homens e mulheres não falam a mesma linguagem. Nós mulheres , todavia, com intuição sensibilidade, inato senso de devoção,e sobretudo desejo de alcançar o que aspiramos, "a perfeita harmonia", conseguimos compreender bastante os homens, suas pretensões e desejos. Os homens , em geral não fazer esse esforço."

Concreto demais na satisfação das necessidades amorosas tendendo por isso a supervalorizar a intimidade física em detrimento da comunhão espiritual e da paixão romântica,"Todas as relações entre o homem e a mulher são baseadas num equívoco: o homem está plenamente convencido de que a mulher dá a mesma importância que ele aos assuntos sexuais...acredita que para ela o amor é principalmente, relação física ...para oitenta por cento das mulheres , o amor é outra coisa".(Claudia, n0 , pag.)

Consistentemente, o homem é apresentado como sexualmente infiel "...mesmo quando querem bem com toda a alma, não renunciam à aventura com a datilógrafa ou com a atriz". (Claudia, n0 pag.)

A representação do masculino, como "menino travesso" é desse ponto de vista absolutamente paradoxal. Os traços mais cobiçados no "homem ideal" importam em sofrimento, insatisfação e decepção para as mulheres. Essa representação do masculino é simétrica das representação do feminino encarnadas pela "mulher infantil". Do mesmo modo, o príncipe encantado parece cunhado pelo mesmo artífice que criou a imagem da "mulher gentil e suave". "Mãe abnegada" é uma representação do feminino que faz referência ao seu simétrico, homem trabalhador , modesto, ordeiro mas, que entretanto só se afirma na sua dura tragicidade quando contracena como o "homem fraco de caráter" ou com o D.Juan incorrigível.

Todas essas representações pertencem ao imaginário romântico dos anos 50. Cada uma, faz sua aparição no quadro emoldurado pelo seu par complementar.

A representação do masculino produzida pelo modelo estético de sujeito é a de um par complementar. O papel da mulher é o de companheira e colaboradora. Assim, por exemplo, mesmo se a mulher não desempenha uma função extradoméstica, ela tem por função promover e incentivar seu o marido na sua carreira profissional. Essa tarefa é percebida num quadro de valores igualitários , onde funções diferentes ajustam-se em benefício de um ideal comum.

A incompreensão e o conflito entre os sexos é um elemento constante e importantíssimo na elaboração das representações de casal para o imaginário romântico. O tema da diferença irredutível entre homem e mulher é matéria prima para as mais delirantes expectativas passionais quanto para os mais dolorosos suplícios amorosos..

No modelo estético, a gentileza e elegância no trato com o parceiro, a harmonia e a compreensão mútua, são o efeito tangível de um objetivo comum e externo ao par que se sobrepõe às diferenças, quaisquer que sejam elas e qualquer que seja sua fonte. O homem, na relação conjugal, é função do tipo de mulher que tem :"**A maneira de elas encararem a vida e o modo pelo qual se mostram dispostas a levantar o**

moral de seus cônjuges determinam em geral,**o êxito do espôso no posto que ocupa"**, ou , ao contrário há mulheres que **"Anseiam sobrepujar os vizinhos, possuir carro novo, frequentar os melhores clubes, vestir-se à última moda, embora os esposos não possam jamais satisfazer-lhes todos os caprichos".**

Nesse modelo, as "fraquezas" do homem são apresentadas numa relação de implicação com os "defeitos" da mulher. É a mulher egoísta, mimada, ambiciosa em excesso, insaciável de atenções e manifestações de afeto, ciumenta e possessiva, a fonte dos descaminhos do homem. A seu modo, à maneira sonhadora e romântica, tipicamente feminina, a mulher infantil ou desfrutável é suposta também infiel.

Se considerarmos as representações do masculino como efeito de dois modelos de sujeito, teremos algo como um modelo romântico que geraria as representações do homem ideal, como um ideal em si mesmo,como o príncipe e o menino travesso e um modêlo estético que engendraria a representação de marido ideal como companheiro de um ideal conjunto.

O modelo romântico engendraria, portanto, versões idealizadas do gênero masculino, fadadas por isso mesmo a engendrar o discurso sobre a diferença entre os sexos como diferença irredutível e decepcionante. O modelo estético, produz por sua vez, um tipo de representação do gênero masculino situada na relação com a mulher e marcada pela

incompletude com relação ao ideal. Este, o ideal, é apresentado na perspectiva do esforço conjunto, sendo antes um atributo da relação, do que do parceiro em si mesmo.

Estas noções poderão ser melhor apreendidas através do material que focaliza as representações de relacionamento.

a.1-COMPANHEIRO IDEAL, COMPATIBILIDADE DE CARÁTER e o CASAMENTO MODELO: Representações ideais de conjugalidade

A questão crucial neste campo de representações é o manejo da paixão. Aqui, a palavra ideal emerge com insistência em associação com as ilusões do investimento amoroso. "Ideal" quer dizer frequentemente "passional". Fazendo contraponto com essa apresentação, o ideal surge no contexto da direção do aconselhamento presentificando a intervenção da razão sobre as emoções. O "ideal" é então o efeito dessa mediação.

A representação hegemônica de casamento bem sucedido e feliz passa num plano mais abstrato ou universal pela noção de companheiro ideal. Noção que como já esclarecemos, condensa duas acepções de ideal. Em ambos os casos, o tema envolve uma noção de parceiro ideal e uma versão do que seja um casamento modelo. Numa primeira acepção, o companheiro ideal vem a ser definido como "um efeito da paixão", confeccionado pelas ilusões românticas e despojado de senso crítico, podendo ser o companheiro adequado menos pela

compatibilidade do caráter do que pela encarnação ilusória de certas representações coletivas. O casal modelo é tematizado como a concretização de todas as perfeições.

Noutra acepção, o parceiro ideal é ideal para outro sujeito particular de acordo com a "compatibilidade de caráter". Neste domínio, companheiro ideal pode representar ao contrário o resultado de uma escolha desapaixonada e bem fundada num parecer técnico, fazendo do processo de escolha um processo regulado por operações racionais, podendo ser auxiliadas pelo conhecimento psicológico científico.

A oposição entre "paixão" ou "romantismo" e "razão" ou "realismo" é o modo particular de reaparição nesse campo particular de representações ideais da polaridade sujeito estético/ sujeito moral religioso.

Como já havíamos identificado entre as representações do feminino, o romantismo é uma característica essencialmente feminina. O ser romântico se desdobra em duas versões paradoxais: a exigência infantil e a abnegação materna.

A versão estética da subjetividade no terreno das relações amorosas aparece no contraponto que a racionalidade oferece como antídoto contra as ilusões fabricadas pelo "romantismo", moderando suas reivindicações.

O amor romântico é tratado como a representação ideal por excelência da relação entre os sexos. As escolhas

amorosas devem contar por isso mesmo com o apoio da razão, como parece sugerir a resposta à carta desta mãe que deseja saber sobre a escolha feita pela filha de um determinado namorado, se seria compatível com um casamento adequado. A resposta não deixa nenhuma dúvida quanto ao valor concedido ao amor romântico como critério de escolha acima da identidade de posição social. O amor romântico só funciona, entretanto, como critério de escolha se devidamente associado à presença de traços de caráter que permitam supor que a identidade de posição social não existe, mas será alcançada. O valor do trabalho, da competência pessoal e da ambição de vencer são qualidades destinadas a compensar a falta da desejada posição social, como bem exemplifica o trecho da resposta que tornamos a reproduzir em seguida: **"O estudo grafológico do rapaz revela inteligência fora do comum, cultura e preparo elevado, espírito de resolução bastante desenvolvido, autodisciplina e brio masculino...Ao todo é um moço direito, leal e sincero, ambicioso e de grande talento, bem capaz mesmo, sem ser contemplado com alguma fortuna herdada, de conquistar o coração de uma jovem romântica, a qual ele sabe convencer da satisfação bem maior que se sente , de uma vida dedicada ao bem do seu próximo, do que a fúteis prazeres mundanos."**

Não há lirismo ingênuo na escolha amorosa, considere-se para tanto o que a psicografologia define como sendo o "amor":**"Em nossos dias,...resultado de uma série de observações sutilíssimas e o extrato de sentimentos filtrados**

ao coração amante, alicerçado pela potência irresistível dos impulsos genésicos".

Essa representação do amor, justifica plenamente a intervenção psicografológica no âmbito da escolha conjugal, de vez que em toda escolha, o processo de seleção faz espontâneamente apêlo à racionalidade. O auxílio científico acrescenta-se a uma função que se supõe operante e ativa nos procedimentos de escolha amorosa.

O companheiro ideal é apresentado assim como resultado de uma escolha racional, fria e desapaixonada, que supõe a inclusão de um olhar "positivo" de extração científica:**"Para conseguir, então o fim desejado _ isto é, o clima sentimental propício para um casamento auspicioso _ compete a nós psicografólogos, a determinação da compatibilidade recíproca dos pretendentes".**

O companheiro ideal, depende de algo que os "nubentes almejam, um do outro". Portanto, é com relação aos traços que são "desejáveis" no parceiro que a consultora vai se pronunciar. Do mesmo modo que um procura no outro uma espécie de caráter ideal, quer fazer com ele, com esse parceiro ideal, um "casal modelo". Assim, a escolha apaixonada articula-se com as imagens idealizadas do par do outro sexo.

Frente ao conjunto de suas aspirações cada nubente precisará "por na balança" as virtudes e as falhas do parceiro. São considerados traços de caráter ideais

independentemente do gênero: **"Honestidade, Lealdade, Franqueza, Senso de Responsabilidade, Ambição de Progredir, Bondade, Espírito de Abnegação e de Camaradagem, Amabilidade, Paciência, Sinceridade Absoluta".** Nomeadamente os traços negativos ou indesejáveis são:**"Mesquinhez - Vaidade Exagerada - Ambições excessivas - Infidelidade - Falta de Responsabilidade - Fácil irritabilidade - Hipocrisia."**

Essas são as qualidades ideais para todos os sujeitos. São qualidades que qualquer pessoa quer encontrar na pessoa amada. O parceiro ideal apresenta-se aqui como um sujeito universal, típico, e portanto ideal num sentido muito específico: o de **"representação ideal coletiva".** Todos sem exceção, aspiram ser um "casal modelo". O "casal modelo" é a outra **representação ideal coletiva** que circula nesse imaginário e designa o "par" cujos traços de caráter se aproximam das qualidades ideais .

A direção do aconselhamento trata essas aspirações como criações imaginárias, relacionando-as com os obstáculos à consituição de um relacionamento satisfatório. A difusão da grafologia explora o mito de que o destino dessas produções ilusórias é a decepção. É na suposta inexorabilidade desse destino que essa "arte de aconselhar" ancora a virtualidade da demanda de seus serviços.

Por essa razão, a idéia de que a paixão oblitera a capacidade de discernir sobriamente é seguidamente mencionada: **"A imaginação exaltada** leva o rapaz a "...só

enxergar a beleza física, a candura e meiguice, a timidez e necessidade de proteção da sua eleita". Assim, uma namorada é sempre escolhida em virtude **"do charme, espontaneidade e alegria".** A moça, por sua vez:**"...vive adorando as atrações masculinas , a energia e firmeza, a coragem e generosidade e as atenções carinhosas a ela dedicadas."** Ficam impedidos de penetrar na realidade e **"conhecer o verdadeiro retrato íntimo de cada um".** A acepção de companheiro ideal como efeito das aspirações idealizadas revela-se através desse trecho e indicando sua vinculação constitutiva com as ilusões produzidas pela paixão amorosa.

Surpreendentemente, as qualidades admiradas num e noutro sexo não guardam uma relação próxima com as qualidades ideais que , independentemente do sexo, todo sujeito aspira encontrar na pessoa amada. Ao contrário, são ditadas pela ligação ao gênero de modo inequívoco, apontando portanto que a escolha apaixonada repousa sobre uma "distribuição das qualidades ideais de acordo com o sexo". Seria legítimo concluir que essa distribuição dos traços de caráter segundo a diferença anatômica dos sexos é uma armadilha da paixão ?

A compatibilidade do caráter é uma noção que remete à **desidealização** no processo de escolha. O "encaixe" bem feito das tendências, inclinações, temperamentos, vocações constitui-se como um paradigma racional que vem definir o companheiro ideal pela avaliação correta ou seja, não romântica, dos traços de caráter. Novamente, os traços de caráter "ideais" numa escolha amorosa não guardam qualquer

relação com a diferença sexual. Confirmará a relação entre desidealização e dessexualização ?

Alguns excêrtos de cartas de leitores indicam entretanto, que a noção de companheiro ideal, tem frequentemente uma relação mais íntima com uma versão leiga da **"compatibilidade de caráter"**. O parceiro ideal neste contexto não é apenas o sujeito que reúne determinadas qualidades apreciadas universalmente ou que é efeito da captação de um "puro" olhar amoroso, mas alguém que por certos traços particulares é percebido como o mais "conveniente", como parece querer expressar uma leitora em sua carta:**"...tenho de confessar-lhe que estou amando um rapaz de muitos méritos que confessou ser eu o seu ideal, como eu considero ele o meu ."**

A noção de companheiro ideal, como o companheiro adequado em virtude de características particulares e que fazem dele uma espécie "metade perfeita" do outro surge na resposta a esta leitora: **"Ele é bem capaz de ser o companheiro ideal destinado pela Providência Divina a desenvolverem juntos as suas melhores qualidades humanas."** A noção é romântica e supõe um tipo de complementaridade arquitetada pelo destino. A resposta a essa carta mostra que a escolha apaixonada é legítima sempre que é "conveniente".

A idéia de "casamento modelo", surge igualmente num contexto desidealizador. Assume assim um sentido diferente e parece dizer respeito à capacidade dos parceiros de investir prazeirosamente a imcompletude do parceiro com relação aos

traços idealizados. O casal modelo não é então aquele que é suporte de qualidades ideais e sim aquele que reconhecendo "maduramente" as qualidades e defeitos próprios e do parceiro é capaz de se empenhar num processo de aperfeiçoamento de seu caráter e do relacionamento conjugal.

"...deve compreender que podemos ver os defeitos de alguém e continuar a amá-lo mesmo assim....tem que sair do romantismo e compenetrar-se de que para haver casamento é preciso que haja duas pessoas esforçando-se lado a lado na mesma direção."

A passagem da "idealização do parceiro" à "desidealização" é o tema obrigatório dos textos de aconselhamento conjugal. O romantismo que precede o casamento, transforma-se paradigmáticamente em desilusão: **"Depois de casados, vivendo juntos no seu lar, a realidade manifesta-se por fatos desencorajadores: ele logo se entrega a uma certa negligência,tanto nos trajes como nos modos de expressar-se, embora, antes desejasse distinguir-se pelo seu gôsto fino, sua boa aparência e sua conversa cativante. Não demora, êle deixa também de fazer os tão apreciados elogios e galanteios para sua jovem espôsa, deixando-se levar, muitas vêzes, por uma disposição de fácil irritação ou desânimo. Ela, do seu lado, começa a fechar-se dentro de si. Quando fala revela exigências e pretensões difíceis de realizar e mostra-se amante entusiástica das aparências, em flagrante contraste com a simplicidade da noiva."**

As mudanças dos recém-casados são entendidas como relevando da emergência de seus "traços verdadeiros", que vistos a olho nu, descortinam o panorama árido da "incompatibilidade de gênios".

É em torno das vicissitudes dessa incompatibilidade e do sentimento de desilusão que cerca sua descoberta que se estabelece o campo das relações matrimoniais como campo privilegiado da "elaboração da subjetividade". Nenhuma demanda, parece fornecer material mais generoso para a observação psicológica do que aquela que releva das desavenças conjugais. É nesse terreno, que o aconselhador vislumbra a expressão mais viva do caráter . É também nesse terreno que a "tarefa" de submeter-se a uma exigência voluntária de mudança pode ser retratada com maior acuidade.

A sentimento de desilusão é sistematicamente articulado com a inserção dos sujeitos, que inevitavelmente antecede o casamento, na família de origem. É uma constante no material examinado que a desilusão do rapaz seja relacionada com a descoberta de que a mulher foi **"Uma criança muito estragada. Com um abraço e um beijo os pais faziam o que ela queria...Sua mãe limpava seu quarto pois achava que ela não era doméstica".**

Os problemas conjugais são o resultado da falta de severidade dos pais ao educar os filhos: **"Os jovens casais continuam sofrendo o êrro dos pais: desuniões, separações, desquites e divórcios por qualquer motivo...Nunca encontrei**

adultos que culpam seus pais por terem sido rígidos em demasia. Pelo contrário, agradecem-nos. Os pais mais adorados por seus filhos, não são os fracos. São os severos, rígidos, os que mandam com a razão. É uma lei a que ninguém escapa, mais cedo ou mais tarde."

As consequências de uma educação muito branda se traduziriam com perfeição no quadro que é pintado de uma certa esposa, através das reflexões do marido: **"Também não era perfeita dona de casa...o apartamento vivia imundo, ela tira a poeira por cima e varre pelos meios, mas uma boa limpeza nunca lhe ocorreu. É incapaz de preparar uma refeição decente,...Lembrou que isto fora a razão de sua primeira disputa. voltara exausto para casa após um daqueles dias em que tudo está errado. Comera um sanduíche no almoço. Para o jantar só encontrou uma espécie de pastelão 'comprado', nem sopa. nem frutas, nada...João perdera o contrôle".**

O essencial portanto das decepções amorosas relaciona-se com a escolha mal feita ou com o "despreparo para o casamento". A paixão correlaciona-se com o infantil e o irreal. O "ideal" com a ilusão. A solução é entretanto ortopédica e pedagógica. Ortopedia que prometendo higienizar o campo da paixão , promete escolhas "bem feitas". Pedagogia que dos papéis adultos que previne os desajustes da "instituição" do casamento.

A passagem da "idealização" à "desidealização" como uma condição essencial e inevitável do sentimento amoroso não se

enuncia em momento algum do trabalho da grafóloga. Sua noção de "realidade" restringe-se à consideração pelas injunções sociais e institucionais. Assim o "companheiro ideal" é antes de mais nada "conveniente". Isso inclui a identidade de posição social e a conjunção de traços de caráter. Os parceiros no casamento devem estar preparados para o exercício adequado de seus papéis e funções. Sua educação deverá tê-los preparado para suas futuras responsabilidades.

Para ilustrar o evidente contraponto com o início da difusão psicanalítica note-se a importância concedida à necessidade de reconhecimento da realidade psíquica que não se reduz aqui às exigéncias sociais ou institucionais.

A direção do aconselhamento dedica-se a ensinar a manejar as mudanças no sentimento amoroso. Ao referir as decepções do casamento às ilusões da paixão, seu objetivo é instrumentar o sujeito a enfrentar o desenamoramento sem dissolver o casamento. A suposição de que as decepções levam à tentativa de **"renovar aquilo que o tempo consumiu: a magia do amor"** leva essa consultora a fazer esse **diagnóstico: "mas , ainda que esse encontro seja chamado de amor não o é na realidade. É antes uma necessidade de reviver tôda a gama de emoções que vão do primeiro olhar ao primeiro beijo e que - por mais profundo e verdadeiro que seja o sentimento que as segue - são para sempre 'irrepetíveis'. O amor não é um sentimento estático: descreve uma parábola e, por isso vai mudando sempre. Pode ir-se tornando cada vez mais completo e profundo, pode não voltar jamais, mas o fato é que nunca, em momento algum voltará ao clima que existia no começo."**

É a partir de uma ortopedia e uma pedagogia da decepção que as fontes consultadas dirigem as consciências de suas leitoras.

III- NOTAS SOBRE A DIREÇÃO DO ACONSELHAMENTO: O sujeito da moral religiosa e o sujeito da elaboração estética

A direção da elaboração da subjetividade em cada um desses modelos não é exclusiva. Em nenhum momento quisemos sustentar que são modelos que se opõem ou que se substituem totalmente. Ao contrário parecem ser plenamente complementares. Tanto no campo da problematização e elaboração do caráter do sujeito como no terreno das relações amorosas entre os sexos. Difícilmente, um sujeito determinado pode ser suporte das características exclusivas de um dos modelos. Entretanto, como já assinalamos anteriormente, há uma relação entre cada um desses modelos em relação ao ideal masculino e ao ideal feminino. Uma inclinação pela predominância do modelo estético no campo das representações do feminino parece uma indicação de que a modernização social começa a exigir mudanças no ideal de feminilidade.

A direção do aconselhamento produzida pela grafóloga é consistente com os valores que circulam no restante da revista e realiza uma soldagem de um e outro modelo de sujeito, de acordo com as circuntâncias particulares que se

apresentam na "análise do caráter" do leitor e da especificidade de sua demanda.

III.1- SUJEITO DA CRISE, DO TRAUMA E DO SUBCONSCIENTE

As categorias de crise, trauma e subconsciente não são próprìamente descontínuas com o modelo de sujeito moral religioso ou com o modelo estético que domina a direção do aconselhamento. Tudo leva a crer que que se articulam com modificações no modelo estético e que se relacionam com o crescimento do processo de modernização social. Surgem explicitamente no vocabulário que circula através da demanda e da direção do aconselhamento em algumas poucas cartas. Um artigo que encontramos num dos números da revista revela que a atividade da grafologia estava associada com a teoria junguiana. A explicitação nas cartas de noções como trauma e subconsciente seriam possivelmente uma consequência do movimento de difusão da atividade de aconselhamento fundada na psicologia com pretensões científicas. Na medida que o processo de difusão ocasiona uma maior aceitação desse modelo de aconselhamento, acreditamos que seus presupostos mais afastados do senso comum ganham coragem de vir à luz. Essas categorias articulam-se perfeitamente com as noções anteriores sem importar em ruptura. Essa harmonia tem raízes, essencialmente, na hegemonia das representações oriundas da moral religiosa e na plena articulação nos termos do modelo estético, e que ainda regem o conteúdo principal das perguntas e respostas. A referência a idéias junguianas

parece ser o meio pelo qual é mantida a ligação com o universo de representaçoes da moral religiosa, com o sujeito do modelo estético, ao mesmo tempo que através dele já se veiculam as noções que acreditamos terem aberto o espaço ao início da difusão psicanalítica.

Sustentamos nossa suposição, na observação de algumas das perguntas e respostas que parecem conter algo novo com relação à demanda e à direção do aconselhamento. O leitor não pede ou pelo menos, não pede apenas uma análise do seu caráter. Ele apresenta uma questão sob a forma de um desejo de saber sobre algo que parece proceder de uma relação com um enigma.

O pensamento junguiano parece suturar, fazer a ligação, entre o universo pré-psicanalítico e o início da difusão da psicanálise. Essa ligação do pensamento junguiano com modelo de sujeito estético se mostra, transparente, no artigo que se segue e que se intitula "Inventário é Espiritual". O autor anônimo do artigo refere-se à obra "Tipos Psicológicos" de Jung, como peça de apoio para a realização do inventário "espiritual". Este inventário consiste num exame "sem amor próprio e sem aversão" do próprio eu. A "conversão" a si mesmo resultaria da utilização exaustiva "a serviço de seus fins" das características herdadas ou adquiridas que são "as disposições anímicas subconscientes".

A ascenção pessoal, material ou profissional, condensa o essencial dessas finalidades para as quais será preciso pôr

os hábitos a serviço. "Vigilânia persistente" e "transformação interna" dos maus hábitos é o que o autor se propõe a ensinar. Disciplina para **"podar impulsos supérfluos ou nocivos , estandardização e concentração dos impulsos intuitivos."** Formar novos conteúdos emocionais e caracterológicos, pois **"a pertinácia da ação tornará desnecessários os propósitos exagerados"**, enquanto que da compreensão exata **"fluirá a força motriz da vontade".**

Assim, a sujeitos que transformam a vida num "desejo utópico", protelam tudo, demoram-se a tomar decisões e estão sempre pela metade na vida presente. Metade de seus "eus" fantasia, sabota deliberações e convicções e desperdiçam a vida. Outros ainda são "afobados". A pressa, a impaciência, a irritabilidade e a mania de trabalho são supercompensações e conduzem à polêmica, ao conflito e a relações inasmistosas com outros. Os hipersensíveis, inquietos e angustiados carecem de disciplina em sua vida mental. Lamentação e auto-comiseração são o resultado desastroso dessa **"incapacidade geral de dominar-se".**

Essa apresentação sistemática e disciplinar contrasta com algumas das expressões da demanda. Algumas das pessoas que escrevem à grafóloga não parecem pedir um "programa de reforma de hábitos". Sua demanda reclama um saber e não "o que fazer". Essa nova apresentação da demanda, esta inflexão que pensamos ter captado neste registro vamos procurar articular com possíveis mudanças no domínio da resposta ou da escuta, cujos efeitos para a direção da elaboração da

subjetividade será importante para os nossos propósitos avaliar.

Uma leitora que se identifica pelo pseudônimo de **solteirona insuportável** quer saber porque é tratada , aos 35 anos, com um certo desdém por aqueles que a vêm como meio velhota e fora de concurso. Em sua carta, essa moça diz **"Sei que não estou sozinha lamentando-me da intolerância de meus próximos , quer dizer, não sou a única solteirona que sofre humilhações e vexames, somente porque preferi não casar com qualquer um que apareceu, fazendo questão, antes de tudo, da mais completa compatibilidade de gênios, relegando partidos puramente vantajosos no sentido financeiro e social.(...) Sou bibliotecária (...)e ganho a minha vida honestamente sem precisar envergonhar-me em frente de qualquer dona-de-casa."**

Sobre as mulheres casadas, ele revela o seguinte ponto de vista: **"Sinto-me responsável pela minha própria vida e as minhas ações, contente de não depender de ninguém e de não precisar explorar um homem para o meu sustento. Acho exploração, quando a mulher não coopera com o marido, esquecendo que ele também (...) é filho de uma mãe que o queria ver feliz não devendo sacrificar-se pela família e os caprichos da mulher, como em muitos casos acontece."**

Essas confissões fundamentam a análise da grafóloga quanto ao caráter da consulente, levando-a a descrevê-la como uma pessoa de temperamento ardente e decidido, espírito independente e positivo, tendências autoritárias e pretensões

elevadas, pessoa do tipo lutadora , de senso moral incorruptível, idealismo e exclusivismo nas idéias e capacidade de compenetração aguda. Resposta que dá livre curso à tendência desse modelo de aconselhamento de proceder "inventário espirituais", com os quais se pode vincular secundariamente as operações de "conversão" e "vigilância".

Note-se que essa leitora, apresenta uma clara inversão do papel social. Ela trabalha fora, é responsável pelo próprio sustento e aos 35 anos nao se casou. Ao caracterizá-la, surgem como traços de caráter aqueles que normalmente convêm ao gênero masculino segundo o modelo estético.

A carta dessa leitora traz uma novidade no que diz respeito entretanto ao campo do sentimento. Seus temores quanto a não querer explorar um homem e suas elevadas pretensões quanto ao desempenho dos papéis de espôsa e mãe são justificados por ela mesma como um possível efeito de uma comparação com sua própria mãe que pudesse revelar-se desfavorável a si própria. Textualmente, ela diz **"Minha própria mãe era um exemplo admirável para nós membros da família e para todos os amigos. Talvez fosse esse fato um dos motivos mais fortes, que me desanimou, na hora da decisão irrevogável, de não sentir-me comparável a ela ?**

Essa leitora acredita estar de posse de sentimentos que ela não conhece. Lembramos a economia de visibilidade dos sentimentos. São sempre algo que só o sujeito pode conhecer.

Ou dito de outro modo: não existem sentimentos "inconscientes". A estrutura da demanda dessa moça está assentada, diferentemente das cartas que apresentamos até aqui, num outro tipo de desconhecimento e que refere a sua demanda a um enigma e um desejo de saber.

Não é possível afirmar que essa surpreendente referência a um motivo não consciente tenha despertado a resposta da consultora, que apresentamos em seguida:**"A análise grafológica indica a mais , que você passou na sua puberdade por uma grave crise emocional, a qual a afetou bastante,deixando marcas indeléveis no seu subconsciente."**

Registramos uma inflexão na categoria do sentimento tanto no âmbito das declarações da leitora, quanto no terreno das respostas da grafóloga. A alusão a um motivo hipotético, provável, e que diz respeito a sentimentos que a leitora acredita que talvez alimente, sem que entretanto sejam de seu domínio consciente, parece dar lugar no campo da resposta à emergência da noção de subconsciente. Através dessa noção, estabelece-se uma diferenciação na idéia de personalidade que passa a conter uma dimensão ausente do campo da consciência.

A apresentação da demanda a partir de um enigma supõe como condição que em seu horizonte ele considere algo como o "subconsciente". A resposta é, bem entendido, a condição de possibilidade da própria pergunta.

Do mesmo modo, a idéia de crise, bem como a idéia de marcas deixadas no subconsciente estabelecem uma ordem de determinação distinta daquelas relacionadas até o momento. Os traços de caráter ou a personalidade (lembrando que essa noção inclui a inserção social do sujeito) suas vocações, vontade e seus sentimentos, não esgotam mais a totalidade da concepção de sujeito. Nosso propósito, seria a partir dessa constatação procurar perceber como é que a inclusão dessa noções repercute sobre a direção do aconselhamento.

O sujeito do trauma pode, de acordo com a resposta à carta de uma leitora, tê-lo "...**produzido na infância de modo que ele agora subsiste como complexo no seu subconsciente. Alguma vez em seu passado distante, na sua infância, você cometeu um engano ou uma ação pela qual deveria ter sido severamente recriminada, castigada ou envergonhada." Essa resposta foi endereçada a uma leitora que se apresentou conforme se segue:"Quando pequena, eu era uma garota sem graça, que não sabia conversar, nem rir, não fazia amigos e não tinha prazer em festas, talvez porque sempre que faltava um lugar na roda, eu ficava de lado... Crescendo senti que a falta era minha e tratei de mudar meu gênio. Sei que já consegui bastante, mas há muita coisa que eu sinto de errado em mim e não consigo vencer.Se tenho que pedir alguma coisa a meu chefe,por exemplo,mesmo tendo certeza de que a obterei, fico tremendo e com as mãos molhadas. Se mesmo conversar com uma pessoa íntima , deixa-me nervosa e sem assunto e se me esforço por manter animada a palestra , digo coisas**

diferentes daquelas que penso realmente. E sempre falo alto demais."

A resposta da consultora a essa carta parece referir os sentimentos de vergonha, timidez, e as tendências à exclusão a sentimentos "subconscientes de culpa". A origem desses sentimentos foi algum "acontecimento real", algo de quê a moça foi culpada e pelo quê nunca recebeu o devido "castigo". A introdução da noção de "subconsciente" não importa numa laicização do modelo de sujeito. O imaginário da moral religiosa continua determinando o essencial desse modelo de sujeito. Assim, a falta da confissão, do arrependimento e da penitência teriam feito dessa moça uma vítima do sentimento de culpa permanente e que estaria a se manifestar através dos "comportamentos" que veio a relatar em sua carta.

Ao recomendar, entretanto, a essa leitora que procure confessar esses acontecimentos a alguma **autoridade** de sua confiança ou até voltar a escrever à grafóloga contando toda a "verdade", abre-se juntamente com, o que no campo da escuta aparece como uma diferenciação diagnóstica, uma nova direção no aconselhamento. A oferta de uma "análise do caráter" ou de conselhos sobre como alterar alguns dos aspectos indesejáveis do mesmo, é nestes casos que envolvem algo "subconsciente", acompanhada da sugestão de "confessar-se com alguém de confiança". Mencionamos explicitamente esses casos porque eles contêm aquilo que será nas décadas de 60 e 70 a direção dos procedimentos de elaboração da subjetividade. A experiência do "acompanhamento clínico" estende no tempo,

amplia a quantidade de encontros entre o aconselhador e seu cliente. As psicoterapias, fundadas no acompanhamento de mais longo prazo, encontram sua plena justificação a partir da admissão no imaginário das práticas de elaboração da subjetividade das categorias de trauma, crise e subconsciente, na medida em que configuram uma dimensão do sujeito que, não pertencendo de direito à vida consciente, não podem contar plenamente com seus poderes de "cidadão da própria alma" para transformá-la.

As novas modalidades de atendimento, ancoradas inicialmente nessas categorias, trazem para o imaginário social a figura do indivíduo privado de seu poder de auto-determinação. Ele não se beneficiará, portanto, de conselhos. Os defeitos do caráter, do momento que são remetidos a essa nova ordem de determinação, passam a veicular algo como "uma perda da cidadania da alma". O sujeito começa a deixar de ser visto como senhor de sua personalidade, de seu caráter de seus sentimentos. Com isso ele deixa de ter amparado o seu direito e dever à plena direção da própria consciência. O declínio tanto do sujeito moral religioso, quanto do sujeito estético se estabelecem a partir dessa perda de cidadania.

Outro leitor apresenta sua questão em termos que repetem as características da carta reproduzida acima. Também ele estrutura sua questão como um enigma que envolve um comportamento incompreensível. Essas cartas diferem de tantas outras cuja característica principal é o pedido de conselhos com relação a um dilema consciente. Nestes casos o que o

leitor quer saber é como agir com respeito ao que seria mais conveniente, fazendo apelo à sabedoria e à experiência da consultora. Conforme poderá ser confirmado na carta que se segue, o leitor fala sobre algo, em si mesmo, que escapa inteiramente à sua compreensão. No horizonte que possibilita a estruturação da questão enquanto tal, reina, subjacente, a noção de "subconsciente".

São do leitor as palavras que se seguem:"**Moro aqui em Recife. Apesar de ter vindo de um sítio nunca gostei da vida na cidade onde moro, razão, porque, tenho a maior saudade possível de ir morar em São Paulo. Porém, quando estou de viagem marcada, sempre acontece algo para impedir a mesma...Meu desejo maior é que eu more com minha mãe de quem estou separado há 19 anos.Mensalmente mando a ela a sua mesada, porém, não sinto pela mesma o verdadeiro amor filial.**" D. Olga Mayo supõe a este consulente igualmente motivos subconscientes para não amar sua mãe. Provavelmente alguma injustiça proveniente de um preconceito, de uma incompreensão, e lhe recomenda que faça um honesto exame de consciência para chegar a encontrar esse fato esquecido. Deste modo poderia perdoar sua mãe tendo em conta que naquele momento ela teria sido jovem e diferente do que é hoje.

A noção de trauma faz referência à cristalização no tempo. O "subconsciente" é, no contexto dessa resposta, associado com uma experiência "real", de "conteúdo desagradável" que não foi retificada naturalmente pelo tempo. Pode-se concluir que o sujeito ficou prisioneiro de um

equívoco, pois seus sentimentos com relação à sua mãe já não se justificariam mais no tempo presente. Trata-se portanto de sentimentos irreais.

Se a primeira moça sofre de um sentimento de culpa por uma ação pela qual não foi, mas deveria ter sido, repreendida, o rapaz é portador de sentimentos igualmente subconscientes de raiva por uma mãe que foi injusta com ele. A palavra perdão aparece explicitamente. O trauma articula-se, ao que poderíamos supor, com uma "repreensão", que deveria ter havido mas não houve e outra que houve quando não deveria ter havido. Por isso a moça não teve quem a repreendesse e perdoasse, enquanto que o rapaz foi vítima de uma repreensão injusta. A relação entre trauma e "repreensão" remete à noção de carência e excesso nos instrumentos educativos. A "repreensão" não é um mecanismo intrapsíquico e sim algo que diz respeito à coerção externa. Assim, também o subconsciente não é "inconsciente". Sua origem tem relação com a coerção externa . Esta teria produzido um "quisto", um "abcesso", uma espécie de "segunda consciência" que a "confissão" e o "perdão" podem dissolver. Recomendando ao rapaz que "faça um exame honesto do seu passado" de modo a captar o que lhe vai pelo subconsciente, este revela na sua condição de "esquecido". A natureza do esquecimento, entretanto, relaciona-se com emoções que não se "confessaram". Não há menção alguma à categoria de "defesa". Igualmente, esse modelo de sujeito não supõe o conflito como dado essencial à subjetividade. Em consequência do caráter "não-confessado" do trauma, que o aparenta com o "pecado",

encontra sua justificação o psicoterapeuta, na condição de herdeiro do papel de "confessor" ?

O que apresentamos aqui é sem dúvida de valor essencialmente especulativo. São hipóteses que permitem dar conta das mediações entre o modelo de sujeito e os procedimentos de aconselhamento do universo moral religioso e as novas categorias que espelham outras dimensões da subjetividade e que importam em práticas de elaboração da subjetividade diferentes dessas.

Entre as cartas dirigidas à D. Olga encontramos as primeiras indicações de uma demanda de "auto-conhecimento". Leitores que querem conhecer seu ego e que ao menos em princípio não desejam um conselho, uma orientação sobre como agir, e nem mesmo uma informação que ajude a tomar uma decisão ou fazer uma escolha. São demandas inspiradas em necessidades novas, possívelmente induzidas pela difusão do modelo estético de sujeito.

Um leitor escreve na ânsia de "conhecer mais a si mesmo", demanda idêntica a de outra leitora que diz desejar conhecer mais o seu "ego" (grifos dela). Ambos revelam sua apreensão quanto a não poder estabelecer um vínculo amoroso, ele por falta de sorte com garotas que atribui aos seus poucos recursos financeiros e pouca capacidade de acompanhar os progressos de sua idade, ela por ter se apaixonado muito jovem, aos treze anos, razão pela qual, aos 17 anos e tendo namorado vários rapazes, não se interessou por nenhum.

Na sua resposta a consultora valoriza a categoria do "sentimento" e não o "subconsciente". Ao rapaz falta "amor por si mesmo" e a moça é cativa de uma paixão que ainda não se desfez. Responde ao rapaz que: **" O que lhe falta é auto-confiança, pertinácia e coragem para traçar o rumo certo e segui-lo. O que você tem em demasia é auto-compaixão."** Quanto à jovem declara que:**"Apesar de sentir-se ainda prêsa aos seus primeiros sonhos de amor.."**

Qual é o estatuto desses sentimentos ? Lembramos, que como pudemos contatar , sentimentos , especialmente de amor pelo outro, são do domínio privado do sujeito. A resposta a esses leitores trata seus sentimentos como aspectos desconhecidos da subjetividade. Sentimentos "subconscientes" de auto-compaixão? Sentimentos apaixonados "subconscientes"? Não é possível afirmar sem a menor sombra de dúvida que sim. Notamos, entretanto, a associação sugestiva entre a formulação no campo da demanda de um desejo de "conhecer o próprio eu" e a emergência de respostas que retiram do sujeito a posse da consciência sobre seus "sentimentos".

Saber sobre o próprio eu é também incorporar as novidades introduzidas pela difusão da psicologia grafológica, como enuncia a leitora que escreveu essa carta:**"...lhe ficaria imensamente grata se me ensinasse a saber algo mais sobre o meu eu , para que eu esteja capaz de satisfazer minha curiosidade sobre a minha personalidade, mas também inteirar-me sobre essa ciência nova e cativante , mas enormemente**

convincente", e sua carta acompanha a tendência que pudemos observar na demanda do leitor, menos por um aconselhamento direto e referido ao problema determinado que o aflige, e mais por um certo conhecimento amplo a respeito de sua própria personalidade.

Por essa razão sugerimos que a constituição da demanda de "auto-conhecimento" depende essencialmente da resposta que atribui "sentimentos subconscientes" ao leitor. Como dissemos, é preciso pensar o jogo de pergunta-resposta como um campo estratégico, onde a pergunta é já , ela própria, o efeito de um processo de mudança social e da difusão de novas práticas de direcionamento das consicências. Ao mesmo tempo a resposta empenha-se na constituição de uma nova articulação da demanda pela interpretação que lhe concede, expandindo o campo de sua produção.

Essa relação inseparável entre demanda e direção do aconselhamento mostra-se com uma clareza rara no diálogo com essa leitora. A articulação da questão formulada por essa moça põe a nu a inserção da demanda num campo pré-estabelecido de saber. Os termos em que ela se formula não escondem a forçosa iniciação que é a necessária condição da pergunta. Ela quer saber "se sua afetividade se atrofiou em virtude do apego excessivo aos estudos que a fizeram **sublimar** os sentimentos".

Esse extrato da carta de uma leitora é o que mais claramente indica que a problematização da subjetividade já

se apóia no conhecimento da relação entre, como ela mesma se refere "afetividade" e "sublimação". Seu problema já se apresenta sustentado numa relação entre dois termos:"atrofia da afetividade" e "dedicação excessiva aos estudos" que parece apontar uma tentativa de diagnóstico nada intuitiva .

Reproduzimos estes excertos pelo que eles testemunham. São os primeiros sinais do surgimento de uma direção no aconselhamento nas revistas de inequívoca e confessa inspiração psicanalítica. Que nos primórdios a influência tenha sido junguiana parece guardar relações com a proximidade com o universo e valores da moral religiosa. A progressiva modernização e laicização da sociedade, desde essa década é possivelmente o que vai colocar a psicanálise e especialmente Freud (como testemunha a incidência no imaginário da expressão "Freud explica") numa posição privilegiada entre as formas de elaboração, no imaginário social, da subjetividade.

A introdução das noções de trauma, crise e subconsciente são os primeiros sinais de uma ruptura com os modelos de sujeito moral religioso e estético. Não é verdade que a inclusão dessas noções no imaginário do aconselhamento traga de pronto mudanças radicais. Ao contrário, como pensamos ter demonstrado em várias ocasiões, essa assimilação se faz por uma apropriação ao imaginário tradicional.

Por que, de vez que reconhecemos que essa inclusão é homogênea ao universo tradicional, mantemos, ainda assim, a

certeza de que anunciam mudanças na direção do aconselhamento e no modelo de sujeito ?

Nossa convicção é uma questão de interpretação. As noções de trauma, crise e subconsciente interferem, perturbam os modelos moral religioso e estético, no que eles têm em comum. Fundados na cidadania da consciência, dependem da plena potência e soberania dessa categoria no campo da subjetividade. Auto-determinação, vontade, domínio de si, "ideais",auto-sacrifício, e mesmo humildade ou modéstia são noções cativas dessa soberania da consciência.

É verdade, que a modernização social vai super-enfatizar o modelo estético. Ampliado, vem a se converter, como procuraremos demonstrar no próximo capítulo, num ideal também para o gênero feminino. Humildade, abnegação, modéstia, renúncia e auto-sacrifício, espírito religioso e dedicado ao próximo são virtudes que perderão logo a legitimidade frente à progressiva laicização da sociedade.A difusão da psicanálise nos anos 60 e 70 trará a ênfase no modelo estético de sujeito valorizando os traços de caráter típicos desse ideal de sujeito. Independência, "originalidade das idéias", iniciativa, gosto pelo progresso, pela ciência, distância com relação aos conceitos religiosos, são as qualidades que dominarão o imaginário moral e a direção da elaboração da subjetividade.

A preocupação estética com a "qualidade dos vínculos amorosos" vai impor uma higiene e ortopedia da "paixão" e de

outros males afins, como a dependência social, econômica e financeira da mulher esposa e dona-de-casa ou a compulsão do homem à infidelidade conjugal.

Para imprimir essa direção na subjetividade da mulher a difusão da psicanálise deverá reduzir o "inconsciente", conceito da teoria psicanalítica que assumirá seu lugar no imaginário no lugar outrora ocupado pelo pecado e depois pelo subconciente, ao "reprimido". O que for da ordem do inconsciente carregará daí em diante a pecha de resíduo de relações incestuosas, e o "sexual" parece mais um resíduo da categoria do pecado. Representante do infantil, do que não aceita conformar-se ao destino inevitável de fazer do "eu" uma instância dotada de soberania absoluta, o "inconsciente" carreia assim, no processo de inscrição no imaginário social, toda a resistência ao problema do desejo.

A fenda que vimos entreabrir-se nas cartas do leitores que "querem se conhecer", vai dissolver-se nos tempos heróicos da difusão da psicanálise, numa escuta que as reduzirá a um pedido de mudança dos papéis sociais ligados ao gênero.

Será a partir do campo criado pelos artigos, cartas de leitores e respostas a essas cartas produzidas pela psicóloga de formação ou inspiração psicanalítica, Carmem da Silva , que tentaremos avaliar o impacto do pensamento psicanalítico no imaginário social, confrontando-o com os modelos que regem

a concepção de sujeito e a direção do aconselhamento, nos anos 50.

Se nos anos 50 a preocupação maior da aconselhadora é assegurar a reprodução social, o efeito tangível dessa direção evidencia-se no pouco interesse pelo "eu" senão pelo objetivo de oferecer ao sujeito uma via de melhor harmonizar-se com as insituições sociais. A essa harmonia se chama : felicidade.

Nos anos 60 o "eu" ocupará a cena principal num sentido bastante específico. Não se tratará ainda aqui de preocupação centrada na subjetividade singular. Muito pelo contrário, o "eu" estará no centro de uma "reforma" de costumes. Princípio de um "mal-estar na civilização" cujos costumes serão percebidos como coercitivos e inibidores da expressão mais livre do "eu".

A biografia assume sua importância na relação com os efeitos intra-psíquicos dos costumes sociais coercitivos: a "repressão". Inibição, sintoma e angústia, vêm a tornar-se os temas centrais na elaboração do sujeito. A transformação do modelo moral religioso de sujeito em modelo estético, no campo das representações ideais do feminino, vem a ser a direção que o aconselhamento assume na década de 60 que se inicia.

Será preciso avaliar se a inclusão do pensamento psicanalítico na esfera do aconselhamento não importará necessáriamente em alterações no modelo do sujeito.

PARTE 2

TEMPOS HERÓICOS: A "CULTURA PSICANALÍTICA" DA MODERNIZAÇÃO SOCIAL

I. "PSICOLOGIA DA MULHER" POR EMÍLIO SERVÁDIO: O início da difusão da psicanálise nas revistas femininas.

Em março de 1962, tem início na revista Cláudia, uma seção chamada Psicologia da Mulher, cujo autor faz referência explicitamente à obra freudiana para tratar das raízes da feminilidade. O tema é sintomático das preocupações centrais que marcarão o sucesso da intercessão da psicanálise com o imaginário da modernização social. Trata-se então, de por em discussão as diferenças entre homens e mulheres. Lembrando Freud, problematiza suas observações acerca da maior condescendência, menor obstinação, necessidade mais intensa de ternura e amor, característicos da mulher. Interroga-se, quanto à relação que essas características guardariam com o desenvolvimento intelectual. Apoiado em Gesell o autor defende que a inteligência das meninas é mais precoce que a dos meninos. A predileção por objetivos passivos não importa em menor capacidade intelectual. E, o mais importante, conclui que a menina é levada a assumir comportamentos masculinos porque um certo tipo de sociedade, tradicionalmente, valoriza a masculinidade. Forja-se neste argumento o laço entre a teoria psicanalítica e o imaginário da modernização social. O essencial deste argumento reside justamente no reconhecimento das observações freudianas e

subsequente "contextualização" histórica, sociológica e política.

Observamos que a primeira referência explícita a Freud numa revista feminina, traz à baila as diferenças sexuais, mencionando explicitamente a diferença de estatuto social entre o masculino e o feminino.

Essa menção à discriminação social é a senha que comumente revela o propósito modernizante. Trata-se aqui sem dúvida de uma liberalização dos costumes que enseja ampliar a cidadania feminina, afirmando, no entanto, uma diferença essencial e constitutiva entre o homem e a mulher. O argumento de Servádio, faz da maternidade, como potência criadora da mulher, um ponto de apoio para uma estratégia de diferenciação sexual e equalização. Através dessa função a mulher semeia e propaga os dons e valores que a sociedade lhe confiou. Raras foram, entretanto, as mulheres que criaram alguma coisa no campo da cultura e se o fizeram foi às expensas de seu verdadeiro ser feminino. A questão da igualdade social articula-se perfeitamente ao reconhecimento da segregação e diferenciação dos papéis sociais conforme as características de um e de outro sexo percebidas como transhistóricas.

Seu segundo artigo é de maio de 1962 e apresenta a psicanálise como um saber que demonstrou que as exigências interiores de um adolescente e sua consciência moral, "ou seja, aquelas necessidades às quais a psicanálise deu o nome

global de super-ego," são mais difíceis de satisfazer do que as de um adulto. A concepção de adolescência lançada por este autor vai explicitamente, na direção de uma liberalização dos controles sociais sobre a juventude.

"Impulsos instintivos", em desacordo com o "super-ego, fazem do ego adolescente uma vítima da contradição e do conflito. Essa representação da adolescência é nítidamente contrastante com a que encontramos num artigo da revista Lady chamado: "Seja severa com sua filha". Aqui, contrariamente, os pais são conclamados a não se alarmarem com demonstrações de rebeldia e mesmo com atitudes de desvalorização para com a autoridade parental. Estas atitudes são apresentadas como o resultado do esforço de "abandonar velhas ligações" e não a consequência de uma educação insuficientemente severa. A psicanálise inicia sua difusão nas revistas femininas, marcando, no terreno das relações entre as gerações uma posição compreensiva e liberalizante face à rebeldia adolescente disseminando a crença no poder super-restritivo do seu super-ego.

De acordo com Servádio, a menina adolescente aos vinte anos já é psicologicamente uma mulher. Distingue-se do homem por seu maior "narcisismo". Este conceito faz sua primeira aparição definido como **"aquilo que lhe garante maior segurança, maior força de caráter e maior respeito por si própria...indispensável à estrutura psicológica da mulher jovem, justamente porque os seus impulsos instintivos possuem diferentemente dos do homem, maior receptividade. ...o**

narcisismo na mulher é, portanto, uma saudável couraça que a defenderá do natural impulso feminino de fazer-se conquistar, abandonar-se e ceder".

As adolescentes são protegidas pelo seu super-ego exigente e sua consciência moral severa. Quanto às moças de 18 a 25 anos, senhores pais, não se preocupem _ pois delas se encarrega o acentuado narcisismo. As orientações inspiradas em conceitos da psicanálise parecem convergir no sentido de deixar que cada um se encarregue de si mesmo, afrouxando a autoridade parental.

Narcisismo que será a causa de escolhas de objeto amoroso dirigidas a homens que as amem incondicionalmente e que as protejam. **"O narcisismo, em grande parte se transforma e vem transferido na pessoa da criança e de qualquer seu substituto. Atitude que é uma superação e uma sublimação dos instintos e tendências mais elementares e, mais especialmente dos impulsos amorosos e agressivos."**

Sublimando seus impulsos, espiritualizando-os, especialmente os de natureza amorosa, a vida afetiva da mulher se enriquece, comparada com a do homem. Desta tendência pode advir, no entanto, uma excessiva inibição no contato com o outro sexo.

Essa inibição, dentro de certos limites é essencial ao caráter feminino pois relaciona-se com a diferenciação intrínseca entre as funções inerentes à natureza feminina e

masculina - funções igualmente legítimas em seu setor. Ao homem não foi concedida a maternidade biológica ."**Neste encargo, como disse, manifesta-se a criatividade feminina mais verdadeira e, por isso, a mulher não deve considerar-se como rival do homem, e sim como seu precioso e natural complemento.**"

A primeira aparição da psicanálise vem confirmar a vocação para o casamento e a maternidade como a suprema vocação da mulher. A modernização do papel feminino já se anunciava pela via das concepções liberalizantes com relação à autoridade parental. Mas, a psicanálise só se tornaria sua aliada quando, encontrasse em Carmem da Silva uma porta-voz, nos anos 60 e 70.

II. MODERNIZAÇÃO E "CULTURA PSICANALÍTICA"

Desde 1963, quando Carmem da Silva passa a assinar os artigos da coluna A ARTE DE SER MULHER, toma corpo o processo de produção de uma "cultura psicanalítica". Se entendemos por esse termo, um imaginário social confeccionado a partir de categorias do pensamento psicanalítico, o processo de fabricação de **representações ideais**, que tomam forma num imaginário de "tipos sociais" com os quais será "aconselhado" aos leitores que se identifiquem ou, ao contrário, evitem assemelhar-se.

O número de Novembro de 64, na seção "Claudia Responde", Carmem da Silva declara que : **"Ao publicar as opiniões de leitoras e leitores...meu objetivo é promover uma conversa a muitas vozes, um debate franco e esclarecedor, sem que me caiba o papel de juiz dos pontos de vista alheios."** O diálogo, a troca de idéias, a expressividade dos sentimentos, farão a moeda corrente desta cultura onde o valor da mudança e da liberdade, encontram na autenticidade, seu veículo diário.

Ideário muitas vezes reiterado. O imaginário da modernização tem no "debate" sua forma privilegiada de difusão. **"Cada vez mais essa revista se aproxima do que sempre desejamos que fosse: uma espécie de fôro de debates, ponto de encontro entre Claudia e o pensamento da mulher brasileira....De um modo ou de outro, com maior ou menor relutância, resistência, titubeios, sente-se a mulher chamada a refletir , decidir, escolher.**

A idéia de "debate" sustenta uma representação liberal da atividade da revista,"que não quer impor nada a ninguém". O "debate", conquista a adesão, pelo consentimento dado pela "razão". O vigor da "cultura psicanalítica" relaciona-se com esse contexto "racional", que se acredita prototípico da atividade psicanalítica. Aqui, explicar é convencer:**"Nada mais estimulante para nós do que perceber essa reação. Não pretendemos convencer ninguém, não queremos dar a ninguém noções pré-fabricadas sobre o bem e o mal, sobre os deveres do indivíduo para consigo mesmo e para com a sociedade. Ao**

analisarmos e elucidarmos os vários problemas da mulher como ser humano inserido no mundo, nossa intenção é fazer pensar: suscitar a especulação, a dúvida, o debate, a reavaliação crítica de certas opiniões até agora aceitas como pontos pacíficos..."

...A responsabilidade é...termos plena consciência de nosso papel no mundo...em compreender que fazemos parte do gênero humano em geral...temos compromissos definidos e inarredáveis com o destino do mundo, com o progresso, com a evolução."

A "cultura psicanalítica" é indissociável nesse período histórico do imaginário de modernização social. Imaginário moderno das relações amorosas, e das representações de "si" ou representações de sujeito. A teoria psicanalítica do sujeito será instrumentalizada para a confecção de uma tipologia da saúde e da neurose. Por meio dela, os leitores serão adestrados para suspeitar sobre as aparências comuns, sobre os comportamentos mais usuais, sobre os queixumes mais corriqueiros, sobre os atos absolutamente casuais o dedo do determinismo psíquico universal. E no rastro desse determinismo, se constrói uma psicopatologia da vida cotidiana, bastante ágil em reenviar ao próprio sujeito as causas e consequências do que lhe acontece.

A democracia na relação entre os sexos, igualdade de direitos e obrigações, é explícitamente formulada como um ideal de saúde mental. Por essa razão, a maior parte dos efeitos da "cultura psicanalítica" encaminha-se no sentido de

alterar as representações ideais de feminino na direção de uma identificação com o papel social do homem.

Essa identidade será buscada pela inserção da mulher na esfera pública.

" Muitas mulheres acreditam que o nós próximo e imediato - o lar os filhos as pessoas que amamos substitui o nós universal, um engano. O amor é uma projeção do eu em outro ser; mas o eu que está marginalizado com relação ao mundo é um eu incompleto mutilado - e suas projeções, os sentimentos que dêle nascem, os vínculos que ele estabelece com os outros são igualmente - e necessáriamente - incompletos e mutilados.

Trata-se de desenvolver no campo das representações do feminino, uma moral do trabalho.

" As mulheres discutem se o trabalho contribui ou não para a feicidade e auto-realização pessoal. Algumas já chegaram além e declaram categoricamente que os cuidados do lar, a atenção aos maridos e a educação dos filhos lhes proporcionam tudo que elas podem desejar da vida...só pleno exercício de todas as suas faculdades, todas as suas potencialidades e facêtas podem trazer um autêntico senso de auto-realização. Sem dúvida, há um tipo de tranquilidade baseada na repressão das necessidades psíquicas mais profundas, negação de partes de si mesmo, na superficialidade de emoções e sentimentos."

Essa nova moral se propõe pela razão, de modo que será preciso convencer que se trata fundamentalmente de uma questão de saúde. Entretanto, o estigma moral ronda permanentemente o imaginário cientificista da saúde.

"Muita gente confunde com paz, senso de plenitude...Mas essa vivência negativa é muito diversa de genuína auto-realização....A maioria delas, inclusive alega que enche agradavelmente os intervalos que as tarefas domésticas lhes deixam livres: leitura, música, teatros, um bate-papo com os amigos... Longe de mim desvalorizar tais distrações....Um bom livro é um prêmio que se ganha após uma jornada de trabalho - e ao dizer trabalho refiro-me ao social e ao doméstico. Realizadas nossas obrigações com o mundo, com o lar, com a família podemos nos dedicar a ler um livro que alguém escreveu, alguém revisou...cumprimos a parte que nos cabia, temos pois, o direito de desfrutar dessa Monumental tarefa de equipe realizada pelos outros: um livro.(Maio, 66 pags.46,47,130,135)

A outra frente de embates será o terreno da moral sexual. A liberdade sexual é uma idéia que será redefinida. Não se tratará exatamente, como no caso do trabalho, de estender às mulheres os direitos e obrigações masculinos. A nova moral sexual estabelece direitos e deveres, idênticos para ambos os sexos, fundamentados em concepções novas do que seja o ato sexual e consequentemente do que seja liberdade sexual.

"...o absurdo de admitir morais diferentes : uma para os homens, outra para as moças da própria família e do mesmo grupo social, uma terceira para as outras mulheres com as

quais os jovens devem aproveitar a vida. Tantas morais diferentes pra uma mesma situação dão como resultado: imoralidade e hipocrisia."

A redefinição da idéia de liberdade sexual pode ser captada aqui através da crítica ao papel social da mulher.
" Uma das convenções favoritas do sexo feminino é a que reduz a mulher ao papel de complemento do homem. É indiscutível - e perdoem-me por repetir o óbvio - que afetiva e sexualmente os dois sexos se complementam um ao outro....
o casamento, em vez de ser considerado um entre vários objetivos existenciais, passa a ser sua finalidade exclusiva . A mulher entre nós, é formada, educada e condicionada para conseguir um marido....Mas, cuidado: a cultura, os interesses intelectuais não devem ir além do que for socialmente decorativo: mulher sabichona corre o risco de ficar solteira....partindo do preconceito de que a mulher é apêndice do homem, sem moral própria nem responsabilidade; que a virgindade é o único freio ao desregramento feminino, a sociedade se encarniça contra ela."

Uma leitora, que responde a uma carta masculina, dá o tom preciso da orquestra da mudança social. As mulheres reivindicam a fidelidade sexual dos maridos e a divisão das tarefas domésticas: "É tempo de que os homens e também nós mulheres, compreendamos que não é nenhum favor que os maridos nos prestam ao fazer isto. É obrigação. Ambos constituiram uma família. Cada um contribui com sua parte...Não concordo com a distinção entre sexo e amor. ...Não se deve confundir

anormalidade com virilidade. Há homens virís porém controlados. Virilidade não se prova pelo número de mulheres que um homem possui..." (jan 65, pag.4)

A "distância afetiva" no casamento será evocada em diferentes contextos, até que surja a representação de "crise" já nos anos 70. O casamento de papéis segregados começa a ser representado como fonte de todas as distâncias, friezas e incompreensões mútuas. A desigualdade entre os sexos vai assumir a configuração, nesse percurso, de um fator etiológico, causa da apatia e do masoquismo da mulher, assim como da infidelidade sexual do homem.

" ..Você tem espírito romântico e encontrou uma bela fantasia para contrabalançar a frieza de seu marido...O perigo de se refugiar na fantasia é perder de vista a realidade e de repente encontrar-se com as mãos totalmente vazias... Se o comportamento de seu marido é irrepreenssível nem tudo está perdido."(Cláudia Responde:Jan. pág 65)

Desde logo, ficará acertado que em caso algum, o infortúnio deverá ser creditado à sorte. A determinação psíquica universal, a partir do inconsciente, amplia o campo da responsabilidade pessoal, estabelecendo que tudo que se escolhe, mesmo que não se tenha "consciência" das motivações dessa escolha, contou com a cumplicidade e o pleno "conhecimento inconsciente".

III. A ESCOLHA INFELIZ NÃO É UM ACASO: "Dize-me com quem andas e te direi quem és"

Um longo artigo investe contra a "presunção de inocência" daqueles que padecem decepções com uma escolha amorosa. O ponto de partida é a carta de uma leitora que reproduzimos em seguida:

"Adoro meu noivo mas vivemos brigando por causa do seu gênio insuportável. Quero muitíssimo meu marido, mas seu egoísmo, (ou irresponsabilidade, volubilidade, tirania, mesquinhez, rabujice etc..) impede que sejamos felizes."

A articulista se pergunta:"...**Mas o que você ama nele ? A resposta é uma longa, complicada e irrelevante estória que não esclarece...: ela não percebera esses defeitos, o homem soube dissimulá-los hábilmente ou sofreu imprevistas transformações por culpa das circunstâncias ou de terceiros. Se não fosse a ingerência da sogra, o excesso de trabalho, as dificuldades que o coitado padeceu na infância, o descaro de sua provocante secretária, a morte de seu melhor amigo, a desonestidade de seu sócio...Dir-se-ia que houve uma verdadeira conspiração universal para que essa mulher escolhesse o homem errado. E fosse infeliz com ele.**

Do particular ao geral, a articulista traça uma ampla tipologia de "inocentes infelizes" às quais se refere assim:

Chama a atenção a insistência sistemática com que as vítimas dessas situações pretendem isentar-se de responsabilidade pela escolha inadequada.. .

A oposição virtude-vício organiza a tipologia das vítimas de "uma escolha infeliz":

Olhando em torno, reparamos que um bom número de escolhas desacertadas. Mulheres de grande envergadura moral, unidas a sujeitos de conduta duvidosa ou francamente reprovável. Espôsas fidelíssimas, tolerando um marido prevaricador e farrista. Estóicas mães de família labutando árduamente para sustentar o lar e o próprio marido que descura seus deveres. Jovens de grande sensibilidade e cultura apaixonadas por homens toscos e de espírito vulgar. Moças educadas nos melhores padrões éticos seduzidas pela lábia barata dos conquistadores profissionais, que vivem sussurando nos ouvidos impressionáveis a velha e sabida lamentação do casamento infeliz e da espôsa incompreensiva. Mulheres casadas com homens impotentes ou sexualmente perversos (no sentido clínico da palavra perversão). Indivíduos que descambam pela senda do alcoolismo ou do jôgo, arrastando a família na queda. Uma inteligência feminina viva e alerta paulatinamente anulada pelo despotismo de um homem que quer ser a única "personalidade" da casa...

O nome de Freud será então evocado para suspender a "presunção de inocência" e implicar os queixosos com as causas de seus sofrimentos. A "cultura psicanalítica", como dissemos, propagará o famoso "Freud explica", produzirá o

sujeito da "explicação" e representará socialmente o analista como portador de um "código explicativo" investindo contra o "acaso".

Em primeiro lugar, sob o ponto de vista psíquico, não há acasos. Freud afirma que "só vemos o trem quando ele entra na estação, porém podemos ter certeza que ele percorreu todo o caminho desde o ponto de partida."

IV. O DETERMINISMO PSÍQUICO É UNIVERSAL: NÃO EXISTE "ENGANO"

O imaginário da modernização social aspira produzir sujeitos da "razão", da "escolha acertada", da conformidade à "realidade", desiludidos das "aparências": "almas científicas". A representação da psicanálise difundida nesse período é absolutamente positivista em seus pressupostos e sua ação no social. Não poderia engendrar senão a **representação ideal** de sujeito, virtuosamente racional. A realidade psíquica converte-se em realidade física para conferir transparência positiva à eficácia do inconsciente.

Neste artigo, chamado "Amor, Morte e Ressurreição"; Carmem da Silva fornece sua versão materialista e positivista da realidade psíquica: **"Mesmo as pessoas que tratam de reduzir a existência à formulas, sustentando que os sentimentos dependem da disciplina e da vontade, em algum momento de suas vidas vêem desmoronar-se essa teoria porque ela é falsa e não resiste à prova.**

O amor, como os demais sentimentos humanos, tem realidade psíquica e é inclusive físicamente mensurável em termos de eletricidade, de energia. Isso que sentimos como um fluído que emana de nós e envolve outra pessoa (no amor na simpatia, no ódio, no ressentimento) não é um elemento imaginário: é um caudal real de energia psíquica que a ciência chama libido. A energia psíquica invariàvelmente se dirige a algo que passa a ser seu objeto; estamos ligados pela libido aos sêres que amamos, aos que detestamos, ao trabalho que fazemos, ao livro que lemos, ao cigarro que fumamos; até o simples ato de caminhar, devemos investir libido nos músculos e nos nervos."

O combate às excusas fundadas no "acaso" é o instrumento da produção do ideal da escolha consciente e pensada, pelo que a razão assume primazia sobre o instintual. Este último, por sua natureza material deve ser conduzido e manejado pela consciência. Deste modo, o sujeito que pela realidade psíquica não se reduz à vontade e à razão é reconduzido a elas, pelo reconhecimento do inconsciente. Neste contexto, reconhecer a realidade psíquica é pouco mais que um instrumento para dominar o "acaso". A ciência do inconsciente e sua completa tradução desonerariam o sujeito da determinação desconhecida, substituindo-a pela direção da consciência. Observe-se as palavras da articulista:

Também é cientificamente insustentável o argumento de termos sido enganadas por falsas aparências. Cabe citar outra frase de Freud: 'Basta ter olhos e ouvidos para desvendar todos os segredos alheios'. Nem o mais consumado simulador consegue ludibriar a quem não deseja ser ludibriado.

Observando ínfimos gestos, cacoetes, hábitos incontroláveis, pequenas manias, expressões fisionômicas, modulações de voz e até o emprêgo reiterado de palavras-chave, podemos pôr à nu as facêtas mais secretas do caráter alheio. Uma simples inflexão vocal denuncia o ranzinza, um quadrar de ombros delata o agressivo, uma exagerada minuciosidade denota o indivíduo pedante e cheio de manias, o costume de ficar com os fósforos alheios denota uma personalidade imatura. Há pessoas que no curso do diálogo não escutam o interlocutor...são os egocêntricos, os narcisistas, os incomunicados e os inseguros que se escudam atrás de uma barreira de palavras para impedir a penetração, o acesso do outro a seu mundo psíquico. Outros fumam sem oferecer, acendem o próprio cigarro em primeiro lugar e só em segunda instância reparam que a dama a seu lado tem um cigarro apagado entre os dedos; esse tipo de distração indica o egoísta. Alguns pecam por um excesso de amabilidade que chega a ser inconfortável para os outros; dão presentes de modo compulsivo, dispensam gentilezas supérfluas a torto e a direito, como se precisassem congraçar-se, fazer-se perdoar alguma culpa escondida: são reprimidos, tranbordam (pag. 57)hostilidade recalcada. À mesma categoria pertencem os que sempre se arranjam para sofrer tratamento injusto, preterições, ofensas, humilhações e desprezo; essas pessoas, que sempre despertam os sentimentos maternais de certas mulheres, vivem procurando...razões para detestar a humanidade. Há os que julgam o próximo segundo um padrão único, rígido e indiscriminado, atribuindo determinados defeitos, a todo mundo; nesse juízo inflexível podemos ver

uma auto-acusação inconsciente e difusa: tendo a mente plena de inveja, agressão, malícia, hipocrisia, tendências homossexuais, impulsos competitivos ou lá o que for, só conseguem ver os demais sob esse prisma. Há os que esquecem as entrevistas, faltam aos compromissos, chegam atrasados aos encontros e nunca lembram suas promessas, demonstrando pouco senso de responsabilidade e escassa consideração com o próximo. Os exemplos poderiam mulriplicar-se ao infinito.

Conclui-se que os disfarces humanos não disfarçam grande coisa : para desmascará-los, basta querer ver a realidade tal qual ela é. Alegar ignorância para justificar uma infeliz equivale a passar-se a si mesmo um atestado de cegueira voluntária.

Nem a escolha é infeliz por acaso, nem o objeto escolhido pode vir a se modificar. De um só golpe, são dissolvidos um álibi dos mais comuns e destituídas as ilusões românticas de "salvar" a pessoa amada de seus vícios e livrá-la de seus defeitos. A "cultura psicanalítica" investe pesadamente contra as representações do feminino associadas à moral religiosa. A abnegação, o sacrifício, o "amor generoso e desinteressado pelo próximo" serão sistematicamente questionados em nome de uma moral individualista igualitária.

A terceira falácia que a ciência desmente é a das mudanças radicais de índole ou temperamento...A natureza do ser humano adulto, já formado, não sofre modificações fundamentais, a não ser mediante a psicoterapia profunda..."

V. NARCISISMO E ESCOLHA AMOROSA: IDENTIFICAÇÃO E DESTINO

A teoria do narcisismo servirá para tornar o "determinismo psíquico" ainda mais inescapável, pois o que o sujeito escolhe no outro é um atributo que o identifica ao objeto, inconscientemente. Assim a oposição virtude-vício, tal como se edifica no campo das aparências remete a uma profunda identidade entre o sujeito e seu objeto, no vício, inconscientemente.

(A escolha amorosa)"...**é a procura do espelho que melhor nos reflita. Amamos a pessoa com quem podemos nos identificar, isto é, aquela que corporiza as nossas mais profundas e arraigadas fantasias inconscientes, que representa a objetivação de algo que temos no fundo da psique. O amado é a projeção externa do que por dentro, somos ou quiséramos ser...A famosa atração mútua, ...não é mais que o reconhecimento inconsciente de que encontramos o nosso par, nossa imagem no espelho; o instinto sexual, força cega e inseletiva, fornece o impulso e a energia ...porém não é de nenhum modo o responsável direto pela escolha."**

As escolhas "não distorcidas" são o reflexo da saúde psíquica. Na saúde, as fantasias inconscientes não distorcem a "realidade".

"As pessoas psíquicamente sadias sempre escolhem bem, pois o rosto interior que o espelho deve reproduzir é belo;

suas fantasias inconscientes não sofrem distorções neuróticas que falsifiquem a realidade externa, transformando os indivíduos de escassos méritos em homem ideal. Conseguem um razoável equilíbrio entre os elementos subjetivos (o gosto porque gosto, a atração) e os elementos objetivos (as qualidades positivas reais do escolhido) que entram na opção amorosa.

Observa-se pois, que estritamente falando, não há escolha sentimental errada, pois cada um escolhe justamente o que corresponde às suas mais profundas necessidades inconscientes." (Fev 65)

VI. INCONSCIENTE: "O EU, ESSE DESCONHECIDO"

De acordo com Carmem da Silva, "Há momentos na vida em que a realidade nos parece tão penosa que perdemos a coragem de encará-la tal qual e passamos a vesti-la com disfarces criados pela nossa imaginação. Inventamos mitos...Entenda-se por mito, todo empecilho que se oponha a nossos desejos, aspirações, objetivos e necessidades: um fracasso uma contrariedade, a solidão, o desamor, a doença, a insuficiência de meios para chegar aos fins almejados, os obstáculos levantados pela vontade alheia, os inúmeros desafios que a existência lança todo dia. Por pior que seja a realidade, ela é tudo que possuímos e nela, exclusivamente nela, temos de viver; só enfrentando a cara a cara, medindo-a, sopesando-a, estaremos em condições de impor-lhe nossa

vontade, modificá-la, fazê-la nossa aliada. O mito é o cárcere da alma. Vivendo num mundo inventado temos de nos fechar em nós mesmos e proteger sua precária estrutura: cuidamos cada movimento, moderamos cada gesto, com mêdo de chocar contra as arestas da realidade.

...Todos os seres humanos têm sua verdade individual que corresponde às singularidades de seu temperamento e de suas circunstâncias. Descobrindo-a e respeitando-a , cada um de nós estará melhor aparelhado para construir sua própria felicidade em bases firmes. (julho 65, pág.106)"

O sujeito tem de si uma imagem purificada de tudo que não lhe parece agradável. Expurga da representação de si, justamente, aquilo que é mais característico da natureza humana.

"Todo mundo imagina que se conhece muito bem...Encontra uma série de justificações para qualquer faceta que não condiga com a imagem ideal que forjou de si mesmo.

A repressão é o processo pelo qual são suprimidos da consciência, todos os sentimentos e idéias que não concordam com a imagem ideal.

Reprimir, significa suprimir da consciência, afundar sentimentos e idéias nos escuros refolhos do inconsciente e ignorar sua existência. Quando por razões de nobreza, boa educação, conveniência ou sensatez, agimos corretamente com alguém que detestamos, não existe repressão: o que há apenas é equilíbrio, auto-domínio. Se entretanto, não temos

consciência de nosso ódio e até acreditamos estimar a pessoa em questão, estamos reprimindo sentimentos.

A finalidade da repressão é evitar sofrimentos, eliminando da consciência as emoções e percepções que nos causariam dor, desgôsto ou vergonha...Os sentimentos reprimidos têm força dinâmica, pugnam por abrir-se passo na consciência. Encontrando nesta uma barreira, estabelece-se uma luta interior que ocasiona tensão angústia e mal estar, além de absorver o melhor das energias produtivas do indivíduo...a pessoa reprimida ; e por momentos sente-se desanimada , vazia ôca., e por momentos, contraída, agitada, inquieta sem motivo aparente. Para agravar, as idéias reprimidas são astuciosas: procuram meter-se por todas as frestas, se infiltram na mente, na conduta e até no organismo, sob disfarces os mais variados: fobias, doenças, manias, distrações, lapsos, esquecimentos, atos voluntários, pesadelos. (julho 65:pág 128)

A repressão pode ser evitada. A difusão da psicanálise se justifica pelos efeitos de psicoprofilaxia, posto que, os argumentos teóricos apresentados não consideram que a própria repressão seja inconsciente.

Levada a extremos, a repressão pode desencadear processos físicos de verdadeira gravidade. Acho porém desnecessário deter-me nos exagêros mórbidos, que têm seu lugar na literatura psiquiátrica. Apenas desejo mostrar às leitoras algumas das infinitas modalidades de repressão na vida cotidiana, a fim de ajudá-las a detectar, o inimigo dentro de

si, aprender suas táticas, desmascarar suas manhas e derrotá-lo." (Julho 65:128)

VII. UMA TIPOLOGIA DOS "REPRIMIDOS"

São reprimidos, indivíduos que se enganam, que não vêm a "realidade como ela é". Carmem da Silva, aproxima do leitor os conceitos freudianos, trazendo como exemplos de "indivíduos reprimidos", ou "piores cegos, aqueles que não querem ver":

"...pessoas inteligentes e cultas...pontos de cegueira tão flagrantes...negação da realidade. A espôsa enganada, que afirma a malicia popular é a última a saber... A que declara sériamente 'ele vai casar com uma outra, mas é a mim que ele ama'. A que perdeu seu amado e se obstina em atribuir artes maléficas à rival...alimentando a esperança de que um belo dia ele caia em si e volte. O grande escritor em potência que nunca publicou uma linha;..."

O reprimido é um equivocado contumaz, que vive enredado numa comédia de erros.

Assim o faz, por exemplo, a mãe que em nome da disciplina e da educação submete os filhos a rigores excessivos, a duras injunções, a castigos cruéis. A mulher que destratada e humilhada pelo marido não protesta 'por amor', enquanto inconscientemente vai acumulando ressentimento e ódio contra

êle. A pessoa que detesta intrigas e, no entanto, sempre se vê enredada nelas. A que, sendo incapaz de defender seus legítimos direitos, se intitula altruísta e abnegada. A que interfere desastrosamente na vida alheia sob o pretexto de ser útil, ajudar, dar bons conselhos. A que dá o nome de franqueza à sua grosseria...A defensora intransigente das virtudes, que só é indulgente consigo mesma...A que critica os demais o que não se atreve a fazer ela própria. A que tem má sorte de só se interessar pelos namorados, maridos das amigas. (Julho 65: pág. 132)

O esforço de caracterização do "indivíduo-reprimido" desemboca na revelação de que são indivíduos que acima de tudo, mentem, se enganam, a respeito de sua própria natureza, não são autênticos porque não reconhecem a verdadeira natureza humana.

"Observe-se o diálogo que se segue. Exemplifica, para leigo, como deverá proceder, para reconhecer em si, os aspectos reprimidos: **"Sou tímida a ponto de ficar confusa e vermelha sem saber o que dizer, diante de pesoas que conheço bem, parentes, vizinhos. Gostaria de ser eu mesma."**

A reposta focaliza os efeitos da repressão, como vontade de desconhecimento: **"Sua timidez me parece uma forma de simulação inconsciente: você está escondendo algo de si própria, quer passar pelo que não é ante os próprios olhos e tem medo de que os outros a descubram. Por isso sente-se**

inautêntica. Qual é essa nódoa - provavelmente imaginária - que está tentando ocultar / (pag. 13)

Do mesmo modo, todas as pessoas que sofrem, escondem de si sua verdadeira natureza.

"A que se martiriza em benefício da família, enchendo os outros de culpa. A que nada deseja para si, a que jamais sente rancor, inveja, hostilidade, ou ciúme: devo esclarecer que este tipo de pessoa ideal não existe."(julho 65: pag. 132)

VIII. OS REPRIMIDOS E A PROJEÇÃO

O trecho que reproduzimos em seguida ensina a identificar o "ciúme neurótico":

"Certas pessoas sem chegarem aos exageros do ciúme que criam fantasmas, pintam visões e inventam delírios, sofrem de uma espécie de ciúme vago, generalizado, difuso.

Ao "ciúme neurótico", difuso, vago, generalizado e delirante corresponde uma etiologia igualmente vaga, generalizada e difusa. Desse modo, a representação que chega ao leigo do "ciúme neurótico" coloca nessa categoria, potencialmente toda e qualquer manifestação de ciúme. A etiologia, do mesmo modo, abrange quase todos os acidentes comuns da biografia de qualquer um.

Esses casos de ciúme difuso, menos devastadores em seus efeitos, que as grandes explosões de ciúme irracional, não deixam por isso de constituir manifestações mórbidas. indicam falta de maturidade, ausência de equilíbrio, persistência de ansiedades infantis através da idade adulta. Os três matizes do ciúme difuso que acabamos de citar mostram outras tantas facetas da personalidade: a tendência depressiva (vou ser abandonada), o estado de tensão (vou ser ludibriada, agredida) e a condição de egoísmo (no mundo só eu devo existir)...O problema caracteriza a personalidade total, e sua solução depende de um processo de reeducação que pode ser levado a bom termo com valentia, perseverança e boa-vontade....o ciumento dá a impressão de sentir-se decepcionado quando suas suspeitas são desmentidas pelos fatos. E no caso do ciúme mórbido, é justamente isso que ocorre.

A projeção e suas apresentações mais comuns na vida cotidiana, descortina-se por meio de uma tipologia de "projetadores".

A projeção consiste em ver nos outros o que na realidade está dentro do próprio indivíduo. Este projeta suas tendências e fantasias inconscientes...crê receber as imagens de fora para dentro, quando em verdade elas saem de dentro para fora.

Assim, a solteirona ultra-recatada inconscientemente é uma libertina:

...A solteirona ultra-recatada que vive combatendo a 'imoralidade', não faz outra coisa senão projetar sobre o mundo circundante seus próprios impulsos sexuais reprimidos. ...A exacerbação desse mecanismo toma a forma clínica da paranóia; no delírio de perseguição, o paciente tem tanto ódio acumulado dentro de si que se supõe perseguido e odiado por todos.

O ciumento, um prevaricador.

O ciúme obsessivo é a projeção sobre o companheiro de elementos reprimidos. Às vezes o que se projeta são os próprios desejos inconscientes de ser infiel. ...Entretanto, se a fantasia fosse admitida na sua consciéncia e combatida pela vontade e pela razão, em vez de sê-lo pela repressão, o problema do ciúme não existiria...

Outras vezes o que se projeta é a culpa pela própria infidelidade....maridos insuportávelmente ciumentos costumam ser grandes prevaricadores.

O ciumento, pode ser um homossexual.

Há ainda um terceiro elemento que é projetado no ciúme mórbido: os desejos homossexuais reprimidos...se expressam através de manifestaçoes sublimadas...o componente homossexual imperfeitamente sublimado, mantém mais força subterrânea do que seria desejável...O ciúme mórbido é, às

vezes,o disfarce do desejo inconsciente de realizar através do cônjuge uma união homossexual.

Os sentimentos de antipatia, reveladores de facetas inconscientes da personalidade.

"...a antipatia gratuita geralmente provém de material mais explosivo. Em geral o que nelas se manifesta são facetas da própria personalidade intensamente reprimidas que estão pugnando por sair à consciência lutando contra as barreiras que a moral e a razão tentam impor-lhes. A própria intensificação da repressão já indica a existência de conflito mais sério."

O neurótico, não se harmoniza com seus impulsos contraditórios. Sua ambivalência inconsciente é a causa da projeção.

Nas pessoas neuróticas, a harmonização entre dois diversos elementos psíquicos não se dá senão de forma incompleta, precária, mal-estruturada. Daí que todo neurótico revele uma intensa ambivalência de sentimentos e atitudes: nêle, o amor vem sempre matizado de uma subterrânea corrente de ódio; energia e decisão são minados por uma oculta veia de fraqueza e apatia; sob a humildade transparece a soberba, suas tentativas de auto-afirmação são inconvincentes, solapadas pela insegurança. Nunca ele quer totalmente o que pensa querer, nunca repudia tudo que imagina repudiar: não conseguiu uma síntese e integração satisfatória das tendências contraditórias que conflituam a personalidade.

Daí que ele tenha uma necessidade ainda mais forte de projetar nos outros os próprios aspectos que lhe desagradam.

Quando alguém diz que não tolera a mentira, a perversidade, o egoísmo, a ignorância, a suficiência exagerada, está afirmando algo com o qual todos estamos teóricamente de acordo. (pag. 109)

E o nome de Freud é acionado para legitimar uma nova moral. A intolerância deverá ser substituída, não pela transigência, mas pela razão ("juízo de condenação").

"...Freud por sua vez disse: "Quando João me fala mal de Pedro, fico sabendo muito mais sobre o próprio João que sobre Pedro". Em realidade quando notamos certa paixão excessiva no ataque, certa ferocidade intransigemte, já podemos suspeitar que nosso interlocutor se refere mais a si próprio- às partes reprimidas e negadas de si próprio.

...em última análise é mais útil esgrimir a verdade do que atacar o mentiroso. É mais eficaz viver em insubornável honestidade do que agredir o desonesto. Uma atitude lógica sempre será a melhor garantia de autenticidade da moral que pregamos. A tolerância com as pessoas não implica em transigência com os princípios: a razão saberá indicar-nos a fronteira justa entre uma e outra.

A simpatia converte-se, nesse território, em medida de saúde.

Há pessoas que são simpáticas a todo mundo...Como se elas fossem um instrumento por excelência para provocar reações psiquícas nos outros, como se fossem a tela ideal para a identificação projetiva...condensa e sintetiza as demais personalidades, suas múltiplas facêtas refletem aspectos e sentimentos que pulsam, manifestos ou latentes, nos demais. Nada do que é humano lhes é alheio: essa frase define perfeitamente a essência da simpatia como dom pessoal.(Julho 66 pags.108-109)

IX. OS REPRIMIDOS E A TRANSFERÊNCIA

O complexo edipiano, é outra via pela qual se vai identificar a complexa etiologia dos impulsos inconscientes reprimidos.

"O segundo mecanismo determinante do ciúme mórbido é o que poderíamos chamar "êrro de pessoa" ou, em linguagem científica transferência. Um homem fortemente fixado à sua mãe (ou vice-versa a mulher com fixação infantil no pai) vê em todas mulheres principalmente nas que lhe interessam , um reflexo materno. Daí a imaginá-la infiel é um passo: na primitiva constelação infantil - pai-mãe-filho - ele foi a pessoa "traída" do triângulo; para ele o amor, todo amor está indissociavelmente ligado à idéia de traição.

Um fantasma: mulheres que no afã de seduzir um homem inventam admiradores e romances. O casamento pode se tornar

um tormento quando o "terceiro em discórdia" não mais existir.(Set. 64 pag.168)

X. INFIDELIDADE MASCULINA: A DIFERENÇA SEXUAL E A NEUROSE

O problema da escolha amorosa no sentido amplo, aí incluídas as vicissitudes da repressão, prepara o terreno da discussão da infidelidade sexual do homem e do trabalho extradoméstico da mulher. A "escolha infeliz", assume frequentemente a forma do "homem mulherengo". Da responsabilidade inconsciente por essa escolha a mulher não será livrada senão pela modificação dos aspectos passivos e masoquistas do seu funcionamento psíquico. O caminho dessa mudança vai ser traçado de um lado pela demanda de tratamento psicanalítico e de outro pelo trabalho extradoméstico.

"Porquê enganam os homens?", esse é o título de um artigo onde simultaneamente, o homem infiel é qualificado de vaidoso, egoísta, neurótico e sua contraparte, a esposa traída é reduzida à figura do parasita. Esse par, marido infiel/esposa parasita, funciona como a referência negativa central dos "ideais analíticos" que são fomentados no imaginário da modernização social.

"Há o adúltero por fraqueza que só claudica ante uma grande tentação - mais da vaidade do que da carne, entenda-

se. Há o tipo compulsivo que necessita de reiteradas aventuras para apoiar sua deficiente auto-confiança viril. Há o ingênuo que se deixa arrastar ...para não fazer papel de bobo...Há o angustiado que a cada nova traição parece servir ...pretexto para uma posterior orgia de culpabilidade e auto-acusações que durará até que ele caia noutra. Há o adúltero burocrático, organizado que mantém duas casas e sistematiza a divisão de seu tempo entre ambas...Há o convencional que aproveita as noites de álibi...para fazer o mesmo que todos fazem. Há o sádico que tem necessidade de confessar suas conquistas à esposa, seja diretamente, seja através de indícios inequívocos."

Ligando vício e virtude, através do conceito de sublimação, traça as vias pelas quais a mudança no campo da subjetividade é possível.

"O argumento mais comum ...é o seguinte: o homem é por natureza polígamo, enquanto a mulher é monógama...Sabemos que os seres humanos são por instinto rapaces, cobiçosos, egoístas, ferozes....O instinto é como Jano a deusa de duas caras: nele se origina o que o homem tem de pior, mas também o que ele tem de melhor; o altruísmo, a nobreza, a solidariedade não são inventos, fabricações da mente mas sim, a face positiva dos instintos, forçada pela educação. A civilização fundamenta-se justamente nesse processo.

A causa da infidelidade masculina será principalmente a dependência e o parasitismo feminino.

"As próprias mulheres,...vendo no casamento uma espécie de sinecura, um modo de viver na doce inatividade, à sombra do amparo que o marido lhe dá e do prestígio que ele, com sua luta, conquista para o casal no seio da sociedade, sentem - consciente ou inconscientemente - que lhes devem alguma sorte de compensação." (mar. 64 pags.)

Esse artigo é uma resposta às inúmeras cartas enviadas em resposta ao artigo sobre a infidelidade masculina. Por meio dele, Carmem da Silva traça os contornos da ligação entre cultura, sociedade e indivíduo, que vão conferir à "cultura psicanalítica" seu caráter de meio de produção e elaboração "de si".

"...Alegavam que há grandes diferenças fisio-biológicas entre os sexos (quem o põe em dúvida), o que determina padrões afetivos e de conduta muito diversos. A mulher se entrega de corpo e espírito - diziam; para ela sexo e amor vão invariávelmente juntos: portanto a prevaricação feminina configura traição ao homem. Este porém, está constituído de tal modo que para ele, o sexo é uma atividade independente, uma simples rotina física, que de nenhum modo se vinvula com seus sentimentos: uma aventura sexual masculina não implica traição à mulher amada.

Apoiando-se na constatação de que existem mulheres infiéis, cruza a fronteira das representações sociais da diferença anatômica dos sexos em direção a noções mais abstratas e independentes do sexo: neurose e dissociação

entre sensualidade e afeto, estabelecendo-as como paradigmas estruturais à exigir a mudança de costumes e comportamentos.

Mas no presente caso, o sempre foi assim, é, acima de tudo, uma generalização arbitrária e sem base. Por mais que os homens tenham tendência a idealizar as mulheres devem saber muito bem que existem muitíssimas para as quais sexo e amor funcionam como entidades separadas...Impõe-se portanto, ir a fundo do problema: estudar as decorrências naturais das diferenças fisio-biológicas entre os sexos, para distinguí-las das decorrências neuróticas; chegar aos motivos reais do hiato que frequentemente, mas não obrigatoriamente, ocorre entre sexualidade e amor..."

XI. O COMPLEXO EDIPIANO: A INFIDELIDADE É UMA "DISSOCIAÇÃO NEURÓTICA"

Nos anos 60, com apoio na teoria psicanalítica, houve uma reversão radical nas representações do masculino. A associação entre virilidade e incontinência/impulsividade sexual é objeto de uma estigmatização com base na categoria de "dissociação entre objeto amoroso e sexual" características da repressão de impulsos incestuosos do complexo edipiano.

"...Já ninguém ignora hoje em dia que é no seio do lar que tôda criança faz sua aprendizagem sentimental, tendo a mãe por objeto de seu afeto e, também de seus incipientes e ainda

difusos impulsos sexuais. Os carinhos e a solicitude materna constituem a primeira experiência infantil em matéria de dar e receber amor; ao estímulo dos cuidados físicos que a mãe ministra vão se perfilando e incrementando as tensões instintivas (libidinosas) no pequeno....Por isso.."quando eu for grande vou casar com a mamãe"...o pai representa a pedra no caminho, o rival a eliminar...Mas ele também ama o pai...Sem falar no seu medo à possível vingança paterna: que lhe faria esse gigante se soubesse de seus agressivos desejos de suprimi-lo?"

O processo acima não é consciente...são sensações e fantasias que postas em termos conceituais adultos podem traduzir-se na forma descrita....Se suas relações com os pais forem essencialmente positivas,...não estiver impregnado de hipocrisia e tabus sexuais; se nem seu erotismo, nem sua agressão tiverem sofrido estímulos exagerados, se não intervierem circuntâncias externas traumatizantes, ele há de superar com êxito o problema. Após uma ligeira fase depressiva, seus interesse se voltam para as conquistas intelectuais (sublimações do instinto)...Porém se predominarem os fatores negativos ele precisará arbitrar uma saída neurótica para a situação...por um mecanismo de dissociação psíquica ele separa duas imagens: de um lado a mãe pura, assexuada que não concede a mais ninguém as carícias mais íntimas do que dá ao filho...De outro a mãe sexual é corrompida, esta segunda imagem é relegada aos mais profundos extratos do inconsciente para não contaminar a primeira; aí a ciumenta agressão do menino exagera a sexualidade materna, rodeando essa representação psíquica dos

mais degradantes atributos. A infidelidade é, pois, o resultado de um mecanismo de dissociação psicológica. O individuo psiquicamente sadio coloca num mesmo objeto seu amor, seu desejo sexual, seu respeito, sua ternura. Sua aprendizagem sexual foi exitosa, ele pode aceitar a sexualidade dos pais e, em consequência a sua própria, superou a rivalidade com o pai e finalmente identificou-se com ele, isto é, escolheu uma mulher para amá-la, possuí-la e ter com ela relações sexuais satisfatórias....Aliás a notória preocupação da maioria dos maridos prevaricadores no sentido de "não misturar as coisas". Conscientemente justificam-se com a necessidade de preservar a paz do lar - essa mesma paz que suas aventuras põem constantemente em risco; inconscientemente, o verdadeiro motivo é manter a imagem da mãe pura (a espôsa) incontaminada de qualquer associação com a mãe sexual."

Versão ou representação do masculino que pretende fundar a generalidade da associação entre masculinidade e infidelidade. Independentemente de quanto essa associação possa remeter às queixas de numerosas esposas, seu valor estratégico advirá justamente da promessa de uma relação amorosa feliz que Carmem da Silva vai associar com o relacionamento de casal sem papéis segregados. Esse modelo de casamento se estruturaria pelo trabalho extradoméstico da mulher e a mudança no comportamento doméstico e sexual do homem.

Numerosas foram as tentativas de pôr em dúvida a ficção do "marido infiel/mulher "do lar". Uma leitora reage, lembrando a diversidade de comportamentos masculinos e femininos.

"Diz que a caracterização do homem posta no artigo de fevereiro é parcial: "Mas existem ... homens de grande envergadura moral unidos a mulheres de conduta duvidosa, ... maridos fidelíssimos tolerando espôsas namoradeiras, chefes de família que se esgotam no trabalho para satisfazer as exigências de uma espôsa vaidosa e egoísta, rapazes de grande sensibilidade e cultura apaixonados por jovens tôscas e de espírito vulgar, homens virís e másculos vinculados a espôsas estéreis e por que não? - sexualmente pervertidas..."

Numerosas cartas de leitores do sexo masculino reagem indignados às análises de cunho psicanalítico sobre o comportamento sexual masculino. O eixo da argumentação é sempre a diferença entre homens e mulheres quanto ao tratamento concedido ao binômio: afeto/sexualidade.

Leitor responde ao artigo infidelidade..."Tudo se resume apenas nisso: a relação existente entre amor e sexo, encarados pelo homem e a mulher separadamente. A mulher quando se entrega...entrega-se tôda, física e espiritualmente. Para ela a intimidade sexual está estreitamente ligada à afinidade espiritual que os une. Não admite ou não compreende sexo sem amor: ambos coexistem. Conclui-se que uma mulher não se deixa possuir sem amor...Para o homem amor e sexo são coisas inteiramente

diferentes. Ele entende que prova seu amor à espôsa tratando-a bem sem deixar que nada lhe falte, nem à família, sendo gentil e atencioso com ela, carinhoso com os filhos, trabalhando penosamente para dar-lhes uma vida decente..Sexo? Bem isto é coisa diferente ...É instinto, mecanismo puramente físico, perfeitamente dissociado da parte afetiva, espiritual ..É um fato consumado, norma geral e, portanto natural. E como tal deve ser aceito, submissamente, sem explosões de recalques, nem polêmicas, nem linhas em revistas ou jornais...Não será agora ...que nós seremos privados de nossos direitos estabelecidos, por causa de rabiscos escritos...(Out. 64 pag. 5)

XII. FEMINILIDADE: AMOR, AGRESSIVIDADE E CULPA

A complexa genealogia da feminilidade assume a feição de um mal-estar ligado à primeira escolha de objeto amoroso: a mãe. A precariedade do vínculo com o pai é causa da renúncia mais fácil, comparativamente, ao amor edipiano, pois a agressividade ciumenta com relação à mãe é mais insuportável e desperta mais culpa. As consequências serão a leviandade, a inibição neurótica da sexualidade no casamento o celibato.

"É com a figura materna que ambos estabelecem o primeiro vínculo amoroso; mais tarde, quando a sexualidade infantil se define (a articulista não diz como "se define") e intensifica, o garôto sofre um incremento de seus impulsos e sentimentos pela mãe, ao passo que a menina deve (por que?)

mudar de objeto: ela "descobre" o pai e a ele dirige suas atenções eróticas. Sua rival de hoje é pois, a sua amada de ontem....Portanto seu ciúme agressivo é mais traumático, desperta-lhe mais culpa e exige uma repressão maior....ela estará mais disposta que o menino a renunciar ao objeto impossível - no caso, o pai - por amor à mãe....Mas, justamente por ser mais vulnerável à culpa, ela se acha mais exposta à neurose que o varão. Em condições adversas, também precisará dissociar...Talvez não venha a ser uma espôsa infiel, por temor à pressão social; mas pode ser leviana e fácil ou a contrário, uma das tantas espôsas carinhosas e de sexualidade inibida; talvez nunca se decida por um objeto - pois precisaria ter dois...permanecendo fixada a um amargurado celibato; ou...canalizará sua dissociação interior, através dos mais variados sintomas físicos."

Mulheres infiéis existem. A etiologia psicanalítica da "dissociação neurótica" será sempre o sentimento inconsciente de culpa. A neurose feminina se "explica" pela culpa, qualquer que seja a circunstância. As mulheres abnegadas, passivas e masoquistas não são vítimas de etiologia diversa das levianas, namoradeiras e infiéis.

Uma leitora conta que frustrada em seu casamento, vem mantendo relações extra-conjugais com o médico de seus filhos, até que **"desenvolvi um monstruoso sentimento de culpa e isso me levou a um colapso nervoso. Numa cena então havida com meu marido contei-lhe tudo causando-lhe um choque tremendo..." (julho 65)**

A resposta da consultora focaliza as raízes da culpa que são a agressividade: "Houve em você uma deliberação inconsciente, é certo, porém diabolicamente maliciosa de estragar as coisas. Você não quer realmente ser feliz. Está tirando alguma forra contra alguém ...mas sua consciência moral repudia esses sentimentos vingativos e fá-la voltar à retaliação contra si mesma. É você, quem destrói uma a uma todas as suas chances de felicidade.

Mas acha que será útil liberar-se de seu marido sem ter-se libertado da sua necessidade íntima de castigo....Aconselho energicamente que você recorra à psicoterapia. Não é de seu marido, de sua sogra, de suas circunstâncias internas que você tem de se curar é de si mesma, de sua tendência a punir-se, devorar-se, aniquilar-se.

A associação entre feminilidade, culpa e agressividade, é mencionada na carta de uma leitora que relaciona com elas a inibição da mulher no trabalho:...não se trata de que a mulher inveje as realizações do marido porque ela não faz nada de interessante; trata-se de que por um secreto antagonismo contra o sexo oposto, uma oculta rivalidade contra o homem, ela não se atreve a fazer nada interessante, intuindo que se o fizesse suas atitudes estariam fortemente matizadas de competição agressiva."

O secreto antagonismo relaciona-se com a importância social da tarefa:" Abuso: ...o maior grau de emulação agressiva existe justamente nos casos em que a mulher não

desempenha nenhuma atividade de importância social. São donas de casa fechadas no âmbito de suas quatro paredes e de suas tarefas rotineiras que se queixam que "ele sim é que tem sorte; sai, vê gente, faz coisas interessantes, enquanto eu passo o dia me ocupando da casa e das crianças, corro de um lado para o outro e meu trabalho não aparece'..."

Essa mesma carta, faz das lutas feministas, uma espécie de "Totem e Tabu", capaz de explicar a presença desse sentimentos de culpa, agressividade: "Sabemos que a conquista dos direitos femininos ...que sua obtenção custou uma luta árdua e agressiva....pareceria que os resquícios dessa agressão subsistem no inconsciente coletivo, gerando senso de culpa. Por isso nossas mães nos educaram para sermos apenas, donas de casa abnegadas, espôsas e mães imbuídas de espírito de sacrifício. Esse tipo de formação vem incrementar ainda mais o senso de culpa, sublevar-se contra ela equivale, em certo modo, a rebelar-se contra os ensinamentos maternos, a tentar provar que nossas mães estavam erradas."(mar.64, pags 105 e 106)

As tendências características da mulher, são aparentadas com as que relevam do estado de luto consecutivo à experiência da perda.

Bruscamente privados de seu objeto, a libido se desorganiza e tem de procurar novos ajustes, nova distribuição; este processo ocasiona angústia e mal-estar....o excedente fica como que flutuando no organismo,

sem destino e essa momentânea ruptura do delicado equilíbrio energético é sentida como desagradável.

Pensemos agora nas sucessivas cargas de libido que nos ligam ao ser amado, investimos libido nele, em sua pessoa. É sabido que na etapa aguda do amor diminuem os interesses alheios à pessoa amada: a maior parte da libido está ocupada nela. Até mesmo o instinto de auto-conservação (libido investida no próprio eu) diminui;...De súbito cortam-se os laços... Tôdas as cargas estruturadas em torno de uma pessoa, de um sentimento, desorganizam-se, voltam ao eu e ficam como que 'sôltas', tratando desesperadamente de reestabelecer o equilíbrio; daí a angústia, a aflição, o sofrimento físico. Só gradativamente vai a libido encontrando novos objetos: os pequenos interesses quotidianos, o trabalho, as amizades e, por fim, um nôvo amor.

Freud chama a esse processo o "trabalho de luto", isto é a perda por morte ou separação de um objeto importante, o luto anímico por ele. Enquanto dura o luto-fenômeno absolutamente normal e inevitável-dura a dor e não há recurso para mitigá-la."

Também neste contexto, do luto, do rancor e da auto-acusação, são traçadas algumas tipologias que permitem situar no imaginário social as referências negativas no universo de valores da modernização. As referências negativas, ou os "tipos sociais" que melhor exemplificam as psicopatologias cotidianas da má elaboração da perda, servem à edificação majestosa da representação ideal de sujeito cuja perda deu lugar a uma sadia metabolização.

"...Há que desconfiar de quem se cura em dez dias de um amor autêntico, como há que desconfiar de quem passa anos e anos submersa no trabalho do luto. É no esclarecimento dos aspectos normais e anormais do luto psicológico que este artigo talvez possa ser útil às leitoras.

Muitas vezes a dor de uma rutura é mais do que se pode suportar. O eu, invadido de tensão e sofrimento arbitra uma saída falsa:'acabou-se já não sinto nada'. O processo doloroso é reprimido...Subsiste o ligame da energia psíquica com o objeto perdido (com a imagem mental, o retrato psicológico do objeto) só que agora passou a ser inconsciente...Convencida de que aquela história pertence ao passado, a pessoa empreende novas atividades, novos amores. Mas no fundo disso há um artifício, um faz de conta, um vazio....Em realidade, não tem ainda suficiente dose de libido para aplicar aos novos objetos; suas forças psíquicas, voltadas para dentro, acham-se prêsas a uma imagem que não se dissipou: apenas desapareceu da consciência."...

No outro extremo encontramos aquelas pessoas que se mantêm inconsoláveis através do tempo. Desde a figura enternecedora e levemente ridícula da solteirona que se conserva fiel ao noivo dos dezoito anos (até o caso em geral respeitado e admirado) da viúva ainda moça que se dedica exclusivamente aos filhos e ao lar, ou da desquitada para quem 'os homens se acabaram', passando pela mulher abandonada que não consegue emergir da depressão...

Revelando-se a fonte do remorso e das auto-acusações, o rancor contra o objeto amado/perdido, delineia-se o percurso em direção ao ideal de saúde.

Seria interessante examinar a fundo as fantasias dessas mulheres. Imediatamente nos chamaria a atenção a quantidade de remorso e auto-acusações...

Com um mínimo de observação percebemos neste desolado panorama anímico, sobrepondo-se ao amor, à saudade, à tristeza, o que predomina é o rancor: a pessoa acha-se profundamente ressentida contra si mesma.

Como já dissemos rapidamente, ao desaparecer o objeto real, guardamos dele uma imagem mental dentro de nós. Sabiamente a libido gradua o impacto da perda: ausente o objeto, volta-se para sua imagem, da qual vai se desprendendo aos poucos. Essa parte do eu que retrata o objeto, que o reflete, confunde-se com ele, passa a ser o objeto. E é justamente esse setor do eu o destinatário das auto-acusações; as recriminações auto-dirigidas são, em realidade, críticas contra o objeto. É nosso rancor, nosso ressentimento contra quem nos decepcionou que se manifesta nessas queixas."

As acusações cumprem duas funções diferentes: por um lado, preservam o objeto, ajudam a idealizar o que ainda amamos (não é ele que é mau, veleidoso, intransigente, cruel: sou eu), por outro servem de auto-castigo, de punição pelo ódio que abrigamos na alma e que nos parece um sentimento reprovável. Incidentalmente não há sentimentos reprováveis só há atos reprováveis....

O ódio inconsciente fixa, permanece, prolonga indefinidamente a depressão. O ódio consciente, admitido, reconhecido como tal, é como a dor de cabeça: incomoda, mas se o organismo está são, passa.

A solução sadia, como veremos em outros contextos idênticos, define-se pela representação ideal da autenticidade, do sujeito autêntico, que não mente para si mesmo.

Dois elementos entre outros caracterizam a pessoa psicologicamente sadia, a tolerância à angústia e um alto grau de mobilidade da libido. A maior saúde anímica corresponde maior capacidade de tolerar a tensão interna decorrente dos reajustamentos da libido; por outro lado, quando mais facilmente se desprende a libido de objetos e situações já passadas maior o equilíbrio anímico".

A única solução sadia é sofrer a dor, o amor a saudade, olhar cara a cara o contorno do nosso tormento, sem distorções nem auto-enganos. (jan 64, pags 60, 112, 113)
Amor, Morte e Ressurreição

O masoquismo feminino, é uma doença de etiologia cultural e psicológica. As raízes do masoquismo são o ódio inconsciente e este ódio será implicado no texto que se segue com a revolta que se traveste de masoquismo.

"A jovem solteira sofre entre nós, uma intensa pressão social e familiar. Por um lado trombeteia-se aos quatro ventos que o casamento é o único destino legítimo e aceitável

para a mulher. Não se educa a moça para fazer dela um ser humano, aspecto que abarcaria também sua provável condição futura de espôsa e mãe, mas sim apenas para os de espôosa e mãe, delegando a outros sua razão de existir. Sobre ela recaem tabus sexuais com todo pêso..."(junho 66)

A idealização no amor é o sinal inequívoco do ódio inconsciente.

"Também a maioria dos amôres impossíveis se inscreve na lista das evasões amorosas. Todos conhecemos pessoas que se apaixonam perdidamente por alguém que já está comprometido em outra união e nada fazem de concreto para modificar essa situação adversa...A fidelidade incessante ao namorado dos quinze anos, que ao crescer foi cantar noutra freguesia; ao noivo dos dezoito anos que morreu ou sumiu, ao homem casado com o qual tudo teve que ficar em pura fantasia são outros tantos indícios do amor - fuga, amando uma impossibilidade estas pessoas se protegem do amor real..."

A evasão pela idealização é aproximada com "não amar".

"Sendo o tempo e a realidade dimensões inescapáveis do ser humano, amar fora delas, equivale precisamente a não amar."

A idealização mascara o ódio inconsciente.

"...o amado é um conjunto de perfeições; seus defeitos mesmo os mais visíveis para todo mundo não são senão singularidades, características interessantes, sintomas de inteligência e sensibilidade raras. Mesmo as falhas graves se transformam....em qualidades: a irresponsabilidade é sinal de temperamento artístico e rebelde, a grosseria denota uma deliciosa espontaneidade, as traições revelam tal liberdade interior que não se curva a nenhum jugo."

" A análise psicológica desvendou que só se idealiza o que se teme: atrás de todo fanatismo cego, o que se esconde é o medo....o par não é desejado, sua personalidade nos desagrada , seus defeitos talvez insignificantes em si, despertam tal intolerância que não ousamos encará-los objetivamente; a relação é insatisfatória, minada por reivindicações secretas, ressentimentos ocultos, subterrâneos antagonismos.... "

O masoquismo é então a face oculta da idealização.

"Masoquismo não é própriamente prazer no sofrimento...O masoquista é um ser dominado por intenso senso de culpa inconsciente. Leva dentro de si uma juiz implacável, com dedo permanentemente erguido em acusação: o próprio super-ego. Só o castigo atenua o rigor deste juiz: punido por terceiros ou pelas circunstâncias, o acusado paga as suas faltas e tem um momento de paz. Não há prazer, não há complacência no

sofrimento; há apenas uma temporária mitigação da culpa, diminuindo a tensão interna.

Em tempo, o sentimento de culpa não se refere a atos realmente praticados.

"O senso de culpa inconsciente pode provir de faltas reais : agimos mal e reprimimos o remorso. E nem sempre se trata de termos agido mal: há muitos atos que a razão e a consciência aprovam, mas o super-ego - primário, severo, rigidíssimo - não perdoa. Exemplo típico é o da jovem moderna que conscientemente, racionalmente aceita uma liberdade sexual que é intolerável para o seu superego, guardião cioso da moral tradicional...

Na maioria dos casos porém as faltas são imaginárias: ódio, inveja, impulsos homicidas ...que nunca se traduziram em atitudes concretas.

A idéia mais importante, a chave de ouro da nova moral é justamente a idéia de que o masoquista provoca seus próprios infortúnios.

Ponha o destino a despejar bençãos sobre o masoquista - e ele se sentirá trememdamente angustiado. Só na dor ele pode amar...

É preconceito popular que o sádico é o oposto do masoquista...O homem sádico seria o par ideal para a mulher masoquista e vice-versa....Sadismo e masoquismo são duas faces de um mesmo problema.

Esquematicamente, diz-se que masoquismo é ódio dirigido contra o próprio eu, enquanto que sadismo é ódio dirigido contra os outros....O masoquista utiliza os outros como instrumento de auto-punição...Provocando mediante mil manobras mais ou menos sutis, os maus tratos que recebe; ele cria uma justificativa para odiar: foi roubado, enganado, traído, ferido, em seus sentimentos e interêsses."

XIII. O IDEAL DE AUTENTICIDADE

Em "Você vive o tempo presente?" as **representações ideais** de sujeito no imaginário da modernização social, são tematizadas evidenciando-se ainda mais claramente a direção que a "elaboração de si" deve tomar para alcançá-la. A "cultura psicanalítica" reinventa o percurso em direção ao ideal.

Carmem da Silva refere-se neste artigo ao contraste entre duas eras, duas mentalidades tão diversas. Seu objetivo é colocar em evidência o caráter modernizador do sujeito que as **representações ideais** fundadas na "cultura psicanalítica" deverão agenciar.

"Estaremos igualmente atualizados no que se refere a nossa atitude interna, nosso modo íntimo de sentir, de reagir e encarar as coisas ? Teremos evoluído mental e psicologicamente na mesma medida ? Creio que em muitíssimos

casos a resposta é não. No terreno das idéias e da conduta, diáriamente, podemos observar contrastes chocantes entre os tempos e as mentalidades ainda reinantes. Prestando atenção ao que nos rodeia, verificamos que no comportamento afetivo e social da mulher de hoje ainda coexistem duas épocas, duas etapas que se enfrentam e se contrapõem, como se as injunções do presente não tivessem podido desterrar completamente alguns profundos resquícios do passado...."

O relacionamento entre os sexos, delimita o território onde a nova prática de relação ao ideal se exercita, se cultiva e se torna o modelo "no eu" de relação consigo mesmo. O ideal de autenticidade se pratica na relação amorosa.

"Quando um homem e uma mulher se unem, o que eles têm em vista é, fundamentalmente, viverem felizes juntos. Viverem em harmonia, desfrutando ao máximo da presença do outro, da companhia recíproca. Cada um dêles aspira a encontrar no companheiro a possibilidade de extravazar plenamente seus sentimentos, canalizar suas energias sexuais, realizar seus impulsos de entrega e comunicação - numa palavra, construir uma sólida unidade afetiva. É este, e não pode ser outro - o ponto de partida para a união entre os sexos, para o vínculo entre homem e mulher. Todos os outros elementos que às vezes entram no jogo - conveniência, fatôres sociais, amparo econômico ou moral, necessidade de submissão - são espúrios e constituem uma pedra no caminho da felicidade...

...Esta felicidade só é possível se há entre eles um nexo mais profundo do que a simples proximidade física, mais forte do que a comunidade de interesses materiais, mais genuíno do

que caretas fingindo sorriso. Só uma comunicação autêntica, profunda sem disfarces, merece o nome de amor; tudo mais é compromisso, conveniência, imitação"

"Os sentimentos constituem uma iniludível realidade subjetiva; negá-los tangenciá-los é o melhor caminho para trnsformar a relação afetiva numa casca vazia...Os ressentimentos calados, as perguntas informuladas, as recriminaçoes mudas, se acumulam e, como toxinas, envenenam a mente e o corpo. Quantos sintomas físicos não são mais do que outros tantos protestos de amor ofendido, orgulho ferido, de reconvenções silenciadas".(fev 64, pags. 30-31"

O ideal de autenticidade confronta-se com os ideais e práticas estéticas dos anos 50.(ver parte I: o sujeito estético). Ideal de transparência e objetividade "científica" dos sentimentos e pensamentos, presta-se pela prática do "diálogo" ao exercício da "revelação de si", e a produção de uma retórica: o psicologismo. O psicologismo, efeito legítimo da "cultura psicanalítica" e seu imaginário modernizador do sujeito, é já e então, a linguagem da demanda de conhecimento e explicação psicanalíticas.

Esse modelo de sujeito e sua retórica auto-reveladora instituem-se por oposição ao sujeito "mentiroso", "enganador", ideal estético dos anos 50.

"A relação homem-mulher é o terreno onde mais frequentemente se observa a persistência de conceitos

antiquados, de modos de ver que estão em oposição frontal com as mais importantes conquistas científicas, sociais, políticas, morais dos últimos cem anos...(Mães amigas, os próprios homens quando falam do sexo oposto e mesmo consultores especializados de revistas com pomposos títulos universitários).Que tipo de orientação dão à mulher ?

XIV. UMA TIPOLOGIA: "A MULHER ESPERTA"

Se é solteira, ensinam-lhe a maneira de 'arranjar marido':'Os homens não resistem à lisonja sutil: mostre-se deslumbrada pela inteligência dele, pela sua força e virilidade (nem sequer se acrescenta:'quando tais qualidades existirem'); estimule-o a falar de si mesmo; escute com atenção e não perca a oportunidade de fazê-lo brilhar'. Se é casada, os conselhos se destinam a preservar o bem estar do marido, seu amor e seu interesse ou, eventualmente, garantir a continuidade de sua presença física no lar mesmo sem amor e sem interesse. 'Seu marido chega em casa de mau humor ? Não o incomode, forme ao redor dele um clima sedante, agradável, e deixe-o em paz. Seu marido quer sair, divertir-se ? Não lhe diga que está cansada ou que dói-lhe a cabeça; ponha o seu vestido mais lindo, maquile-se, perfume-se e saia com ele. Seu marido se opõe a algum desejo seu ? Não discuta abertamente; trate de convencê-lo com sutileza, fazendo-lhe crer que a idéia partiu dele. Seu marido anda enfarruscado, silencioso, esquisito ? Não lhe faça perguntas; trate de embelezar-se, recorra a todos os elementos da sedução

feminina e espere os resultados. Há outra ? Não diga nada, o remédio é doçura, paciência, lindas roupas; e principalmente, nada de cenas...'

É evidente que sob o rótulo enganador de doçura, feminilidade, tolerância, compreensão e outras virtudes altamente estimáveis o que se preconiza à mulher é a submissão, a hipocrisia, a astúcia como armas para 'manejar' o homem...Em síntese: seja um robô; controle seus impulsos, esqueça seus sentimentos, desentenda-se de sua saúde, viva pendente de outro como se sua própria pessoa não existisse ; não argumente com ele trate de levá-lo onde você quer ir sem que ele perceba ; se está triste ou aborrecida, disfarce; se está com dor de cabeça, disfarce; se está enciumada, disfarce ...A simulação e um bom instituto de beleza são assim elevados à hierarquia de supremos instrumentos de comunicação entre dois seres."

...A posição de bonecas destituídas de reações e sentimentos próprios, a atitude absolutamente passiva de permanecer à disposição do outro, pronta a obedecer a seus caprichos, a passar por alto suas transgressões, a abdicar da própria individualidade, lembra o bôbo da côrte...sua presença pode incomodar sua Majestade e atrair açoites.

...Essas mulherezinhas dóceis e abnegadas, que se esquecem de si mesmas para viver exclusivamente dedicadas ao conforto e à felicidade de seu homem, no fundo estão revelando que o têm num conceito muito pouco lisonjeiro. Atrás da comédia da submissão e doçura esconde-se como se verá, uma boa dose de agressividade, de burla e até de

desprêzo...Por exemplo, se não nos atrevemos a manifestar diretamente uma opinião ou um desejo razoável ao homem que compartilha nossa existência, não o estamos tratando como se fôsse um déspota...? calando a boca sobre a gripe, a indisposição ou o cansaço, engolindo o mau humor para acompanhá-lo ao cinema, como verdadeiras mártires sem causa, fazemos um sacrifício que só um monstro de egoísmo seria capaz de impor...Imaginar que qualquer mulher melhor vestida, melhor pintada e mais perfumada vai virar a cabeça do nosso homem - e viver angustiada pelo nosso aspecto físico - equivale a considerá-lo fútil, vazio e veleidoso: igualmente pensar que basta um sugestivo camisão de rendas pretas para solucionar desentendimentos ou dificuldades íntimas, significa atribuir ao homem uma absoluta superficialidade de sentimentos. E que dizer dos subterfúgios e artimanhas para engambelá-lo, dos rodeios e sinuosidades destinados a convencê-los de que não pensa o que pensa e não quer o que quer, mas sim o que nós pensamos e queremos? Não é essa a típica atitude de pretender fazê-lo de bôbo ?... Na subserviência do escravo, invariávelmente, se oculta um elemento de agressivo sarcasmo ao seu senhor.

As críticas aos ideais de feminilidade tão caros aos anos 50: a "mulher esperta" e a "mulher abnegada", terminam por revelar seu verdadeiro alvo. As representações ideais de "esperteza" e "abnegação" são consideradas encobridoras das relações concretas de dominação entre os sexos.

Frequentemente tenho ouvido de mulheres de bom nível intelectual a afirmação de que é lógico que a mulher obedeça ao homem, seja ele seu noivo ou marido. E se alguém discorda, provoca logo uma reação de supresa . Como ? Então quem deve mandar é a mulher ? É evidente que o vínculo afetivo pôsto em termos de mandar e obedecer está viciado por uma profunda distorsão....Tratando-se de pais e filhos, os educadores, psicólogos e demais especialistas na matéria põem muito mais ênfase, hoje em dia , nos conceitos de entendimento, diálogo, orientação amistosa, disciplina livre e racionalmente aceita, do que na imposição drástica, na rigorosa obediência." (Fev.64, pags. 30-31))

XV. O TRABALHO EXTRADOMÉSTICO FEMININO: Higiene do vazio e da aridez

Duas entidades clínicas: a neurose da dona de casa e o masoquismo doméstico serão produzidas na articulação da difusão psicanalítica com o imaginário da modernização social. O caráter obrigatório da direção da mudança social, indica o trabalho extradoméstico como um valor irrelativizável, reforçado, legitimado, pelas entidades clínicas que "fazem a passagem" entre domesticidade e neurose.

XVI.A NEUROSE DA DONA DE CASA

"A nossa grande falta em meio às panelas, aos alfinetes, aos tempêros, para conservar a nossa identidade, o nosso individualismo...Sem que percebamos, esses pequenos enormes problemas vão nos tomando as horas e os dias, de repente, lá estamos nós, filtrando o mundo através de lentes cada vez mais desmaiadas...sem outro assunto, sem outro interesse, sem outra perspectiva que não seja o armazém da esquina, o prêço da carne, a doença das crianças..."(Julho 65)

"...Algumas se sobrecarregam de ocupações mesmo que a sua situação econômica lhes permita delegar boa parte do trabalho; orgulham-se do asseio de sua casa porém descuidam do próprio aspecto até o limite da negligência...Vivem sempre um pouco aquém dos seus meios: tudo o que é agradável lhes parece supérfluo: só o sacrifício é enaltecedor.

A carta que reproduzimos em seguida, condensa um grande número de opiniões que se mobilizaram em resposta aos artigos de Carmem da Silva: "Lendo seu artigo de novembro "A arte de ser mulher", surpreendi-me com o propósito da autora em afirmar que a mulher casada, que outra coisa não faz senão cuidar de seu lar, é necessariamente uma insatisfeita. A dona de casa ...não percebe que a sua missão pode ser alegre, feliz, frutífera, que ela é a alma da família. Os botões, a roupa suja, o que fazer para o jantar, são mesmo coisas

rotineiras, porém fazer de seus filhos pessoas aptas a enfrentar o mundo...não é tarefa insignificante.

A resposta não deixa margem à dúvida. A difusão da psicanálise, tem um compromisso com a mudança do papel social da mulher: **Ninguém nega que o papel de dona de casa pode ser alegre, feliz e frutífero. Aliás deve. Nada disso, porém, é motivo para que a dona de casa renuncie a outras tarefas igualmente alegres, felizes e frutíferas. E importantes também. Estou de acordo que fazer dos filhos pessoas aptas a enfrentarem o mundo e de um marido um homem realizado, é uma elevada e apaixonante missão. Mas, aí é que está o xis do problema: você se animaria a ensinar natação sem nunca ter entrado n'água. Não se aprende o mundo dentro de quatro paredes; os botões, a roupa suja e o que fazer para o jantar constituem uma escola nada desprezível, mas parcial. A capacidade de amar que se esgota dentro do estreito círculo da família é uma virtude perigosa: contribui para superpovoar a terra, mas não ajuda a torná-la habitável e produtiva.(mar 64, pag 5)**

Entre as milhares de cartas à revista que manifestam opiniões contrárias à da articulista, esta se destaca, pela apresentação de uma imagem da "mulher que trabalha fora", liberada do jugo do trabalho "sem importância" de dona de casa e valorizada pela aparência bem cuidada: **"Minha amiga Carmem da Silva...Quem lhe escreve é uma de suas "rainhas tristes". Isto segundo você porque eu pessoalmente não me considero nenhuma das duas coisas...você, a cronista**

esclarecida e moderna resolveu dar ataque cerrado às parasitas da sociedade...você não admite em hipótese alguma que uma mulher não trabalhe remuneradamente...Realmente seria ótimo sair e estar sempre bem vestida, bem penteada, unhas sempre manicuradas. Trabalhar em hora certa, descansar em hora certa. Travar relações, arejar as idéias (elas andam mesmo precisando de uma arejada depois de sete anos limpando bumbuns de nenês)...Que se diga que somos menos atualizadas, menos interessantes, menos elegantes e versáteis do que as mulheres que trabalham fora, vá, lá...Você foi mais longe quando nos classificou indiscriminadamente, de conformistas, indolentes, parasitas sociais, superdependentes, bibelôs...Essa não/...Aquele que realiza sua tarefa com dignidade e resignação, sem complexos inúteis, cumpre seu dever para com o próximo. Se o indivído for do tipo pensante...poderá perfeitamente ter uma vida interior rica e plenamente satisfatória, independente do que realiza material e físicamente todos os dias...Daqui a pouco além de todas as coisas pouco atraentes que temos que fazer ainda seremos inconformadas e infelizes...Já fui broto..Já estudei bastante...Já vivi intensamente...Já trabalhei...Sentia-me insatisfeita e vazia. Hoje estou bem..Alguém tem que ficar no lar. Muitas vezes não por vontade, mas simplesmente por que existem certas coisas que têm que ser feitas. Eu sou das que ficam por obrigação e principalmente por amor. Se gostaria de trabalhar fora ? Claro que sim. Mas como ? A que horas ? (pag. 11)

Respondendo à leitora, procura desembaraçar-se dessa imagem :"começa por pintar uma visão absolutamente idealizada da mulher que trabalha fora....É óbvio que a nossa correspondente enfeita com um halo romântico demais a realidade da qual não participa, sentindo-se relegada a um âmbito onde imperam o sórdido, o feio e o desagradável, os nenês de bumbum sujo...isso vem anular sua posterior afirmação de que vive realizada e contente com seu papel.

As missivistas se dizem satisfeitas com seu quinhão na vida, mas aqui e ali afloram nítidos e inequívocos, os "sinais de insatisfação"

É óbvio que eu não posso provocar desdita e incorformidade em quem está realmente satisfeita com sua sorte....minhas palavras, como os dedos do médico, tocam justamente no ponto dolorido. O que pode parecer cruel, mas é indispensável para formular um diagnóstico e recomendar uma terapia. Compreendo perfeitamente a acusação de destrutividade e, num certo senso, ela é justa: eu trato de destruir os mitos aos quais muitas mulheres ainda se apegam."

Outra leitora abre uma polêmica na seção de cartas, reagindo à formulações de Carmem da Silva acerca da obrigatoriedade moral, civil e higiênica do trabalho extra-doméstico: "Não posso crer naquela afirmação de que, daqui a um certo tempo, sua noiva tenha forçosamente que vir pedir à revista uma receita contra aridez e o vazio da vida. A mulher não precisa ter uma profissão para saber ouvir, compreender e aconselhar o marido e conseguir uma verdadeira realização no casamento."

As reações dos leitores são enérgicas. Questiona-se o vínculo entre a exclusividade doméstica do trabalho feminino e a inexorável aridez e vazio que adviria: **Sou médico, casado há dezesseis anos, o que representa para minha mulher, uma experiência razoável da tão discutida rotina doméstica. Temos dois filhos, um de 15 e uma de nove anos e não creio que eles deixem sobrar tempo a minha mulher para sentir a aridez e o vazio da vida...Muito ao contrário, ela acha que ter marido, filhos, um lar tranquilo e equilibrado, é mais que suficiente, para fazer a glória da mulher casada."**

Em resposta, é a sociedade que desta vez será considerada reponsável pelo parasitismo feminino. **"Nossa sociedade tende a estimular um alto grau de puerilidade nas mulheres. Via de regra, só lhes impõe responsabilidades exíguas e imediatas, circunscritas ao campo doméstico-biológico das tarefas do lar. Não lhes oferece o menor incentivo a participarem do mundo como entes ativos, capazes, lúcidos. Permite-lhes o ócio e a dependência, vê com olhos indulgentes as falhas de cultura, a inconsequência de suas opiniões, as arbitrariedades de seu raciocínio, aplicando, inclusive, a etiquêta cortês (descortês) de lógica feminina a certos exemplos flagrantes de irracionalismo. Lisonjeia-lhes sem reservas, a beleza, admira-lhes o tato social; aprecia-lhes a inteligência, mas só dentro de certos limites: um tipo de inteligência prática voltada para os elementos da vida cotidiana, grão de sal que dá brilho à conversa; mas suplica-lhes - por favor - que não tratem de pensar, deinteressar-se**

pelas idéias, pelas abstrações, pelas teorias. Não resta a menor dúvida, que a atitude da sociedade com relação à mulher é agressiva, na medida em que é empobrecedora, restritiva ao seu desenvolvimento como ser humano...mãe que educa seu filho visando fazer dele uma eterna criança, para sempre incapaz de responsabilidade e autonomia.

Há entretanto indivíduos cronologicamente moços que se contentam com respirar o ar rarefeito das emoções brandas, como se temessem que o denso oxigênio da paixão e da intensidade, como se não confiassem no vigor de seu organismo e na resistência de sua estrutura psíquica... Solteiras vêm no casamento uma solução social obrigatória...Já casadas "adoram o marido, mas a um olhar objetivo, essa adoração aparecerá como mero costume reforçado pela segurança, pelo confôrto, pela estabilidade...Ante uma possível crise (infidelidade, diminuição da atmosfera afetiva, silêncios e maus-humores inexplicados) preferem a atitude cômoda de passar por alto, fechar os olhos."(Junho 65)

XVII. A REPRESENTAÇÃO IDEAL DA MULHER MODERNA

O título do artigo é óbvio: "Trabalhar para não ser bibelô". Reproduzimos partes dele, pois é um esboço do novo ideal de feminilidade. "...Agora a neta habita um planeta que já não é possível reconhecer, tem hábitos arejados que a avó, no fundo de seu coração qualifica de licenciosos. Veste blue-

jeans e veste (ou despe?) biquínis. Sai à noite com jovens de sua idade, lê de tudo um pouco, interessa-se pelo que acontece no mundo, tem idéias próprias e não aceita de olhos fechados a opinião dos mais velhos. É alegre, desportiva, saudável, otimista, forte. E quando lhe contam a história da avó, afirma com petulância que se lhe impusessem uma existência semelhante ela fugiria ou poria fogo na casa. Essa é a recém casada de hoje. Bem integrada na realidade do mundo atual, moderna, evoluída, gozando dos privilégios que a época lhe outorga e aceitando as correspondentes responsabilidades- porque aprendeu desde cedo que ambos vão juntos.

Essa é também a moça para quem o casamento não significa uma resignação ao destino, uma norma inarredável. Para ela a vida de casada não significa simplesmente sacudir o jugo da autoridade paterna, que nem é tão pesado assim, nem o abandonao de suas obrigações, estudos, emprego, para viver na ociosidade...

Sabe que seu noivo é jovem...e não pretenderá contar...com uma situação econômica desafogada. ..Talvez os pais de ambos...tenham fortuna e queiram ajudá-los. Mas eles preferem só lançar mão desta ajuda quando ela for verdadeiramente indispensável...De outra forma ficariam atados a uma dependência juvenil que os privaria ...de vencer as dificuldades e conquistar o mundo; a noiva moderna não ignora que esse tipo de batalha ...é um dos fatores que que mais contribuem para consolidar o amor, fazendo-o passar incólume a mais duras das provas: a prova de realidade."(Ago. 64, pag.67 -121)

XVIII. A REPRESENTAÇÃO IDEAL DO NOVO CASAL

"Antes de casar eles farão os cálculos....E a coluna da receita incluirá dois salários: o dele e o dela. Porque de outro modo teriam que prescindir da empregada e ela acha, com razão, que é muito agradável exibir de vez em quando suas habilidades domésticas: mas fechar-se entre quatro paredes apoquentando-se com limpeza e comida, fazer fila no açougue, arcar , enfim, com obrigações ingratas, miúdas e sempre iguais, é um sacrifício que só se justifica quando não tem remédio....

...Ao mesmo tempo dará um objetivo a sua vida, uma finalidade em si... se seu marido trabalha e ela não, hão de viver os dois em planos diferentes da realidade e isso pode criar entre ambos um abismo de surda desinteligência...para dar-lhe uma solidariedade genuína, feita de identificação, da verdadeira essência da palavra simpatia...A moça de hoje não pretende ter caprichinhos e exigir do marido mais do que ele razoávelmente possa dar, em tempo, dinheiro ou demonstrações de afeto...Sintetizando: a jovem de hoje recusa o papel de bonequinha de luxo..: sabe muito bem que sua avó pagou por essas vantagens fictícias um preço de real de submissão e imaturidade...Por fim ela não ignora que vive numa época de incerteza e transição, na qual o único patrimônio verdadeiramente seguro é a força de trabalho".(pag 121)

XIX. SEXUALIDADE PRÉ-MATRIMONIAL: ANÁLISE LEIGA X RELIGIÃO

A tematização da sexualidade pré-matrimonial põe em discussão o valor da virgindade. O imaginário da modernização social é leigo e será no terreno da experiência sexual pré-conjugal que irá evidenciar-se a oposição entre a "mentalidade científica" e a moral religiosa. A carta dessa leitora é exemplar quanto à reação desencadeada, quando da defesa da nova moral sexual. **"Tomamos por base para nos orientar, o nosso bom senso, a nossa consciência sadia, o critério de responsabilidade moral...Sou contra a experiência pré-conjugal. Seria o último passo dado para a degradação de nossos costumes, dos princípios de nossa moral católica e mesmo de outras religiões" (mar 64, pag 8)**

XX. NOTAS SOBRE A DIREÇÃO DO ACONSELHAMENTO: O SUJEITO AUTÊNTICO E A PRODUÇÃO DE DEMANDA

C.de S. assume uma seção de cartas especial chamada: Caixa Postal Intimidade. Nessa seção efetua um aconselhamento de inspiração psicanalítica e principalmente encaminha seus leitores, sempre que solicitada ou que considera necessário (o que ocorre frequentemente) às sociedades oficiais de Psicanálise, para que se submetam à análise.**"Caixa Postal Intimidade" foi criada para servir a todas as leitoras de**

Claudia, de modo que além da consulente, qualquer pessoa pudesse tirar algum ensinamento prático dos assuntos aqui tratados."(jULHO 65)

A leitora se queixa:"...quando sou apresentada a algum rapaz e êle me convida para sair, o convite dificilmente se repete..."

E a resposta lhe aconselha o tratamento psicanalítico:"Não haverá em você certa ansiedade de agradar, certa avidez de "arranjar um namorado' que mesmo cuidadosamente disfarçada põe os rapazes na defensiva ? ...a falta de auto-confiança, o nervosismo, a tendência a corar, não são efeitos de seus fracassos: são outros tantos sintomas de que algo não anda como devia...Quanto a consultar um médico, é ótima idéia: um bom psicólogo, com a indispensável formação psicanalítica..."(Set.64, pag.6)

De um modo genérico, uma "cultura psicanalítica" produz demanda de psicanálise. Naturalmente, aquilo que se vai buscar através dela traz a marca do processo pelo qual, socialmente, tal demanda foi produzida. Estrategicamente, os determinantes dos conflitos encaminhados pela seção de cartas, são percebidos como internos. A resposta à carta da leitora que reprouzimos em seguida é enfática nesse sentido.

"Não consigo entender, quando tento me aprofundar em mim mesma, sinto-me em um abismo profundo, escuro e silencioso...Quando leio seus artigos, percebo a necessidade

de analisar-me e descobrir meu subconsciente. Sei que preciso de ajuda e gostaria de consultar um psicólogo ou psiquiatra, mas minha situação financeira me impede de fazê-lo""

R. "Felicitações pela lucidez com que reconhece que as causas de suas dificuldades está dentro de si mesma."

A resposta às fontes internas das dificuldades é indiscutivelmente, em toda e qualquer circunstância, o atendimento por um psicanalista.

"A psiquiatria clássica já se revelou impotente contra seu mal, mas a psiquiatria psicanalítica tem dado os melhores resultados. Procure a psicanálise, individual ou em grupo, em mãos de um profissional sério."

Nessa mesma direção, uma leitora é desincentivada a praticar auto-análise.

Leitora: " ...em Claudia de março ...Karen Horney ...a autora afirma que é possível a qualquer pessoa resolver os seus próprios problemas emocionais, naturalmente através de um grande esforço...O assunto me interessa....pois ao fim de três anos de psicoterapia, como as melhoras não compensavam os sacrifícios, desisti do tratamento.

"R....o meu otimismo quanto às possibilidades de auto-cura é muito relativo: em certos casos a coisa funciona, mas em outros é um modo de perder tempo e andar em círculos, com a

ilusão de estar fazendo algo....Acho que o melhor mesmo é você insistir no sacrifício da psicoterapia. Em alguns períodos de tratamento, as melhoras são menos chamativas que em outros; isso depemnde muito do próprio paciente. Quem sabe você mesma resolveu "estacionar' para ter uma desculpa para interromper o tratamento ?"

E isso tudo é dito, a despeito da flagrante contradição dessa resposta com tudo aquilo que se pratica ao longo das páginas dessa revista, onde se explora a crença de que é possível fazer sua análise "home-made". A crença no "Faça você mesma", "aprenda a reconhecer o que é inconsciente", faz um contraponto sensível com os casos que são encaminhados para tratamento.

A "cultura psicanalítica" revela-se deste ângulo dotada de positividade múltipla. A demanda que ela produz, estrutura-se como um campo muito amplo, donde a inserção dos indivíduos nela, pode se fazer em diferentes pontos de articulação. Demandam psicanálise, em diferentes níveis, os leitores dos periódicos de banca de jornal, aqueles que conversam sobre o assunto,os que lêem livros especializados, ocasionalmente se submetem à uma psicoterapia, são clientes habituais dos psicanalistas, são orientados para levarem seus filhos para fazer análise e todos aqueles que integram o campo das profissões que foram colonizadas pela difusão da psicanálise.

A produção de uma "cultura psicanalítica" onde viceja a demanda de psicanálise operou regida pela desconstituição, no imaginário, das representações ideais de sujeito, feminino, masculino e relacionamento entre os sexos tradicionais. As cartas que reproduzimos servem à finalidade de mostrar a ação e a reação que marcaram os momentos iniciais da constituição dessa cultura. Prestam-se igualmente, para situar a questão da "angústia" que mobiliza a demanda de análise no campo das ações desencadeadas contra as representações tradicionais.

A modernização social e a produção de uma cultura psicanalítica articulam-se por meio da promessa de uma subjetividade ideal. Os aspectos obscuros, enigmáticos, contraditórios da subjetividade acentuados pela introdução no imaginário social do conceito de inconsciente serão em contrapartida exorcizados, quando sua completa tradução consciente, consentir na harmonia proposta pela razão.

A figura do analista como intérprete, o dispositivo analítico, a transferência como instrumento de decifração, são estranhos a esse imaginário. O inconsciente é surpreendentemente transparente pois, no imaginário da psicanálise difundida, a projeção e a transferência espelham os "conteúdos inconscientes reprimidos".

A "cultura psicanalítica" dá lugar a uma prática de "elaboração de si", a expressão autêntica, em particular nas relações amorosas, dos pensamentos e sentimentos. O psicologismo esboça-se como o dialeto da demanda de

psicanálise pois neste falar de si, o sujeito jamais poderá, como lhe sugerem os valores dessa cultura, ter garantias de que é autêntico. O fantasma do engano, da repressão, da projeção, da transferência, cerca toda verdade confessada de dúvida quanto à autenticidade desejada.

A representação ideal o sujeito autêntico, que pelo debate, ou pelo diálogo, manifesta sem distorções seus verdadeiros sentimentos e pensamentos é um operador essencial da "cultura psicanalítica" pois incita a colocar a subjetividade em discurso,"falar sobre si", promete o acesso à verdade e produz a demanda de auto-conhecimento, na medida mesmo em que essa tarefa se mostra irrealizável.

Isso não é tudo pois, o que é ideal é, em princípio, irrealizável. O que caracteriza os anos 60/70 é que esse ideal se pratica na intersubjetividade.

PARTE 3

TEMPOS SOMBRIOS:

A "CULTURA PSICANALÍTICA" DO NARCISISMO

I. INTRODUÇÃO

A **representação ideal** de sujeito, que pudemos captar através dos artigos e respostas às cartas, nas colunas de aconselhamento de autoria de Carmem da Silva, é a autenticidade e esta se pratica nas relações amorosas. O modelo da relação do sujeito consigo mesmo será a relação transparente com outro, o par amoroso. A noção de autenticidade é a expressão e a prática concreta da liberdade, valor central em qualquer ideário individualista. A noção de independência não é estranha a esse contexto, mas melhor seria falar em autonomia, dado que esta pressupõe a dependência do outro, embora se distinga permanentemente da dependência infantil. O diálogo é o modo de exercício da autonomia, entendida como negociação com o outro.

O material que analisaremos em seguida foi retirado da revista Nova <1> e é revelador de um conjunto de mudanças significativas, tanto no que concerne ao imaginário da modernização, como com relação à própria "cultura psicanalítica". De acordo com a direção da revista, a leitora de Nova é "**a mulher independente, inteligente, preocupada com**

---

1. A Nova é uma publicação da Editora Abril, dirigida a mulheres.

ela mesma e com os homens". Na maior parte das vezes, os editores da revista, referem à sua leitora, simplesmente, como a "mulher liberada". O sentido preciso dessa expressão dificilmente seria redutível a uma única acepção. No correr das páginas da revista e tendo em conta o contexto onde a expressão aparece, seria possível dizer de um modo aproximativo que se trata de mulheres percebidas como capazes de não articular a satisfação de suas necessidades afetivas, sexuais, econômicas ou mesmo de reconhecimento social, com a associação a um homem, pelo casamento.

Uma primeira aproximação poderia levar à conclusão de que essa "nova mulher" é a concretização dos ideais feministas dos anos 60. Entretanto, o conjunto do material da Nova revela que a "liberação" não exige necessariamente o sacrifício dos comportamentos, sentimentos, interesses e funções sociais, considerados pelo feminismo opressivos, parasitários, masoquistas e infantis.

O que é "liberação" é o que nos esforçaremos por apreender, através da psicanálise difundida nestes magazines. Desde que os movimentos feministas queimaram sutiãs, muita coisa mudou. Muitas mulheres declaram ter recuperado o interesse por assuntos femininos, proscritos nas lutas pela liberação da mulher. Na revita da "mulher liberada", as "revisões" do projeto de igualdade moral e jurídica com o homem vão muito mais longe. Não é difícil pensar em recuo, retrocesso, "passo atrás", retorno ao universo de valores dos anos 50. Observe-se alguns dos títulos de matérias, que

relacionamos em seguida, e que no ideário da revista conciliam-se perfeitamente com o ideal da "liberação":**"Os dez homens mais ricos do Brasil", "100 maneiras dele agradar você"**(na verdade, 100 paparicos que fariam a felicidade de qualquer "bonequinha de luxo" ou "bibelô" dos anos 50), **"Quando ele diz que transar sim, mas casar não", "Como conquistar um homem, o que dá certo e o que não dá", "Veja como sua situação com os homens pode melhorar muito, se você parar com a mania de modificá-los". "Quando ele diz":- eu telefono e você fica não entende porque ele não telefona", "Uma garota que fica trancada em casa só com muita sorte chega ao casamento".**

O conteúdo desses artigos não se diferencia significativamente daqueles escritos nos anos 50. Nada mudou? Todo o exorcismo praticado pelos movimentos feministas não conseguiu erradicar os hábitos de dependência e passividade para com o sexo oposto ? As mesmas fantasias, os mesmos ideais, e o mesmo impulso irresistível de arrastar um homem para o altar ? É curioso ter em conta que esse imaginário aparentemente conservador coexiste com mudanças sensíveis no papel social da mulher. O casamento deixou de ser a única perspectiva honrada de ingresso na vida adulta. Hoje é comum encontrarmos jovens que moram sozinhas sem nunca terem sido casadas, mães solteiras por opção e principalmente mulheres que provêm, casadas ou não, o próprio sustento. O trabalho extradoméstico deixou de ser uma ocupação provisória, enquanto o casamento não vem ou o marido não melhora de vida. O trabalho foi inclusive resignificado. Tornou-se uma via de

"realização pessoal" e afirmação da própria independência. Até certo ponto, a reprodução deixou de ser obrigatória. A sexualidade, como inclusive testemunha o desprestígio do tabu da virgindade, expandiu-se para além dos limites do casamento. Novos códigos de relação desvinculam sexo e casamento. A transitoriedade ds sentimentos é francamente admitida nas já tão frequentes separações conjugais.

A "cultura psicanalítica" no contexto da nova mulher liberada, produz novos temas e elege preferencialmente outros conceitos teóricos, para continuar instrumentando a elaboração da subjetividade. A auto-desvalorização será uma noção chave nesse novo contexto. Angústia, indecisão, sentimento de solidão, depressão, insegurança, contam entre os assuntos mais comumente discutidos nas seções de aconselhamento psicanalítico.

O que se pode perceber é um deslocamento no campo das **representações ideais** que é o que pensamos que vai justificar a mudança nos temas preferenciais. A autenticidade e o diálogo franco (que é seu operador inter e intrasubjetivo) são substituídos pelo ideal da independência e do combate aos sentimentos auto-depreciativos, medos, vergonhas, inseguranças. Quem não se sente independente e auto-determinado é porque se auto-desvaloriza.

O narcisismo é o conceito psicanalítico que alcançará prestígio na "cultura psicanalítica" da revista Nova. Um psicanalista nova-iorquino, explica os fracassos e ensina a

combater os sentimentos auto-depreciativos:"**É preciso que tdos nos esforcemos para despertar a afeição que temos por nós mesmos. Para fazer isso, é necessário, primeiro aprender a reconhecer o auto-desprezo que se esconde sob muitos disfarces diferentes. A maior parte das pessoas não precisa se preocupar com suas formas mais extremadas - obesidade, anorexia, alcoolismo, vício de drogas , suicídio - manifestações extremas de auto-desprezo. Mas quase todas as pessoas precisam saber identificar as dezenas de maneiras mais comuns pelas quais o auto-desprezo está sempre pronto a atacar."** (Nova, n0 116, pag. 93)

Em "O Narcisismo", a autora <2> são narcisistas, de acordo com esse mesmo artigo, todas as pessoas que sofrem de falta de auto-estima. O auto-desprezo é uma noção de rara agilidade. tenaz, aloja-se nos hábitos e comportamentos menos aparentados entre si. São enumeradas algumas das manifestações mais comuns: reviver interminavelmente momentos maus, alimentar ilusões que nos impedem de ver a realidade, e o perfeccionismo são algumas delas."**Algumas ilusões começam na infância e podem transformar-se em foco central de paralisia de toda a nossa vida adulta. A mais comum talvez a mais desgastante é a ilusão de que algo vai acontecer muito em breve, transformando nossas vidas em algo interesante e maravilhoso. A única coisa que devemos fazer é esperar por esse grande momento. É claro que na realidade esse grande momento nunca ocorre e os dias de espera são dias perdidos...Os que sonham com um futuro fanasioso muitas vezes**

2.McNear, S. - "Narcisismo: o outro lado do espelho"

são acometidos de outra forma de auto-desprezo: a de estipularem para si padrões impossíveis de serem atingidos, metas irreais e fora de alcance. Quando alguém afirma que deseja dar uma festa perfeita, ou que precisa ganhar o primeiro lugar no torneio de tênis, está fadado ao constante fracasso. E é com fracassos que se esfarela a auto-estima.(Nova nO 116, pag. 95)

Os novos quadros sintomáticos são expressão dessa mesma etiologia: o auto-desprezo. Não raro, a mulher perfeccionista, deseja ser ótima em todos os papéis que desempenha. Não podendo ser esposa, mãe, profissional, amiga e amante perfeitas, transforma suas pequenas imperfeições em fonte de grande sofrimento. O perfeccionismo, pode ser a causa da solidão. Quem passa a vida à procura do homem perfeito termina por encontar sempre algum defeito. O próximo passo do perfeccionista é acabar sozinho.

Alguns artigos sobre a indecisão e insegurança recorrem igualmente ao fantasma da auto-desvalorização, ao perfeccionismo e à relação inadequada com a realidade para explicar os estados psicológicos. O inseguro é definido como alguém que se apóia na opinião alheia, tem medo de assumir as consequências de suas escolhas , quer abarcar tudo para não ter que decidir, não se dá ao direito de fazer aquilo que mais deseja, e está sempre sujeito a imperativos da razão. Não se entrega às emoções, sempre pronto a combater a preguiça, o prazer gratuito etc...

Alguém pode se tornar um grande inseguro:"Para você ter uma idéia, o trauma de nascimento...se seu primeiro contato com o mundo foi um 'susto' muito grande, você aprendeu naquele momento a fugir para a fantasia. A realidade dói. Da mesma forma, se o leite materno foi insuficiente, você pode ter fantasiado o 'seio mágico'. Como esse seio não existe, você foi um bebê insatisfeito. E pode ter se tornado uma criatura insaciável. Os insaciáveis têm dificuldade de decidir porque tudo é ainda pouco para eles, que querem o 'objeto ideal', o emprego perfeito, o homem perfeito....Outros motivos que podem levar à incapacidade de decidir são a falta de um ponto de referência na infância,(amor e orientação dos pais que faltaram ou a superproteção)." (nova, n0 25, pag. 81)

Os inseguros, indecisos, os narcisistas enfim, são os herdeiros do estigma outrora ostentado pelos reprimidos. Também, como seus antecessores, podem ser pilhados, justamente, escondidos sob as características opostas.

"...tomadas de tamanho desespero...agridem antes que alguma coisa aconteça. Criam barreiras entre elas e o mundo, tornando-se incapazes de amar, de ter amizades. Depois se lamentam porque ninguém liga para elas. Roem as unhas, choram, mas não conseguem abandonar o escudo. Outras escondem a insegurança num comportamento que chega a ser simpático. Estão sempre rindo, oferecem presentes aos amigos (porque não podem oferecer um pouco de si mesmas)acreditam em tudo, aceitam tudo. São tão boazinhas que não sabem dizer não. estas alcançam seu primeiro objetivo: agradar e se relacionar

'bem'. Mas vem o conflito de não poderem revelar, nunca, os verdadeiros sentimentos. Em casa, ficam remoendo os acontecimentos do dia:...E o travesseiro vai esquentando junto com a cabeça que não pára de reformular situações, enquanto elabora outras tantas formas de continuar mantendo as aparências. Confessar uma fraqueza seria se expor e, quem sabe, perder a aprovação do grupo, seu ponto de apoio. Muita gente se defende de maneira bem diferente: veste a máscara da segurança e adota um comportamento inverso daquele que as emoções comandariam. Essa pessoa 'não precisa de ninguém'. É corajosa, auto-suficiente, muito 'por dentro', anda de nariz para cima ditando regras de bem-viver. Ela sabe das coisas e tem sempre um sorriso de ironia ou uma frase lapidar para os pobres coitados que estão 'por fora'" (Nova, n0 2, pag. 97)

A falta de autenticidade é um sintoma, mas a autenticidade não é mais a **representação de sujeito ideal.** E isto porque a relação com o outro não é mais o termômetro da verdadeira felicidade. A "mulher liberada" é uma produção da "cultura psicanalítica do narcisismo" e seu ideal, sua concepção de liberdade não é a igualdade jurídica e moral com o homem. Seu ideal é "ser ela mesma". Seu inimigo são seus sentimentos de auto-desvalorização, que se manifestam quando ela teima em ser o que "os outros querem". A nova cultura da psicanálise quer ensinar: **"Como ser feliz com você mesma" ou que "O grande amor de sua vida é você".**

A psicanálise da hesitação em assumir uma vida independente, fala das raízes infantis, traumáticas e do já

clássico bebê chorão, suas frustrações dolorosas e satisfações alucinatórias."Todos nós passamos por um período na infância em que é normal sermos exatamente assim. Os bebês sentem que o mundo inteiro gira em torno deles: choramos, somos atendidos, saciados em nossas necessidades básicas e admirados.

Se a ilusão de grandeza foi relativamente bem satisfeita nessa época, provavelmente não a teremos mais tarde. Mas, se não recebermos a adoração suficiente, tenderemos a continuar procurando a satisfação dessa necessidade quando adultos.

A verdade é que a maioria das pessoas não recebe satisfação suficiente durante a infância. E pela vida afora, carrega a ilusão, sob a forma de fantasias, de ser a pessoa mais importante do mundo. E, na vida adulta, essas ilusões parecem tão inadequadas que quase todos nós procuramos reprimi-las.

É nesse ponto da nossa vida emocional que encontramos a questão da auto-estima positiva ou negativa. Temos tanto mêdo de perder o controle sobre a sensação de grandeza que suprimimos até os bons sentimentos normais a nosso respeito e não conseguimos aceitar elogios, mesmo merecidos. Essa reação explica porque há pessoas que passam a vida inteira se escondendo, aceitando a idéia da própria inferioridade".(Nova, nº 18, pag.97)

A auto-desvalorização é um sentimento que não é próprio do sexo feminino, pois tem raízes nas relações mãe-bebê. Enquanto que o masoquismo era feminino e apontava a direção das diferenças sexuais, a auto-desvalorização dissolve o

valor etiológico dessas diferenças. O narcisismo desloca o complexo edipiano na "cultura psicanalítica", Édipo, deu lugar a Narciso, que desde o final dos anos 70 afigura-se como mito hegemônico. Observe-se o trecho que se segue, pois os argumentos são típicos:

"Todos nós passamos por um período na infância em que é normal sermos exatamente assim. Os bebês sentem que o mundo inteiro gira em torno deles: choramos, somos atendidos, saciados em nossas necessidades básicas e admirados. Se a ilusão de grandeza for relativamnte bem satisfeita nessa época, provavelmente não a teremos mais tarde. Mas, se não recebermos a adoração suficiente, tenderemos a continuar procurando a satisfação dessa necessidade quando adultos. A verdade é que a maioria das pessoas não recebe satisfação suficiente durante a infância. E pela vida afora, carrega a ilusão, sob a forma de fantasias, de ser a pessoa mais importante do mundo. E, na vida adulta, estas ilusões parecem tão inadequadas que quase todos nós procuramos reprimi-las. É nesse ponto da vida emocional que encontramos a questão da auto-estima positiva ou negativa. Temos tanto medo de perder o controle sobre essa sensação de grandeza que suprimimos até os bons sentimentos normais a nosso respeito e não conseguimos aceitar elogios, mesmo merecidos. Essa reação explica porque há pessoas que passam a vida inteira se escondendo, aceitando a idéia da própria inferioridade." (Nova, n0 18, pa. 97)

Enquanto que os transtornos da idealização excessiva, no quadro do masoquismo feminino, refletiam as tensões geradas

pela revolta ou ódio inconsciente das mulheres aos homens e à sociedade, causa de sua inferioridade moral e jurídica, no quadro do narcisismo as insuficiências e os excessos da relação com a mãe não importam em nenhuma referência ao social. Como diz esse articulista:

"Naturalmente há uma infinidade de motivos que podem vir desde antes do berço. A criança que não foi desejada pode sentir a rejeição ainda dentro da barriga da mãe. Não é chute não. Isso é uma teoria comprovada pela ciência. E, seja lá como ou quando foi que você se sentiu rejeitada, a palavra-chave é essa: sentir. E sentir o quê? Falta de apoio, de aceitação, de carinho, quando isso não era apenas necessário, mas fundamental. (Nova, n0 2, pag. 99)

Seguem-se a esse trecho de um artigo, as considerações de praxe acerca das insuficiências e excessos do amor materno. Superproteção e hostilidade, pais que não sabem demonstrar afeição, fazendo as coisas certas na hora certa ou pais que não sabem atender àquilo que as crianças esperam deles. E também as clássicas referências ao problema da não correspondência necessária entre as fantasias infantis e as atitudes dos pais reais.

Na nova "cultura psicanalítica", aquilo de que as mulheres, assim como os homens, precisam liberar-se é de seus traumas infantis. As experiências infantis de falta ou excesso de proteção, o trauma do nascimento, os sentimentos de rejeição por partes dos pais (instância parental, anterior à diferença entre os sexos), exigência demais consigo próprio

ou com outros, auto-desvalorização, insegurança e medo são os principais paradigmas que nortearão a explicação psicanalítica, nessas revistas.

A mulher liberada não se interessa pelas mudanças do papel feminino? Será essa a razão, pela qual as ocupações tradicionalmente ligadas ao papel feminino não são percebidas como opressivas, subjugadoras e masoquistas? A expressão "liberação da mulher", ao contrário do que numa primeira aproximação se poderia pensar, não guarda uma continuidade linear com o imaginário da modernização. A idéia de liberação já se estrutura no interior da "cultura psicanalítica" e é reveladora de uma mudança conceitual e consequentemente reflete um novo imaginário social. Se a liberação não diz mais respeito às opressões geradas pela desigualdade social, de que precisam liberar-se os sujeitos da nova cultura? Ou já são completamente liberados?

Liberar-se do auto-desprezo, da hostilidade inconsciente, dos sentimentos de rejeição, da necessidade de punição, do sentimento de culpa, dos efeitos daquilo que não é jamais mencionado, em nenhum momento sequer a pulsão de morte.

II. A "CULTURA PSICANALÍTICA" DO NARCISISMO: UMA DISCUSSÃO

A "cultura do narcisismo" é uma cultura da pulsão de morte. Nos anos 60/70, a "cultura psicanalítica" engendra um imaginário "da modernização social". A hegemonia do mito

edipiano, faz da pulsão sexual reprimida fonte das contradições e conflitos que se manifestam nos sintomas. As causas da repressão são pensadas a partir da lógica de textos freudianos como "Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna" e "Feminilidade". As fontes da repressão são a moralidade social ou, no caso da mulher (cuja especificidade quanto à organização edipiana, Freud teria ressaltado), sua revolta contra a desigualdade moral e jurídica. Quanto a este último aspecto, Carmem da Silva, foi sempre bastante hábil, em referir "as consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos" menos à ordem das evidências ou do visível e mais às representações sociais destas evidências. Assim, o machismo, o patriarcalismo da sociedade brasileira são responsabilizados pela infantilidade, dependência, cula, agressividade e masoquismo da mulher. O imaginário da modernização é organizado pelas noções de realidade/distorção. O que se pretende pela liberação sexual é que esta, a pulsão sexual, não seja causa de distorções e "dissociações neuróticas" em razão de seus efeitos inconscientes, ligados à repressão.

A "cultura psicanalítica do narcisismo" baniu a diferença entre os sexos do imaginário social. Raramente, vemos qualquer menção à outrora prestigiosa mitologia do complexo edipiano. A sexualidade reprimida também não é causa de conflitos neuróticos. A fonte de sofrimentos neuróticos advém da insuficiente aceitação do "que se é", "diferente", por natureza, do outro, de qualquer outro. E essa não aceitação da solidão radical da própria diferença não é a sociedade, a

cultura ou o machismo. A causa do auto-desprezo é a educação. Especialmente, os excessos e insuficiências da proteção que toda criança precisa na infância mais precoce.

A **representação ideal** da mulher liberada organiza-se com base na idéia de funcionamento "independente" e não inter-subjetivo. O funcionamento psíquico "independente" advém do reconhecimento da inescapável solidão da própria diferença, que se alcança quando a hostilidade contra si mesmo é dominada e prevalece a "auto-estima". O novo imaginário anuncia e promete a cura do mal-estar na civilização. Este não é uma contingência inevitável, muito pelo contrário, pois, a elisão conceitual da pulsão de morte, nessa nova "cultura psicanalítica" reduz o mal-estar a ação de forças exteriores ao sujeito. A psicanálise assume a feição de uma prática destinada a suprir as faltas e coibir os efeitos dos excessos da instância parental.

Freire Costa(1984), em um capítulo extenso (Sobre a Geração AI5: Violência e Narcisismo), desenvolve um trabalho que entre os incontáveis méritos e a indiscutível originalidade, esforça-se para conferir densidade conceitual à idéia de que o sujeito mais contemporâneo é ele próprio narcísico. Referindo as afecções do narcisismo aos efeitos de violência da própria sociedade do consumo. A reação à experiência da dor e não a restauração da experiência de satisfação. **"O mal-estar da cultura atual não se explica, em nossa opinião, por um 'excesso qualquer de narcisismo' ligado à economia da experiência de satisfação. O homem narcísico**

não sofre por querer "gozar demais" ou por sonhar com um Eros órfico e narcísico da utópica Grande Recusa marcusiana...o narcisismo moderno é um narcisismo regenerador. o investimento compulsivo no corpo que presenciamos hoje é uma maneira encontrada pelo indivíduo de limitar os efeitos violentos da sociedade de consumo...É esta violência que explica seu narcisismo e as aparências 'patológicas' que ele assume. Seu corpo e seu sexo monopolizam a libido objetal porque como o 'órgão lesado' ou 'hipocondríaco' de Freud, tornaram-se fontes de sofrimento, dor e ameaça de morte para o Eu." (Freire Costa, 1984 pag.169)

A reflexão de Freire Costa, auxiliada por alguns autores <3> devolve à cultura psicanalítica sua articulação com o campo social.O narcisismo que é efeito da sociedade de consumo não funciona a partir de uma estratégia de "sedução generalizada". A sociedade de consumo está para o narcisismo/ pulsão de morte, assim como o complexo edipiano esteve para a repressão/pulsão sexual. É por isso que sua conclusão afasta a hipótese de continuidade com o modelo do trauma ligado à experiência de satisfação ou ao complexo edipiano e o advento do princípio de realidade. Reproduzimos seu argumento em seguida:

"Laplanche, seguindo Freud ao pé da letra, observa que existe uma diferença entre o traumatismo em geral(traumatismo infantil) e o traumatismo causador da neurose traumática ou neurose de guerra. No traumatismo infantil, o acontecimento traumático (por exemplo, a 'sedução' oriunda dos cuidados

3. Especialmente Cristopher Lasch e Jean Baudrillard

maternos, a 'observação' da cena primitiva, etc..) é elaborado em conformidade com o modelo da experiência de satisfação, seguindo as regras do princípio do prazer, desprazer. A experiência de satisfação, como é sabido, significa o movimento da pulsão em direção ao objeto perdido, cuja falta provoca desprazer, pelo acúmulo de tensão libidinal não satisfeita. Esse objeto é evocado através da reativação de seus traços mnésicos e, uma vez reencontrado, permite a descarga pulsional ou prazer."(pag. 170)

Reencontrar esse objeto, que não está pré-fixado à pulsão (como uma necessidade do instinto)é do que depende o acontecimento psíquico para que seja reencenado, para que então advenha a significação, como significação sexual. **"O objeto reencontrado e'investido libidinalmente, permitindo a descarga que faz cessar o desprazer e surgir o prazer."** (pág. 170) O objeto é causador do trauma pela sua ausência e se pode recuperá-lo na fantasia ou na realidade, servindo então à descarga energética da pulsão.

As injunções do Super-ego impõem ao Ego um substituto do objeto original incestuoso. Instaura-se, desse modo, o princípio de realidade, que é um refinamento do princípio do prazer. (pág.171)

A cultura psicanalítica dos anos 60/70 faz referência ao curso distorcido da libido quando o complexo identificatório (acima indicado) falha em "enquadrar" o princípio do prazer. O psicologismo da "autenticidade", como já nos referimos na

parte II, quer devolver ao eu a sua integridade que pela repressão foi perdida .

O modelo psicanalítico, que de acordo com Freire Costa, melhor se prestaria à captação do sujeito na sociedade de consumo é o da neurose traumática. **"Clinicamente, o sujeito vítima de um traumatismo desta ordem experimenta pânico, terror, confusão, estupor ou fenômenos conexos, até que medidas defensivas sejam ativadas. Todos esses sintomas apontam para o despreparo do psiquismo diante da situação inesperada. Ultrapassada essa fase, inicia-se um processo de evocação repetitiva do evento traumático, mormente através de sonhos ou pesadelos."(pag. 171)**

O modelo da neurose traumática se ajusta com perfeição aos diagnósticos praticados na revista da "mulher liberada". A repetição do acontecimento desagradável, caraterística, de acordo com os aconselhadores e articulistas desta revista, é o sinal manifesto mais comum do auto-desprezo. O objeto alucinado não é o objeto da satisfação e sim a reedição das experiências traumáticas. O modelo psicológico da leitora de Nova é o modelo da dor. De acordo com Freire Costa, este modelo adequa-se às situaçoes de violência. **"Violência, a nosso ver, é toda ação traumática que conduz o psiquismo ou a desestruturar-se completamente ou a responder ao trauma através dos mecanismos de defesa, análogos à economia da dor. Violenta é toda situação de vida em que o sujeito é colocado em posição de não poder obter prazer, ou de só buscá-lo como defesa contra o medo da morte." (pág. 173)**

A violência radica num estímulo não sexual mas faz surgir a sexualidade como defesa contra a morte. Essa sexualidade é compulsoriamente narcísica pois não pode ligar-se ao objeto traumático. A violência impede o surgimento da sexualidade objetal, dada a especificidade do estímulo não-sexual que veicula.

Neste ponto, deixamos de lado as considerações de Freire Costa sobre a violência e o traumatismo, para perguntar: Porque a psicanálise difundida nos anos 80 pensa o sujeito psíquico segundo o modelo do trauma e da dor ? Trata-se de boa sensibilidade psicanalítica, de captação precisa das afecções psíquicas mais contemporâneas ? Talvez. Mas nosso propósito é implicar a "cultura psicanalítica" e seus efeitos, lembrando, que do nosso ângulo, trata-se de pensar a produção de demanda.

Se comparamos o percurso de Carmem da Silva, seus objetivos e a versão da teoria psicanalítica que difundiu seremos levados à conclusão de que a demanda de psicanálise que se produz nesse período é demanda de modernização. É esse o compromisso imaginário que vai sustentar a procura dos consultórios psicanalíticos, especialmente por parte das mulheres. O imaginário da modernização se oferece segundo as linhas do princípio do prazer. O casamento igualitário é perfeito, o trabalho extra-doméstico é realizador, a sexualidade desreprimida é plenamente satisfatória, o diálogo é transparente, e a expressividade psicologizante provê o

acesso à "verdade de si". Se observamos as pesquisas antropológicas dos anos 80 sobre o imaginário da modernização social (ver parte VII, deste trabalho), perceberemos sinais de decepção com esses projetos de mudança. Do mesmo modo, será possível identificar uma nova referência ideal regendo a experiência discursiva que avalia os projetos de modernização. O imaginário do igualitarismo entre os sexos e as gerações, desde o final dos anos 70 dá sinais de caducidade. A "diferença" e a "singularidade" irrepetível de cada um despontam no horizonte, como novas **representações ideais.**

Será essa nova ideologia a expressão imaginária da violência da sociedade de consumo? A resposta a essa questão transcende nossos recursos de análise. Certamente que há relações entre a "cultura do narcisismo" e a sociedade de consumo. Mas isto talvez não seja tudo. O "sujeito narcísico", sucessor do sujeito "reprimido", pode ser pensado como uma produção conceitual da "cultura psicanalítica" que desenha no campo dos objetos teóricos novos campos de demanda de psicanálise. Por meio deste sujeito ideal negativo, narcísico, a **representação ideal da singularidade**, traça as vias de constituição, no imaginário social, de seu lugar como objeto de demanda.

A questão da relação violência e narcisismo, que não nos é indiferente, vamos tentar pensar no âmbito da teoria freudiana da cultura, na parte 5 deste trabalho.

PUC
RIO

TANIA COELHO DOS SANTOS

SUBJETIVIDADE E DIFUSÃO DA PSICANÁLISE: UMA DISCUSSÃO DA CULTURA PSICANALÍTICA

Volume 2

TESE DE DOUTORADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

ABRIL 1990

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
http://www.puc-rio.br

N.Cham. 150 S237s TESE UC
Título Subjetividade e difusão da psicanalise
Ex.1,v. 2 PUCB 0054609

PARTE 4

PSICANÁLISE E PSICOLOGISMO

I. A QUESTÃO DE UMA **WELTANSHAUUNG** PSICANALÍTICA

A psicanálise no Brasil difundiu-se sensivelmente. Sua onipresença na cena social, em particular, nos meios de comunicação nas revistas dirigidas ao público feminino, nas colunas de jornais, nos programas humorísticos, nas propagandas e nas novelas de televisão é testemunha dessa maciça difusão. Igualmente, as conversas cotidianas e a atitude receptiva, que costuma marcar as relações do público leigo com os representantes desse saber, são outras entre tantas expressões do prestígio e da hegemonia da psicanálise entre os "modos de subjetivação" sustentados pelos saberes e práticas de "elaboração de si".

A psicanálise é apresentada como solução para um amplo espectro de dilemas comuns. As escolhas amorosas, a vida sexual, as rupturas e decepções da vida de casado, namoros complicados, a opção entre ter ou não filhos, as hesitações da vida profissional, e o largo horizonte de incertezas que passou a cercar a orientação das crianças. Quase tudo enfim é passível de ensejar a expressão de um anseio, de uma **demanda** de intervenção psicanalítica.

Freud (1933) já se interrogava se a psicanálise conduziria a uma determinada **Weltanschauung**. Esclarece que esse termo é "especificamente alemão" o que parece indicar

UC 352876

34996

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
967
BIBLIOTECA
19/02/92
DO RIO DE JANEIRO

54609

150
S237a
TESE UC
v.2

que suas raízes na cultura e na produção de conhecimentos de origem alemã importam numa certa dificuldade de captação do sentido preciso desta expressão em outras línguas. Uma Weltanshauung é "uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo o que nos interessa encontra um lugar fixo."(Freud, 1933:pág.193)

As raízes de uma construção como essa são os "desejos ideais" dos seres humanos pois pela via da crença numa Weltanshauung "se pode sentir segurança na vida, pode-se saber o que se procura e como se lidar com as emoções e interesses próprios da maneira mais apropriada" (Freud, 1933:pág:193-194)

A psicanálise de acordo com seu fundador seria incapaz de produzir uma construção desse tipo radicalmente original, de vez que, como "ciência especializada, ramo da psicologia - psicologia profunda, ou psicologia do inconsciente" tem que aceitar a Weltanshauung científica. A ciência, muito embora se ponha em busca de uma explicação uniforme do universo, o faz apenas na qualidade de projeto, cuja realização é relegada ao futuro. A posição da ciência face às fontes de conhecimento do universo, funda-se na exclusividade da elaboração intelectual de observações cuidadosamente escolhidas, excluindo de seu acervo as formas de conhecimento derivadas da revelação, intuição e adivinhação.

Freud contrapõe, ainda nesse mesmo artigo, a atitude derivada da **Weltanshauung** científica à atitude religiosa. Por meio desta última, o sentimento de desamparo infantil revela-se persistente na vida adulta. A figura de um deus-criador,**"homem magnificado em todos os aspectos, em poder, sabedoria e força de suas paixões - super-homem idealizado"**, a psicanálise permitiria inferir que se trata do pai, **"com toda a magnificência, em que, durante determinada época, ele aparecia para a criancinha"**, pois o adulto na sua confrontação com o mundo, com os perigos da vida ainda é uma criança, reconheceu que seu pai possui poderes muito limitados e agora retorna à imagem infantil que tinha dele: **"A força afetiva dessa imagem mnêmica e a persistência de sua necessidade de proteção conjuntamente sustentam sua crença em Deus."(Freud, 1933, pág:198-199)**

O mesmo pai (instância parental, composta do pai e da mãe) que protegeu a criança **"ensinou-lhe também o que podia e devia deixar de fazer, instruiu-a no sentido de adaptar-se a determinadas restrições em seus desejos instintuais e fê-la compreender o respeito que devia ter para com os pais e irmãos, se quisesse tornar-se um membro tolerado e benquisto do círculo familiar e, posteriormente, de associações mais amplas." (pág. 199)**

A fonte das exigências éticas que os sujeitos adultos se fazem é pois a relação originária com os pais. O amor a Deus e a consciência de ser amado dependem de que o sujeito

satisfaça estas exigências. Estas últimas são indispensáveis à sociedade humana e deveriam, de acordo com Freud, basear-se em outros modos de adesão que não a fé religiosa.

A adesão fundada na razão, e não na fé, significa apenas o exame mais rigoroso da credibilidade dos sensos de percepção, equipando o espírito crítico com novas percepções que não se podem obter pelos meios habituais, no esforço de chegar à **"correspondência com a realidade - ou seja, com aquilo que existe fora de nós e independentemente de nós, e, segundo nos ensinou a experiência, é decisivo para a satisfação e a decepção de nossos desejos. A essa correspondência com o mundo externo real chamamos 'verdade'."**(Freud, 1933 pag.:207).

E aquilo para o que o conhecimento psicanalítico deveria instrumentar os homens é justamente para reconhecer a realidade psíquica do ser humano. Seus instintos de auto-conservação, sua agressividade, sua necessidade de ser amado, de buscar prazer e evitar o desprazer. As reivindicações do seu super ego, que presentificam a tradição e ideais do passado, razão pela qual o homem não vive exclusivamente no presente. O super-ego é a herança inerradicável da dependência infantil, os ideais representam a condição de possibilidade de fundar os laços de interdependência com outros homens, pelo que a dependência primitiva pode ser transposta.

O ideal para Freud não é portanto um puro artigo de razão. É a dimensão do humano pela qual a dependência do outro é acolhida na fé comum, mas que ao contrário de uma religião está sujeita à transformação, à crítica pela razão, pelo que é objeto de prática de elaboração subjetiva e social.

Por esse motivo, quando Freud nos diz que no futuro a ética deveria fundar-se em bases racionais e não na fé religiosa, entendemos que essa ética racional, assentada numa **Weltanschauung** científica deve, paradoxalmente, levar em consideração a realidade psíquica. E o desejo inconsciente, conceitos que informam uma concepção de sujeito descentrada da consciência, bem como uma acentuada limitação das expectativas na racionalidade humana.

Se a psicanálise faz uma teoria do sujeito e da ideologia, da fé, da religião é para reconhecer essa dimensão da subjetividade como inerradicável e não para combatê-la. Para ser fiel à sua inserção na **Weltanschauung** científica, a psicanálise pode reconhecer a fonte e as origens da fé mas não pode destruí-la. De forma que toda a eficácia de seu discurso orienta-se para a questão de que o ideal se pratica e pela prática ele revela seus limites enquanto artigo de fé. A decepção é aqui a mãe da ciência, daí o empenho que Freud vai colocar sobre a "razão" como dimensão do sujeito que pode acolher a decepção ao invés de expulsá-la pela manutenção da fé intocável.

A difusão da psicanálise encontraria aí, na crítica menos da fé que do dogmatismo religiosos, sua plena justificativa ? O caminho para a transformação das bases da ética pelo reconhecimento da realidade psíquica, justifica que a sociedade deva ser informada a respeito da descoberta psicanalítica sobre a fé, no combate ao dogmatismo ?

Entretanto, Freud nunca acreditou que o acesso a esta verdade pudesse se fazer pela via do acesso à informação. A experiência analítica foi sempre considerada a única via segura pela qual a convicção do inconsciente, poderia ser alcançada. Paradoxalmente, a psicanálise ao se difundir investe no campo da informação. Sua presença nos meios de comunicação gera efeitos sobre a ética, a educação e sobretudo produz demanda de intervenção analítica. O saber difundido da psicanálise, engendra novos domínios da reflexão e da elaboração da subjetividade, comandando uma nova estética e articulando novas referências ideais, valores ou ideologias. Os efeitos da difusão extrapolam a confrontação entre fé e razão, religião e ciência, consubstanciando no corpo social uma materialidade de efeitos sobre a subjetividade não redutível à produção de uma nova **Weltanschauung.**

Qual a medida do afastamento da psicanálise difundida nos meios de comunicação, entre leigos, da verdade desta teoria é uma das perguntas mais difíceis de responder. Nem mesmo, nos parece útil conduzir-mo-nos por esta senda, de vez que aquilo que se difunde em nome de Freud e da teoria psicanalítica do

sujeito não deixa de ter sua positividade, sua eficácia e seu efeito sobre o imaginário social. Enveredar por esse caminho é recair na dissociação razão x religião ou ciência x ideologia, contornando o principal problema, pois se reconhecemos a realidade psíquica é forçoso que abandonemos a separação entre estes campos. Deste ponto de vista, o da realidade psíquica, as representações sociais do "sujeito do inconsciente", da "responsabilidade moral", da "sexualidade", da "agressividade", do "prazer" e da "dor" estão no cerne das concepções que o sujeito contemporâneo supõe como 'verdadeiras' e determinam uma parcela considerável daquilo que ele busca na 'realidade'. Razão e fé, ciência e ideologia pelo processo de difusão da psicanálise articulam-se numa prática coletiva de produção de **representações ideais do grupo social** pela qual os indivíduos concretos e singulares podem situar as referências e os meios de subjetivação própria.

A difusão da psicanálise, como a percebemos, articula-se de um lado com a produção social e coletiva de novas **representações ideais** de sujeito, e de outro com a constituição da demanda de intervenção analítica, enquanto uma expressão particular de um modo de subjetivação.

Com relação a esse aspecto particular, com certeza seremos lembrados do sofrimento psíquico e da angústia que constituem as razões pelas quais a procura de psicanálise efetivamente se dá. Inegavelmente, ninguém procura psicanálise "para se conhecer", se "modernizar" de acordo com

os padrões ideais de seu tempo, muito embora a formulação da demanda de análise possa apoiar-se, na sua literalidade, em expressões mais ou menos típicas como essas. A escuta do analista, com certeza, será capaz de transcender essas formulações, entrevendo um sentido singular onde outra escuta reconheceria, tão somente, o sentido literal mais ou menos padronizado ou típico. O entendimento do sentido que a demanda assume na sua relação com a escuta não nos exime, entretanto, de dar conta de que certas mudanças sociais e a difusão de verdades como a que a psicanálise porta sobre o sujeito, desde que se convertam em exigências de elaboração moral ou estética para um dado grupo social, são passíveis de produzir angústia, em virtude das ameaças imaginárias que podem desencadear.

As relações do processo de difusão da psicanálise com a produção da angústia que alimenta a procura de análise deveriam ser tomadas em consideração, pois embora não se possa atribuir à informação em si mesma um carater iatrogênico, nada nos impede de perguntar se a oferta desse conhecimento não é determinante na produção da resposta: demanda. Pois a oferta de psicanálise pode potencialmente desestabilizar a **Weltanschauung** que sustenta as exigências morais, éticas e estéticas de um grupo social, em virtude da "verdade", que de acordo com o próprio Freud, ela introduz na concepção de sujeito. Se a "verdade" que ela porta não trouxesse nada de potencialmente desestabilizante, porque tantas vezes teria Freud se referido à "resistência" que ela suscitaria entre seus ouvintes ? Se ouvintes havia, à

despeito ou graças à "resistência" que as comunicações de Freud provocariam, é porque a difusão da psicanálise serve-se da "resistência" que se manifesta pela oposição e igualmente pela adesão. O efeito de fascinação, repúdio ou de angústia estabelecem-se numa dialética que será preciso referir posteriormente à relação do sujeito aos ideais.

A questão do fascínio que ela possa provocar pode ser referida à natureza mesma dessa "verdade", pelo que ela comporta de surpreendente e perturbador ou pode levar em conta o contexto mesmo dos ideais dominantes nos grupos em que a hegemonia da psicanálise se impõe. A psicanálise, como saber e como prática ou modo de subjetivação, no seu processo de difusão, articula-se a um campo particular e histórico de **representações ideais** que se configuram como alvos investidos de desejo, e através dos quais os indivíduos vão empenhar-se em subjetivar-se.

A difusão do saber da Psicanálise apóia-se na articulação a um campo social, onde circulam **representações ideais**, que, seja pela sedução, seja pela violência, impõem-se como norma de ingresso, pertinência, cidadania e funcionamento político em determinado grupo social. O processo de produção dessas **representações ideais**, sempre historicamente particulares, remete à complexidade da relação entre sujeito e cultura, Nesse território consideramos que a teoria psicanalítica é bastante sagaz e nos aponta a fonte inerradicável dos motivos morais que induzem o homem a produzir continuamente a cultura e a si mesmo como "sujeito" (agente e produto) dela.

PUC-RIO

No processo de articulação da demanda, a adesão religiosa à teoria psicanalítica pela fé não é um elemento contingente ou desnecessário. Em princípio, porque a adesão aos ideais é sempre algo dessa ordem. As privações que o homem se impõe voluntariamente, mais além daquilo que o código social lhe prescreve, só fazem sentido se pensamos, que esta satisfação à qual ele renuncia, ele espera recuperar "noutra vida". Esta "outra vida" poderá ser concebida como literalmente (como na fé cristã), depois da morte, ou o sentido dessa morte pode ser inerente à renúncia, à satisfação direta da pulsão, o que é o mesmo que dizer que os artigos de fé relacionam-se com a dimensão dos ideais.

A questão de uma **Weltanschauung** psicanalítica, diria respeito, portanto, ao processo pelo qual a psicanálise pode se tornar a "religião" de certos grupos, os psicanalistas e seus pacientes, no tecido complexo da oferta e da demanda. Dirá igualmente respeito, às diferentes versões desse saber, que historicamente competem entre si em nome da fidelidade ao pensamento freudiano, marcando o campo da oferta de psicanálise com concepções do sujeito e da natureza humana dotadas de eficácia diferentes na produção de demanda. O movimento próprio à difusão da psicanálise no seu desenrolar faz os mais diversos compromissos com outros saberes e projetos de intervenção no social que respondem pela **Weltanschauung** à qual será integrada. Com isso, pretendemos que não se deve dissolver a questão de uma **Weltanschauung** psicanalítica no quadro inespecífico de uma referência à

generalidade da religião ou dos ideais, marcando a especificidade das produção de "ilusões ou ideais diversos" ligados a essas diferentes versões. A demanda só poderá se constituir no quadro das "ilusões" despertadas por cada versão específica do saber psicanalítico.

II.PSICOLOGISMO E **WELTANSCHAUUNG** PSICANALÍTICA

Figueira (1988) desenvolve uma extensa apreciação desta difusão, distinguindo a representação do saber e das práticas psicanalíticas entre o público leigo e a representação da psicanálise difundida entre psicanalistas.

Observa que a sociedade brasileira experimentou uma exposição à difusão do pensamento psicanalítico de proporções difíceis de serem ignoradas. Cercado de prestígio e manipulado em todas as circunstâncias, este saber teria se tornado uma **Weltanschauung**, partilhada principalmente entre os segmentos sociais dominantes. O **psicologismo** seria o dialeto através do qual circula essa visão de mundo, composta de duas vertentes: uma versão acerca da natureza do homem (eidos) e um código para o controle e a expressão das emoções (ethos). A presença dessas três dimensões (dialeto, eidos e ethos) permitiria falar, no entender de Figueira, da instituição entre nós de uma "cultura psicanalítica".

Se o psicologismo é um dialeto, então podemos supor, muito embora isto não seja explicitamente dito, que se trata de uma versão da linguagem da teoria psicanalítica do sujeito. E se vivemos numa "cultura psicanalítica" 1<>, isto significa dizer que sujeitos nessa cultura, percebem e tematizam a si mesmos mediante conceitos derivados da teoria psicanalítica do sujeito. Estaríamos diante de uma nova ética, tal como Freud vislumbrava ? Seria esse fenômeno, o de uma "cultura psicanalítica", a expressão de uma ética sustentada no reconhecimento pela razão da realidade psíquica ? Nessa cultura, os sujeitos informados pelo conhecimento psicanalítico, teriam acedido a uma **Weltanschauung** científica da natureza psiquíca do homem?

Face a estas interrogações, somos obrigados a interpolar outras perguntas um pouco mais incômodas. Será consenso entre os psicanalistas ao longo do movimento psicanalítico propriamente dito, qual é essa natureza psiquíca ? A concepção do que seja a prática psicanalítica e a que se destina terá sido sempre a mesma ? Sabemos que não. E por essa razão uma reflexão séria sobre uma possível "cultura psicanalítica" tem que partir do reconhecimento de que malgrado a universalidade aparente dos conceitos, são abundantes as acepções que podem receber e as práticas que poderão inspirar.

Aquilo que Figueira observou e nomeou de psicologismo não é uma retórica homogênea. No movimento de difusão da

---

1. Turkle,(1978)

psicanálise estruturam-se diferentes psicologismos ligados a versões particulares da teoria psicanalítica e a **representações ideais** de sujeito dominantes no social em momentos historicamente determinados. Como já sugerimos anteriormente este compromisso é responsável pela especificidade da retórica psicologizante e altamente expressiva da particularidade daquilo que o sujeito demanda.

Não há portanto um **eidos** e um **ethos** mas tantos quantos sejam as versões do código explicativo e interpretativo da teoria psicanalítica, bem como os compromissos que assume com os valores sociais em constante processo de transformação.

Do nosso ponto de vista, seria preciso tratar o problema da difusão psicanalítica sem abrir mão de explicitar qual é a posição que assumimos no complexo quadro de versões da teoria psicanalítica do sujeito. Abdicamos explicitamente de qualquer pretensão à neutralidade. Não nos parece apropriado, muito menos necessário, quando se trata de pensar as consequências, no plano da subjetividade, desse processo, abdicar deste referencial de vez que, redundaria num esforço não apenas inútil, como obscurecedor.

Acreditamos que de um ponto de vista rigorosamente psicanalítico, o sujeito é interpretação, e que portanto a relação entre o **eidos** e o **ethos** não é acidental ou gratuita, mas releva da implicação do homem com a linguagem, questão que vamos explorar na parte II deste capítulo. Por enquanto, é suficiente considerarmos que não é a difusão da psicanálise

que vai constituir o sujeito como "intérprete" e a "fala" como código expressivo por excelência. A questão nesse nível é se a difusão de uma certa versão da psicanálise (e não necessariamente qualquer versão) não produz como efeito que o sujeito se "represente" a si, e à sua natureza humana, como um "intérprete".

A questão mais importante, no nosso modo de entender, é relativa à mecânica inter- e intrasubjetiva dessa "cultura psicanalítica" no que diz respeito às suas diferentes versões. Queremos ressaltar o fato de que em toda versão introjetada, confundem-se no mesmo ator, um analista e seu **eidos**, ou seu código, fundado num saber sobre a natureza do homem, e um paciente, de quem se fala, e que falando, aufere (ou não, seria preciso considerar essa possibilidade) o benefício liberador, diretamente, através desse falar, **que é seu ethos** ou código expressivo. Se a versão desse código é explicativa tão somente ou interpretativo, depende de que o sujeito se represente ou não como intérprete.

Pensamos, que no modo pelo qual o sujeito se reporta a si mesmo e se explica ou interpreta seria possível reconhecer versões diferentes do que seja a teoria psicanalítica e funcionalidades diversas para a prática da explicação ou da interpretação. É neste contexto que sugerimos que o efeito possa não ser liberador e sim produtor de mais angústia. A questão deveria ser situada ao nível da função de explicador ou intérprete de si mesmo como algo essencialmente fundado numa identificação com a função analítica. Consequentemente,

o modo de exercício desta função teria implicações sensíveis sobre o psicologismo adotado pelo leigo.

A difusão de uma versão medicalizada da psicanálise, por exemplo, engendra um imaginário governado pelas noções de normal e patológico, pois esta teoria assume a feição reificada de um código explicativo autônomo com relação ao dispositivo analítico e a transferência. Identificado com essa perspectiva, a função interpretante pode reduzir-se a uma mais ou menos paranóica explicação de si ou a uma hipocondríaca verificação de saúde mental ou ainda uma melancólica auto-acusação de suas insuficiências com relação a um padrão ideal.

O correlato desta prática, ou deste psicologismo, e seu modelo inspirador é a interpretação selvagem, que se exerce fora dos limites do dispositivo analítico e que fundamenta o essencial desta posição de "analista de si mesmo": a referência a um código normativo. É esse exercício onipotente e degradado em atividade explicativa da atividade interpretante, que pela sua violência e intrusão vai sugerir o modo de relação consigo mesmo que o sujeito leigo assumirá. Pois, se o analista pode dispensar o contexto analítico, como se faz frequentemente nos meios de comunicação, porque deveria o potencial paciente, servir-se do analista se pode incorporá-lo, seu saber e sua prática interpretativa e fazer, também ele onipotentemente, sua análise "home made" ?

O psicologismo portanto, é uma noção que reporta ao quadro, complexo, da difusão da psicanálise. Quem quer que se disponha a retratá-lo vai se ver às voltas com o processo social de produção da demanda expandida, de psicanálise.

Creditamos ao processo de difusão da psicanálise a oferta de uma certa modalidade de interpretação que é fundada no seu "código interpretativo". Isto, entretanto, não é tudo. Pretendemos que seria preciso, por essa mesma razão valorizar o modo pelo qual o analista concebe o "lugar de onde a interpretação se engendra" para que se possa entender claramente a natureza daquilo que se oferece ao público leigo. Só então faz sentido empreender a compreensão dos efeitos sobre a subjetividade do processo de difusão psicanalítica. Dizer portanto que a psicanálise difunde um **eidos**, não responde inteiramente à questão de como se produz uma "cultura psicanalítica" pois é preciso considerar como, a partir de que "representação do analista", essa difusão vem a se fazer.

O modo pelo qual esta oferta se faz é o que insistimos que deve ser caracterizado. Isto se evidencia facilmente pela discussão da natureza da interpretação psicanalítica, considerada a partir da pergunta: quem a formula, o analista ou o analisando ? Indiscutivelmente, quando um analista exerce essa função através por exemplo, da resposta à carta de leitores de uma revista feminina seu saber se apresenta

como um "código interpretativo" reificado <2>, pois se dispõe operar efeitos de "cura" independentemente do dispositivo analítico e do manejo da transferência. Deste modo, é o analista quem fornece a interpretação, pois de posse do "código interpretativo", ou saber da psicanálise, o analista se propõe a traduzir as razões do sofrimento na linguagem do seu **eidos**. Respondendo ao sujeito que lhe encaminha uma pergunta, por meio de uma carta à redação de uma revista ou jornal, faz crer que a interpretação deriva de um código fixo e imutável. Neste contexto, a interpretação é reduzida à explicação e não raro desencadeia efeitos que seria preciso relacionar com a violência.

A possibilidade de que o saber da psicanálise possa ser manejado como um "código interpretativo" é uma idéia essencial à nossa caracterização do efeito da difusão da psicanálise. Vamos nos valer da definição de Birman (1984) para melhor especificar essa noção: **"Poderíamos afirmar que o psicanalista disporia de um "código absoluto do funcionamento mental", que discriminaria uma série infinita de fantasmas e**

---

2. Birman, 1984, pergunta-se sobre como se estrutura e se constitui a interpretação psicanalítica e quem é o seu formulador, o analista, o analisado ou algo que se passa entre os dois termos da relação, num espaço outro constituído entre ambos ? No seu entender, o dispositivo analítico, pelo trabalho compartilhado entre analista e analisando, estrutura um terceiro lugar que possibilita que algo se articule e possa ser pronunciado em algum momento, por um dos sujeitos implicados na relação transferencial. Contrasta sua posição quanto à natureza da interpretação no processo analítico com a do psicanalista portador de um "código interpretativo", razão universal, instrumento de decifração que não exige, como condição de possibilidade de seu manejo, que o analista esteja implicado num processo transferencial e que somente na medida em que sofra seus efeitos possa compartilhar com o analisando a posição de intérprete.

de técnicas defensivas, que caberia apenas aplicar para apreender a combinatória implícita em cada contexto, nos vários arranjos possíveis de serem estruturados frente as séries fantasmáticas e defensiva, para conseguir assim que o inconsciente se tornasse consciente, ou que o ego ocupe o lugar anteriormente ocupado pelo id, realiando assim o trabalho de cura. Enfim, a operação interpretativa se identificaria com uma "prática de tradução."(págs: 15 e 16)

A rigor, se a presença dessas três dimensões (dialeto, eidos e ethos) autoriza reconhecer entre nós uma "cultura psicanalítica", como dispõe Figueira, seria preciso pensar como é que essa cultura se estrutura e o que é que ela produz. Seria preciso ter em conta, que espécie de representação do "fazer psicanalítico" é veiculada no processo de difusão e consequentemente, qual é o "modo de adesão" ao saber psicanalítico que os analistas engendram entre os leigos. Pois, se como nos indica Birman, o analista que se supõe de posse do saber psicanalítico como um "código interpretativo" tem de si, do seu ser de analista uma certa representação, há que se pensar que efeitos a oferta de seu saber produzirá no campo da demanda.

Sobre o analista e a representação de seu ser e de sua função, Birman (1984) nos diz: "Neste modelo, o psicanalista funcionaria como alguém inteiramente analisado, que realizou um processo analítico do qual nada restou de insólito e de não representável. O psicanalista seria, portanto, a própria imagem da razão absoluta recuperada, a realização trans-

histórica do espírito absoluto de Hegel, mestre do eu inconsciente, por isso mesmo, também, senhor soberano do insconsciente dos outros. A sua tarefa seria a de conduzir os seus analisandos a atingir este ideal em que a razão seria completamente transparente a si mesma, e na qual a loucura seria inteiramente domada e reconvertida ao universo da razão."(pág.: 16)

A questão que sugerimos anteriormente e que retomamos desse ponto de vista seria: quem é o sujeito da demanda que serve de suporte a tal "cultura psicanalítica", dado que a difusão da psicanálise, ao menos num certo período da história recente, se apoia numa "representação do psicanalista" como a que Birman descreveu. É um sujeito de um sofrimento psíquico universal, de uma angústia trans-histórica ? Ou será possível referir sua angústia, seu sofrimento, e consequentemente a produção de sua demanda a essa oferta de um "código interpretativo" por um "outro" que é "puro saber". A conversão à psicanálise como uma **Weltanschauung**, que é como entendemos o psicologismo auto-explicativo, não testemunha que o "modo de adesão" à psicanálise na "cultura psicanalítica" é consequência da representação da "função do analista" como portador de um "código interpretativo" com a qual o leigo se identifica e passa a operar como "analista explicador de si mesmo" ?

Esta questão pode ser entrevista no contexto das chamadas psicoterapias de base analítica. Frequentemente, a prática dessa modalidade de psicoterapia pode operar o "código

PUC-RIO

psicanalítico" abdicando da análise da transferência. No contexto dessas práticas, a palavra do analista pode converter-se em sugestão e incentivo a que o sujeito se constitua à imagem e semelhança do discurso do analista como portador de um código reificado.<3> Nesse sentido, o problema da constituição da demanda de psicanálise pela ação do psicanalista nos meios de comunicação relaciona-se com a questão da difusão da psicanálise no campo profissional do psicólogo, apresentando-se interligada à produção das chamadas psicoterapias de base analítica.

O psicoterapeuta bem como o leigo encontram-se face ao código interpretativo da psicanálise em posição similar, qual seja, mostram-se dispostos a manejá-lo como um código fixo e imutável de significações pelo qual o sofrimento pode sofrer um processo de tradução. Essa condição do sujeito face o saber e o fazer psicanalíticos, não é, entretanto, apanágio exclusivo desses agentes sociais. O psicanalista, pode ser

---

3. No trecho que se segue"E, nesse campo, uma questão que remete diretamente à natureza da função analisante garantindo a permanência de um trabalho de interpretação que não pode ser reduzido a uma mera "explicação" de um funcionamento mental: certos modelos da teoria e da prática da psicanalíticas, embora mantendo o seu valor de eficácia psicoterápica, não se tornaram 'aplicações' à cura analítica de um discurso apoiado e veiculado pela sugestão, impossibilitando assim a constituição de um espaço para uma efetiva experiência transferencial - a que possibilitaria a emergência de uma palavra 'outra' - modelos que "curando" manteriam inalisável a alienação do sujeito, daí por diante "construído" apenas à imagem e semelhança do discurso de mais um 'outro' - o analista ? Como não escutar, em ressonância, o que disso se revela no modo como tantos analisandos falam dos benefícios da interpretação: 'o meu analista disse'..." (pág. 11) Birman e Nicéias (1983) entrevêm a questão da difusão da psicanálise no ontexto das práticas clínicas de inspiração psicanalítica ou psicoterapias de base analítica.

cativo, igualmente, dessa mesma relação com o saber psicanalítico.

A conversão à psicanálise como **Weltanschauung** é, deste ponto de vista, um efeito de uma certa relação com o saber psicanalítico, pela qual este é reduzido a um "código interpretativo" fixo e invariável. Esse efeito atravessa o campo psicanalítico como um todo e não inocenta sejam leigos, sejam psicólogos, sejam psiquiatras, sejam os próprios psicanalistas. Muito pelo contrário, este efeito de reificação, no entender de Birman (1984), parece menos associado à difusão da psicanálise entre leigos ou em outros campos profissionais e muito mais o resultado do processo de transmissão da psicanálise nas instituições psicanalíticas propriamente ditas. Pois: **"Que nos últimos tempos se volte a falar frequentemente de re-análise e dos efeitos contra-transferenciais indomáveis pelo analista, possa significar um desejo de mudança na postura analítica, não colocamos absolutamente em questão. Contudo, isso não significa que o modelo esboçado não esteja presente e muito difundido na conjuntura psicanalítica brasileira. Numa certa medida, esse modelo alimenta, parcialmente, o mito corrente entre nós, da figura todo-poderosa do psicanalista. O que não nega que este mito esteja calcado fundamentalmente na onipotência dos pacientes, como se passa aliás, em qualquer lugar. Ironia do destino: o modelo todo-poderoso é usado para se contrapor aos desejos onipotentes dos analisados, estabelecendo-se um ciclo vicioso que cria um labirinto sem saída, porque a porta de entrada fica também fechada."** (Birman,1984, pág.: 18)

Que o sujeito possa se representar como "intérprete", deste ponto de vista, é absolutamente incompatível com a produção de um modo de adesão à psicanálise como **Weltanschauung**. A questão será então se haverá algum modo seguro de reenviar o sujeito a essa condição fundamental de "intérprete" ou se ainda uma vez aqui, a questão de que ele se "converta" à "representação de si", como intérprete, é ainda uma vez, uma condição indispensável para que subsequentemente ele possa ser sujeito dela. Seria possível falar numa **Weltanschauung** ou numa cultura psicanalítica da "interpretação" ?

III. PSICANÁLISE E PSICOLOGISMO

Do ponto de vista da teoria psicanalítica, não é o código psicanalítico que inventa o sujeito como interpretação. Podemos perguntar, em circunstâncias como as que especificamos, se ela não inventa o sujeito como explicação. O famoso "Freud explica" ganharia aqui um sentido muito particular.

Que o sujeito seja concebido como interpretação, supõe que esta seja a versão da teoria psicanalítica que alcance hegemonia. Birman(1987) nos apresenta a versão do sujeito como o que é interpretação desde sua origem, e esta é por sua vez necessariamente mediada pelo outro, ou seja,

essencialmente intersubjetiva, além de referida ao código de representações coletivas que estrutura toda possibilidade de interação significativa.<4>

Admitimos, de acordo com essa versão, que o sujeito se constitui na relação com um código simbólico e mediante um processo de sexuação, que o precede necessariamente, mediado por um outro sujeito, que deste modo interpreta suas demandas e investe sua natureza corporal de valor erógeno. Então, nessa concepção psicanalítica, o sujeito se constitui a partir do código simbólico pois nem sua natureza biológica ou psicológica seriam capazes de engendrá-lo.<5>

O que significa dizer que dada a condição humana, a prematuridade e o desamparo e a ineludível dependência do Outro materno, o indivídual é radicalmente social, porque o inconsciente é uma realidade transindividual. O sujeito se constitui mediante a figura do outro que se introduz no universo do infante e nessa relação assimétrica e desigual, o outro investe erogenamente o corpo da criança, pervertendo seu corpo originário, constituindo seu corpo pulsional. A sedução materna funciona ainda como mediação dos códigos simbólicos da cultura para o infante. O infante se submete pois a esse outro que é, como já foi dito, o mediador dos códigos da cultura e quem constitui seu corpo como corpo erógeno e a dimensão inconsciente.

---

4. Birman, 1987, pags 259 e 260.
5. idem

O outro materno intervém sobre a natureza corporal do infante como "intérprete de suas demandas". É pela identificação com esse outro que o "eu" do infante se constitui, assim como sua condição de sujeito da interpretação. Interpretação que por sua vez se exerce desde um código sócio-cultural que necessariamente lhe preexiste.

Não seria, queremos reiterar, a difusão da psicanálise que produziria uma cultura de "sujeitos da interpretação", pois o sujeito é desde sempre interpretação. Desse modo, entendemos que o saber da psicanálise é um "código" entre outros "códigos" sócio-culturais. Uma teoria que trata de universais, e portanto, um modelo explicativo do sujeito, que pela sua prática, opera mediante a interpretação e produção de sentido e não pela oferta de uma explicação. Um "código explicativo" pelo qual, qualquer sujeito pode, em princípio reconhecer a "verdade" de sua própria existência como sujeito, enquanto um "sujeito ideal", no sentido de típico e universal. A prática da psicanálise entretanto, exige que na singularidade da experiência analítica, entre em jogo a economia psíquica do analista e a do analisando e pela transferência e a resistência o registro da interpretação torna-se um processo que se realiza dialeticamente entre a singularidade desta experiência e a universalidade da teoria.

Se, por hipótese, prescinde-se desse percurso como via de acesso à "verdade" do sujeito, o sujeito universal da teoria, "sujeito ideal" no sentido de típico, converte-se em "sujeito ideal" no sentido de idealizado. No processo de difusão no

social do "código interpretativo" como simples "código explicativo", converte-se a teoria psicanalítica do sujeito de ideal/universal em ideal/idealizado.

Nossa questão então é: se seria essa operação__ a conversão a uma **representação ideal de sujeito**__ necessária, qualquer que fosse a versão da teoria que se queira difundir ? Se concluímos pela afirmativa, a produção de demanda de psicanálise deve encontrar aí o seu mais poderoso e imprescindível artifício. Neste caso, a "representação do analista" como "função interpretante" não teria qualquer positividade se não se articulasse à **representação ideal da** "singularidade do sujeito", e não produziria nenhuma outra demanda, senão a de normalização segundo esse novo padrão ideal? A conversão à **representação ideal** de sujeito singular, e a representação da função analítica como função "intérprete" não comandaria efeitos novos?

Esta é uma questão crucial porque a produção de demanda de psicanálise encontra-se no centro dos processos de engendramento de novas formas de subjetivação correlatas das mudanças sociais que já se convencionou chamar de "modernização social". Queremos pensar se diferentes versões do que seja a teoria psicanalítica e do que seja a "função do analista" poderiam se difundir articulando-se com diferentes representações de sujeito no campo dos ideais culturais e implicando em "modos de subjetivação" dotados de positividade própria. Desse modo, supomos que a adesão ao código-sócio-cultural da teoria psicanalítica se realiza necessariamente

como uma "conversão", mas a representação da "função do analista" como "explicador" ou como "intérprete" vai também importar necessariamente em diferentes positividades ou diferentes "modos de subjetivação". À demanda de "normalização" ter-se-ia sobreposto uma demanda de "singularidade", e estas distinguem-se entre si pelos efeitos na experiência dos sujeitos.

Os procedimentos pelos quais o sujeito se "subjetiva" são historicamente singulares. A discussão das relações entre subjetivação, poder e saber serão tematizadas na parte V, com o propósito de problematizar a positividade destas diferentes referências ao código ou modos de subjetivação diversos na constituição de sujeitos singulares.

Provisoriamente, é suficiente que se considere que o saber e a prática psicanalíticas ao se difundirem, encontram, na história das práticas de elaboração da subjetividade, seu lugar entre os modos de subjetivação. Este lugar, destes saberes e práticas sobre a subjetividade, já estava, portanto, previamente demarcado na geografia do imaginário social. Esta é a condição de possibilidade, pois, é entre os saberes e práticas de elaboração moral e estética da subjetividade, que a psicanálise no seu processo de difusão, vem inscrever a sua versão particular da natureza humana e seu respectivo código de elaboração do prazer e da subjetividade<6>.

---

6. Essa versão do que seja a psicanálise difundida inspirou-se no que consideramos uma arqueologia da psicanálise, realizada por M. Foucault, e que após o primeiro volume,

Ao fazê-lo, introduz não a interpretação, mas uma certa modalidade interpretativa(7), calcada numa teoria explicativa onde os conceitos de pulsão e recalque são centrais, e numa prática que se alicerça no inconsciente e na transferência. Se admitimos que a psicanálise não fez do homem um sujeito da interpretação, entretanto, produziu uma versão ou teoria do sujeito fundada numa certa modalidade de "interpretação" ou de "explicação". Pensamos que a teoria já é em si e por si uma "interpretação" da natureza humana. Consequentemente, mesmo o sujeito que "se explica", na realidade "se interpreta". É o manejo do código, portanto, que obedece a procedimentos reveladores de uma "reificação" do sentido. A demanda de normalização é o efeito da difusão do código como explicação retificada.

Entre os códigos sócio-culturais, a teoria psicanalítica comportaria como condição de sua própria existência em sociedade, a difusão de seu ideário e a produção de adesão. Resta saber se toda difusão se reduz a produzir sujeitos da auto-explicação ou da demanda de normalização.

Nesta perspectiva, a definição da teoria psicanalítica como "interpretação" e não como um código explicativo com

---

transbordará os limites da ascenção do Estado burguês, estendendo-se à antiguidade greco-latina, desde onde Foucault localiza o ponto de partida de uma história das práticas de elaboração da subjetividade. O sujeito surge nesse itinerário, menos como produção da história recente, atrelada à emergência da categoria indivíduo e da repressão vitoriana da sexualidade, e mais como efeito historicamente variável de diferentes saberes e práticas destinadas ao cuidado de si e à regulação do uso dos prazeres.

sentido fixo e pré-determinado, como definição oficial da teoria psicanalítica do sujeito, não habita o imaginário social desde sempre, e caberia perguntar em que circunstâncias historicamente precisas pôde se difundir. Como e porquê, esta versão alcança seu indiscutível prestígio face a outra versão, no curso dos anos 80. No que concerne às versões que esta teoria assume em seu processo de difusão quais as relações que se poderia fazer com o quadro de valores e ideais hegemônicos no social ? E desse modo contornar a questão da demanda de psicanálise, normalizante ou singularizante, pelo ângulo dos compromissos que os agentes da difusão souberam fazer com as **representações ideais** de sujeito hegemônicas no campo social, valorizando assim a especificidade daquilo que os indivíduos demandam à psicanálise, como o efeito positivo destas articulações.

O material obtido com revistas femininas evidencia claramente o quadro de **representações ideais** dos anos 60/70, onde se delineia a **igualdade entre os sexos**, como dominante, pelo que ela se configura como um ideal analítico de cura. Neste contexto, a difusão da psicanálise se faz no sentido de prover "explicações" para o fracasso no ideal de equiparação entre os sexos. Porque o sujeito não muda, isto deve ser "explicado". O ideal da mudança surge neste momento histórico com endereço determinado. Mudar é ir de um ponto fixo a outro fixo, ou da desigualdade à igualdade entre os sexos. Não deve ser por acaso, que o complexo edipiano tornou-se o conceito mais popularizado entre o público leigo, em associação com o "Freud explica". Nos anos 80, a "cultura psicanalítica"

jornalística sofre uma inflexão. O conceito de narcisismo desponta neste tipo de literatura, onde é possível registrar uma relativização do ideal de equiparação entre os sexos e vemos despontar os ideais da "mudança contínua e permanente da subjetividade" e da "escolha ou opção". A mudança não tem mais endereço determinado pois pluraliza-se o universo de **representações ideais**, desde que se considere que a **"diferença"**, está regendo a pluralidade, como ideal hegemônico.

A noção de diferença consolida procedimentos intrasubjetivos diversos daqueles que marcaram a busca do ideal da igualdade entre os sexos. A convivência com a multiplicidade de representações de sujeito é a única garantia do ideal da diferença.

Face a relatividade das **representações ideais**, a difusão da psicanálise como "código explicativo" tende a esfacelar-se numa confusa aleatoriedade de aplicações. Não podendo definir com clareza o que é normal e o que é patológico, vemos definir-se a figura dos transtornos narcísicos. O "indeciso" é o grande paciente do mal estar na cultura da diferença. É nesse contexto, que a "cultura da psicanálise" vai privilegiar a idéia de narcisismo.

Esta constatação não nos autoriza entretanto, a dizer que houve uma substituição da representação do analista como "explicador", pela de "intérprete". Do mesmo modo, não supomos dissolvida a figura do sujeito "explicado", pela do

sujeito "interpretante". O que apontamos aqui, vale no sentido de uma indicação. A noção de diferença como valor hegemônico aponta para a relatividade da "explicação".

IV. DIFUSÃO PSICANALÍTICA: O PROBLEMA DO "MODO DE ADESÃO"

O problema que se apresenta é justamente o de responder se a **representação ideal** da diferença, na medida mesmo em que impõe uma relatividade ao campo das "explicações psicanalíticas" apontando, portanto, o horizonte da "função intérprete", repercute no "modo de investimento" em **representações ideais**. Nossas perguntas retornam sobre o campo da difusão psicanalítica pois estimulam pensar sobre seus desdobramentos na cultura e as implicações destes desdobramentos sobre o modo pelo qual os sujeitos vão aderir à teoria psicanalítica. Propusemos como hipótese que a difusão da psicanálise como "código explicativo" poderia ensejar o efeito do "fascínio", "modo de adesão" que expressaria menos a resistência que resposta à violência e a intrusão da interpretação psicanalítica. Cabe perguntar se o advento do ideal da diferença, pode implicar numa adesão à teoria psicanalítica, menos cativa do "fascínio" da religiosidade e da fé na onipotência da teoria e dos psicanalistas.

Pensamos que de um modo ou de outro, a produção de demanda depende essencialmente da adesão. Se é pensável que

as **representações ideais** induzam diferenças no "modo de subjetivação" é preciso responder então se dedencadeiam também efeitos sobre o "modo pelo qual a adesão aos ideais" se sustentará.

O reconhecimento dessa necessidade de produzir adesão não é unânime entre os psicanalistas. Analisando a atitude dos analistas, frente à forte influência da psicanálise na sociedade e na cultura brasileira (manifesta através da visão de mundo psicanalítica que antes, paralelamente e frequentemente depois do tratamento psicanalítico, impregna boa parte de seus pacientes), Figueira (1988) aponta quatro saídas possíveis. Alguns desconhecem o problema, ou melhor dizendo, não o percebem como parte de sua prática; outros, o percebem mas não lhe atribuem qualquer importância para a própria psicanálise enquanto teoria, técnica ou instituição; um número pequeno de analistas percebem que a psicanálise se difundiu e julgam que é importante levar em conta sua presença no social para entender algumas dificuldades teóricas, clínicas e institucionais; e há quem perceba a extensão e a importância da difusão psicanalítica mas, que no processo de discussão e avaliação do fenômeno, cinde o campo deste saber e de suas práticas em **boa psicanálise** e **má psicanálise.**

Esse último grupo teria crescido em proporções significativas, tendo inclusive criado uma expressão, o "isto não é psicanálise" que condensa sua percepção cindida do campo psicanalítico. (c.f. Figueira,J.B. Idéias, 24/9/89)

"Isto não é psicanálise" significa do nosso ponto de vista, o reconhecimento de que a prática da psicanálise se realiza em meio a um universo saturado de apropriações de seu "código interpretativo" sem a correlativa experiência do percurso singular que deve traçar as vias de acesso à este saber ou a esta verdade. Esta expressão condensa o paradoxo de que para existir em sociedade a teoria e prática dos psicanalistas deve atrair adeptos, ao fazê-lo entretanto, produz-se como efeito a identificação com o representante desse saber como portador de um código reificado.

A psicanálise difundida seria percebida por esse grupo como simplificação, distorção e equívoco, pela ação de psicanalistas que ou, não entenderam, ou, traíram aquilo que teria sido sua verdadeira essência: ser instrumento de crítica e dissolução da ilusão. No que concordamos plenamente com Figueira. A insistência dos psicanalistas em ignorar a relação de dependência entre a difusão e a demanda é uma constante que concordamos em evitar. O que não implica em abandonar a convicção de que a prática da psicanálise deva ser manejada de modo a evitar a transformação dela própria em **Weltanschauung**, no sentido preciso de que caberia aí uma ação transformadora sobre este modo de adesão. Esta proposição parece paradoxal com nossa disposição de não tomar a difusão como equívoco, distorção ou simplificação. É preciso considerá-la,entretanto, sob pena de, encurtarmos o percurso desta discussão acarretando outra dissociação, pela exclusão de um aspecto essencial e constitutivo desse debate, que são

as diferentes representações que os psicanalistas se fazem de suas práticas e a positividade que elas possam ter face à produção de diferentes "modos de adesão" à teoria psicanalítica. Estas não são, afinal de contas, meros efeitos de uma miopia epistemológica, política ou sociológica crônica. Os "analistas que utilizam a psicanálise como instrumento", na perspectiva de Figueira são portadores de uma representação de seu fazer analítico vazia de positividade.

Contrapropomos que as expressões da demanda, de "normalização" ou de "singularidade", referidas às "representações da função do analista", respectivamente, como portador de um código explicativo ou como "intérprete", importam em "modos de subjetivação" diferentes.

Se a difusão psicanalítica costuma ser percebida como exterior ao campo teórico da psicanálise, dissociada de tudo que no campo da teoria e das instituições psicanalíticas possa remeter à ordem do desejo e da ação política, como indica Figueira, porque deveríamos reproduzir esta tendência tratando as diferenças de retórica no campo analítico como carentes de qualquer positividade?

Reiteramos nosso ponto de vista, no que ele coincide com o de Figueira, qual seja, o de qualquer que seja a versão da teoria psicanalítica o efeito primário de uma adesão por conversão, parece necessário. Nosso argumento, estabelece uma série de diferenças com relação aos pressupostos deste autor

que explicitaremos em seguida. De acordo com Figueira, uma das fontes desta compulsão à "dissociação no campo psicanalítico" teria sido a oposição que Freud sempre manteve rigidamente dentro do campo conceitual psicanalítico, entre "ciência" e "religião" fazendo com que a psicanálise seja definida oficialmente como "ciência" e tudo aquilo que ela possa ter de religião, ilusão e crença torna-se então impensável. A questão do valor, conclui Figueira, assombra a psicanálise que se pensa ciência sem valores, e que teria sido enfrentada por Freud <8) e seus seguidores, sempre que afirmam que a psicanálise não possui uma ética, não constitui uma mística, não gera uma utopia, e não é a base de uma **Weltanschauung.**

Com relação a Freud, reiteramos o ponto de vista já explorado anteriormente. A psicanálise é parte da **Weltanschauung** científica apenas no sentido de que aspira constituir um corpo de conhecimentos regulado pela razão e sujeito à crítica e à retificação. Não nos parece legítimo atribuir à Freud a aspiração a uma espécie de razão purificada. Como veremos em seguida, uma formulação dessa espécie não se coaduna com o essencial da teoria psicanalítica do sujeito. A psicanálise não é uma ética se entendemos por isso uma doutrina ou um corpo de preceitos morais. A teoria é portadora de uma concepção de sujeito com consequências éticas no sentido **latu**, principalmente no que diz respeito à direção da experiência analítica. Quando Freud diz que ela não constitui uma ilusão ou uma mística, quer nos parecer, que o faz no sentido preciso de que a

teoria psicanalítica é uma "teoria da ilusão" como realização de desejo e que é contingente ao desamparo originário. E neste sentido ela não poderia, em princípio, sob pena de contradizer-se, se propor a oferecer qualquer coisa que pudesse garantir a "felicidade eterna", nesta ou noutra vida, como o fazem as ideologias ou as religiões.

O que a teoria não faz, não é necessariamente o que sua difusão produz como efeito. Esse efeito concordamos em ligar ao desejo de conquistar a adesão dos potenciais pacientes, leitores, consumidores de psicoterapia e de informação, põe em marcha o recurso à fascinação, à conversão, à violência ou a sedução pois pretende produzir a adesão.

Diversamente de Figueira, entendemos que no propósito de elucidar as razões que induzem os psicanalistas a produzir uma representação de seu saber e de sua função, depurada das consequências da difusão, não é necessáriamente verdadeiro o pressuposto, de que isso seja efeito de uma miopia epistemológica e política que se traduz em tomá-la como ciência sem valores. É oportuno lembrar, que desde o pensamento Lacaniano, a psicanálise vem sendo ruidosamente valorizada na sua dimensão ética. E quem diz ética, assume que há um valor ou valores que são a condição de possibilidade, não apenas da teoria, como também do investimento que se expressa na demanda, e em toda a "direção da cura".

A oposição entre os psicanalistas que usam a psicanálise como valor (levam seus pacientes à conversão, a psicanálise como uma sistema de crenças ou um código explicativo) e os analistas que a utilizam como instrumento (permitem a descoberta da singularidade do sujeito desejante através do processo transferencial ou como código interpretativo) replicaria, segundo nos informa Figueira, a dissociação entre a definição oficial da psicanálise como ciência neutra e sua onipresença na cena social pela via de uma "cultura psicanalítica".

Seria oportuno perguntar, se é consensual no campo analítico a definição de ciência como discurso neutralizado, depurado de valores ? Não haveria aí, no diagnóstico de Figueira, confusão entre a abstinência, que no plano da técnica interdita ao analista quaisquer intervenções dissonantes com o ato própriamente analítico, e neutralidade na direção do processo ? O processo analítico, afinal, é um processo dirigido por um certo conjunto de pressupostos e não outros e que portanto lhe inspiram uma direção e não "qualquer uma".

Esta percepção da psicanálise como ciência neutra, no nosso modo de entender, é particular a uma certa versão da teoria psicanalítica, que como já mencionamos anteriormente, fundamenta a prática dos que a manejam como um "código explicativo". Não é absolutamente universal, como aliás reconhece o próprio Figueira quando indica que há outro grupo resistente à crítica epistemológica, os que acreditam

utilizá-la como "instrumento" e levar seus pacientes à descoberta de sua singularidade pelo processo transferencial. A noção de singularidade articula-se a um particular conceito de verdade, como sentido e que se sustenta num saber interpretativo e não explicativo. Este conceito de verdade não é o contraponto do erro porque não supõe um padrão de aferição externo ao sujeito que é seu portador. Nem a realidade física, nem a realidade sócio-cultural lhe servem, igualmente, de padrão de aferição. Esta verdade que é da ordem do sentido está situada de modo imanente no sujeito e se manifesta "enigmaticamente" no sintoma. A "universalidade" da teoria psicanalítica do sujeito não concede ao analista a posição de portador desta verdade. Esta só renasce na experiência analítica pela interpretação como processo dialético ordenado entre a universalidade da teoria e a singularidade do sujeito. De acordo com Birman (1984):"**...não podendo ser estancada em nenhum destes termos, condição fundamental para a garantia da diversidade dos sentidos e das verdades, como são inevitavelmente, aliás, os sujeitos da experiência da loucura**".(pág. 242)

A **verdade**, entendida na sua referência à experiência analítica, surge como **sentido** do sujeito numa espacialidade psíquica particular :"**em que se transcende a concepção do psíquico como identificado com a idéia de consciência e seu correlato necessário, isto é, os objetos da realidade material como seu referente privilegiado. O inconsciente é delineado, então, como o espaço psíquico primordial, como**

aquele a quem podemos denominar de realidade própriamente dita".(Birman, 1984, pág. 242)

A verdade não tem nesta espacialidade psíquica um lugar fixo. Circula entre o analista e o analisando implicados na relação transferência/resistência :**"O que seria uma outra forma de dizer que no processo analítico todos são, ao mesmo tempo, sujeitos e assujeitados, quando se destrona essa miragem que afirma essa existência de um centro absoluto de verdade que emana de uma figura soberana e se devolve ao interpretante, sustentado na espessura da experiência transferencial, o lugar soberano na disposição dos lugares e das verdades."** (Birman, 1984, pág. 246)

A representação da psicanálise como uma ciência dos universais psíquicos__ o complexo de Édipo, o narcisismo, a sexualidade infantil, o inconsciente__, importa numa redefinição desses conceitos nos termos de uma psicologia genético-evolutiva com a consequência de reintroduzir as oposições entre normal e patológico originárias do discurso psiquiátrico. A prática da psicanálise no contexto desta representação do saber psicanalítico converte-se num instrumento de normalização social apoiado numa relação pedagógica entre o analista que conhece a verdade e deve instruir um paciente que não a possui. Pedagogização, psiquiatrização e psicologização são termos conexos deste quadro de representações da prática psicanalítica. Estes são os termos, pelos quais definimos um certo "modo de adesão" à teoria psicanalítica que tem seu correlato num certo

psicologismo (explicativo), que é expressão de uma demanda de normalização.

O conceito freudiano de inconsciente e coextensivamente a verdade, como o que se constitui no contexto intersubjetivo pelo interminável trabalho de interpretação, importa numa teoria daquilo que constitui o sujeito e o laço social, com consequências no domínio da ética. A "direção da cura" em psicanálise é uma das vias de captação desta questão.

V. DEMANDA E DIREÇÃO DA CURA

Sobre o que pode importar em psicologização da prática psicanalítica, Lacan, assinala o uso inoportuno e extemporâneo da interpretação:**"Digo que é na direção da cura que se ordena, como acabo de demonstrar, segundo um processo que vai da retificação das relações do sujeito com o real, o desenvolvimento da transferência e depois à interpretação...**

A questão que se coloca é saber se não é a inversão desta ordem que acarreta a perda deste horizonte.(Lacan, 1988b: pág. 13)"

É a direção da cura, que estabelece igualmente que o paciente "deve falar" e não realizar qualquer outro tipo de ato. Do mesmo modo, a "retificação das relações do paciente com o real", impõe ao analista que "não responda", que frustre, portanto:"**Se o frustro, é porque ele me demanda**

alguma coisa. Que lhe responda, justamente. Mas, ele bem sabe que isto não seria mais que palavras. Como as tem de quem quer. Não está nem mesmo certo de que ficaria agradecido a mim por serem boas palavras, ainda menos se fossem más. Estas palavras, ele não as demanda a mim. Ele me demanda...pelo fato de falar: sua demanda é intransitiva, ela não implica nenhum objeto."

Parece legítimo concluir, que para Lacan há qualquer coisa como um campo da demanda, com endereço indeterminado, e que se estabelece, em consequência de que o homem fala. Como copartícipe de um código, que muito embora, tenha sido apreendido numa relação intersubjetiva, transcende aos dois interlocutores, estabelecendo-se aí sua inevitável ambiguidade. A demanda se funda mais além deste outro, o interlocutor:

"Certamente, sua demanda se desenvolve sobre o campo de uma demanda implícita, aquela pela qual está lá: de curá-lo, de lhe revelar a si mesmo, de fazê-lo conhecer a psicanálise, de fazê-lo qualificar-se como analista."(Lacan 1988b: pág. 31)

É pelo dispositivo analítico, que ela pode se constituir como demanda de "escuta": "Mas, esta demanda, ele o sabe, pode esperar. Sua demanda presente não tem nada a ver com aquela, não é nem mesmo sua, porque depois de tudo , sou eu quem lhe oferece falar. (o sujeito somente aqui é transitivo) Consegui em suma, o que no campo do comércio comum seria

desejável realizar tão fácilmente: com a oferta criei a demanda. (Lacan, 1988b: pág. 31)

Mais uma vez, será preciso recordar que a "dissociação estrutural do campo psicanalítico" constatada por Figueira é, desde a difusão do pensamento lacaniano, menos uma "ignorância" do que a prática psicanalítica pode comportar de valor, de crença ou de conversão e mais uma insistência política <9> no sentido de apontar qual é a direção, qual a ética deste saber e lembrar a necessidade de retomá-la, na singularidade do "ato analítico": **"E muito mais: como impedir o sujeito de atribuir ao analista esta resposta sob a forma da demanda de curar, de acordo com a linha de um discurso que lhe imputa com bastante razão, uma vez que a nossa autoridade o assumiu a torto e a direito ?**

Quem nos livrará, daqui em diante, dessa túnica de Nesso que tecemos para nós mesmos: a análise responde a todos os desideratos da demanda, e por normas difundidas ? Quem varrerá esse enorme estrume dos estábulos de Augias, a literatura analítica ?

A que silêncio deve obrigar-se agora o analista para resgatar o dedo levantado do São João de Leonardo de debaixo deste pântano para que a interpretação reencontre o horizonte desabitado do ser, onde deve se desfraldar sua virtude alusiva.(Lacan, 1988b: pág. 55)

A esse propósito, Birman(1989) é claro, no reconhecimento do que, na prática analítica, é da ordem do valor : **"A psicanálise insere-se no campo da existência que se relaciona**

com a ética e a política, na medida em que se refere à assunção pelo sujeito de seu próprio desejo, implicando decisões primordiais sobre a direção de sua existência."(pág:177)

O que se apresentou aqui é parte de uma versão da teoria psicanalítica onde o entendimento da natureza da demanda e da direção da cura, importam numa oposição à oferta e à demanda de "normalização". Remeter a função do analista ao lugar de "intérprete" e ensejar a emergência de uma demanda de "escuta" e não de normalização, é o que pensamos dirigir a estratégia de Lacan. Que essa versão possa fundar novos "ideais" normativos é uma possibilidade que não vamos excluir, ao contrário, vamos trabalhar com ela.

Quando se fala em assunção do "desejo" não se quer com isso dizer, escolha ou opção, fundada na vontade. **"Para Freud, no entanto, a idéia de ação não implica o exercício pelo sujeito de sua vontade. Isto, porque a concepção freudiana de sujeito não se identifica com a noção de pessoa; o sujeito se funda no inconsciente. Com efeito, se o sujeito não se identifica com a instância do ego (pessoa,indivíduo) mas funda-se no inconsciente, a categoria de vontade não se impõe e não se coloca para a teorização psicanalítica."** No domínio do público leigo não nos parece excluído que o entendimento do que seja desejo, passe, frequentemente, pela noção de opção ou escolha "voluntária".

A concepção de ato psicanalítico liga-se portanto à própria idéia de ação e de sujeito do inconsciente, só podendo ser corretamente avaliado neste contexto. A psicanálise é um saber interpretativo "sobre a natureza do homem" (um **eidos**), onde a **ação** é entendida como diferente da **vontade**. E, se, de algum modo, ela vem a ser um "código para o controle e a expressão da emoção" (um **ethos**), ainda uma vez, não é porque os sentimentos lhe interessem **"A psicanálise é um saber interpretativo fundado no desejo e que pretente desdobrar os diferentes destinos das pulsões e as múltiplas posições subjetivas implicadas nestes destinos."(Birman, 1989:pag 178).**

O sujeito, como diz Lacan (1988), **"só de maneira problemática chega a aprender as astúcias pelas quais as idéias vêm agenciar-se em seu pensamento"**. A necessidade de falar delas de articulá-las em palavras, introduz entre elas uma ordem frequentemente artificial. O "discurso sobre si" capta as sucessões de humor e disposição, mas seu verdadeiro móvel nos escapa. O psicologismo, seja como **eidos**, seja como **ethos**, tem um estatuto ambíguo face à questão da verdade do sujeito, seu desejo.

Neste sentido , o psicologismo é o efeito do engodo inevitável que emerge da necessidade de "ter que falar" as idéias que se agenciam pelo pensamento. Não há como fazer psicanálise sem passar pelas vias da psicologia. Há sempre, diz Lacan (1988), ainda, **"uma superabundância de razões para**

nos fazer acreditar em, não sei que racionalidade da sucessão de nossas formas endopsíquicas". A verdadeira ligação encontra-se, na maioria dos casos, em outro lugar. Sem dúvida, entre essas "razões superabundantes", viceja na "cultura psicanalítica", a interpretação que o sujeito faz de si e pela qual procura elaborar seu sofrimento, ancorada em categorias como o complexo edipiano, o narcisismo, a castração... Figuras da demanda de normalização, que não circulam menos frequentemente no imaginário da demanda de singularidade. A questão de se a demanda pode ser demanda de escuta, ou de se o sujeito pode aderir ao saber psicanalítico mediante a identificação com a "função do analista como intérprete" é o divisor de águas, que nos permitiria falar de um "modo de adesão" diferente daquele comandado pela fascinação, pela conversão, ou pela sugestão.

Se a verdade do sujeito é irredutível àquilo que ele versa sobre si, o psicologismo, de direito e de fato, não apreende essa verdade e portanto, não é discurso verdadeiro. Mas, se não há outro caminho, outra via de acesso à verdade do sujeito, senão pela passagem equívoca por aquilo que se diz, então também não é falso. Se é no inconsciente, que será preciso buscar o sentido dessa fala, é porque o psicologismo é o dialeto por excelência da **demanda**, pelo qual, aquele que se candidata a ser escutado pelo analista dá a conhecer seu mal-estar. A fala articulada é o **artifício** pelo qual o processo de pensamento, que no inconsciente advém da ação comandada pela exigência feita pela pulsão ao psiquismo, procura ganhar acesso à realidade.

VI. PSICOLOGISMO E REALIDADE PSÍQUICA

É ainda Lacan, no intuito de definir o que é isso que o homem busca e que está no centro de sua demanda, quem diz: **"Certamente, Freud não duvida, não mais do que Aristóteles, de que o homem busca, seu fim, seja a felicidade. Coisa curiosa, o termo felicidade, em quase todas as línguas, apresenta-se em termos de encontro - tykhé... Não escapa a Freud que a felicidade é, para nós, o que deve ser proposto como termo a toda busca, por mais ética que seja...para essa felicidade, diz-nos Freud não há nada absolutamente preparado, nem no macrocosmo, nem no microcosmo." (Lacan 1988: pág.23)**

Pois, o que Lacan quer marcar com toda clareza, é a impossível coincidência entre qualquer objeto na realidade externa, realidade independente do homem, com o móvel dessa busca. Lacan em sua leitura da obra freudiana, supõe que o pensamento analítico é mais radical do que todo o idealismo, até o mais subjetivista. A realidade material é aquilo que para Freud se estabelece numa relação indissociável com a representação psíquica, que por sua vez traz a marca do seu propósito, reencontrar a "experiência primeira de satisfação". Experiência, que pela representação, só pode inscrever-se como perdida. Ou se quisermos, é a privação do

objeto da satisfação, que constitui na espacialidade psíquica o objeto do desejo.

O subjetivismo é via de regra, a representação social da noção psicanalítica de singularidade ou de diferença. O psicologismo da diferença entretanto não é necessariamente idêntico ao psicologismo igualitário. Regidos por representações ideais diferentes importam em operações sobre si mesmo distintas se valorizamos a retórica de cada um. "Não há como fazer psicanálise sem passar pelas vias da psicologia", não significa que a matéria prima da retórica psicologizante não possa comportar diferenças que remetem à própria presença da psicanálise na sociedade.

Como aliás, para Freud, a característica do prazer, da busca de felicidade, como dimensão do que movimenta o homem encontra-se do lado do fictício. A "ficção subjetivista", pela qual a psicanálise "como saber interpretativo" e a questão da "singularidade" são representadas no imaginário social, não é da ordem do erro, ou pelo menos não é somente dessa ordem. O fictício não é o enganador e sim o que é simbólico. Fictício, não é o que é ilusório, nem enganador, e sim que toda verdade tem uma estrutura de ficção. "Que o inconsciente seja estruturado em função do simbólico, que aquilo que o princípio do prazer faz o homem buscar seja o retorno de um signo, que o que há de distração naquilo que conduz o homem sem que ele saiba, em seu comportamento, seja aquilo que lhe dá prazer por ser de alguma forma uma eufonia, que aquilo que busca e reencontra seja seu rastro em

detrimento de sua pista - a importância disto precisa ser medida no texto freudiano para também poder conceber qual é a função da realidade." (Lacan, 1988:pág.22)

Este algo, que antes dessa busca da felicidade ou do prazer já estabelece sua direção, impõe uma definição muito particular do que se deve entender como realidade. É desse ponto de vista, que Freud observa sobre a prova de realidade, que seu objetivo é reencontrar o objeto representado, certificar-se de que ele ainda está ali. A realidade, não é a realidade cotidiana, imediata, social. Também não é a das categorias estabelecidas ou dos costumes admitidos. Muito menos é a realidade descoberta pela ciência. A realidade que se decortina aqui é a realidade psíquica, como suporte conceitual do que seja a realidade material.

VII.SUJEITO/INDIVÍDUO: PSICANÁLISE DIFUNDIDA E IDEOLOGIAS INDIVIDUALISTAS

Figueira supõe que o psicanalista que utiliza o saber psicanalítico como "instrumento" é cativo da crença na existência de um **sujeito em si**, através da qual revelaria seu desconhecimento de um valor não explicitado: o "indivíduo", categoria das ideologias individualistas, cuja emergência histórica, bem como o culto que o toma por objeto, possibilitaram a própria constituição da psicanálise. A demanda de singularidade estaria apoiada solidamente nos valores, visão de mundo, ética etc., das sociedades

individualistas. Responder a ela, diz Figueira, é fundamentalmente adaptar o sujeito a uma cultura individualista que frequentemente opera regida pelos efeitos da difusão psicanalítica.

Mas será que é do **sujeito em** si que trata o saber da psicanálise? O sujeito do inconsciente é um sujeito em si ? Em que pese o quanto a condição de possibilidade histórica de produção do saber psicanalítico e a eficácia da sua difusão, deva ser creditada à ideologia individualista e seus "aparelhos ideológicos" (família, escola, propriedade privada), a noção de sujeito construída por esta teoria, "não cabe em si", se por "si", entendermos o indivíduo e suas versões de autonomia, unidade e auto-determinação.

É inquestionável, que a ação política, ou o desejo de difusão do movimento psicanalítico no Brasil, se vale sobejamente das ideologias do indivíduo, semeando, não raro, e, nem muito menos inocentemente, a convicção entre leigos de que os ideais mais caros a essas ideologias (independência, auto-suficiência, autenticidade e a plenitude da satisfação amorosa na genitalidade) podem se servir sem susto da prática dos analistas para se realizarem.

Os ideais analíticos encontram aí sua fonte e seu lugar de incitação à demanda de análise. Eles florescem em abundância. Medir, discernir, situar, organizar os valores, optar, escolher, são algumas das expressões que no vocabulário cotidiano indicam um ideal analítico de sujeito

bem pensante, razoável nas suas expectativas, ponderado nas suas decisões, sensato e desapaixonado.

Lacan (1988) se pergunta se esse algo harmonioso, essa presença plena, não exigiria a obstrução da técnica de desmascaramento: **"Não seria interessante perguntar-se o que significa nossa ausência no terreno do que poderíamos chamar de uma ciência das virtudes, um sentido do senso comum ? Pois na verdade não se pode dizer que não intervenhamos nunca no campo de virtude alguma. Desobstruímos as vias e caminhos e lá esperamos que aquilo que se chama virtude virá a florescer.** (pág.17)

Essa perspectiva do sujeito que advém do processo analítico, como dotado de certas virtudes, ordena-se em torno de três ideais. O primeiro é o do amor humano. Uma certa idéia do amor concluído: **"...moralismo otimista, do qual estão marcadas as articulações originais da forma dita da genitalização do desejo. É o ideal do amor genital - amor suposto modelar sozinho uma relação de objeto satisfatória - amor médico se eu quisesse acentuar o sentido cômico desta ideologia - higiene do amor, diria eu para situar aqui aquilo a que parece limitar-se a ambição analítica."** (Lacan, 1988,pág.17)

O segundo ideal é o ideal de autenticidade. Se a análise é uma técnica de desmascaramento, ela supõe esse efeito. Não é, entretanto, como caminho, como andar, escala de progresso que este ideal de autenticidade se propõe e sim como produto

concluído, algo de desejável, algo de valor em si mesmo, e que se liga à noção de indivíduo como um eu absoluto, "sujeito em si".

O terceiro ideal é o da não dependência ou uma espécie de profilaxia da dependência: **"Não existe aí também uma fronteira muito sutil, que separa aquilo que designamos ao sujeito adulto como desejável nesse registro e os modos pelos quais nos permitimos intervir para que ele o obtenha ?"** (Lacan, 1988, pág:19)

É em alguns excertos da obra de Abraham que Lacan vai buscar alguns dos exemplos desse terceiro ideal:**"Isto não impede porém que o EU tenha uma estabilidade que não corre o risco de ser comprometida pela perda de um Objeto significativo. Ele permanece independente de seus objetos.**

"Sua organização é tal que o modo de pensamento que utiliza é essencialmente lógico. Não apresenta espontaneamente regressão a um modo de apreensão da realidade que seja arcaica, o pensamento afetivo, a crença mágica não desempenhando aí senão um papel absoltutamente secundário, a simbolização não vai em extensão e em importância além do que ela é na vida habitual. O estilo da relação entre o sujeito e o objeto é dos mais evoluídos." (Lacan, 188b:pag. 21)

O pior, diz ainda Lacan: **"é que as almas que se extravazam na ternura mais natural chegam a perguntar-se se satisfazem a uma normalização delirante da relação genital - fardo inédito que, à maneira daqueles que o Evangelho**

amaldiçoou, nós amarramos nos ombros dos inocentes".(Lacan, 1988b: pag. 22)

A observação do cenário social onde a difusão da psicanálise se desenrola permite identificar nitidamente o perfil do analista ao qual se refere Lacan. Psiquiatrizante no enaltecimento da normalidade do amor genital psicologizante no seu conceito de sujeito como indivíduo, ego absoluto cuja aspiração máxima é a independência. E pedagogizante na perseguição da mentira e na crença na autenticidade absoluta.

O que não se responde pela via do pensamento de Lacan é se a denuncia dessas inclinações normalizadoras abraçadas pelos analistas, não é um atentado às "ilusões" mais caras às **representações ideais** de nossa história recente. Os anos 60/70, como quisemos demontrar (ver parte I) foram palco da difusão maciça desses ideais, caucionados e legitimados pela psicanálise difundida. Afinal, essa crítica não teria um efeito desestabilizador nos laços libidinais que atam os indivíduos a essas "ilusões" e entre si por meio delas? E se porventura, uma versão da teoria psicanalítica engendrada com base nessas críticas se torna hegemônica entre os analistas, estarão os leigos mais a salvo de uma nova **Weltanschauung** psicanalítica ?

VIII. A PULSÃO SEXUAL E O MITO DA LIBERDADE SEXUAL, A PULSÃO DE MORTE EO MITO DA SINGULARIDADE

Quais são as promessas que as diferentes versões da teoria psicanalítica difundida sustentam ? Quais são as vias pelas quais, cada qual a seu modo escava, no fosso das preocupações morais e aspirações éticas, o locus específico, pelo qual o anseio, a **demanda** <10> vem receber o destino qualificado do saber do analista. No mercado de "ilusões" das sociedades complexas a psicanálise se oferece como objeto de **demanda** e para tanto, não deve converter-se necessariamente em **Weltanschauung** ?

A configuração de uma **demanda** de psicanálise num grande centro urbano como o Rio de Janeiro, conferiu a esse saber, suas práticas e suas instituições de formação, desde os anos 70, o caráter de bens de consumo, propagandeados nos meios de comunicação. Essa oferta maciça, vem acompanhada de promessas de felicidade mais ou menos sutis. Mas, isso não é tudo. Penso que se pode creditar à difusão da psicanálise entre leigos, participação ativa na confecção dos **objetos do grupo** das **representações ideais**, que dão a forma particular e muito específica dos novos imperativos morais e das novas imagens ideais , pela qual a felicidade poderá ser alcançada, o infortúnio mantido à distância e os laços sociais investidos e sublimados.

A difusão do pensamento lacaniano no meio psicanalítico, desde o início dos anos 80, investiu contra o amálgama da psicanálise com outras técnicas de intervenção terapêutica, genericamente chamadas de "terapias de base analítica". A idéia de um retorno a Freud e de um questionamento do sentido rigoroso do pensamento psicanalítico, pôs em questão o movimento psicanalítico, seu percurso e suas estratégias de difusão. Entretanto, essa reviravolta não pode deixar de comportar, por si mesma, novos efeitos de produção de **demanda** em torno de uma nova **Weltanschauung.** Foi assim, que entre outros fenômenos, inúmeros analisados vieram a considerar-se mal analisados e a desejar submeter-se a novo processo analítico, agora, "com um analista lacaniano".<11>

A dissociação estrutural do campo analítico, quer nos parecer, absorve com Lacan e novamente expulsa para fora do campo teórico da psicanálise o problema da **demanda.** A "conversão" do paciente à psicanálise como **Weltanschauung,** continua sendo percebida como uma contingência, essencialmente estranha ao funcionamento dos procedimentos analíticos. A ação política do psicanalista, o desejo de convencer, de converter, que testemunhamos, em nosso passado recente, nos meios de comunicação, não são usualmente, encarados como uma dimensão essencial, constitutiva e incontornável da produção de **demanda** de psicanálise.

A obra de Lacan é pródiga em advertências contra uma determinada versão da teoria psicanalítica. Os três ideais analíticos, impregnados no cerne do pensamento e da produção

teórica de alguns ou, como ele preferiria dizer, de muitos autores, provavelmente evidenciavam, no momento em que Lacan captou sua presença, a insistência da moral religiosa, da medicina psiquiátrica e das ambições psico-pedagógicas no movimento psicanalítico. Certamente, esses ideais são a expressão de uma bem determinada apropriação da obra freudiana.

Mais recentemente, como dizíamos, nos anos 70, são outros os ideais analíticos. Em nosso modo de entender, cada versão privilegia certos momentos da teoria psicanalítica e descomprometem-se com o percurso freudiano. É assim, que se vai forjar, no movimento de difusão da psicanálise no público leigo, o ideal da "revolução pela liberdade sexual", que é, nada menos, que o centro da modernização social. O movimento pela igualdade de papéis sociais, entre homens e mulheres é uma das vertentes mais acidentadas dessa mudança social.

Por exemplo, o pensamento freudiano, num certo período (até 1920), é pródigo em aberturas que facultam a propagação da ideologia da "sexualidade reprimida". A idéia de que a sexualidade sofre abuso de coerção por parte da sociedade, razão pela qual, é responsável por grande parte das doenças neuróticas, está longe de ser estranha ao pensamento freudiano (cf. Freud, 1908). Até a formulação de um "Mais além do princípio do prazer", a pulsão é tratada como força a serviço da vida. Libido objetal e libido do ego, interesses de auto-conservação e pulsão sexual, desde "Sobre o narcisismo: Uma Introdução", condensam, toda a oposição e

todo o conflito na vida psíquica, no território exclusivo, do sexual. Posto que, a sociedade depende dos investimentos de objeto para se conservar, não se opõe ao sexual, mas se interessa em mantê-lo restrito aos estreitos limites do **dispositivo de aliança**, em benefício da reprodução. É contra o excesso, contra o abuso de restrições que a sociedade impõe à sexualidade quando persegue o que é inútil para os interesses da aliança, que Freud protestará em "Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna". Esta "ilusão", entretanto, será abandonada por ocasião da formulação da idéia de pulsão de morte.

Se a "ilusão" freudiana com relação à pulsão, engrossou como acreditamos, o caudal do mito modernizador que nos impôs, em nossa história recente, a convicção de que deveríamos ser liberados da repressão da sexualidade, teria sido uma "ideologia" inocente de efeitos concretos ? Mentira que oculta a "realidade" nada ingênua dos interesses do capital econômico ou que oculta a verdade inaceitável da pulsão de morte ? Qual é a **positividade** dessa "ilusão"? Do mesmo modo, seria igualmente legítimo indagar que **positividade**, a difusão, entre nós, do pensamento lacaniano desde o início dos anos 80, instaurou no campo da ideologia mais cotidiana ?

O "Mal-estar na Civilização" transpira o ceticismo freudiano quanto à possibilidade de que seja a condição humana, compatível com a realização do projeto mais elementar de felicidade plena. O elemento que estrutura pela base toda

a possibilidade de difusão da psicanálise, em associação com as ideologias individualistas, nos anos 60/70 foi, justamente, a supervalorização da crítica freudiana ao abuso de restrição social à sexualidade. Os adolescentes e as mulheres foram os protagonistas da revolução sexual. A exclusão do tema da pulsão de morte é sintomático de um processamento da psicanálise como a teoria da liberdade sexual. O sucesso do processo de difusão da psicanálise como ética da liberação sexual, ancora-se na evidente associação com a promessa de realização das já mencionadas "ilusões" ligadas às ideologias individualistas. Os ideais analíticos de que fala Lacan, vicejaram nesse período histórico. A psicanálise se difunde, nos anos 70, na medida em que é socialmente representada como a via de acesso a certos bens simbólicos: a felicidade na vida amorosa, prazer na sexualidade, geração de filhos psicologicamente sadios, destituição de impasses nas relações entre os gêneros através da igualdade de papéis sociais. O amor genital toma a forma da igualdade entre os gêneros e entre as gerações. O ideal de autenticidade e de independência vão marcar as representações ligadas à liberdade sexual e os meios de praticá-la. A separação dos casais e igualdade de papéis conjugais, as normas de convívio igualitário entre as gerações são algumas das modalidades de prática dos novos ideais.

Já sugerimos o quanto a análise de Lacan desses ideais como ideais analíticos é consistente. Há uma contradição incontornável, entretanto, uma dissociação rigorosamente estrutural do campo psicanalítico, pois as reflexões de Lacan

sobre a ética da psicanálise esforçam-se num combate vigoroso das versões plantadas num certo momento do movimento psicanalítico. Sua ação, inegavelmente política, não pode proteger-se com relação à produção de novas versões, novas **Weltanshauungen**, agora de inspiração lacaniana.

Porque, o que há de mais paradoxal, é que o saber psicanalítico plantou o juízo de atribuição na base de todo juízo de existência, mas não pôde senão ignorar seu próprio desejo, ou a si próprio, como sistema de crenças e "ilusões", justamente porque no devir de seu próprio processo desconstitui, e igualmente funda, "visões de mundo".

O que nos sugere a seguinte pergunta: a noção de pulsão de morte, tal como aparece, valorizada, na releitura de Lacan da obra freudiana, impõe, necessariamente, ao campo analítico, um "adeus às ilusões"? Ou melhor, ela cumpre que "desilusões" ? Que outras "ilusões" poderia sustentar ? Vamos impor ao apetite que uma questão como essa promete suscitar, uma abstinência provisória. Será preciso apreciar, qual é o endereço preciso, onde habitaria, por hipótese, a noção de "singularidade" que vimos vicejar em nossa produção teórica e não menos na "boca do povo", desde a aurora dos anos 80. Não temos aí, em torno desta noção, uma nova **Weltanschauung**?

A noção de singularidade, em que pese o papel que desempenhou na crítica às ideologias individualistas, não estaria em vias de fundar uma nova ideologia ? Haverá, uma

ética que, em razão mesmo de sua ressonância política, não instaure uma nova "positividade", um novo "ideal", uma nova "demanda" e mesmo outra "direção da cura" ?

Considerando, que a teoria psicanalítica, no movimento de sua difusão cristaliza-se em versões centradas no privilégio desta ou daquela noção freudiana, seria possível identificar no dialeto da **demanda**, o **objeto**, a **representação idealizada**, que capitaliza o investimento que o sujeito leigo faz nesse saber ?

É preciso, entretanto, fazer meia volta, com relação mesmo às mais bem fundadas intenções de recuperação da ética psicanalítica, para poder perguntar: não será o destino de toda ética que se converta numa nova moral? Não será que temos uma **positividade** em cada uma das diferentes versões do que seja a teoria psicanalítica ? Não será possível articulá-las com diferentes dialetos da **demanda?** Se o psicologismo é um dialeto fundado na teoria psicanalítica e, se como acreditamos, é a língua em que se expressa a demanda de psicanálise, então não há um psicologismo e sim psicologismos, pois, no movimento de sua difusão, diferentes versões da psicanálise instalam diferentes "ideais analíticos", diferentes "promessas de felicidade" e diferentes "experiências morais".

A noção de **positividade** é evocada aqui, com o objetivo de ressaltar, que a diferença entre o ato analítico no contexto em que ele se dá, qual seja o do processo analítico

sustentado pela transferência, e, a ação interpretativa desferida fora deste contexto, é essencial e constitutiva do campo psicanalítico pela relação que essa dupla ação tem com o agenciamento da **demanda**. Relevamos deste modo, ou através dessa noção de **positividade**, o lugar que o saber psicanalítico transmitido através dos meios de comunicação ocupa na constituição do psicanalista em sujeito suposto saber. A idéia de **positividade** permite evidenciar igualmente a articulação do saber psicanalítico com o universo dos temas ou preocupações morais em torno dos quais se organiza a **demanda** de psicanálise.

IX. A TEORIA FREUDIANA DO PODER X UMA TEORIA JURÍDICA CLÁSSICA

Apontamos, como uma das vias de captação do problema da "dissociação estrutural", que existe uma teoria do poder inerente ao pensamento analítico, que entretanto é "desconhecida" quando se trata de pensar na psicanálise, seu desejo e suas "ilusões" em sociedade.

Neste momento, entretanto, queremos centrar nossas preocupações em torno da teoria do poder que faculta essa dissociação estrutural ao campo analítico. A discussão da "ilusão" e da "ideologia" vai por em foco o que estas noções podem comportar de problemático e "resistente" a uma integração da dimensão política ao campo teórico.

É nesse sentido que tomaremos tudo aquilo que ordinariamente é percebido no campo psicanalítico como traição, simplificação, vulgata, deformação do saber da psicanálise, como **positividade**, pois se são equívocos, ou mal-entendidos não são menos dotados de eficácia, de vez que permitem constituir o campo dos discursos e práticas pelas quais o "mal estar de existir" se afigura como efeito de um "desconhecimento de si" e o processo analítico pode vir a ser percebido como via de acesso à verdade, e a verdade do sujeito como capaz de efeitos de transformação da subjetividade.

Pois, este compromisso com a mudança é desde os anos 60, constitutivo do campo psicanalítico. Vamos atentar para esta definição da ética da psicanálise: **"Mediante a interpretação, porém, a psicanálise pretende realizar a reestruturação dos circuitos pulsionais, na medida em que a figura do analista, somente se reconhece concernido eticamente numa demanda de psicanálise por acolher um desejo de transformação que se apresenta sob a forma de uma angústia insuportável"** (Birman,1989,pág. 178)

A idéia de **transformação** que, nesse exemplo, se estabelece no campo psicanalítico pela sua vertente conceitualmente legítima e teoricamente consistente, quando atravessa o imaginário social, instala-se como **Weltanschauung.** Nesta travessia, desterritorializada, a palavra mudança é sinônima de liberdade e associa psicanálise

com modernização social, com ascenção social, com revolução política, com liberdade sexual, com igualdade entre os sexos e entre as gerações ou com diferença e com singularidade do sujeito.

O dispositivo da "mudança" ou da "liberdade" pôs em questão, nos anos 60/70, as representações de sujeito, de homem/mulher/criança/adulto, desconstituindo o sistema de crenças dos que nelas investiam nos anos 50. A identificação com estas representações passou para a clandestinidade e neste processo, a angústia passou à condição de legítima representante do desejo de mudar e do luto para desidentificar-se, desinvestir, contrainvestir estas **representações ideais**.

É quase sempre sobre "obstáculos" ou "defesas", com relação ao ideal da mudança, que a difusão informa o leigo, semeando o mal-estar, e a angústia, quanto ao que, em razão de suas "defesas", não se é capaz de desfrutar de seu corpo, de sua sexualidade, de seus vínculos afetivos e de sua criatividade profissional. A ideologia da mudança não consta entre os ideais analíticos mencionados por Lacan. Certamente porque não era esta a versão mais cristalizada da **Weltanschauung** psicanalítica à época em que escreveu sua "Ética da psicanálise". A velocidade da mudança nos anos 60/70 ainda permitia a "fixação" e por conseguinte, ainda garantia a estabilidade de **representações ideais** de modernidade. As mudanças tinham um termo ideal, um ponto de chegada mais próximo de uma captação num imaginário coletivo.

A velocidade da mudança nos anos 80 empreende uma desubstancialização dessas imagens e uma regionalização do ponto de chegada que se condensa na noção de singularidade. Estamos longe de propor que esta noção é vazia de substância, muito pelo contrário, como procuraremos mostrar na última parte, ela é central ao imaginário da "diferença" que se substancializa na harmonização com o "arcaico", ou seja com **representações ideais** próprias à subjetividade dos anos 50/60.

O imaginário dos anos 80 é comandado pela diferença e pela singularidade que impõem uma nova aceleração do processo de mudança. A difusão da psicanálise através de Lacan vai prover a vitalidade desse momento de subsídios novos. No seminário da Ética, Lacan define o que seria próprio da sublimação, pela mudança; mudança de objeto da pulsão, onde o essencial do processo sublimatório é a mudança em si mesma. A mudança é também, de acordo com esse autor, o que define o desejo, desejo é mudança. A oferta dessa nova **representação ideal**_ a mudança_ desestabiliza o eu e compromete a auto-estima que o sujeito pode auferir em suas realizações, pois reacende a promessa de completude, reabre a tênue cicatriz da injúria narcísica e semeia com a suspeita do fracasso seus pobres esforços de renúncia a um "gozo impossível". A dúvida que se instala sobre o valor do gozo ou do prazer alimenta a demanda de uma nova liberação (agora, dos ideais dos anos 60/70) e de tudo aquilo que impeça o sujeito de mirar-se no espelho de uma subjetividade ideal: o sujeito singular.

Assim reiteramos que a imagem de uma subjetividade ideal, entre os anos 60 e 70 delineou-se com o apoio do imaginário da modernização social e sua versão particular da ideologia da mudança.<12> Este imaginário, encontra seu princípio de legitimidade e o meio eficaz de sua incorporação, em discursos e práticas para elaboração da subjetividade onde a mudança se orienta no sentido de uma busca de igualdade da mulher com o homem do adolescente com o adulto. Desde os anos 60, a psicanálise afirmou sua hegemonia legitimadora e produtora de **representações ideais.** Representações idealizadas de indivíduo (autêntico e independente), de masculino, de feminino, de relacionamento amoroso (genital), de conjugalidade perfeita (a igualdade entre os sexos), entre outras tantas, apresentam-se associadas ao discurso e à prática da psicanálise difundida, que se representa socialmente como um processo capaz de oferecer a transformação de si nas imagens ideais cobiçadas.

A psicanálise, no seu processo de difusão, insinua-se nos meios de comunicação, nas propagandas e novelas de televisão, nos programas humorísticos, nos jornais e principalmente pode ser captada de modo sistemático nas revistas e periódicos, que nas bancas de jornal são instrumentos de propagação de representações ideais de sujeito bem como dos meios específicos pelos quais, o sujeito pode elaborar sua subjetividade, no esforço de conformá-la a esses novos padrões éticos e estéticos.

Assinalamos assim, que a mais importante referência de nosso trabalho é a idéia de que o código de valores e os ideais de sujeito, hegemônicos no contexto social onde a difusão da psicanálise se dá, é uma versão onde se articulam elementos de códigos diversos, inclusive do saber psicanalítico legítimo <13>, cuja heterogeneidade não impede a produção de um dispositivo <14>eficaz. O dispositivo da "mudança" em suas diferentes versões.

X. INDIVÍDUO E INDIVIDUALISMO NA "CULTURA PSICANALÍTICA"

Reconhecer a especificidade de cada uma das vertentes imbricadas na produção dos novos ideais, significa, reconhecer as condições de possibilidade históricas e sociais que viabilizam a emergência deste dispositivo da mudança. Significa implicar o saber da psicanálise com seu movimento de difusão num mesmo dispositivo, dissolvendo a exterioridade radical entre psicanálise verdadeira e psicanálise difundida.

A dissociação psicanálise verdadeira x psicanálise difundida releva de outras tantas dissociações. A primeira delas, referida ao binômio ciência x ideologia atribui à ciência uma independência com relação aos determinantes históricos, sociais e políticos. Mais recentemente, a difusão do pensamento de Lacan recobriu esta oposição, pela oposição : ética versus moral.

Em particular, lembramos a observação de Figueira (1988),de que a psicanálise não costuma ser percebida como tributária dos acontecimentos histórico-sociais e políticos que deram lugar à categoria indivíduo. Sua prática, entretanto, dificilmente pode ser pensada sem a referência a essa categoria como um valor central. Entendemos, ao contrário de Figueira, que não há aqui "desconhecimento" dessa categoria "indivíduo" no campo psicanalítico. Entendemos, que a referência a esta categoria se faz,de modos diversos, justamente, na intenção política de produzir demanda. No movimento de difusão da psicanálise foi possível valer-se da categoria indivíduo e das ideologias a ela associadas como equívoco eficaz, ou incompatibilizar-se com ela frontalmente no processo de produção de diferentes demandas.

É preciso acrescentar, que é absolutamente crucial para a análise das "resistências", a adesão e a fixação imaginária da libido do ego a essas representações do indivíduo, contra as quais o dispositivo analítico pode ordinariamente investir, produzindo seus efeitos de "desimaginarização" ou "simbolização".

Freire Costa (1987), numa extensa apreciação do narcisismo e seus destinos, procura avaliar a questão da relação entre o eu e os ideais, precisamente em torno de sua natureza imaginária/simbólica. Reconhecendo que fazer do Ideal mais um delegado do princípio do prazer, seria reduzir o alcance da experiência analítica (que, como entendemos é

capaz de efeitos de simbolização), destaca, entretanto, que enquanto expressão do sistema simbólico, o Ideal tem uma dimensão própria (que entendemos referir-se ao seu caráter de representação coletiva) que ultrapassa a economia libidinal de um indivíduo singular.

Entendemos, que o ultrapassamento da economia libidinal ligada ao processo primário ou ao circuito do sexual, deve ser tomada no sentido restrito de "efeitos singulares e pontuais de simbolização". Simbolização e sublimação são noções que não se coadunam com totalizações. De acordo como Freire Costa, (1987):"**A linguagem impõe-se ao homem da mesma maneira que a ordem das necessidades vitais, ou seja, sem consideração pela sexualidade. Porém na experiência normal, a vigência de uma linguagem sem arranjos imaginários, e consequentemente, sem ganho de prazer, é inviável...Se o Ideal, em sua natureza teórica, pode e deve ser desvinculado de sua aparência imaginária e de seu coeficiente libidinal manifesto, em sua natureza psíquica, tem que estar ligado à economia sexual para poder cumprir sua função.**"(pag.162)

A representação indivíduo e outras **representações ideais** correlatas da ideologia individualista foram pontos de apoio, no imaginário, virtualmente indispensáveis, para que os efeitos de simbolização do sujeito na sua singularidade possam despontar.

A noção de singularidade do sujeito, na sua captação imaginária, não é menos capaz de engendrar um dialeto

psicologizante, do que a categoria indivíduo. Basta que tenhamos em conta justamente o fato de que ela se engendra dizendo não às ideologias individualistas e seus corolários.

Sobre a dependência histórica da psicanálise com relação a suas condições de posssibilidade extra-epistemológicas, Birman (1984) observa que investigações recentes sobre a sexualidade, sua constituição e desenvolvimento históricos podem fornecer elementos que sustentam a hipótese de que o **sujeito** definido pela sexualidade é uma produção delimitada por um campo histórico social e por dispositivos de poder. O saber é uma das produções do poder e um dos seus efeitos.

Estas relativizações histórico-sociológicas, como assinala Birman (1984), não nos impedem de admitir que o sujeito de quem fala a psicanálise, mesmo enquanto produção historicamente datada, existe, e seu saber fala da verdade desse sujeito historicamente situado. O sujeito do qual ela fala não é o **sujeito** e sim um sujeito, centrado na referência à sexualidade.

Do nosso ponto de vista, essas afirmações são, certamente, uma maneira de valorizar a questão da **positividade** do poder. O sujeito da sexualidade de que fala a psicanálise, malgrado a posição desse saber num **dispositivo** de poder, existe. O sujeito do desejo, da mudança ou da singularidade existe justamente na oposição significativa e gemelar com o indivíduo das ideologias individualistas.

Ao que poderíamos acrescentar, que o indivíduo não é o outro em oposição radical e exclusiva ao sujeito da psicanálise, mas a categoria imaginária com a qual este saber se associa no seu processo de difusão, para poder dissociar-se no dispositivo analítico, propriamente dito. Paradoxalmente, é preciso que essa categoria seja investida como uma "ilusão". Por isso é ao lado dos discursos ideológicos que promovem a categoria **indivíduo** à condição de **representação ideal** de sujeito, que a psicanálise se difunde. Neste processo, que o ideal seja a genitalidade, a autenticidade, a independência, a igualdade da mulher com o homem, a identidade da criança com o adulto e até mesmo a singularidade irrepetível de cada um, não é tão importante. Importante é qualificar todas as demandas como captação imaginária do desejo numa **representação ideal**, e que têm em comum o modo de investimento, que no plano narcísico elege uma certa representação como ideal.

Ao contrário de Figueira, não pretendemos com isso afirmar que a prática da psicanálise se exerce numa "cultura psicanalítica" na direção de adaptar os pacientes a essa cultura, onde a categoria indivíduo é, sem dúvida, um valor central. Delineamos, o valor estratégico que esta noção assume no processo de difusão da psicanálise e de produção de sua demanda, ressaltando a implicação desta categoria e do saber psicanalítico com o dispositivo da mudança. Supor, como Figueira faz, que numa "cultura psicanalítica", a prática da psicanálise possa estar servindo para "adaptar" os indivíduos a essa cultura, é não valorizar a implicação mútua da

psicanálise, sua teoria e sua prática com aquilo que, na sociedade é a condição de possibilidade de sua existência.

O que parece um paradoxo, só assim é numa análise mais superficial. A reflexão sobre as **representações ideais** ou ideologias e a questão do poder será extremamente útil para o prosseguimento de nossa discussão. Pois, em Freud, o poder não é o resultado de uma simples apropriação da teoria jurídica clássica. O sujeito constitui-se numa complexa rede de determinações onde o "assassinato do pai" é o acontecimento mítico central. Seu estatuto mítico advém justamente de seu caráter coletivo. O "assassinato coletivo do pai" e seu subsequente devoramento dão conta na ordem do mito de como o poder se engendra originariamente como "poder do grupo". A fonte desse poder coletivo são os laços "homossexuais" míticos que desencadeiam seus efeitos no "assassinato e devoramento do pai" e que se transformam e se consolidam numa nova substância: o sentimento transindividual de culpa e a produção do ideal. Produção fadada a se repetir interminávelmente em virtude do caráter inesgotável do sentimento inconsciente de culpa. Este último só pode ser apaziguado pela repetição ritual do sacrifício do pai, pelo que a vida útil dos ideais é finita. A mudança dos ideais é por onde o sentimento inconsciente de culpa recria ritualmente o "crime", o "castigo" e a "redenção".

PARTE 5

A REPRESENTAÇÃO, O SIMBÓLICO E O POLÍTICO

I. A REPRESENTAÇÃO

De acordo com Garcia Roza (1989), a expressão **Vorstellung**, que na obra freudiana significa **representação**, pode ser compreendida à luz de uma aproximação com as concepções de Brentano. **"O que Brentano chama de representação (Vorstellung) não é o objeto representado, mas o próprio ato de representar, o qual é uma das formas de intentio (as outras duas sendo o juízo e o afeto)"** (G. Roza,1989:pag 7)

A todo ato psíquico corresponde um objeto, **"Esse objeto (Gegenstand) não deve ser confundido com a coisa externa existente em si mesma e autônoma em relação à consciência."** (Garcia Roza, 1989: pág 7) A representação é o ato pelo qual o objeto se faz presente na mente e como os objetos representados, no ato de representar independem da existência real das coisas, o sentido de uma representação depende de sua relação com outras representações.

A distinção freudiana entre representação de coisa (**Objektvorstellung** ou **Sachevorstellung**) e representação de palavra (**wortvorstellung**) afirmaria igualmente a condição de signo tanto de uma quanto de outra. Do nosso ponto de vista, essa é uma constatação necessária, para que se reconheça,

claramente, a ordem à qual se refere toda a teoria psicanalítica. Desde logo, é a essa ordem da representação, estando afastada da discussão qualquer referência à "natureza mesma das coisas", à "realidade de fato". Representação de coisa ou **Sachvorstellung**, não é a Coisa-em-si (Ding), que aliás é irrepresentável, pois é em torno do vazio de representação possível da Coisa-em-si, que toda representação possível se dá.

Mas, como assinala Garcia Roza, isso não é tudo, pois na teoria freudiana a questão da representação não esgota o problema da produção de sentido. Pois a teoria do inconsciente põe em jogo a pulsão como aquilo que pelo "representante" (**Reprasentanz**) faz ato. O representante é a função de representar ou de ser representante, função pela qual a pulsão se representa no psiquismo, pois, **"A pulsão, pelo menos aquilo que denominamos pulsão de morte, não pertence ao domínio psíquico. Isto não quer dizer que ela não se faça presente no psiquismo, mas sim que ela pertence a um registro que fica além do domínio ocupado pelo que Lacan denominou de rede significante. No psiquismo, a pulsão se faz presente pelos seu representantes:** a Vorstellung e o Affekt. **Ambos presentificam a pulsão, mas cada um à sua maneira. Na** Vorstellung, **enquanto concebida como** Vorstellungrepresentanz **(representante-representativo ou representante da representação), temos que distinguir a própria** Vorstellung **(representação) do** Reprasentanz **(representante). "A** Vorstellung **porta a significação,**

enquanto que o Reprasentanz diz respeito a uma função de ser representante." (G. Roza, 1989:pag 11)

O **Affekt** é a intensidade, expressão qualitativa da energia pulsional. A **Vorstellungreprasentanz** é um conceito, que valorizando a função representante pela articulação à pulsão, descortina a problemática do "investimento", como essencial ao campo da representação psíquica. Pois a pulsão é força (**Drang**) inscrita no universo da representação, pelo que toda representação perde sua inocência, pois releva menos da atitude contemplativa seja ela realista ou idealista e mais da exigência que a pulsão faz ao psiquismo de elaboração das fontes de excitação com origem no corpo.

O conceito de representante da representação vai remeter portanto à natureza da realidade psíquica enquanto dirigida pelo desejo inconsciente e à verdade psicanalítica como a verdade do desejo. O que significa dizer, que no inconsciente, a verdade é a ficção, pois é o investimento na representação o que **"atua"**, e é no **"rastro do que opera"**, atua, age, investe, que o sujeito virá a se constituir. Pelo menos é assim que desde Lacan passamos a entender o freudiano **"Wo Es War Zoll Ich Werden"**.

Falar do estatuto da representação na obra freudiana é remeter portanto à questão do objeto, distinguindo a ordem da objetividade da ordem da objetalidade. De fato, acreditamos, que esses dois termos, caracterizam com precisão duas vertentes do pensamento freudiano, respectivamente, uma mais

psicológico, referido ao aparelho perceptivo e sua função suposta corretiva e outra propriamente psicanalítico, que dá conta, como já explicitamos, da função representante, tendo em conta o desejo e a pulsão.

II. O INDIVÍDUO BIOLÓGICO E O EU NARCÍSICO

A correta identificação dessa dualidade de pontos de vista, que se regulam mutuamente na obra freudiana, exige que se defina com a clareza possível, menos o percurso e a complexidade da reflexão psicanalítica acerca do narcisismo, e muito mais nossa própria versão desse percurso. É, portanto, desde o nosso ponto de vista da "trajetória da objetalidade", pelo conceito de narcisismo, que nos reportaremos à questão da objetividade.

Num caso, o eu é concebido como instância psíquica, no outro como indivíduo biológico. A definição do que seja "realidade" é absolutamente dependente do ponto de vista que se queira adotar nesse debate. Freud admite um Ego-realidade, que existe desde o começo com um "bom critério objetivo" para distinguir as excitações que provêm do próprio corpo e as que lhe chegam do mundo exterior.<1> O **objeto** será aquilo que se

---

1. Em "Formulações sobre os dois princípios da atividade psíquica"(1911) Freud observa que toda neurose tem como resultado, ou do mesmo modo, como fim que o sujeito se afasta da realidade. A questão de que uma relação com o real de que goza o indivíduo normal, mas da qual o neurótico, pelo recalque se afasta, se coloca aqui, precisamente nos termos que se seguem:"**E defrontamo-nos agora com a tarefa de investigar o desenvolvimento da relação dos neuróticos e da humanidade em geral com a realidade e, desta maneira, de**

oferece à percepção com características, inclusive, reconhecíveis pela universalidade dos sujeitos.<2> Em 1911, a idéia de teste de realidade, dá conta da distinção interno-externo, a partir do fracasso da tentativa de repetição alucinatória da "experiência de satisfação". A realidade é concebida como o correlato da elevação da importância da consciência e dos órgãos sensoriais envolvidos na prova perceptiva. A percepção faz prova, corrige a preciptação do aparelho psíquico rumo à realização do desejo.

Freud (1930) nos fala de um estado "originário" em que o sujeito não distingue seu próprio ego do mundo externo, "originalmente o eu inclui tudo". Esse estado é portanto anobjetal e não-representacional. A questão do aparecimento do "objeto", da "representação" e do "representante da representação", entendemos que é tematizada insuficientemente através da "experiência alucinatória de satisfação". A função da representação surge, no contexto desta hipótética

---

trazer a significação psicológica do mundo externo e real para a estrutura de nossas teorias."(Freud, 1911,págs.277-278). Segundo Freud nos indica numa nota de rodapé, todas as crianças vivem sob o predomínio do princípio do prazer, e o que o neurótico assegura pelo recalque, dispositivos mais elementares, como a projeção no mundo externo das contingências desagradáveis, já efetivam o "afastamento da realidade".

2. **A consciência aprendeu então a abranger qualidades sensórias, em acréscimo às qualidades de prazer e desprazer que até então lhe haviam exclusivamente interessado. Instituiu-se uma função especial, que tinha que periodicamente pesquisar o mundo externo, a fim de que seus dados já pudessem ser conhecidos se uma urgente necessidade interna surgisse: a função da atenção.(1) Sua atividade vai encontrar as impressões sensórias, a meio caminho, ao invés de esperar por seu aparecimento. Ao mesmo tempo , provavelmente, foi introduzido um sistema de notação, cuja tarefa era assentar os resultados desta atividade periódica da consciência - uma parte do que chamamos memória (Freud, 1911, pág:280)**

experiência, independentemente da constituição do eu como "unidade". Ao descrever um "estado inicial da libido" (Freud/1914), que identifica como um narcisismo auto-erótico, refere-se, portanto, a um estado originário onde as pulsões auto-eróticas não supõem para alcançarem a satisfação, uma "unidade comparável ao ego".

Confrontado, entretanto, com "certas fontes de excitação", (entre as quais se destaca a mais desejada de todas o seio materno) que lhe fogem, só reaparecendo mediante uma **ação específica**, seus gritos de socorro, é forçado a reconhecer ou representar um **objeto** que existe independentemente, mas ao fazê-lo a realidade psíquica se constitui no seu incontornável paradoxo, o **objeto** é investido pela atividade representante, o objeto faz sua entrada no registro psíquico como aquilo pelo que a pulsão encontra a satisfação. Serão precisos "**realitatzeichen**", signos de realidade, índices do mundo externo, para guiar o sujeito no mundo, pois no aparato psíquico tudo é representação.

A realidade é o que advirá menos de um "bom critério objetivo" que de um, na melhor das hipóteses, discutível "critério objetal". As frequentes, múltiplas e inevitáveis sensações de sofrimento e desprazer, cujo afastamento se impõe ao eu, em virtude da dominância, que gradualmente se afirma na vida psíquica, do princípio do prazer, impulsionam no sentido de isolá-lo de tudo que possa tornar-se fonte de desprazer. Todas as fontes de desprazer são tratadas como externas e desse modo pode se estabelecer um "eu puro

prazer". A atividade de representação se estabelece, marcada pela dominância do princípio do prazer.

Todo juízo acerca da existência de uma representação na realidade externa supõe a anterioridade do juízo de atribuição, que se refere à qualidade boa ou má para o eu, e que importa, consequentemente, numa decisão sobre se será ou não integrada ao eu. A experiência, entretanto, demonstra ao indivíduo que não só é importante que um objeto de satisfação para ele possua um atributo bom, merecendo ser integrada ao eu (pela atividade da representação), mas é preciso que esteja no mundo externo para poder utilizá-lo quando necessário.

O teste de realidade, desde essa colocação (Freud, 1923 pag:297), vincula-se definitivamente à procura do objeto primitivo,<3> objeto que trouxe outrora a satisfação e que deixou as marcas dessa "vivência de satisfação" como **Niedershcrift**, inscrição mnêmica, engrama, traço no

---

3. ""Agora, não se trata mais de uma questão de saber se aquilo que foi percebido (uma coisa) será ou não integrado ao ego, mas uma questão de saber se algo que está no ego como representação, pode ser redescoberto também na percepção (realidade). Trata-se, como vemos, mais uma vez de uma questão de externo e interno. O que é irreal, meramente uma representação e subjetivo, é apenas interno; o que é real está também lá fora...Assim, originalmente a mera existência de uma representação constituía uma garantia da realidade do que era representado. A antítese entre subjetivo e ojetivo não existe desde o início. Surge apenas do fato de que o pensar tem a capacidade de trazer diante da mente, mais uma vez algo outrora percebido, reproduzindo-o como representação em que o objeto externo ainda tenha que estar lá.Portanto o objetivo primeiro e imediato do teste de realidade é não encontrar na percepção real um objeto que corresponda ao representado, mais reencontrar tal objeto, convencer-se de que ele ainda está lá."(freud, 1923 pag:298)

inconsciente.<4>. As consequências dessa formulação freudiana para a teoria do sujeito são escandalosas. Pois, o julgamento, a ação intelectual é concebido estritamente a partir da ação recíproca dos impulsos instintuais primários. **"Julgar é uma continuação, por toda a extensão das linhas de conveniência, do processo original através do qual o ego integra coisas a si ou as expele de si de acordo com o princípio do prazer. A polaridade do julgamento parece corresponder à oposição dos dois grupos de instintos que supusemos existir. A afirmação - como um substituto da união - pertence a Eros; a negativa - o sucessor da expulsão - pertence ao instinto de destruição." (Freud,1923, pág:300)**

A "nova ação psíquica" à qual Freud (1914) vai se referir, diz respeito, portanto, especificamente ao ato fundador do eu como "representação unificada" e que é igualmente uma "representação idealizada" depurada de todas as fontes de ameaça e sofrimento, que são lançadas sobre "o mundo".

Representação idealizada, porque as pulsões auto-eróticas são responsáveis pelo investimento primeiro que a partir de então liga-se a essa imagem de si. Dá-se, de acordo com

---

4. **"Expresso na linguagem dos mais antigos impulsos instintuais - os orais - o julgamento é: 'Gostaria de comer isso' ou 'gostaria de cuspi-lo fora', ou colocado de modo mais geral, 'gostaria de botar isso para dentro de mim e manter aquilo fora.'Isso equivale a dizer: 'Estará dentro de mim' ou 'estará fora de mim'. Como demonstrei noutro lugar, o ego-prazer original deseja introjetar para dentro de si tudo quanto é bom, e ejetar de si tudo quanto é mau. Aquilo que é mau, que é estranho ao ego, e aquilo que é externo são, para começar, idênticos." (Freud,1923: pág:297)**

Freud, um primeiro passo no sentido do princípio de realidade que deverá dominar o desenvolvimento futuro. A fim de desviar certas excitações desagradáveis que surgem do interior, o eu não pode utilizar senão métodos que utiliza contra desprazer oriundo do exterior, por isso projeta as fontes internas de sofrimento no mundo externo, instituindo o mundo como o "locus" de toda estranheza e ameaça.

A constituição desse eu-Ideal (**Idealich**) com base num juízo de atribuição, é puro efeito da dominância do princípio do prazer. Distribui as fontes de excitação, tratando tudo que é bom e prazeiroso como parte do eu e toda fonte de desprazer como pertencendo ao mundo exterior. Entendemos que o eu Ideal (**Idealich**) testemunha a pré-história individual na experiência originária da plenitude pulsional. Essa pré-história entretanto não é dada, não é um estado de natureza. Constitui-se por "uma nova ação psíquica", que entendemos releva da emergência do próprio psiquismo sob o comando de uma força que não é dada: a dominância do princípio do prazer. É o eu narcísico, como representação unificada, que estrutura as condições de possibilidade para que essa força de coesão, o princípio do prazer, se instale e produza o psíquico, como espaço governado pela representação. O eu narcísico, que se apresenta como uma virtualidade mítica no Totem e Tabu, estrutura-se abertamente em "Sobre o Narcisismo: Uma Introdução" como um modo de identificação com o outro materno ou o pai da pré-história individual. Seu advento, se estrutura mediante a fantasia da recuperação de um estado originário, onde o sujeito sem "eu" teria vivido o

paraíso da plenitude pulsional. Paraíso que nunca existiu senão pelo que a "morte-branca-de-não-ser" pode representar como um gozo absoluto de não-saber. Essa perda do paraíso, se inscreve, entretanto, pelo avesso, pelo engrandecimento do eu, no esforço de reter nessa representação de si a plenitude perdida/impossível. Esse eu engrandecido é herdeiro da experiência originária mítica perdida/impossível e representa a retomada desta experiência pela identificação. O narcisismo, tal como Freud o descreveu inicialmente na experiência homossexual é efeito da identificação com o amor do outro materno pela "criança que o bebê foi para sua mãe". É no espelho desse amor que o eu narcísico "se mira".

É Freud (1914) quem nos diz que **"A idealização é um processo que diz respeito ao objeto; por ela, esse objeto, sem qualquer alteração em sua natureza, é engrandecido e exaltado na mente do indivíduo. A idealização é possível tanto na esfera da libido do ego quanto na da libido objetal.** Ao tomar a imagem de seu próprio eu "como representação unificada" é forçoso reconhecer nesse procedimento o efeito da **sexualização**, pelo qual o eu é para as pulsões, também um objeto.

De acordo com Birman (1989), **"Essa identificação primordial não é rigorosamente falando, uma identificação, mas é a marca da inscrição da lei simbólica no psiquismo do infante, sendo a condição de possibilidade do processo identificatório realizado mediante os objetos parciais. Assim, a identificação com o 'pai da pré-história pessoal' é**

a marca no psiquismo que indica a incidência da lei simbólica no infante, o que permite que se inscreva um limite na plenitude da satisfação pulsional."(pag: 186)

A identificação primária seria uma identificação com os pais, visto que é anterior ao conhecimento da diferença entre os sexos e da falta do pênis. Ao pai e à mãe não se concede um valor diferente. Birman, (1989b) refere o "eu ideal" (Ich-Ideal) ao reconhecimento pelo Outro da pré-história pessoal, como imagem unificada, totalizada."**Com isso, esta totalização implica uma alienação referenciada no Outro, pois sendo o ego a imagem que o Outro investe, não existe autonomia face a este. Assim, objeto fascinante e fascinado do desejo do Outro, o sujeito fica capturado nas malhas deste desejo, de maneira a se estabelecer uma relação de indiscriminação com o Outro que se encontra marcada nessas identificações."** (Birman, 1989b pag:32) Essa posição é perdida, e o complexo de Édipo é a dinâmica pela qual isso se dá. A busca de seu reencontro, permanece para sempre como tentativa de restaurar a plenitude narcísica. Reencontrar um Outro para quem se seja tudo, e vice versa, seria a demanda básica da paixão. Nesta dinâmica pulsional o eu é seu próprio ideal e o Outro não passa da projeção de sua imagem.

A relação do eu com tudo que se lhe apresenta idealizado comporta o mesmo caráter de ausência de mediação e de dialetização, que são a marca das produções da plenitude passional. A paixão é o estado que autoriza falar do eu ideal como mais que uma virtualidade. O sexual é aquilo pelo que a

identificação com o pai da pré-história se representa na história individual. Desse modo, pode-se atribuir um sentido à interdição das relações sexuais entre os membros de um mesmo clã que faz uma parcela da substância do pacto social, no mito do Totem e Tabu.

O que Freud descreve como característico da relação do neurótico ao ideal é justamente o caráter sexualizado do "modo de investimento". Quando este abriga um ideal elevado no eu, trocando-o pelo seu narcisismo, ainda assim, a **sexualização** é conservada. Por **sexualização**, entendemos que Freud se refere a um certo "modo de investimento" que é característico dos processos inconscientes, o processo primário, ou o investimento da paixão. O ideal surge, nesta perspectiva, como uma representação totalizada que se instala no eu, antes que o sujeito tenha podido **sublimar** a pulsão. **"A sublimação é um processo que pode ser estimulado pelo ideal, mas sua execução independe deste estímulo"**, de vez que é preciso levar em consideração a função de um **"agente psíquico especial"** que deve realizar a tarefa de **"observar constantemente o ego real, medindo-o por aquele ideal"**.(grifos indicando palavras textuais de Freud, 1914).

Embora um poder dessa espécie exista em cada um de nós, em nossa vida normal e releve da personificação da crítica dos pais, da sociedade, de autoridades, educadores e igualmente da opinião pública, o modo pelo qual esse poder se instala na experiência singular do sujeito esclarece porque a presença do ideal não equivale à **sublimação** das pulsões,

pois: "...quando uma tendência à repressão se desenvolve de uma proibição ou obstáculo que proveio, no primeiro caso, de fora..._grandes quantidades de libido de natureza essencialmente homossexual são introduzidas no ego" (Freud, 1914)

A experiência que conduz à formação do super-ego é correlativa da formação do eu ideal. Este adviria de uma "crítica", e portanto de um "não reconhecimento" incondicional pelo Outro da pré-história pessoal. É como reação a essa falha na demanda de amor incondicional que a criança dirige ao Outro, que **"grandes quantidades de libido essencialmente homossexual são introduzidas no ego"**. O que significa entretanto, a idéia de libido homossexual ? Se entendida como sinônima de libido narcísica trata-se do modo de amar característico da fase oral da libido, cuja aspiração é "ser" como aquilo que é investido.

E assim se poderia pensar por que, por este processo, a introdução do ideal no eu pode não trazer consigo, necessariamente, a **dessexualização** que caracteriza o destino sublimatório da pulsão. Trata-se essencialmente, de que esse destino da pulsão, a sublimação, contorna o racalque da tendência, o que não acontece quando a instalação abrupta e invasiva de um agente crítico inviabiliza a mudança no âmbito da pulsão. Por que a instalação abrupta e invasiva do agente crítico é correlativa de uma sexualização do eu ?

O eu ideal e esse primitivo agente crítico (sentimento de culpa/necessidade de punição) transportam para o plano da representação o excesso pulsional. A identificação com uma imagem unificada e plena de si, faz-se correlata de uma exigência moral sem limites, que é como a pulsão se satisfaz através do agente crítico que age como se "viesse de fora". E vem de fora realmente, se por esse "fora" entendemos "fora do aparato psíquico". O super-ego primitivo (ao qual Freud se refere em "o Ego e o Id") veicula no psíquico pelo sentimento inconsciente de culpa/necessidade inconsciente de punição, a marca do assassinato que na sua dimensão excessiva alude ao que é transindividual. A cultura não poderia ser a obra de um indivíduo. Na dimensão do aparato psíquico do indivíduo é sempre excessiva.

A idealização do eu pode coexistir com uma sublimação impedida de se produzir. Por isso a formação do ideal do eu (**Ideal Ich**) aumenta as exigências do eu favorecendo a repressão. <5>

"Eu Ideal" e "Ideal do eu" são, consideramos, dois modos de referência ao ideal que coexistem. Envolvem os destinos da pulsão e acusam sobremaneira a diferença entre uma formação reativa e a sublimação. As formações reativas invertem a pulsão no seu oposto sem que haja "mudança na natureza do impulso". A sublimação supõe alguma coisa mais.

---

5. Ver Leclaire in Lacan, 1979, pag. 157

A repressão é, portanto, um mecanismo inconsciente do eu, que intervém de acordo com o "modo de investimento" característico da paixão; não há mudança no âmbito da pulsão, quando muito, inversão no contrário ou retorno sobre o próprio eu. O Ideal do eu é a estrutura psíquica que pode advir em consequência do declínio do complexo edipiano. O modo pelo qual o sujeito se reporta ao ideal do ego comporta a marca, a incisão da castração. O investimento sublimado é o que se estabelece onde era investimento sexualizado.

Pois a pulsão é força (**Drang**) e sua passagem da ordem do corpo para o registro psíquico impõe uma exigência de trabalho. Exigência, que a "idealização" do objeto contorna, pois, a pulsão se inscreve no campo da representação mas, o "excesso" na ordem do sexual não se perde. A passagem do investimento pulsional pelo eu é um caminho necessário no percurso da pulsão até a sublimação, mas não é suficiente. O sexual impõe o "retorno da libido para o eu" configurando o paradoxo de que afinal o narcisismo primário é um narcisismo, de um certo ponto de vista secundário.<6>

6.A questão de se o narcisismo do eu é primário, isto é se o eu é o grande reservatório da libido, ou se é secundário, isto é se a libido reflui dos objetos só então investindo o eu é plenamente solucionada, quer nos parecer, com a hipótese estrutural que diferencia o id do inconsciente. O id, é o que aqui chamamos do narcisismo originário, narcisismo sem eu, sem exterior/interior, experiência mítica que designa a plenitude da experiência de satisfação pulsional.A hipótese de um narcisismo primário, como nova ação psíquica fundadora do eu como representação importa em admitir que a fonte da energia utilizada nesse investimento advém do auto-erotismo, erotismo automático das funções de auto-conservação. O narcisismo originário é o reino da indiferenciação, onde a pulsão só pode se apresentar como pulsão de morte, compulsão à repetição ou pulsão de descarga absoluta. O narcisismo primário é também um narcisismo secundário desse ponto de vista, pois importa em retorno sobre si mesmo, enquanto

A perda/impossiblidade do objeto originário da satisfação auto-erótica é, na verdade, a perda da experiência da indiferenciação originária, quando na experiéncia de satisfação o eu e o objeto não são entidades diferenciadas. A libido objetal e libido do ego surgem da implosão, que as repetidas experiências de desprazer impõem ao narcisismo originário, e que conduzem à constituição do "eu psíquico" como um "eu-puro-prazer".

A perda do circuito originário da satisfação pulsional representa a perda de um modo "automático" <7>, sem representação, pelo qual as pulsões auto-eróticas encontravam sua satisfação. O auto-erotismo do narcisismo primário não é automático, a descarga pulsional é mediada pela função representante do eu, e neste processo algo desse automatismo, ou como se chamará depois de 1920, dessa propriedade essencial da pulsão, a "compulsão à repetição" se perde, mas nem tudo. O "excesso" pulsional perde uma batalha quando, no circuito da satisfação, o representante da representação, submete a um curso definido os processos de descarga, qual seja, o do princípio do prazer. No originário essa dominância não existe e a pulsão, regida por um princípio mais

---

representação da força da energia, potencialmente pulsional, em circulação no campo dos "objetos" das funções de auto-conservação.

7.O narcisismo originário é o momento do investimento da mãe na criança até que ela possa pela função representante apropriar-se do essencial dessa função, quando se estabelece a dominância do princípio do prazer. Até este momento, tanto a satisfação quanto o desprazer proporcionados pela mãe são experimentados como parte do próprio corpo. Portanto, podemos conceber que a qualidade dos cuidados maternos determina a qualidade do auto-erotismo pré-objetal.

primitivo, arcaico e indiferente ao prazer ou ao desprazer insiste em reduzir a nada sua força, que entretanto é constante<8. A representação idealizada do eu e a idealização do objeto são próprias ao modo alucinatório de satisfação<9>. Subsiste aí, algo da pujança própria à pulsão, essencialmente ligada à função representante, propriamente dita alucinatória, expressão que qualifica o "modo de investimento" pelo qual a função representante funda a representação idealizada.

No fantasma, o sujeito busca reencontrar o objeto perdido/impossível, mas a condição de que esse objeto tenha que se "representar" indica mais uma vez que essa perda não pode ser ignorada. O "excesso" da pulsão que a "idealização" transporta para o registro psíquico impõe por sua vez, mais trabalho psíquico, sem o qual o investimento permanece acolhido nas malhas do imaginário e nunca alcança a sua metabolização no plano simbólico.

8.Tomamos como conceito de pulsão, aquele que se estabelece depois de 1923 com o "Mais além do princípio do prazer".
9.Pode-se conceber esse modo alucinatório de satisfação como uma outra acepção de auto-erotismo, que a rigor, deveria ser introduzida a partir de 1915, com o advento do conceito de narcisismo. Auto-erótico, desde a concepção de um narcisismo primário, que entretanto não é primitivo, pois é secundário ao narcisismo originário, é o resultado do duplo retorno descrito por Freud,nas pulsões e seus destinos, como mecanismos anteriores ao recalcamento. Trata-se portanto do **retorno sobre o próprio eu**, pois a alucinação da satisfação é revertida sobre o próprio corpo,do investimento feito pela mãe, no momento da experiência de satisfaçÃo. Na atividade alucinatória, o caráter passivo da experiência originária é **invertido no contrário.** É apenas na medida em que valorizarmos o narcisismo originário, que tanto a hipótese de uma pulsão de morte, quanto, a anterioridade do masoquismo com relação ao sadismo ganham seu sentido, ampliando o espaço metapsicológico da oposição entre o princípio do prazer e a tendência à redução da tensão ao nível zero.

acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e quando , ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ideal do ego (Ich-Ideal). O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal.(Freud, 1914)

Dessa "nova forma", de um ideal do ego (**Ich-Ideal**), parece legítimo depreender que as representações sobre as quais o indivíduo projeta o seu ego ideal, se são idéias morais e éticas, só podem ser representações de caráter coletivo. O processo de subjetivação é a dinâmica libidinal que vai dar a essas idéias seu caráter inescapável de representações investidas libidinalmente.

III. EU IDEAL E IDEAL DO EU: MODOS DE INVESTIMENTO OU DE ADESÃO A REPRESENTAÇÕES IDEALIZADAS INDIVIDUAL OU COLETIVAMENTE

Enquanto que para Adler é a pressão ou a valorização social que leva o indivíduo a forjar "essas forças formadoras do caráter" (os ideais), a pesquisa psicanalítica vai lançar

as bases desse processo sobre as vicissitudes do narcisismo absolutista e majestástico da criança. É nesse eixo, o do narcisismo e da formação do ideal, que se estabelece o problema da referência do sujeito ao social.

A libido é essencialmente imaginária, ou seja, ligada à imagem. É para o eu ideal (**Ich-Ideal**) que se dirige o amor desfrutado pelo eu-real (**Wirklich Ich**) na infância. O amor pelo eu-ideal é amor de si mesmo, de sua imagem, do que se foi, do que se é pelo qual o sujeito empreende sua "vigorosa busca" de reedição do estado original. Entretanto, convém situar aqui a posição de Lacan (1979) sobre a forma humana: o outro que somos, está fora de nós . A condição originária do sujeito é de desamparo e impotência, de modo que a forma realizada, a imagem plena de si só pode ser encontrada fora de si. A imagem no espelho é algo mais ou menos nítido ou incompleto, fragmentado, inconsistente dependendo da relação com a imagem real. E quem comanda essa relação é a voz do outro ou seja a inserção do sujeito na relação com outros sujeitos, o simbólico. Socialmente, nós nos definimos por intermédio da lei. O que significa dizer que nossos diferentes eus estão numa relação complexa, porque dependente dos diferentes planos em que nos colocamos.

É por isso que o ideal do eu (**Ideal-ich**), de acordo com Leclaire <10>, está para além da imagem, é uma idéia da **forma**. Pois, é a relação simbólica que define a posição do sujeito como aquele que vê. É a palavra, a função simbólica

---

10. Leclaire,in Lacan, 1979 pag: 159

que define o maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação do imaginário. A distinção entre o eu ideal e ideal do eu se faz nesse plano da representação. O ideal do eu comanda o jogo de relações do qual depende toda relação a outrem, pela troca verbal: **"O 'Ich-Ideal', o ideal do eu, é o outro enquanto falante, o outro enquanto tem comigo uma relação simbólica, sublimada, que no nosso manejo dinâmico é ao mesmo tempo, semelhante e diferente da libido imaginária. A troca simbólica é o que liga os seres humanos entre si, ou seja a palavra, e que permite identificar o sujeito."(Lacan, 1979, pag:166)**

A correta apreciação desse aspecto exige que se diferencie eu ideal (**Ideal-Ich**) e ideal do eu (**Ich-Ideal**) como dois modos de investir representações idealizadas, para que se possa ressaltar a distância que separa o investimento do ideal em sua captação imaginária, especular no narcisismo primário, do investimento edipianizado, pelo qual o sujeito vem articular-se aos ideais, pela via simbólica, É na intenção de especificar essas duas estruturas, como dois "modos de investimento", que apresentamos o que se segue.

O narcisismo, é tematizado por Bleichmar (1985) como um campo, que é efeito de uma lógica que marca atributos com sinais positivos ou negativos, determinando preferência ou menosprezo. O desejo de ocupar o lugar de privilégio para um outro pela posse dos atributos marcados positivamente por esse outro, é a condição de possibilidade do investimento narcísico. O narcisismo, desse ponto de vista, é também

econômico, não é apenas um estado, fenômeno ou posição, mas a expressão do modo pelo qual o eu se representa em função desse desejo de privilégio.

O eu ideal é uma estrutura que se constitui como efeito da paixão do enunciante. Para caracterizá-lo é preciso descrever os tipos de olhares, de discursos que criam essas entidades ideais, pois é a fascinação por um outro, visto como modelo de todas as virtudes e perfeições é que é característica da paixão. A lógica pela qual se fabrica um eu ideal é a da generalização a partir de um traço valorizado. O discurso comandado por essa lógica é totalizante, baseando-se numa regra de enunciação, homogeneizadora, que gera elementos pertencentes à mesma classe. O deslocamento da valoração do traço para o todo é livre e é essa manobra que **produz** a representação idealizada. A fonte primária desse discurso é o "narcisismo dos pais", para quem a criança ocupa o lugar de "sua majestade o bebê".

O ideal do eu, seria fundado numa modificação desse regime de investimento pois exige o exame de cada atributo, independentemente dos demais. É comandado por uma regra operatória que articula categorias e coordena classes e diferencia, **produz** heterogeneidades, e referências idealizadas altamente complexas, pois o valor de cada atributo, não se generaliza para a totalidade. A inclusão do que é desprazeiroso para o eu, através dessa lógica discriminadora, é efeito de um modo diferente de articulação do desejo, porque intervém a emissão de um juízo coletivo.

O grau de distância do eu com relação a cada uma dessas estruturas já é dada pela regra de enunciação e pelo modo de investimento. O discurso totalizante dá a exata dimensão do modo de investimento pelo qual, referido à plenitude imaginária, dá-se a inserção do sujeito no social, enquanto que o discurso discriminante articula o sujeito a uma ordem simbólica, onde não há agente concreto que ocupe o lugar de plenitude.

O discurso totalizante é, de acordo com Bleichmar, o resultado de um abuso do pensamento dedutivo. A crença numa premissa que atua como ponto de partida, organiza, molda e transforma os dados de modo a inseri-los numa classe. É discurso da paixão. O discurso discriminante, supõe uma abertura para a imprevisibilidade do julgamento, que se sustenta menos no que se poderia chamar de uma abertura para a realidade "objetiva" ou mesmo para a razão como contrainvestimento da paixão, e muito mais, para o campo da política, dos contratos sociais, dos agenciamentos em torno de dispositivos de verdade.

O ideal do eu define-se em torno de "pactos narcísicos". Sua natureza simbólica advém justamente dessa mediação que o juízo coletivo introduz. Se é o juízo de atribuição, a lógica da paixão que funda o eu ideal, o ideal do eu não é o efeito de um juízo de existência "dessexualizado", de uma razão transcendental ou de uma ordem empírica que regule seu valor

de verdade. É como juízo de valor e na ordem dos valores que entendemos seu funcionamento.

IV. A REALIDADE PSÍQUICA, A SOCIEDADE E A CULTURA

Nesta seção procuramos valorizar, na teoria psicanalítica, a reflexão em torno da articulação entre o sujeito e a cultura. Trata-se de evidenciar, na produção conceitual da psicanálise, os instrumentos por meio de que a psicanálise pode fazer parte da interlocução que se estabeleceu no campo sociológico e antropológico acerca da modernização da sociedade brasileira. Alguns dos problemas estudados dizem respeito aos impasses dos sujeitos no Brasil face a projetos identificatórios, muito bem evidenciados na literatura sobre o tema. A psicanálise cmo teoria do sujeito tem muito a dizer sobre a natureza dessas dificuldades, de vez que se reportam justamente à relaçào problemática dos sujeitos aos seus ideais, quando estes ideais se encontram num processo de transformação acelerada no campo social. A questão é tanto mais desafiante, quando somos levados a reconhecer que a difusão da psicanálise na cultura guarda relações muito íntimas com a produção de novos projetos identificatórios.

A perspectiva da realidade psíquica, realidade do desejo e da psicanálise como código de elaboração da subjetividade são instrumentos essenciais à nossa análise. Vamos precisar o modo pelo qual fazemos a ligação entre as mudanças na

"realidade social", no cotidiano, através do movimento de modernização na sociedade, as mudanças no campo inter e intrasubjetivo e a difusão da psicanálise na cultura e na sociedade. A realidade à qual vamos nos reportar é justamente a realidade das "ilusões", do fictício, nas aspirações coletivas que se condensam em **representações ideais.**

Quando se fala em mudanças de comportamento, usos e costumes, é comum tomar as mudanças sociais ao nível dos hábitos. Possivelmente, o sujeito dessa mudança é tomado como sujeito da **aprendizagem** e da **adaptação** ao meio social. É possível ter muitas idéias em mente quanto à direção dessa mudança: pode-se acreditar que o sujeito pela sua ação produz essas mudanças, ou que pelo efeito da pressão social é levado a fazê-las. Vamos defender o ponto de vista de que é possível tratar essas questões por meio da teoria psicanalítica das relações entre sujeito e cultura. Dessa perspectiva, a difusão da psicanálise e a produção de uma "cultura psicanalítica" e do sujeito desta cultura fazem parte desse esforço de reflexão.

Quando se fala em mudanças de "identidade", é sobre as alterações no campo intrapsíquico que se quer pensar. Entretanto, uma noção como essa não deixa entrever qualquer distância entre o que se é, sendo, e o que se aspira ser, na identificação. A noção de "identidade" muito menos, dá conta dos conflitos que se interpõem na relação com essas aspirações e com seu próprio ser. A noção de "identidade", supõe que o eu é uma superfície homogênea, uma "realidade de

fato". A noção de "identidade" não atribui ao eu uma natureza irremediavelmente compósita, como um precipitado de identificações inconscientes onde se enraízam a contradição e o conflito. Consequentemente, o conflito não é uma dimensão essencial ao sujeito, se o eu é concebido como uma "identidade". Tratar assim a dimensão do eu traz uma série de embaraços para a análise do fenômeno da modernização social e da difusão da psicanálise. Invariavelmente, os pesquisadores que consultamos são levados a perguntar se os agentes sociais concretos mudaram de fato, modernizaram-se realmente, ou não. Com relação ao discurso dos agentes sociais, a pergunta que orienta os pesquisadores leva a indagar sobre a correspondência do discurso com a "realidade de fato". Em todas as pesquisas, sociológicas e antropológicas acerca da mudança social, produzidas recentemente, o conceito de identidade reina soberano. O que no mínimo demonstra que a difusão da psicanálise na cultura não influenciou a produção de conhecimentos, não ao ponto de intimar o pensamento social a adotar o corpo teórico da psicanálise em suas pesquisas.

Por essa razão, nossa discussão vem centrar-se sobre a dimensão do eu relacionada com o que lhe "falta". Ordinariamente, nas pesquisas às quais nos referimo, essa "falta" que se revela em todo projeto identificatório é percebida como insuficiência do processo de modernização e não como constitutiva da subjetividade. Nosso interesse dirige-se para lá, onde as aspirações geradas por isso que "falta" investem de um brilho especial imagens de "eus" mais

que perfeitos. A essas imagens chamamos **representações ideais**, lembrando que o brilho advém da idealização e esta última daquilo que "falta".

O tratamento pela teoria psicanalítica dessas **representações ideais** seria suficiente para afirmar o alcance metapsicológico dessa idéia, se não estivéssemos correndo num terreno que faz fronteira com algo que estravaza a teoria psicanalítica, pois diz respeito às mudanças que a sociedade promove no campo dessa dimensão intrasubjetiva das **representações ideais**. Dizemos que escapa à teoria psicanalítica, não porque de direito, a teoria não instrumente a reflexão nesse território, e muito mais, por que de fato, a implicação neste movimento, da difusão da psicanálise na sociedade, importa em dificuldades muito especiais tanto éticas, quanto políticas. Estas dificuldades relacionam-se com a competição entre diferentes versões da teoria psicanalítica e que tem como efeito a dificuldade sistemática de pensar como opera a cultura da psicanálise e como alguém se subjetiva por meio dela, tornando-se integrante dessa cultura.

No movimento de difusão do saber psicanalítico, as diferentes versões da natureza desse saber, as diferentes representações da função do analista, articulam-se no imaginário social com representações hegemônicas de sujeito, família, criança, homem, mulher. O "ideais analíticos" encontram nas mudanças do imaginário social, um espaço de

modificação da leitura e da experiência analítica, retornando sobre esse imaginário noções gestadas nesse processo.

Em nosso passado recente os agentes sociais concretos vieram a supor que o que lhes "falta" é **liberdade sexual**, **independência** nas relações amorosas e geracionais, **autonomia** no trabalho, **igualdade** entre os gêneros e outras tantas **representações ideais**. No plano do discurso dos agentes sobre si próprios tudo que podemos colher é a satisfação por considerar-se "moderno", leia-se: idêntico ao ideal, ou a insatisfação de não sê-lo tanto quanto gostaria. **Representações ideais** são ideais porque em maior ou menor grau não são percebidas pelos sujeitos como perfeitamente idênticas ao eu e por elas este mede seu tamanho, confirma ou não sua onipotência primitiva e regula a própria auto-estima.

No que diz respeito as mudanças de valôres tal como se pode verificar no campo das **representações ideais**, elas incidem sobre o patrimônio coletivo onde cada sujeito concreto pode eleger, em função de sua experiência particular seu acervo próprio. De certo modo, portanto, **representações ideais** são uma dimensão do sujeito e nesse sentido inalienavelmente singulares no modo próprio de se reportar a elas, pois envolvem os circuitos pulsionais no seu movimento de investimento, desinvestimento e contra-investimento. Todavia, são ao mesmo tempo "representações coletivas", e portanto sujeitas a um processo de valorização, transformação e esvaziamento que é efeito da "ação política" dos agentes sociais que no exercício da defesa de seus objetivos e

interesses, forjam, tramam entre si o agenciamento das "crenças", das "ilusões" e lutam para fazê-las hegemônicas.

Por essa razão tratamos dessa noção de **representações ideais** com a complexidade que supomos. Elas pertencem de um lado ao imaginário social, de outro às teorias sobre o sujeito, entre as quais, a psicanálise como um saber e uma prática conquistou uma indiscutível hegemonia. Admitimos a diversidade de inscrição em campos conceituais diferentes e a consequente pluralidade de sentidos que o uso dessa expressão pode carrear. Relevamos assim, a dupla procedência das **representações ideais** como algo pertencente à teoria psicanalítica e ao imaginário social.

Distinguiremos dois campos temáticos onde essas **representações ideais** se produzem numa cultura psicanalítica, respectivamente o da teoria psicanalítica e o do imaginário social, resgatando em seguida a utilidade que em nossa pesquisa pretendemos que tenha a utilização "condensada" ou "sobredeterminada" desses dois campos de produção de sentido. Não poderia ser de outro modo, de vez que trata de pensar na dimensão dos ideais justamente como o ponto de articulação entre o sujeito, sua cultura e a sociedade.

V. OS IDEAIS NA TEORIA FREUDIANA : 'no princípio foi o Ato'

A dimensão dos ideais na metapsicologia freudiana remete à complexa antropologia fantástica, pela qual Freud tentará

dar conta da passagem de um mítico estado de natureza à cultura. E daí pensar sobre as fontes inconscientes do laço social, da formação do ideal dos imperativos morais do super-ego. Nessa antropologia, o processo de subjetivação se inicia com a "expulsão da horda paterna". Expulsos do misto de inferno e paraíso originário, ao qual chamamos, estado mítico de natureza, os "irmãos" vivem numa comunidade homossexual. Desse vínculo, ele nos diz que será uma das fontes dos investimentos no sentido da conservação do laço social e da renúncia à agressividade mútua. Não são poucas as vezes, em conexão com a temática da paranóia, que Freud recordará que as pulsões sociais derivam da homossexualidade sublimada.

No segundo tempo desse mito, os filhos retornam e juntos matam o pai e devoram sua carne. Cada um realiza assim sua parcela de identificação com ele. A carne repartida inviabiliza a substituição do pai, porque ninguém pode ocupar seu lugar. Logicamente, ninguém pode herdar sua força, em consequência de que o assassinato foi coletivo e que a carne foi repartida entre seus devoradores.

Terceiro tempo, o pai assassinado é pranteado com remorso. Revela-se assim a natureza ambivalente do vínculo originário: o pai era objeto temido, mas também era venerado e admirado, Freud não diz amado ou odiado. O medo e fascinação parecem mais primitivos que o amor ou o ódio. Pai morto, pai idealizado: Totem. O totem é o nome do grupo, seu ancestral ou seu pai. O sentimento de culpa impõe a renúncia à repetição do ato criminoso e é a causa do Tabu: não matar.

O tabu é um imperativo categórico, inscrição do pecado original pelo seu avesso: o sentimento inconsciente de culpa/necessidade inconsciente de punição. Esse é o núcleo primitivo do super-ego, como Freud virá a revelar no "O Ego e o Id". A sexualidade será percebida então como uma fonte potencial de conflitos entre os membros do mesmo totem e por isso as relações sexuais entre eles serão proibidas. A proibição do incesto é de outro nível, ele nos diz em Totem e Tabu. Concluímos que o parricídio nesta fantasmagoria antropológica foi "real", enquanto que a proibição das relações incestuosas não tem uma fonte direta no sentimento de culpa e nos é apresentada como quase "convencional".

Desde então é o "Mal-estar na Civilização". O campo social é incapaz de oferecer o apaziguamento pleno ao sentimento inconsciente de culpa. A agressividade humana não é, no contexto das discussões que Freud desenvolverá acerca das pulsões de morte, um "instinto primário". O masoquismo é mais antigo que o sadismo, em suas últimas formulações, afirmação que coincide com a primazia que o sentimento inconsciente de culpa assume entre as fontes da resistência à cura.

O que significa dizer que a civilização só é a "causa do descontentamento", se entendessemos que por meio dela o sujeito perde a beatitude de um mítico estado de natureza. Na formulação freudiana o sentimento de culpa, tem origem num crime cometido coletivamente, pelo qual ninguém é individualmente reponsável e pelo qual todos são

"inconscientemente" culpados. Como o assassinato é um crime coletivo, os rituais de expiação também devem sê-lo. A experiência do obsessivo com seus atos ritualizados e compulsivos é reveladora de que a idéia de uma culpabilidade edipiana solitária é o "mito individual do neurótico". A questão que nos interessará será justamente a da implicação do sujeito nos rituais coletivos de expiação do sentimento inconsciente de culpa.

Esta implicação na ordem poderá ser ou não política, como demonstra exemplarmente o neurótico obsessivo. Será preciso considerar o "modo de investimento" ou de "adesão" ao laço social para situar o indivíduo na intersubjetividade como sujeito ou como assujeitado. Deste ponto de vista, a civilização poderá impor-se como uma necessidade: ou se aceita integrá-la ou se morre ou em vir a ser uma via de "contorno" (que aliás é como Freud se refere à sublimação), solução diplomática, eminentemente política, pela qual todo sujeito pode enfrentar seu desamparo originário (**Hilflosigkeit**). É apenas na medida, que entendemos que há na experiência originária os sentimento de medo e de veneração pelo pai que se pode conceber o advento do ódio e do assassinato, bem como o remorso e a idealização. A onipotência primitiva do narcisismo primário (assassinato do pai) não é mais que uma "mito individual do neurótico" ou se quisermos ser mais precisos ainda uma **virtualidade** que é entrevista desde esse ponto de vista. Sua "realidade" deve ser buscada do lado do desejo de apaziguamento pleno, ou de

"retorno ao inanimado", à experiência originária. Retorno ao que era antes do "ser": medo e veneração.

A constituição do sujeito narcísico interpõe-se entre a experiência originária e o crime coletivo. A ligação ao semelhante, aos irmãos expulsos da horda primeva, aparece neste contexto em dupla perspectiva: da ligação sexual e da rivalidade sexual. Os laços sociais constituem-se, de um lado, como um destino "sublimado" dos investimentos homossexuais. De outro, como efeito de um pacto que interditando a todos igualmente a posse de certos objetos sexuais, garante, virtualmente, que não se matem uns aos outros. A sublimação dos investimentos homossexuais e a interdição do incesto (e virtualmente, do assassinato) são dois modos de implicar definitivamente o individual e o social.

Nomeamos **representações ideais** aquilo pelo qual de acordo com Freud, o sujeito permuta seu narcisismo ou a virtualidade da onipotência que o "assassinato do pai" lhe permite vislumbrar:" **Sabemos que impulsos instintuais sofrem a vicissitude da repressão patogênica se entram em conflito com as idéias culturais e éticas do indivíduo. Com isso, nunca queremos dizer que o indivíduo em questão dispõe de um conhecimento meramente intelectual da existência de tais idéias; sempre queremos dizer que ele as reconhece como um padrão para si próprio, submetendo-se às exigências que elas lhes fazem. A repressão, como dissemos, provém do ego; poderíamos dizer com a maior exatidão que provém do amor-**

próprio do ego. As mesmas impressões, experiências, impulsos e desejos aos quais um homem se entrega, ou que pelo menos elabora conscientemente serão rejeitados com a maior indignação por outro, ou mesmo abafados antes que entrem na consciência. A diferença entre os dois, que encerra o fator condicionante da repressão, pode ser facilmente expressa em termos que permitem seja ela explicada pela teoria da libido. Podemos dizer que o primeiro homem fixou um ideal em si mesmo, pelo qual mede seu ego real (Wirklich Ich), ao passo que o outro não formou qualquer ideal deste tipo. Para o ego, a formação de um ideal seria o fator condicionante da repressão."(FREUD, 1914,pág.110-111)

O homem fixa um ideal para "si mesmo" mas, de acordo com Freud, o ideal do ego (**Ideal Ich**) desvenda um importante panorama para a compreensão da psicologia de grupo: **"Além do seu aspecto individual, esse ideal tem seu aspecto social; constitui também o ideal comum de uma família, uma classe ou uma nação."** (Freud, 1914, pag 119) O que abre a questão da diferença que haveria numa produção privada de ilusões onipotentes por oposição a uma produção coletiva. A neurose fracassa em abrir o caminho que enlaça o desejo de completude com os ideais sociais.

O ideal comum é um conjunto de **representações** ideais que, muito embora, sejam objeto de um investimento pelo sujeito singular, são igualmente objetos de valor coletivo. Em "Psicologia de Massas e Análise do Eu" Freud dá testemunho dos processos pelos quais a psicologia individual é sempre e

necessariamente, uma psicologia social. O fundamento dessa formulação é a noção de identificação. Constitui a forma original de laço emocional com um objeto. A natureza desse vínculo remete à constituição do eu segundo o modelo de um outro, tomado como ideal. "Ser" como o modelo é a mais antiga das aspirações. Seu colorido ambivalente remonta à sua condição de derivado da primeira fase da organização da libido, da fase oral, em que:**"the object that we long for and prize is assimilated by eating and is in that way annihilated as such. The cannibal, as we know, has remained at this stand point: he has devouring affection for his ennemies and only devours people of whom he is found."** (Freud 1921, pag:47)

A importância desse modo primitivo de laço com o objeto pode ser aferida pelo fato de que mesmo as escolhas de objeto sexual podem assumir a forma regressiva da identificação como sucedâneo e deste modo o objeto libidinal é introjetado no eu. A identificação pode surgir de qualquer nova percepção de uma "qualidade comum" partilhada com outra pessoa que não é objeto de um instinto sexual:**"We already begin to divine that the mutual tie between members of a group is in the nature of an identification of this kind, based upon an important emotional common quality lies in the nature of the tie with the leader."** (Freud 1921 pag:50)

O investimento libidinal na figura do líder é expressivo de que a vida intrapsíquica é habitada por uma virtualidade_ o eu ideal (**Idealich**)_ que se comporta como uma herança do

narcisismo original (na experiência do desamparo) e que pode colocar-se em conflito com o eu:" **We have called it the 'ego ideal' ('IdealIch'), and by way of functions we have ascribed to it self-observation, the moral conscience, the censorship of dreams, and the chief influence in repression. We have said that it is the heir to the original narcissism in which the childish ego enjoyed self-sufficiency; it gradually gathers up from the influences of the environment the demands which that environment makes upon the ego and which the ego cannot always rise to; so that a man, when he cannot be satisfied with this ego itself, may nevertheless be able to find satisfaction with the ego ideal (Ichideal) which has been differentiated out of the ego." (Freud, 1921 pag.52)**

O enigma da formação dos grupos consiste no fato de que as identificações fundantes destes laços não se reduzem a limitar a agressividade para com os pares. O reconhecimento da posse de um atributo comum remete simultaneamente ao sentimento inconsciente de culpa e à dimensão dos ideais.

O mito da morte do pai da horda primitiva <11> representa a metáfora da inscrição do sujeito na cultura. De acordo com Birman <12> essa metáfora não diz respeito à passagem da ordem da natureza para a cultura e sim do narcisismo originário para o registro simbólico. Pois a passagem da natureza à cultura, no registro psíquico, implica a passagem do narcisismo originário para a ordem simbólica. Para

---

11. Totem e Tabu, Freud, 1913 parte IV
12. Birman, J. "Entre o Simbólico e o Imaginário", exemplar xerografado.

formular sua posição nesse território, Freud teria se valido da filosofia política dos séculos XVII e XVIII:"Nesta os seus teóricos mais eminentes pretenderam tematizar, pela teoria do contrato social, a problemática dos direitos naturais dos indivíduos na ordem política. Neste contexto, a questão era como podiam se conservar os direitos naturais dos indivíduos com a passagem do estado de natureza para o estado político (Hobbes e Locke); ou então com a passagem do estado de natureza para a cultura (Rousseau). Enfim, a teoria do contrato social materializou-se em três grandes formulações que se tornaram clássicas, com Hobbes, Rousseau e Locke."(Birman, 1988)

A problemática que, de acordo com Birman se coloca para esses diferentes autores não é a da passagem da natureza à cultura e sim a da individualidade num estado abstrato de isolamento para o contexto das relações com outros indivíduos. Os direitos naturais que o sujeito procuraria manter pela luta e competição com os outros são os equivalentes no plano da estrutura psíquica, do que Freud chamou de ego ideal (Ichideal). Estado originário, natureza mítica ao qual todas as individualidades deveriam renunciar em nome de um direito natural soberano: o direito à vida que se institui pela ordem política fundada no contrato social. Para Hobbes é para não morrer que o indivíduo cede uma parcela de sua onipotência primitiva, enquanto que para Rousseau, o sentimento de piedade é a causa da renúncia à violência.

Dessas colocações acerca de Rousseau e Hobbes se poderia concluir que a questão do sujeito e da civilização, na teoria freudiana, é pensada como um pacto social em duas direções. Na primeira delas trata-se de uma teoria Hobbesiana do poder, o poder é o "direito natural", ódio pelo outro, o rival, que se cede em parte, pressionado pelo medo do seu poder, para não ser morto. A passagem do mito da horda primeva que Freud descreve como imediatamente subsequente ao assassinato do pai, quando os filhos renunciam às suas reinvindicações sexuais porque temem ser assassinados uns pelos outros, indica precisamente essa inspiração. Na segunda direção, entretanto, o raciocínio é mais complexo pois não se trata de um pacto fundado na cessão de "direitos naturais" pois será a identificação o amor pela imagem de si que o outro é, que fundamenta o laço social. Raciocínio que parece consistente com a idéia de Rousseau da renúncia ao "direito natural" pela piedade, ou seja a identificação com o semelhante. O momento do mito da horda primeva em que os filhos expulsos vivem numa comunidade homossexual marcaria, de acordo com Freud uma das fontes do laço social. Pelo que se pode concluir que o narcisismo originário é um narcisismo mítico. Nesse estado o indivíduo gozaria da plenitude de seus "direitos naturais".

O mito da horda primeva transcende as formulações dos filósofos do contrato pois este estado de isolamento e de "direitos plenos" no mito nunca existiu. Esse estado é vislumbrado como uma **virtualidade** no assassinato do pai. O assassinato do pai terrível, ele sim, portador de todo-

poderosos "direitos naturais" nessa mitologia fantástica, facultaria **virtualmente** que o sujeito do crime, que não lhe estaria mais assujeitado, lhe tomasse o lugar. A concepção do ato criminoso, como delito coletivo, condena a onipotência narcísica à pura virtualidade.

Trata-se de uma posição à qual se acede secundariamente, pela via de uma "fantasia carregada de desejo", cristalizada na fórmula: "a criança que eu fui" (o filho do pai venerado) ou "bate-se numa criança" (o filho do pai temido) e que seria melhor dizer que eu poderia ter sido, **virtualmente**. Pois, trata-se aqui das fantasias de sedução e das fantasias masoquistas de espancamento, como fantasias inconscientes. Esses fantasmas do "pai morto" rondam os momentos primitivos do ingresso do indivíduo na ordem da representação. A representação do eu se faz à imagem do outro, é a consequência dessa **virtualidade abortada.** Na especularidade da representação do eu é o que se expressa seja na formulação de Hobbes, seja na formulação de Rousseau: que o outro com o qual me identifico por partilhar com ele uma qualidade comum, a carne do pai devorado, fundamento da fantasia de onipotência, seja objeto de agressividade ou de piedade. Sadismo e masoquismo são posições intercambiáveis no campo do narcisismo justamente porque o eu é o outro ou, a imagem vazia ou plena dessa identidade **virtual** com o pai, circula entre a imagem do eu e do outro.

Em Freud, a formulação, como vamos precisar, transcende a filosofia do contrato, justamente porque não é jurídica. O

pacto não é um acordo entre iguais. Essa dimensão refere-se ao remorso pelo assassinato e ao pai morto e devorado e pensamos que indicaria outra fonte do laço social. A noção de pacto referir-se-ia à idealização do pai morto e é um pacto com o pai e não com o irmão. Nesse sentido, aproxima-se do vínculo cristão onde a ligação com o próximo é a expressão obrigatória do amor ao divino.

O contrato social, de acordo com Birman, não é jurídico é um pacto simbólico e também um pacto político, pois por meio dele, a dialética intersubjetiva pode encontrar um suporte transcendente, Outro, com relação à especularidade. A ordem do símbolo, como indica Safouan, (1988) só pode se estabelecer fundada no "mais além do princípio do prazer". Isso que o sujeito **é**, como **sendo**, o priva disso que ele **é** na **identificação** (onde intervém o que lhe falta) donde só pode conduzi-lo a descontentar-se com aquilo que ele **é**, **sendo**. O prazer só pode estar ligado a uma ilusão e portanto à recusa da realidade, e este é essencialmente o efeito do inconsciente como a representação de um prazer maior e que aqui chamamos de virtual, pois implica que a realidade deva ser recusada porque o prazer o exige.

Dessa perspectiva, a natureza mítica do narcisismo e do eu ideal relevaria menos, como nos filósofos do contrato de um mito de origem do que da qualidade de ficção ou de ilusão que lhe advém em consequência de sua ligação com o prazer. Para que haja prazer e este possa ser entrevisto como pleno é

que a realização é recusada e garante seu lugar na ordem da virtualidade.

Essa ficção, como nos indica Freud, advém da idealização do pai morto (pelo que a veneração originária se perpetua), e do sentimento inconsciente de culpa (pelo que o medo originário permanece). São esses laços comuns, as "qualidades comuns", que asseguram a identificação entre os indivíduos. O sentido desse assassinato entretanto, como mecanismo de inscrição na ordem simbólica pode ser referido ao mais além do princípio do prazer. Para esclarecer essa posição, retomaremos a idéia do pai da horda lembrando, que no seu desamparo originário, o "pai" é presença ou ausência, circunstância em que importa dizer que é **simbólico**, do ponto de vista de quem descreve essa relação. A presença é a presença real e a criança pode reagir a ela, não é, entretanto, uma representação. O assassinato do pai é um equivalente analógico do brinquedo do neto, que Freud observou jogando um carretel e exclamando alternadamente **Fort-Da**, menos porque a criança repetisse a experiência dolorosa da separação da mãe para dominar seus efeitos passando da passividade à atividade. O assassinato não é "mandar a mãe embora" para realizar na brincadeira, como agente de uma separação da qual, em realidade, se é vítima. Ao menos, o que Freud nos diz é que isso não é tudo. Ao relacionar essa brincadeira aos sonhos traumáticos e à compulsão à repetição que rege a neurose, Freud fala de uma tendência primordial da vida para a morte: retorno ao inanimado. Safouan, 1988, pretende apreender a significação

metapsicológica precisa dessa brincadeira na idéia de que a morte se introduz na vida.

O assassinato é aquilo pelo que a ausência se simboliza. O ato de jogar o objeto longe, exclamando **Fort** para recolhê-lo em seguida, com o som **Da**, faz a mãe e correlativamente ele próprio, desaparecerem do campo especular, campo das aparências. Pois, o menino que lança para fora de seu campo visual o carretel (a mãe), nesse momento, torna-se igualmente ausente do campo visual dela. De modo que a acolhida do carretel com um **Da** pelo qual ele demonstra seu amor por ela o que é o modo (invertido) de significar o dela por ele. A criança que sofreu os efeitos da relação de amor da mãe por ela, pelo significante do aparecimento-desaparecimento (**Fort-Da**), pode simbolizar a ausência/presença da mãe e então demandá-la. O campo da ausência inaugurado pelo **Fort**, é o lugar onde o "ser" se dissocia de "ser percebido", tornando-se sinônimo de "ser pensado". A representação da ausência á representação de toda representação possível.

O que é simbólico traz a marca de sua origem desde sempre coletiva. O campo da representação só é simbólico pela mediação da palavra. No campo da palavra, a ordem do discurso, é efeito da "negociação" dos agentes sociais concretos quanto ao que será considerado de "valor" ou "ideal" e pelo qual se assegura a repetição ritual do assassinato, do devoramento, do remorso e da restauração

idealizante. Idealizando juntos, o desamparo originário é contornado.

As representações ideais serão por essa razão representações coletivas arbitradas no jogo político, no qual é prolongada a privação ritual do objeto da satisfação, de que se nutre o sentimento inconsciente de culpa, e pelo que se renova a interdição do incesto.

VI. UMA "METAPSICOLOGIA DO SOCIAL"

Pensando nessa mesma direção, Assoun,(1989) propõe-se a explicitar o que no texto freudiano implicaria numa metapsicologia do social. O ideal é algo que se pratica. Só pela função do ideal, se dissolvem as aporias entre constituintes do inconsciente e do social (ou igualmente:o individual e o social, o pulsional e o cultural histórico, o fantasmático e o real). A palavra ideal, seria em Freud a via de socialização do inconsciente. A divisão do sujeito entre saber e verdade, inscreve-se na prática e na história, pela função do ideal. Somente pelo ideal, o sujeito pratica sua divisão e se liga ao desejo do Outro.

A noção de ideal, centrada na introdução da teoria do narcisismo, substitui a teoria objetal da libido. A instância ideal-egóica não se localizaria nem na primeira nem na segunda tópica. Trata-se de uma função imaginária que deve sua promoção ao ponto de vista da subjetividade narcisista.

O ideal do ego se traduz pela necessidade de encontrar um motivo para reprimir do lado do ego (e não do objeto). O ideal está a cargo do ego, é um legado do narcisismo primitivo. A idealização se introduz antes da instância ideal-egóica, consiste em engrandecer o objeto. É possível supor que pela função do ideal a antinomia entre a pulsão e o social é relativizada. A socialização teria lugar pela relação narcisista. Isso porque não há objeto individual e objeto social, somente no terreno da função idealizante, o sujeito pode buscar a dialética da socialização em seu real inconsciente." **Com o dispositivo conceitual do ideal Freud nos permite pensar os destinos sociais do inconsciente sem abrir mão da aquisição psicanalítica nem cair na psicossociologia.**

Somente com o ideal toma corpo uma metapsicologia do social: exame das condições inconscientes da produção do laço social, ou seja esta é a dimensão real da estrutura idealizante."(Assoum,1989,pág:108)

Esse laço fundado no ideal vem a ser a consequência do assassinato do pai. O modelo do parricídio originário deixa como efeito que o pai interiorizado, torna os filhos semelhantes a ele. Daí a figura tirânica e paradoxal do super-ego, como correlato dessa imagem da figura paterna. Somente a idealização altera esse destino.

Na horda tudo que havia era a certeza paranóica de serem perseguidos pelo pai, textura inconsciente do social como

núcleo da proibição. A idealizaçao se segue ao assassinato. Se os filhos o idealizam é para que ele sobreviva. Nesse momento preciso nasce a possibilidade metapsicológica do laço social.

A horda se torna massa, quando se inverte a paranóia primitiva. A essa inversão, Assoum chama de transposição idealista. Isso se enuncia pela ilusão de que o condutor (o pai morto) ama a todos os indivíduos, considerados isoladamente de maneira equivalente e justa. De filho do pai (terceira pessoa) o sujeito passa a referente do amor do pai (segunda pessoa) o filho do pai que eu sou. Freud teria fornecido a fórmula dessa transposição:**"uma soma de indivíduos que colocou um só e mesmo sujeito no lugar de seu ideal, em consequência, se identificaram uns com os outros."** (Freud, 1921)

Essa sacralização não é gratuita, serve para que os filhos possam identificar-se entre si. A idealização não finaliza o laço social, a menos que idealizando juntos, os sujeitos se encontrem de fato unidos. O pai já não se impõe como uma ananké, é preciso reinventá-lo, produzi-lo a cada momento. Se a relação edípica com o pai se apóia numa **ética**, a relação social com o pai seria da ordem da **estética**.

A massa encontra a forma de elaborar a relação paterna primitiva, de sorte que suscita uma instância do pai que agrada. Com efeito, é preciso inventar esse pai da massa para

que testemunhe e garanta de vez em quando o gozo do grupo. A ambivalência primitiva se cristaliza assim num gozo do objeto. O ideal do ego é o objeto do grupo social. A função totêmica se inverte. O tótem estava no lugar do pai assassinado. A função totêmica liga-se diretamente à proibição, à culpa e à instância da lei como negatividade. Ao totem articula-se o tabu. Nessa perspectiva o laço social nasce da repressão dos impulsos. Posto deste modo, o laço social importa em renúncia a uma parcela dos "direitos adquiridos" no assassinato do pai que põe fim à absoluta submissão ao pai. A instituição do super-ego liga-se em "Mal-estar na civilização" à renúncia à agressividade e sua interiorização.

O objeto idealizado contudo, seria o grande Fetiche, destinado a imunizar o sujeito e o grupo contra a castração e socializá-la. Por isso, se ele perece surge o pânico, indicando que é um objeto contrafóbico. Em Luto e Melancolia, Freud escreve:**"O luto (dor) é uma reação à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém e assim por diante".**(pag.275) A natureza narcísica do laço social evidencia-se, assim, traçando a via do ideal do ego como uma via estética, e que contorna a proibição.

Em "Totem e Tabu" era a proibição que dividia o sujeito e instituía o laço social. Em "Psicologia de Massas e Análise do Eu", esta mesma divisão é posta em prática, os filhos de crentes passam a praticantes. Essa religião institui a

modernidade. Não será sem motivo que a Igreja Católica é o exemplo nodal, pois na ordem metapsicológica foi necessário passar do antigo para o novo testamento e a conversão do "pai" em "filho preferido do pai" pode encarnar a ilusão universal de ser amado pelo sacrifício e a imolação ao pai idealizado.

O ideal do ego é o objeto do grupo. Repetindo, o ideal se pratica. Essa formulação abre uma perspectiva do social como um campo onde pela prática do ideal, os agentes sociais são sujeitos de uma elaboração estética. As **representações ideais** são coletivas. Sustentam-se em práticas de elaboração da subjetividade e supõem diferentes "modos de subjetivação". São um campo permanente do agenciamento do poder. Somente admitindo a concorrência entre os grupos sociais ordenados em torno de certas **representações ideais**, que são objetos de prática e que pela prática se transformam, as mudanças sociais podem ser pensadas sem que tenhamos que abandonar o terreno da teoria psicanalítica para abordá-las.

E é porque as **representações ideais** estão sujeitas à mudança que a paranóia primitiva persiste no laço social como uma ameaça crônica, como nos diz Assoum. A paranóia seria no seu entender o transtorno mais radical da idealização e aquele do qual esta se alimenta. Não pretendemos polemizar em torno dessa afirmação. Lembramos tão somente as palavras de Freud quanto à questão da melancolia e que mencionamos acima. Em princípio, a melancolia não seria um destino das fraturas

na "sublimação dos instintos sociais" mais improvável que a paranóia (os grifos indicam que a expressão é de Freud).

Do que podemos derivar que as mudanças no campo do objetos do grupo ou **representações ideais** podem desencadear como efeito o pânico e então a angústia. Ao pensar sobre a difusão da psicanálise será preciso considerar prioritariamente o pano de fundo das mudanças sociais no seio das quais pode se desdobrar. A questão da demanda de análise pode ser delineada no quadro da angústia suscitada nas "reações à perda", em consequência das fraturas, desidealizações, desinvestimentos que o próprio discurso psicanalítico difundido pode acentuar no campo das **representações ideais, abstrações e objetos do grupo.**

A questão da demanda expandida de psicanálise, do "boom" como se convenciou chamar esse fenômeno, quando é pensada por esse prisma, das práticas de elaboração ética e estética, é uma produção ativa dos agentes sociais empenhados na difusão desse saber. Para ensejá-la, utilizarão de mecanismos diversos que passam pela psiquiatrização, psicologização e pedagogização da teoria psicanalítica como meio de estabelecer compromissos com **representações ideais** que no campo social emergem em posição de hegemonia. O saber psicanalítico converte-se assim em princípio legitimador das **representações ideais** hegemônicas além de instrumento ou meio de subjetivar-se de acordo com o novo padrão estético.

Dessas poderosas articulações acreditamos que é pensável que a angústia possa ser produzida pelo pânico face à perda dos emblemas identificatórios que sustentavam a unidade narcísica do sujeito e o laço com o grupo social. Ao menos é assim que entendemos o sucesso da difusão da psicanálise, que vinculamos ao maciço processo de laicização da sociedade no curso dos anos 60/70. A religião como Freud a definiu funciona como **Weltanschauung**, e se os sistemas de crença como esse, efetivamente protegem contra a angústia suscitada pelas ameaças do mundo externo e do mundo interno, ao descrédito em que caíram as religiões desde esse período, talvez se possa referir o prestígio das práticas psicoterapêuticas.

Do nosso ponto de vista, os movimentos de modernização moral que vimos desenvolver-se nos anos 60/70, articularam-se desde os primeiros momentos com a difusão da psicanálise e é no contexto das novas concepções de sujeito, família, homem, mulher, criança, relação com o trabalho, que a "visão de mundo" religiosa entra em declínio. A produção social das novas **representações ideais** é produção de angústia, sem o que não teria a positividade, não produziria seu principal objetivo: a mudança.

A difusão da psicanálise opera como crítica às religiões e às **representações ideais** de sujeito produzidas pelos seus sistema de crenças e investe, igualmente, contra os modos de subjetivação, de elaboração moral, ética e estética religiosos. É no âmbito de um combate com a religião que a psicanálise vai se afirmar como "análise leiga". Às

estratégias de desestabilização da **Weltanschauung** religiosa, acrescentam-se as manobras de produção ativa de novas crenças. Os procedimentos de produção de adesão passarão num primeiro momento pela difusão da psicanálise como "sistema de crenças", **Weltanschauung** leiga, código que explica tudo e por isso mesmo pode revelar as mais ardilosas "psicopatologias da vida cotidiana".

Os novos ideais não deixarão de engendrar-se, ao contrário do que seu ideário leigo propagandeia, no solo do sentimento de culpa. A herança do desamparo originário mostra-se aqui mais inerradicável do que nunca. O destino da psicanálise difundida não pode ser outro senão o da produção de uma religião leiga. Seus adeptos não são menos fascinados/aterrorizados do que o foram os piedosos crentes da fé religiosa. O psicopatológico recobriu o imaginário do pecado, da confissão, da absolvição. A dissolução das fronteiras entre o normal e o patológico não poderia encontrar terreno mais fértil do que a já consolidada ausência de marcações enfáticas entre o homem piedoso e o pecador. A facilidade com que se criam novos líderes carismáticos, engendram-se novas seitas e suspeita-se da impureza da leitura ou do processo de transmissão da psicanálise talvez seja o sinal patognomônico de que ela recobre esse solo arcaico das religiões.

O psicologismo nesse contexto pode ser entendido como o dialeto da demanda e a marca da "identificação com o agressor". A figura do analista que "sabe de tudo" e que

informa o sujeito de que é constituído de uma dimensão inconsciente que o determina e que portanto desaloja as pretensões deste sujeito comum à "soberania de si", é o mecanismo eficaz pelo qual o sujeito "se identifica" com essa função e converte-se em "analista de si mesmo".

As críticas que veremos surgir à representação do analista que utiliza a psicanálise como sistema de crenças insere-se no quadro mais complexo da competição entre **representações ideais** de sujeito. O movimento psicanalítico, no processo de sua difusão, reinventa permanentemente a diferença originária com relação à religião. Esse é o nosso rito sacrificial, o assassinato do pai se reencena na suspeita do que de religião infiltrou-se nos processos de transmissão e formação psicanalítica. A religião é o Totem e o Tabu da psicanálise.

Passados os tempos heróicos de conversão à psicanálise como um "sistema de crenças", que popularizou inclusive o "Freud explica", o campo psicanalítico vai ritualmente sacrificar essa versão ou representação da psicanálise, como código explicativo e do analista, como sujeito que explica e vai fundar uma nova **representação ideal**: a singularidade. A representação do analista que maneja a teoria como instrumento, na singularidade do ato analítico, impôs-se como uma nova versão.

Nessa perspectiva, a cultura psicanalítica oficial, é marcada por uma sucessão de versões, ordenadas em torno de

diversos "ideais analíticos" e que no seu movimento de difusão realiza articulações com o imaginário social e assim se produzem **representações ideais**, que são também objetos do grupo social, ordenadores do discurso da demanda, o psicologismo, retórica ou dialeto expressivo da cultura psicanalítica leiga. Assim, tomamos distância dos discursos que aproximam a cultura psicanalítica leiga de um efeito de "ideologização" no campo psicanalítico, apontando que aqui o profano e o sagrado articulam-se por mecanismos mais complexos do que a simplificação, vulgata, deformação. A idéia de que a cultura psicanalítica leiga é a versão ideologizada do saber oficial tem raízes no pensamento político sobre as relações entre poder e saber com implicações obscurecedoras sobre a compreensão das articulações entre subjetividade e psicanálise. Uma arqueologia do sujeito, a partir de uma concepção positiva do poder é o que no pensamento de M. Foucault, pensamos que pode funcionar efetivamente como uma arqueologia da psicanálise, capaz de lançar alguma luz sobre os nexos entre a cultura oficial e o saber difundido.

PARTE 6

SUBJETIVAÇÃO E PODER

I. IDEOLOGIA E PODER

Quando pensamos num processo de transformação das **representações ideais** dominantes, em curso num dado período histórico, é forçoso, que tenhamos que abrir uma série de considerações acerca das implicações da concepção psicanalítica dos ideais para um conceito como o de "ideologia". Foi o que procuramos fazer quando enfatizamos as relações entre os ideais e a realidade psíquica. De modo idêntico, vamos procurar dar conta de como e porquê, determinadas **representações ideais** quando se tornam dominantes, constituem para os sujeitos uma exigência de elaboração de sua subjetividade de acordo com os novos "objetos do grupo". Para tanto, vamos colocar em discussão as relações entre ideologia e poder, considerando as reflexões sobre esse tema de Michel Foucault.

A primeira consideração é uma questão de princípio e que diz respeito à questão da "ilusão". **Representações ideais**, porque investidas pelo desejo e pelo seu valor na realidade psíquica são "ilusões". Entendemos que as "ideologias" são "ilusões" nesse sentido muito particular. Não é concebível, entretanto, um mundo humano "desiludido". Por essa razão as "ideologias" que rondam as representações de sujeito e que

ordenam o campo da elaboração estética e do cuidado de si são portadoras da verdade, de que não existe ética que não dê lugar a uma moral. A moral não é mais que o destino imposto ao simbólico pelo narcisismo. Pensamos que por outro lado, os efeitos do assassinato do pai, o sentimento inconsciente de culpa, reenviam permanentemente à destruição ritual e recriação da ordem das representações, o que impõe que se considere que toda moral induz à produção de uma ética.

Quando Freud dizia que a teoria psicanalítica do sujeito não poderia inventar uma nova **Weltanschauung** acreditamos que suas palavras devam ser entendidas no sentido estrito de que toda tentativa de formular a verdade dessa teoria através de um sistema de crenças ou preceitos necessariamente trairia o que lhe é essencial. A experiência cotidiana nos informa que a teoria psicanalítica tem encontrado o destino da ideologização ao se difundir velozmente no campo social, mas igualmente o movimento de diferenciação com relação aos significados que a teoria assume nesse mesmo processo.

"Ideologias" não são formações imaginárias destinadas a encobrir uma dada "realidade de fato". Não são máscara, mentira, exclusão, censura, repressão ou versão encobridora. A concepção de "ideologia" que apresentamos aqui é **positiva** pois considera o valor produtivo dessas **representações ideais** pelo função que a moral, a ética e a estética desempenham na experiência de si, na elaboração da subjetividade e na produção, conservação ou transformação dos laços sociais. Lembramos mais uma vez a expressão de Assoum (1989)_ "objetos

do grupo"_ para caracterizar precisamente os ideais numa espacialidade psíquica constituidora dos laços sociais.

Essa positividade da **representação ideal** ou "ideologia" já foi examinada na parte III, em conexão com o que se entende como realidade psíquica na teoria psicanalítica. Descartamos, por intermédio dessa perspectiva teórica, que o homem possa estar referido a qualquer outra realidade, seja ela material ou social, sem que essa referência seja mediada pela verdade do desejo. A representação é algo definitivamente referido ao campo dos objetos da satisfação pulsional. A questão pois, de que o ideal se coloque como uma representação que é "objeto do grupo", fundamenta, como vamos reafirmar, a possibilidade de uma metapsicologia do social que não se reduz a uma psicossociologia, pois se sustenta no reconhecimento da natureza inconsciente do laço social.

As reflexões que se seguem sobre a noção de ideologia relevam do esforço de reelaboração das idéias sobre o funcionamento do poder nas sociedades complexas, empreendido por M. Foucault. Nossa intenção é desenvolver a hipótese de que a noção de poder formulado por Foucault é compatível com uma metapsicologia do social, pois permite pensar o sujeito menos como o "outro do poder" e mais própriamente como um de seus efeitos. A noção de poder que governa as assertivas desse autor difere daquelas professadas pelas teorias do contrato social e nos parecem inspiradas num ultrapassamento da oposição indivíduo x sociedade que é marcante em todas elas. Essa é a tese que vamos ensaiar com relação ao

pensamento deste autor, justificando nosso esforço na convicção de que existe na obra freudiana esse ultrapassamento da noção jurídica do poder.

De acordo com Foucault todas essas referências negativas (ilusão, máscara,..) que cercam a noção de ideologia são efeito de uma concepção jurídica do poder, onde este é figurado na forma da lei: **"no caso da teoria jurídica clássica, o poder é considerado com um direito de que se seria possuidor como de um bem e que se poderia alienar total ou parcialmente, por um ato jurídico ou um ato fundador do direito, que seria da ordem da cessão ou do contrato. O poder é o poder concreto que cada indivíduo detém e que cederia total ou parcialmente para constituir um poder político, uma soberania política. Neste conjunto teórico a que me refiro, a constituição do poder político se faz segundo modelo de uma operação jurídica que seria da ordem da troca contratual."** **(Foucault, 1979:174)**

A tese central do autor será a de que o poder não se reduz à interdição da lei. As proposições foucaultianas acerca do poder nas sociedade complexas aspiram ultrapassar a idéia do poder como criação de uma soberania do Estado por considerar que estas são somente as formas terminais do poder. Este, na verdade, não emana de um centro mas resulta de uma multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem. O poder não é algo que se adquira, se arrebate, ceda... O poder se exerce. **"...que lhe seja dado como modelo antes a batalha perpétua que o contrato que faz**

uma cessão ou a conquista que se apodera de um domínio." (Foucault, 1977b:29).

Não há situação, momento histórico, discurso que lhe seja exterior. Nenhuma relação está acima ou é exterior às relações de poder. Este se exerce no interior das relações de conhecimento, econômicas e sexuais, lhes é imanente. Não está somente em posição de superestrutura, não proíbe apenas, nem se resume a reconduzir à ordem pela ideologia - o poder **produz**.

A perspectiva, ainda que mítica de uma teoria contratual do laço social é recusada por Foucault em benefício de uma concepção do poder como o que se exerce permanentemente e pelo qual a política é a continuação da guerra. O poder não é uma dimensão transcendente que obriga cada um a renunciar a uma parcela de seus "direitos naturais", mas é principalmente as resultantes pontuais e permanentemente móveis das correlações de forças entre indivíduos ou grupos. Desse ponto de vista, o "assassinato do pai", no mito freudiano da horda primitiva, não engendra a lei como manifestação do poder constituído pela cessão da pretensão de cada um ao lugar ocupado por ele. Essa pretensão ronda permanentemente os laços sociais, porque o "pai não morre". Tomamamos a observação de Assoum acerca da **virtualidade** do retorno da paranóia primitiva nos laços sociais nesse sentido preciso, repetimos, o de que o pai não morre e por isso o poder **se exerce**, e não se deixa **capturar**, pela forma da lei ou do contrato social.

Isso poto, queremos ensaiar a tese que se segue: se como Freud estabeleceu, a "sublimação contorna a repressão" entendemos que a "idealização do pai" se dá, mediante as produções da cultura e contorna sua morte, ao mesmo tempo que a mudança no campo da cultura reinventaria seu assassinato. Para que essa colocação possa ser discutida será preciso percorrer o caminho que vai desde a formulação foucaultiana de uma analítica das relações concretas de poder até as interrogações que nos ocorrem, a partir destas formulações foucaultianas, acerca das relações entre o poder e a genealogia do sujeito, na sua relação com acultura.

A teoria marxista, na sua versão Althusseriana, será o alvo privilegiado de confrontação com as análises das fontes do poder, produzidas por Foucault. Principalmente porque a "funcionalidade" que quer conferir à sua idéia do poder, não poderia abdicar da abundância de suas fontes de extração em favor da exclusiva determinação econômica: **"No outro caso - a concepção marxista do poder ...trata de outra coisa, da funcionalidade econômica do poder. Funcionalidade econômica no sentido em que o poder teria essencialmente como papel manter relações de produção e reproduzir uma dominação de classe que o desenvolvimento de uma modalidade própria da apropriação das forças produtivas tornaram possível. O poder político teria encontrado na economia sua razão de ser histórica".(Foucault, 1979:174)**

O poder político teria encontrado, nesse pensamento, seu modelo formal no procedimento da troca e na economia da circulação dos bens. Na economia, teria atingido sua razão de ser histórica, o princípio de sua forma concreta e de sua forma atual. A metodologia de análise das "relações concretas de poder" proposta por Foucault pretende deslocar a noção de poder do papel secundário que ela desempenha em ambas as abordagens, que privilegiam a dimensão contratual ou a dimensão econômica.

Muito embora as teses principais do pensamento de Marx, e principalmente na versão de Althusser, sejam de domínio público, penso que se justifica retomá-las aqui por dois motivos. O primeiro deles é o benefício de clareza que se poderá auferir no correr da apresentação e discussão das teses de Foucault. O segundo motivo diria respeito mais ao efeito de obviedade que certas teses Althusserianas sobre o pensamento de Marx alcançaram, em virtude de sua ampla difusão no meio acadêmico e que faz com que elas pareçam quase com a "natureza mesma das coisas" e fora do alcance de qualquer problematização.

De acordo com Althusser, Marx concebe a estrutura da sociedade em dois níveis ou instâncias, articulados por uma determinação específica: a infraestrutura ou base econômica (unidade das forças produtivas e das relações de produção), e a superestrutura, que por sua vez comporta em si mesma dois níveis ou instâncias: o jurídico-político (o Estado e o

Direito) e o ideológico (as diferentes ideologias, morais, religiosas, jurídicas, políticas etc...).<1>

A superestrutura goza de relativa autonomia com relação à infraestrutura. O essencial de sua atividade é a reprodução das condições de produção. O salário assegura a reprodução material da força de trabalho, mas ela deve ser diversamente qualificada e portanto reproduzida de acordo com as exigências da divisão social-técnica, nos seus diferentes postos e empregos. A reprodução das relações de produção relaciona-se com a atividade do Estado e de seus aparelhos ideológicos cujo destino é garantir a submissão da força de trabalho às regras da ordem estabelecida.

O Estado é uma máquina de repressão pois, compreende um aparelho especializado para essa função, a polícia, os tribunais, as prisões, o exército. Os aparelhos ideológicos são instuições distintas e igualmente especializadas. Os aparelhos ideológicos - religioso, escolar, familiar, jurídico, político, sindical, de informação e cultural - não

---

1"Qualquer pessoa pode compreender facilmente que essa representação da estrutura de toda a sociedade como um edifício que comporta uma base (infraestrutura) sobre a qual se erguem os dois "andares" da superestrutura, é uma metáfora, muito precisamente uma metáfora espacial: uma tópica. Como tôdas as metáforas, esta sugere, convida a ver alguma coisa. O quê? Pois bem, precisamos isto: que os andares superiores não podem 'manter-se' no ar sozinhos se não assentassem de facto na sua base.

A metáfora do edifício tem portanto como objetivo representar a determinação em última instância pelo econômico. Esta metáfora espacial tem pois como efeito afetar a base de um índice de eficácia concebido nos célebres termos: determinação em última instância dos que se passam nos 'andares'(da superestrutura) pelo que se passa na base econômica." (Althusser, 1970: 26-27)

possuem uma unidade imediata e visível. Sua arma não é a violência e sim a ideologia, ideologia das classes dominantes. Nela, na ideologia, unificam-se a diversidade dos aparelhos ideológicos e ocultam-se as contradições. Pois é a classe dominante quem detém o poder de Estado e age nos aparelhos ideológicos por meio de sua ideologia.

Ideologia para Marx é portanto uma construção imaginária, um sonho vazio constituído de elementos da realidade concreta, apresentando-se porém como um pálido reflexo vazio e invertido da realidade. Não tem história própria, dado que a história está fora dela, no único lugar possível, o da "realidade" dos indivíduos concretos.

A ideologia é portanto representação deformada, falseada, onde os homens representam suas condições concretas de existência. Por causa da alienação material em que vive o homem, Marx (teses sobre Feuerbach) propõe, que ele necessariamente se faz uma representação alienada de sua própria condição - em virtude do que constitui a essência da sociedade alienada, o trabalho alienado - a representação imaginária apreende e reproduz a alienação. (cf. Harnecker, 1974)

Dominada pelas pressões do interesse a ideologia não conhece, reconhece. Nela predomina a função prático-social e não a de conhecimento. Seu objetivo é fornecer uma visão de mundo onde elementos do verdadeiro conhecimento aparecem integrados num sistema totalizador que os falseia.

A idéia de poder proposta por Foucault é **positiva**. O poder produz estratégias intencionais e calculadas, que se exercem através de miras e objetivos, que a despeito de funcionarem como um conjunto mal ordenado de confrontos localizados e que mesmo prescindindo de uma voz de comando são capazes de assumir uma coerência. São, entretanto, estratégias **sem sujeito**. No cerne de uma concepção de poder como essa pensamos reencontrar o tema das relações entre o sujeito e a cultura em termos que não são traduzíveis pela dicotomia indivíduoxsociedade. Entendemos que essa formulação sobre o poder é compatível com a idéia freudiana do caráter coletivo do "assassinato do pai" e do agenciamento transindividual de sua repetição ritual.

O saber, os discursos, as relações de verdade, os objetos e as formas de conhecimento são produzidos a partir de práticas sociais. As relações sociais, as formas políticas e as condições econômicas não devem ser pensadas, portanto, como algo exterior ao sujeito do conhecimento, que perturba sua vocação para a limpidez da verdade. A noção de ideologia como representação que falseia a "realidade", se coloca em oposição global à idéia de ciência e de conhecimento verdadeiro. Lembramos que a idéia de verdade na espacialidade psíquica não se constitui no quadro de referências da verdade científica. Não é o que se opõe ao erro. A noção de verdade como "eficácia" ou "positividade" remonta ao problema do sentido, tal como se revela na posterioridade.

Porque o poder não é um elemento pertubador, algo que se interpõe entre o sujeito e a verdade, as relações políticas e econômicas de existência não são um véu, um obstáculo para o sujeito do conhecimento mas, aquilo através do que se formam os sujeitos de conhecimento e as relações de verdade."**Ou seja, o conhecimento é sempre uma certa relação estratégica em que o homem encontra-se situado. É essa relação estratégica que vai definir o efeito de conhecimento e por isso seria totalmente contraditório imaginar um conhecimento que não fosse obrigatoriamente parcial, oblíquo, perspectivo. o caráter perspectivo do conhecimento não deriva da natureza humana, mas sempre do caráter polêmico e estratégico do conhecimento."** (Foucault, 1978: 19)

Do ponto de vista de sua **positividade**, e para efeito de uma análise política seria desnecessário distinguir discursos ideológicos e científicos. Todo discurso seria um jogo estratégico de ação, de pergunta e de resposta, de dominação e de esquiva, instrumento de luta. A verdade neste contexto releva da positividade de seu efeito e que acreditamos poder legitimamente afirmar, é menos da ordem da descoberta e mais da ordem da convicção.

II.FOUCAULT E O PENSAMENTO FREUDIANO

Vamos ensaiar nas páginas que se seguem uma série de aproximações entre o pensamento de Freud e de Foucault que

julgamos que podem ser elucidativas de uma possível convergência de suas teses sobre o poder.

Freud (1905)<2> recoloca a questão das relações entre o normal e o patológico redimensionando-os sob um ponto de vista inteiramente novo. A sexualidade cumpre um destino na teoria freudiana que inspira uma aproximação com o que Foucault imprime à análise do poder. A pulsão assume no quadro de referências de Freud o mesmo lugar de hegemonia face às manifestações que o senso comum, a biologia, e a psiquiatria convencionaram reconhecer como própriamente sexuais. Com a noção de **pulsão**, o **sexual** se multiplica por domínios inusitados e transcende a sexualidade genital. Do mesmo modo, Foucault aspira estabelecer a noção de **poder** como aquilo que permite multiplicar a localização do político. Nem o sexual se reduz ao genital no pensamento freudiano, nem o político se reduz à esfera do Estado e de seus aparelhos ideológicos, nas teses foucaultianas sobre o poder.

Estamos supondo uma analogia portanto entre o corpo erógeno, de cujas fontes a pulsão extrai sua força (**Drang**), e o corpo social que no pensamento de M. Foucault, é constituído e atravessado por correlações de força que testemunham a pervasividade do poder e a "erogeneidade política do corpo social". O poder é portanto imanente ao corpo social, por analogia à pulsionalidade do corpo erógeno. O poder não é redutível ao corpo econômico, de onde, "em

---

2. Freud, 1905 Três Ensaios sobre sexualidade, volume VII S.E.B.

última instância" entretanto extrairia suas forças, do mesmo modo que a pulsão não extrai suas forças do corpo biológico, e sim do corpo erógeno. O sentido dessa erogeneidade política do corpo social acreditamos que deve ser remetido à dimensão inconsciente dos laços sociais, constituída em torno do parricídio. No pensamento de Foucault entretanto, é suficiente pensar que o poder tem poder e que sua fonte não é nem mesmo "em última instância o econômico", pois o político aqui se afirma como dotado de uma positividade radical.

O Estado e seus aparelho ideológicos, entre eles a família, não condensam, por isso mesmo, toda a possibilidade de manifestação do político. Opondo o **dispositivo de aliança** ao **dispositivo de sexualidade**, pensando sobre suas articulações, a análise do poder no domínio da família, do indivíduo e da sexualidade ganha uma instrumentalidade mais aguda e mais ágil. Ainda uma vez, a direção da análise do poder sugere uma analogia com o pensamento freudiano. A sexualidade não é a genitalidade assim como o poder que se exerce sobre o sexo não se reduz ao código da aliança.

O **dispositivo de sexualidade**, seria preciso dizer, é aquilo que afirma a positividade da relação poder-prazer, que, por isso, não se reduz à forma negativa:"**...não te aproximes, não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças.**" (Foucault,1977b:81). A forma negativa equivale a admitir que contra o sexo o poder não pode nada a não ser dizer: não. O poder na forma negativa, rejeita, oculta, exclui, recusa, barra, mascara. O poder: "...se

produz alguma coisa são ausências e falhas; elide elementos, introduz descontinuidades, separa o que está junto, marca fronteiras. Seus efeitos tomam a forma geral do limite e da lacuna." (Foucault, 1977b: 81) É evidente que se manifesta nessas colocações, a oposição formal de sua "analítica das relações concretas de poder" à concepção do inconsciente como idêntico ao que é recalcado.

Também na teoria freudiana, as relações do poder com o sexual não se reduzem a negatividade de seus efeitos. Os artigos metapsicológicos de 1915 revelam quatro destinos possíveis da pulsão no campo psíquico. Entre eles, o recalque, que se introduz lacunas ou ausências, não é capaz de barrar a insistência da pulsão no inconsciente e a proliferação de seus efeitos na consciência, como testemunha o retorno do recalcado.

O poder não se reduz igualmente nos textos freudianos, exclusivamente, à forma jurídica ou contratual, Melhor dizendo, não há um único Freud. Entre aquele que escreveu "Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna" e o que nos apresenta o "Mal-estar na civilização" há muitas diferenças no que tange à concepção do poder. O primeiro é jurídico na sua acepção do poder, pois este pode ser entendido como efeito da coerção inevitável que deve pesar sobre as inclinações agressivas e eróticas para que os homens vivam como irmãos, o poder é a lei que interdita o abuso e o excesso:**"A situação poderia ser tolerável se as neuroses subtraíssem às atividades civilizadas só um certo grupo de**

indivíduos muito débeis, permitindo aos demais participar dessas atividades ao pequeno preço de alguns incômodos subjetivos. Mas como a realidade é bem diversa, devo insistir em meu ponto de vista de que as neuroses quaisquer que sejam sua extensão e sua vítima, sempre conseguem frustrar os objetivos da civilização. Dessa forma, se a sociedade paga pela obediência a suas normas severas com um incremento de doenças nervosas, essa sociedade não pode vangloriar-se de ter obtido lucros à custa de sacrifícios e nem ao menos pode falar de lucros." (Freud, 1909d: 207)

A repressão da sexualidade não é, entretanto, a única vicissitude da pulsão no percurso em direção à civilização. A plasticidade da pulsão viabiliza a inserção na cultura pela via da sublimação dos impulsos. Esta via contorna o recalque abrindo vias positivas e legítimas de satisfação dessexualizada da pulsão. A dimensão da lei dá lugar à codificação regulada e contratual do permitido e do proibido. Mais além da lei, a pulsão encontra satisfação (Befriedgund) inibida quanto a seu alvo (Zielgehemmt) pois que ela não o atinge. As produções da cultura (representações ideais engendradas na civilização) são objetos de satisfação, na medida em que , na sublimação, a pulsão os contorna. Na sublimação a pulsão efetua mudanças na sua própria natureza enquanto impulso, ou será que mais própriamente falando, ela revela sua verdadeira natureza de pulsão ? Essa satisfaçào que se obtém pelo contorno do objeto e a inibição do alvo não é justamente reveladora de que a pulsão está "mais além do princípio do prazer" e é irredutível à questão econômica da

utilidade que se revelaria na bisca da homeostase e da constância ?

"Mais além do princípio do prazer", a pulsão é pulsão de morte. As relações entre a postulação da pulsão de morte e aquilo que entendemos como a compreensão possível da sublimação é o que tentaríamos articular com a formulação do poder como "estratégia sem sujeito".

A forma da lei, da interdição e da censura não faz justiça à positividade dos efeitos do poder na esfera do prazer. Estes mecanismos são próprios ao **dispositivo de aliança**, pois seu funcionamento, de natureza essencialmnte jurídica informa uma estratégia única, válida para toda a sociedade e que atinge de maneira uniforme todas as manifestações do sexo para reduzi-las à função reprodutora. O **dispositivo de aliança** valoriza o casamento legítimo, fixa e desenvolve parentescos, exclui uniões consanguíneas, zela pela transmissão dos bens, estrutura-se em torno de um sistema de regras que define o permitido e o proibido e funciona como uma instância da regra.

No domínio da sexualidade, o poder teria constituído historicamente, um outro dispositivo que, sem descartar completamente o código de alianças, funciona pela maciça estimulação dos corpos, pela intensificação dos prazeres, pela incitação ao discurso e à formação de conhecimentos, pelo reforço dos controles e das resistências ao controle que

encadeia umas nas outras todas essas táticas, em estratégias de saber e prazer.

A erogeneização do corpo, que acompanha historicamente as táticas de repressão da sexualidade, embora reconhecida por vários autores, entre eles Ussel (1980), não é considerada como um efeito político dotado de intencionalidade. Para Ussel os fenômenos correlatos da repressão da sexualidade, como incitação à valorização do corpo e do prazer são absolutamente inesperados, inúteis e até contraditórios com os efeitos que se desejava obter: "...**foi de forma totalmente involuntária que a sociedade burguesa provocou o aparecimento da erotização.**" (Ussel,1980: 60-61) Citamos o pensamento desse autor, apenas na medida em que é exemplar de uma certa leitura de Freud, queremos crer, fundada no texto "Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna", engendrou uma sociologia e uma história freudo-marxista assentadas numa concepção jurídica do poder.

A erotização de acordo com Foucault, faz parte das técnicas móveis e polimorfas de poder que engendram novos domínios e formas de controle na esfera do prazer e do saber. A repressão da sexualidade, entendida como coerção externa derivada do código moral e que se articula a partir do **dispositivo de aliança**, produz pela sua expressão intrapsíquica e intersubjetiva novas fontes, novos domínios de exercício do poder. No argumento de Foucault a repressão é também incitação sexual. Não são destinos excludentes, pois, articulam-se de maneira extremamente complexa.

O **dispositivo de sexualidade** desenvolveu-se à margem da família, embora historicamente tenha se formado a partir e em torno do **dispositivo de aliança**. Com isso, Foucault quer se referir ao efeito que a codificação das práticas sexuais a partir do repertório próprio ou impróprio à reprodução, engendra a classe dos deserdados da aliança, bem como os controles (medicina higiênica/pedagogia, psiquiatria/psicologia) destinados a reconduzi-los à ordem. Apoiado no **dispositivo de aliança, o dispositivo de sexualidade** empreendeu a reorganização das relações no espaço da família, o estreitamento dos vínculos marido-mulher, pais-filhos e a revalorização das antigas funções da aliança, pois, a família constituiu-se em suporte permanente da sexualidade. Pais e cônjuges são os principais agentes de um dispositivo, que no exterior, apóia-se primeiro nos médicos e pedagogos e mais tarde nos psiquiatras, psicólogos e psicanalistas.

O **dispositivo da sexualidade** é a expressão mais "microfísica" do poder. Lá, onde ele funciona, o poder produz prazer e saber. Dispositivo forjado através de discursos e práticas, que puseram em questão a organização hierárquica da família, os laços de dependência e reciprocidade apoiados em firmes demarcações de status e de papel social, bem como o fundamento jurídico dessa associação, em proveito de uma ordem fundada no valor hegemônico do indivíduo, da igualdade entre os sexos e as gerações, do afeto como fundamento da "livre associação". O **dispositivo de sexualidade** deslocando a

importância do laço jurídico na família, difunde-se abrigado na crença semeada aos quatro ventos, de que erradicou o poder sobre o sexo.

O pensamento de Foucault, entre outros méritos, traz para a análise sociológica essa dimensão microfísica do poder, frequentemente ignorada desde a maciça difusão de práticas e discursos psicólogicos que acompanharam as mudanças nas **representações ideais** de família, do masculino, do feminino e da infância da relação entre os sexos e entre as gerações. A pervasividade no social, do discurso da "liberdade sexual" arrisca ser metabolizada pelo discurso sociológico como uma "ideologia", suspeita de fazer "falsa representação" e destituída de outra eficácia, que não a de ocultar a "realidade de fato", da permanência do **dispositivo de aliança** ou a de reproduzi-la sob novos disfarces.<3>

Se o poder tem poder, temos que admitir, em princípio, que constitui, cria, produz. Dessa dificuldade de valorizar as produções do poder, nem mesmo Foucault, depois de nos presentear com sua "analítica do poder" nos e livrou definitivamente, pois não arriscou levá-la às últimas consequências. Se perguntamos o que é que o **dispositivo de sexualidade** produziu efetivamente a resposta que ele nos dá em sua "Vontade de saber" (vol. I da História da sexualidade) remete à reprodução do poder das classes burguesas, que desde

---

3.Sobre esse destino que o tema da família e moderna configuração dos afetos encontrou na literatura sociológica e antropológica recente, no Brasil, ver a parte que se segue a esse capítulo.

o advento da psicanálise, se auto-proclamou "reprimida". Se de um lado a difusão do **dispositivo de sexualidade** alega que toda sexualidade deve ser submetida à lei, de outro compensa seus transbordamentos pela afirmação de que o excesso de interdição a que foi submetida a burguesia é patogênico e é isso que a distingue como grupo social e exige que redobre os cuidados com seu corpo e com seu sexo na busca de liberação.

Mas, se como nos diz Foucault, é na articulação dos dois eixos do poder sobre a vida (as disciplinas do corpo e os mecanismos de regulação das populações) que surge o sexo como foco de disputa política e o **dispositivo de sexualidade** com suas técnicas móveis e polimorfas de poder (a colocação em discurso, a incitação e a implantação da perversão), então, a demanda de liberação sexual, insere-se na lógica, mais geral, do **poder sobre a vida**. Aparece aqui ainda mais claramente do que antes a analogia possível entre o argumento de Foucault e algumas particularidades do pensamento freudiano. Seu projeto nesse momento poderia ser articulado através da questão de como o sexo pode historicamente, vir a ser pensado (como o foi, na obra freudiana, certamente) como afinado com poder sobre a vida (ou como diríamos com as pulsões de vida) ? É aqui que ele vai referir o modelo freudiano de sujeito às produções "do poder sobre a vida" na ordem capitalista."**O desenvolvimento do capitalismo] só pode ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos. Mas, o capitalismo exigiu mais do que isso; foi-lhe necessário crescimento tanto de seu reforço**

quanto de sua utilizabilidade e sua docilidade; foram-lhe necessários métodos de poder capazes de majorar as forças, as aptidões, a vida em geral, sem por isso torná-las mais difíceis de sujeitar; se o desenvolvimento dos grandes aparelhos de Estado, como instituições de poder, garantiu a manutenção de relações de produção, os rudimentos de anátomo e de bio-política, inventados no século XVIII como técnicas de poder presentes em todos os níveis do corpo social e utilizadas por insituições diversas (a família, o Exército, a escola, a polícia, a medicina individual ou a adminstração das coletividades), agiram no nível dos processos econômicos, de seu desenrolar, das forças que estão em ação em tais processos e os sustentam; operaram, também como fatores de segregação e de hierarquização social, agindo sobre as forças respectivas tanto de uns como de outros, garantindo relações de dominação e efeitos de hegemonia; o ajustamento da acumulação dos homens à do capital, a articulação do crescimento dos grupos humanos à expansão das forças produtivas e a repartição diferencial do lucro, foram, em parte, tornadas possíveis pelo exercício do bio-poder com suas formas e procedimentos múltiplos. O investimento sobre o corpo vivo, sua valorização e a gestão distributiva de suas forças, foram indispensáveis naquele momento.(Foucault, 1977b: 132-133)

Assim, sua conclusão não poderia ter sido outra senão a de que a demanda de liberação da sexualidade não serve a outro fim senão o de saturar de mais investimento os vínculos familiares. O dispositivo de aliança sai fortalecido e com

ele os propósitos mais gerais da ordem social capitalista. O poder sobre vida, a saúde, os corpos, as forças produtivas em suas exigências mais elementares de reprodução e qualificação diversificadas sairiam vencedores de um falso combate. A batalha pela liberação sexual, tal como se configura sem disfarces no pensamento reichiano, não passaria de uma das muitas formas pelas quais a burguesia assegura o poder sobre a vida, base de sua diferença social e alicerce de sua hegemonia política.

Todo o mérito dessa análise do poder arrisca dissolver-se numa crítica, mesmo que sofisticada, ao que haveria de pueril no pensamento reichiano, com suas utopias freudo-marxistas de revolução nas estruturas de produção, pelo auto-governo-sexual-econômico. É preciso pois, tentar resgatar as fontes mais promissoras do pensamento de M. Foucault, justamente onde ele nos promete demonstrar que o poder produz saber e que é preciso libertar-nos da inércia de tomar as representações ideológicas como imagens sem positividade, sempre destinadas a encobrir a crua realidade de fato, daquilo que efetivamente move o social, a infra-estrutura econômica.

III. SUBJETIVAÇÃO E PODER

Essa vertente, a mais fértil de seu pensamento cumpriu-se nos volumes que se seguiram de sua História da Sexualidade. O projeto de fazer uma arqueologia da psicanálise lhe impôs um

recuo histórico que o levou a inventariar discursos e práticas de elaboração da subjetividade desde a antiguidade clássica.

Ainda uma vez, vamos sugerir uma aproximação com Freud em suas reflexões sobre a pulsão para elucidar o percurso da noção de poder na obra se Foucault. Nos "Três Ensaios sobre Sexualidade"(1905), numa nota de rodapé, acrescentada em 1910, Freud nos diz: **"A diferença mais notável entre a vida erótica da antiguidade e a de nossos dias reside, sem dúvida, no fato de que os antigos davam mais importância ao próprio instinto, enquanto nós a damos ao seu objeto. Os antigos glorificavam o instinto e por ele reverenciavam até um objeto inferior, ao passo que nós desprezamos a atividade instintiva em si, e encontramos escusas para ela nos méritos do objeto."** Observação que reitera a liberdade da pulsão com relação aos objetos de satisfação e, que do nosso ponto de vista, prefigura a noção de idealização como ligada à "super-valorização sexual do objeto" e de sublimação como ligada à mudança no plano da pulsão propriamente dita que se cumprirá na "Introdução ao Narcisismo".

Em seu recuo à antiguidade clássica, Foucault se interroga, justamente, sobre o lugar do prazer, entre as práticas de elaboração moral, ética e estética. Pois, em "A Vontade de Saber" seu projeto foi tomar distância com relação à "sexualidade" e contornar sua evidência familiar, analisando o contexto teórico e prático ao qual se associa a emergência dessa noção. Mas, se a noção de "sexualidade"

assinala algo historicamente novo, não marca, evidentemente, a brusca emergência daquilo a que se refere. O problema, desde esse momento de sua pesquisa, será responder: como os indivíduos são levados a se reconhecer como sujeitos de uma "sexualidade". Seu projeto será fazer uma genealogia do "sujeito desejante". Para tanto, foi preciso fazer um deslocamento teórico com relação ao que é designado como "o sujeito" (por quem, por que saberes?) pesquisando as formas e as modalidades de relação consigo mesmo através das quais o indivíduo se constitui e se reconhece como sujeito, através de jogos de verdade na relação de si para si. A constituição de si será o espaço e campo de referência de investigação da história do homem de desejo.

Assim, a formação durante a Antiguidade clássica de uma hermenêutica de si constitui a essência desse projeto. É de lá, que se pergunta: porquê o comportamento sexual, as atividades e os prazeres a ele relacionados, são objeto de uma preocupação moral ? Porque o cuidado ético aparece redobrado nesse campo, se comparado ao interesse que se empresta às condutas alimentares e à realização dos deveres cívicos ? Aos que se habituaram a naturalizar essa resposta, pela associação entre sexualidade e repressão, Foucault assevera que o cuidado ético com respeito à conduta sexual não guarda, em sua intensidade ou em suas formas, uma relação direta com o sistema de interdições, ocorrendo com frequência que a preocupação moral seja forte, lá onde precisamente não há obrigação nem proibição.

A problematização moral é uma coisa, e a interdição é outra. Será insistente em registrar a associação, desde um certo momento histórico, entre o tema da fidelidade sexual no casamento e o "domínio de si" pois a fidelidade é tão somente um ideal que estimula a prática da elaboração da subjetividade. Esse é um dos exemplos privilegiados de sua tese sobre as relações entre moral e ética, pois no código, as leis são permissivas com relação às práticas amorosas extraconjugais. Portanto o ideal se erige em benefício do "domínio de si" e se delineia onde o código é omisso.

Esta observação impõe modificações em suas teses sobre as relações entre o **dispositivo de aliança e o de sexualidade** e suas relações com práticas e discursos sobre a subjetividade deixarão de ser percebidos como cativos das manobras de produção e conservação da hegemonia burguesa nas sociedades capitalistas. A implicação do "poder sobre si" (domínio de si) com o "saber sobre si" transcende a constituição histórica do indivíduo burguês e é independente com relação à infra-estrutura econômica. Os saberes e as práticas sobre o "si" se apresentam como uma superestrutura "Ideal" que tem poder de instrumentar a constituição do sujeito através de modos específicos de subjetivação.

A análise do poder sobre os prazeres e a produção de saberes não precisará mais, desde o "Uso dos prazeres" (volume II da História da Sexualidade) encontrar sua justificação nos níveis macroscópicos, no sentido de

visíveis, materiais, concretos, ou seja, o Estado e seus aparelhos de exercício do poder.

Essas foram as considerações, que supomos revistas no prosseguimento das pesquisas de M. Foucault. Curiosamente, essa inflexão de seu trabalho não despertou muito interesse entre nós. Os destinos de sua "analítica do poder" não provocaram nenhuma controvérsia<4>. Do nosso ponto de vista, Foucault parece ter retificado suas colocações iniciais acerca da localização histórica do sujeito da "sexualidade" para a ancestralidade do sujeito do "prazer". Ampliando seu escopo de análise, afirmou que o prazer é, desde a antiguidade grego-latina, a referência fundamental de toda a problematização moral e de todo o esforço de ascese e de elaboração de si. A arqueologia da psicanálise estendeu-se no tempo para além do **dispositivo de sexualidade** rumo a uma arqueologia do sujeito. Nessa nova perspectiva, o saber e a prática da psicanálise inscrevem-se na tradição histórica do "uso dos prazeres" e do "cuidado do si". Do "prazer", bem entendido, e não da "sexualidade". Esta última dependeria da organização dos saberes e práticas psiquiátricas, contra os quais o discurso psicanalítico vai se erguer fazendo seu retorno à antiguidade clássica e recuperando a supremacia do "instinto" sobre a "supervalorização sexual do objeto". Desde

---

4. Não deve ser inteiramente casual, o termo "analítica" que faz um contraponto evidente com as teorias que prescindem do "estudo de caso". De certo modo, o pensamento de Foucault, soube conservar melhor, num certo momento, que a psicanálise de inspiração formalizante, a leveza da trajetória freudiana, onde as linhas em aberto e incompletude são uma característica marcante.

a psicanálise a sexualidade se "desobjetalizou" pelo conceito de pulsão.

IV. MODOS DE SUBJETIVAÇÃO: "OS SUJEITOS DE SEUS ATOS" E "OS SUJEITOS DO DESEJO"

Abordando a antiguidade da referência do homem do ocidente ao prazer, evidenciam-se os diferentes modos pelos quais essa referência se faz, o que permite contextuar o saber e a prática psicanalítica entre eles. O princípio pelo qual o homem é concebido como "homem de desejo" informa igualmente a teoria psicanalítica e a experiência cristã da "carne". O projeto de Foucault se desloca para uma genealogia do "sujeito desejante", razão pela qual passa a analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a se reconhecer como "sujeitos de desejo", prestando atenção a si próprios, decifrando-se, confessando-se e reconhecendo-se como tal. Trata-se de responder como é que historicamente chegam a estabelecer consigo mesmo uma certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser.

Tendo em conta os volumes II e III da História da Sexualidade de M. Foucault, não se deve creditar, sem ponderação, o cuidado, a preocupação moral e estética com o corpo e o prazer, exclusivamente, ao solo das ideologias individualistas dos séculos XVIII e XIX. Ainda menos, será possível referir essa preocupação às manobras da classe

burguesa, no sentido de conservar e reproduzir sua hegemonia. Sua presença pode ser constatada por M.Foucault (1984: pags. 134 e 135) entre as ambições mais consideradas pela problematização moral e entre, o que ele próprio chamou, de modos de subjetivação, desde a antiguidade greco latina. O amor e a fidelidade conjugal como locus mais exaltado da elaboração moral, da problematização e da reflexividade sobre si, testemunham uma inquietação antiga no ocidente com um mais além do código de aliança e que diz respeito aos destinos do prazer numa referência ao ideal. Trata-se, no caso preciso da fidelidade sexual do homem de dar provas de um "domínio sobre si" e de ensejar por via dessa prática de continência sua "subjetivação", segundo um "ideal" de "domínio de si":**"Desconfiança face aos prazeres, insistência sobre os efeitos de seu abuso para o corpo e para a alma, valorização do casamento e das obrigações conjugais, desafeição com relação às significações espirituais atribuídas ao amor pelos rapazes: existe no pensamento dos filósofos e dos médicos, no decorrer dos dois primeiros séculos, toda uma severidade...essa majoração da austeridade sexual na reflexão moral não toma a forma de um estreitamento do código que define atos proibidos, mas a de uma intensificação da relação consigo mesmo pela qual o sujeito se constitui enquanto sujeito de seus atos."(Foucault, 1985 pags:45 e 47)**

O reconhecimento de práticas de problematização e elaboração moral, erguidas à margem dos códigos sociais que regulam o permitido e o proibido, aponta a presença de uma

inclinação estética que cumpre uma exigência de trabalho sobre a subjetividade, apoiada numa relação do eu a determinados ideais, onde o amor e o "poder sobre o prazer", são instrumentalizados como formas de "saber sobre si".

Em sua História da Sexualidade, Michel Foucault se dispõe, enfim, a fazer uma análise das formas de problematização moral (arqueologia da moral), bem como tratar da formação e transformação dessas formas de problematização (genealogia).

Recuando, como já mencionamos, até a antiguidade clássica, na intenção de indagar o que constitui, neste período, a essência de uma hermenêutica de si, mostra-se perplexo diante do porquê do comportamento sexual, das atividades e dos prazeres a ele relacionados, consistirem na matéria dominante da preocupação moral ? Esses temas, na antiguidade clássica, estruturam o essencial da problematização moral, através de um conjunto de práticas chamadas de "artes da existência".

Artes da existência são práticas refletidas e voluntárias, através das quais os homens, não somente se fixam regras de conduta, como também, procuram transformar-se e modificar-se em seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo.

O campo que analisa é constituído por textos que pretendem estabelecer regras, dar opiniões, conselhos para se comportar como convém. Textos práticos, que são eles próprios, objeto de "prática" na medida em que são feitos para serem lidos, aprendidos, meditados, utilizados, postos à prova. Visam, afinal de contas, constituir a armadura da conduta cotidiana. O papel destes textos, teria sido o de "operadores" que permitiam aos indivíduos interrogar-se sobre a própria conduta, velar por ela, formá-la, conformando-se eles próprios, como sujeitos éticos.

Por moral, entende-se, de acordo com Foucault um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como a família, as instituições educativas, as Igrejas. Por moral entende-se ainda o comportamento dos indivíduos em relação a regras e valores que lhes são propostos.

Dado um código de ação e para um determinado tipo de ações existem diferentes maneiras de operar, pois o indivíduo que executa a ação não é um simples agente mas, o sujeito moral da ação. Assim, a matéria da prática moral pode incidir sobre os atos, recaindo na observância estrita das interdições e das obrigações ou pode incidir mais sobre os movimentos contraditórios da alma, que sobre os próprios atos em sua efetivação.

As diferenças dizem respeito aos modos de sujeição, isto é, à maneira, pela qual, o indivíduo estabelece sua relação

com essa regra. Dizem respeito também, às formas de elaboração do trabalho ético que se efetua sobre si mesmo, não somente, para tornar seu próprio comportamento conforme a regra dada, mas ainda, para tentar transformar a si mesmo em sujeito moral de sua própria conduta.

O trabalho de elaboração pode remontar a práticas de aprendizagem, assimilação e memorização de um conjunto sistemático de preceitos, pode se fazer através de um controle regular da conduta que mediria a exatidão com que se aplicam essas regras, pode efetuar-se mediante uma brusca e definitiva renúncia aos prazeres, pode renovar-se num combate permanente ou desenrolar-se como decifração detalhada dos movimentos do desejo.

Em sua genealogia do "sujeito do desejo" Foucault acentua o deslocamento no campo da prática de elaboração da subjetividade que representará a intermediação da interpretação ou decifração dos "movimentos do desejo". Com esta prática, onde a interpretação e a decifração convertem-se em operadores essenciais da subjetivação, fazem contraste as práticas fundadas na memorização, aprendizagem e assimilação de um conjunto de preceitos. O "sujeito do desejo" se distingue portanto do "sujeito de seus atos".

Para ser dita "moral", uma ação não deve se reduzir a um ato, nem mesmo a uma série de atos conformes a uma regra, lei ou valor. Toda ação moral comporta uma relação ao real em que se efetua e uma relação ao código a que se refere; mas

ela implica também uma certa relação a si. Essa relação não é simples "consciência de si", mas "constituição de si" como sujeito moral, no qual o indivíduo circunscreve a parte dele mesmo que constituirá o objeto dessa prática moral, define sua posição em relação ao preceito que respeitará, estabelece para si um certo modo de ser que valerá como realização moral dele mesmo; e para tal age sobre si mesmo, procura conhecer-se, controlar-se, por-se à prova, aperfeiçoar-se e transformar-se.

A decifração dos movimentos do desejo é, portanto, uma das formas de "interpretação" que regem essa relação aos ideais que se quer vir a realizar. A relação aos ideais supõe necessariamente esta função interpretativa, enquanto um modo genérico de "sujeição" a um código ideal, porque dela depende essencialmente a dimensão do "valor" concretizado pela "conduta ideal". Se, como afirma Foucault, a elaboração da subjetividade exerceu-se desde sempre mais além do código moral e até, precisamente onde ele falta, é porque sustenta-se numa relação ao "ideal", que por ser necessariamente da ordem do que é "valor" e não "obrigação", não pode se exercer sem a "função da interpretação".

A genealogia do sujeito vai referendar a positividade das "ilusões", "representações ideais", "códigos" ou como quer que chamemos os paradigmas que governam as práticas de elaboração da subjetividade. Estes têm poder de produzir sujeitos concretos segundo os valores dessas práticas. Isso, porque importam, necessariamente, numa certa relação do

"sujeito a si" mesmo. Do nosso ponto de vista, seria preciso dizer, que o sujeito faz nesses códigos, um investimento que transparece no seu desempenho, face à tarefa de conformar-se aos seus "ideais".

Em síntese: "não existe ação moral particular que não se refira à unidade de uma conduta moral, nem conduta moral que não implique a constituição de si mesmo como sujeito moral; nem tão pouco constituição de sujeito moral sem modos de subjetivação, sem uma acética ou sem práticas de si que as apóiem." "Opõe-se, frequentemente, a interioridade de uma moral cristã à exterioridade de uma moral pagã que consideraria os atos apenas em sua efetivação real, em sua forma visível e manifesta, em sua adequação a regras segundo o aspecto que eles podem tomar na opinião ou na lembrança que deixam em seu rastro. Mas essa oposição tradicionalmente aceita corre o risco de deixar escapar o essencial. O que se chama interioridade cristã é um modo de relação consigo que comporta formas precisas de atenção, de suspeita, de decifração, de verbalização, de confissão, de auto-acusação, de luta contra as tentações, de renúncia, de combate espiritual, etc. E o que é considerado como 'exterioridade'da moral antiga implica também o princípio de um trabalho sobre si, mas sob uma forma bem diferente. A evolução que se produzirá entre o paganismo e o cristianismo, não consistirá numa interiorização progressiva da regra, do ato e da falta: ela operará antes de mais nada uma reestruturação das formas de relação consigo mesmo e uma transformação das práticas e

das técnicas sobre as quais essa relação se apoiava." (Foucault, 1984: pag.60)

V. ÉTICA E ESTÉTICA

Dessa apresentação, se pode depreender que não existe uma ética "natural". Toda moral, importa numa certa distância entre o sujeito e o ideal a realizar. A idéia de um código com regras de primeiro grau, fundando um imaginário moral dicotômico, que se reduz a articular o permitido e proibido, não dispensa o esforço de elaboração de si, face esse código, se é de uma ordem humana que se está falando. É preciso problematizar, portanto, como o "modo de investimento no código" ou o "modo de adesão ao código" afeta esse processo de elaboração. É pela questão do "modo de subjetivação" que se pode tematizar o processo de afastamento de um código moral dado, pelo que um sujeito busca constituir-se "mais além do princípio do prazer", como "domínio de si" e pela mediação de um código eletivo, seus ideais. De outro modo, seria difícil compreender, de que modo o campo da elaboração moral, pode transcender o código meramente jurídico.

Pois, o campo da elaboração moral se caracteriza por sua distância relativa com relação ao código que distingue o permitido e o proibido. Trata-se da esfera onde, a uma distância regulada das interdições e obrigações, o sujeito realiza um certo trabalho sobre si mesmo, da ordem do estilo, da fruição estética, ou da realização ética.

Pensamos que é oportuno lembrar que é neste território da geografia do imaginário social que o saber e a prática da psicanálise vêm se inscrever. Sua especificidade, entretanto se estabelece, na medida em que a **demanda** dirigida ao analista releva, para o sujeito, da impossibilidade ou do fracasso de seus esforços de subjetivar-se ou seja de ser sujeito e gozar de autonomia através da elaboração moral.

O casamento, o vínculo com o cônjuge, a fidelidade conjugal, a atividade sexual no casamento, tornaram-se, de acordo com Foucault, desde muito cedo, na história da moral o locus privilegiado da elaboração moral e das práticas de subjetivação. O resultado do esforço de análise histórica deste autor nos impõe a correção de hipóteses bastante sedimentadas entre outros historiadores que localizariam essa preocupação com o amor no casamento, a fidelidade conjugal, e com a esfera privada da existência como uma aquisição histórica recente, referida à emergência das classes burguesas no seio das transformações por que passa a sociedade tradicional (c.f.Ariés 1978, Ussel 1980, Flandrin 1979, Shorter 1977, Stone 1979, Badinter, 1980) e que teriam elevado o casamento de mero **dispositivo de aliança**, regido pelos interesses patrimoniais e de progenitura, à condição de locus de um investimento privilegiado, do afeto e do prazer.<5>

---

5. C.F. Coelho dos Santos,T."A difusão da psicanálise na família: um estudo de seus efeitos sobre a mulher. (tese de mestrado, PUC R.J. 1982)

O indivíduo, agente empírico, que pode tomar a si mesmo como objeto de reflexão, problematizando e tematizando sua interioridade, seria cativo do surgimento do índivíduo como valor (Dumont,1966) e um dos efeitos da clivagem entre a esfera pública e a privada de existência (c.f. Berger Luckmann, 1978), e da moderna configuração de valores (Dumont, 1966) que conviria situar, de acordo com a referência a outros autores (c.f. Donzelot, 1978, Castel, 1978) na emergência do Estado burguês.

A estrutura da sociedade tradicional, piramidal e autocrática no exercício do poder, patriarcal no plano das relações familiares teria sido psicologicamente centrípeta (Freire Costa, 1979) desestimulando a individualização dos seus membros. Uma radical transformação nas relações de poder (com o nascimento do Estado burguês) foi por sua vez responsável pelo surgimento da própria categoria "indivíduo" ser racional e sujeito normativo das instituições (Dumont,1966; Van Ussel,1970; Ariés, 1978). O individualismo nascente seria o efeito tangível da dissolução dos laços de solidariedade que soldavam a estrutura social através de vínculos de dependência e reciprocidade e dissolvia a intimidade familiar num corpo social mais amplo.

Na perspectiva destes autores o "indivíduo" é filho do individualismo burguês, ou este é o correlato ideológico que se apresenta históricamente em duas versões (C.f. Simmel) a igualitária e a romântica (ou da diferença), como único

locus possível da problematização da subjetividade (C.f. Figueira, 1981)

Deslocando a questão da problematização moral para o "uso dos prazeres" e a "reflexividade sobre si" para os cuidados com o vínculo amoroso, recoloca-as entre as preocupações centrais que emergem na antiguidade clássica. Confessadamente, Foucault, (1985 pág:47) diverge da associação entre a preocupação moral e a valorização da esfera da vida privada. No seu modo de entender, não teria sido um qualquer "individualismo", efeito sistemático do enfraquecimento da autoridade pública, aquilo que remeteria consistentemente o sujeito, mais isolado dos outros e mais dependente de si próprio, ao esforço de buscar na filosofia regras de conduta mais pessoais: **"Podemos pensar, então num fenômeno frequentemente evocado: o crescimento, no mundo helenístico e romano de um 'individualismo' que conferiria cada vez mais espaço aos aspectos 'privados' da existência, aos valores da conduta pessoal, e ao interesse que se tem por si próprio. Portanto, não seria o reforço da autoridade pública que poderia dar conta do desenvolvimento dessa moral rigorosa, mas antes o enfraquecimento do quadro político e social no qual se desenrolava, no passado, a vida dos indivíduos: menos fortemente inseridos em cidades, mais isolados uns dos outros e mais dependentes de si próprios, eles teriam buscado na filosofia regras de conduta mais pessoais." (Foucault, 1985 pag: 47)**

Entendemos que os últimos trabalhos de M. Foucault assentam-se numa universalização da experiência da problematização moral e da demanda de elaboração ética e estética nas sociedades ocidentais. Para obter "domínio de si", o sujeito se priva do objeto da satisfação. Trata-se de uma ordem de razões diferente daquelas relacionadas com a lei que interdita ou com a moral que reprime para "incitar ao discurso", "implantar a perversão" ou produzir "novos domínios de poder-prazer". A análise da antiguidade clássica vai relacionar subjetivação com "domínio de si" e este com privação do objeto da satisfação, que não é ordenada pelo código e sim pelo ideal.

Essas hipóteses nos servirão de instrumento na análise de alguns autores brasileiros, que lembraremos em seguida, mais afinadas com o pensamento sociológico e antropológico que mencionamos.

VI. REPENSANDO A MUDANÇA SOCIAL NO BRASIL, A DIFUSÃO DA PSICANÁLISE E MODO DE SUBJETIVAÇÃO

Analisando o fenômeno recente na sociedade brasileira da intensa difusão do pensamento psicanalítico e do recurso às psicoterapias nele inspiradas, Figueira (1987) associa esse acontecimento ao "desmapeamento", conceito gestado por este autor para dar conta do conflito e da contradição entre códigos, resultado do processo de modernização social que se

operou nos Brasil entre os anos 50 e 70. As mudanças aceleradas no plano econômico teriam desarticulado as estruturas de autoridade tradicionais da família fazendo dela um foco de intensa problematização da subjetividade. A difusão de ideologias individualistas de cunho igualitário teria abalado a estrutura familiar assentada na diferença e complementaridade dos papéis sociais de acordo com o gênero e na legítima ascendência entre as gerações. O "desmapeamento" explicaria a abertura do sujeito dos extratos médios urbanos, nesse período histórico particular, à difusão do pensamento psicanalítico. O conflito entre os códigos, moderno e arcaico, estaria na origem da **demanda** dirigida ao psicanalista de "mapeamento".

A hipótese de Figueira entre outros méritos articula a recente mudança social verificada nos costumes, valores e na mentalidade dos extratos médios urbanos da sociedade brasileira, com a inegável multiplicação do prestígio do saber e das instituições psicanalíticas. Possibilita uma via de explicação para a incidência da difusão da psicanálise justamente no campo das representações de gênero, dos conflito entre os gêneros e eventualmente nos impasses entre as gerações, ou seja, é neste terreno que a difusão psicanalítica se dá, porque é por aí que o processo modernizador se efetua.

É indiscutível que entre os anos 50 e 80, a mentalidade dos extratos médios urbanos, seus valores, usos, costumes e comportamentos foram consistentemente questionados em nome da

liberação da sexualidade, da igualdade entre homens e mulheres, da reprodução por opção, da autonomia das novas gerações com relação às precedentes entre outros temas mais polêmicos. É inegável que a difusão da psicanálise, com as proporções que assumiu entre nós, tem relação com esse processo de mudança social.

A hipótese de Figueira, entretanto, transporta para o passado recente as conclusões de antropólogos e sociólogos, às quais já nos referimos, e que dizem respeito à aurora da modernidade. Tudo se passa como se o movimento recente de mudança social nos anos 60/70 pudesse ser compreendido como uma quase reedição da passagem da ordem feudal à sociedade capitalista. A família hierárquica dos anos 50 converte-se em equivalente analógico da família patriarcal, feudal e a família igualitária dos anos 60 em equivalente da ordem social contratual burguesa. Essa analogia é problemática mas não vamos pensar sobre ela. Nosso principal interesse recai justamente sobre o que nos parece ter sido relevado pelo trabalho de Foucault: mais além do código moral, desde a antiguidade greco-latina, o homem sempre esteve referido a representações ideais e sujeito à exigência de elaboração ética e estética.

Alguns autores brasileiros, têm se empenhado em avaliar, o impacto sobre a subjetividade, do recente processo de modernização social que acabamos de atravessar. Diferentes entre si, cada autor tem uma perspectiva própria do que seja a modernidade, que lhe permite estabelecer uma medida, um

critério, do quanto o brasileiro dos extratos médios acompanhou, ou não, as mudanças nos valores sociais, com mudanças efetivas em si mesmo.

Para uns, mudaram os valores sociais, mas os sujeitos nem tanto. Suas pesquisas testemunham os esforços e fracassos, no sentido de cumprir um projeto de modernização. A "realidade de fato" não teria se modificado tanto assim. Nas análises desses autores convivemos com a difícil questão de definir de que realidade se está falando. A decepção face o esforço de modernização, é ambígua, acompanha projetos que foram cumpridos e também os que não alcançaram seus objetivos. O rude confronto, na análise sociológica, entre o "projeto" de mudança e a "realidade de fato", desconhece a "decepção" como experiência de discurso.

Por essa razão, face a estes casos exemplares, frequentemente, ficamos confusos quanto à positividade do código, da representação, do valor, pois seriam apenas "ilusões" produzidas pela "má consciência", da "realidade de fato" (c.f. Almeida, 1987; Dauster, 1987 e Salem, 1985). A "realidade de fato" seria ainda a hierarquia entre adultos e crianças, a desigualdade de papéis entre homens e mulheres, o vínculo privilegiado com a família de origem e não com casal nuclear, da maternidade obrigatória e dependente do reconhecimento pelo homem e não da maternidade "por escolha" ou da relativa independência desta experiência com relação ao casamento legítimo ? Em suma, nada teria mudado "realmente" e todo o processe recente de modernização teria se esfumaçado

no confronto com a resistência à erradicação dos papéis, sociais, códigos e valores dos anos 50.

O código moderno, da igualdade de papéis sociais entre homens e mulheres, das relações menos hierarquizadas com as crianças, da procriação menos dependente da aliança, parece uma ópera bufa, forjada na "fantasia" pífia de alguns sonhadores. As "relações sociais de fato" são tradicionais, fortemente consolidadas, e resistentes à erradicação.

Uma das explicações, para o fracasso de tantos projetos de mudança teria sido, a polaridade que se estabeleceu na socialização desses sujeitos entre dois códigos (c.f. Nicolaci da Costa,1985). Na infância teriam internalizado um código hierárquico; já na vida adulta, no momento de desempenharem os papéis, que viram as gerações precedentes protagonizarem, defrontam-se com novos códigos, que ditados por valores em contradição com a primeira socialização fazem irromper no sujeito, a contradição e o conflito entre os dois códigos.

O essencial da contradição entre os dois códigos poderia ser captado ao nível das representações ideais de sujeito que veiculam. Um dos trabalhos que vamos analisar (c.f. Figueira,1985) coloca um problema bastante difícil. Estabelece que há algo na natureza dos códigos, que pode fazê-los irrelativizáveis, não demandando uma elaboração pessoal. São códigos que se reduzem a ditar aquilo que é permitido ou proibido. As representações de homem, mulher,

adulto e criança são "naturais" e ordenam-se em função da "evidência" visível da realidade anatômica. Adulto, então, é o superior hierárquico da criança, e os papéis sociais de homem e mulher se distribuem de acordo com essa inequívoca "diferença anatômica entre os sexos". A diferença sexual não comportaria nada de enigmático para o sujeito do código hierárquico.

No mundo hierárquico ou se é fálico ou se é castrado. Dessa correspondência analógica entre hierárquico e infantil, nasce a versão que identifica o sujeito dos anos 50 com uma criança. Suas representações de homem, mulher, adulto e criança não alcançaram a dimensão do "ideal". Não importam em elaboração pessoal, são marcas inscritas passivamente e por isso, não é difícil chegar à conclusão, que se tratam da "realidade de fato".

Confundem-se, nas linhas que atravessam a constituição desse campo de pesquisa, o sujeito, criança, que em seu processo de constituição representa "imaginariamente" o outro adulto, com uma versão fundada na dependência infantil, com o sujeito adulto, que representa as categorias homem/mulher/adulto/criança de acordo com o paradigma hierárquico. Aquilo que o sujeito representa, na sua infância, traz a marca de um "modo de investimento" (totalizante, generalizador, dicotômico) que é consequência da estrutura de dependência primária (que assegura o essencial de uma representação onipotente e mágica) e que, portanto guarda relações com a posição que o sujeito/criança

ocupa na hierarquia da família, ou se quisermos, na "cena primária". A representação que a criança faz da diferença dos sexos e das relações sexuais entre os adultos, as teorias sexuais infantis se fundam num código, permitido/proibido,e num certo "modo de investimento": tudo/nada. É por isso, que no inconsciente a "sexualidade" é infantil. O hierárquico ou o arcaico, causa das representações e do investimento infantil é uma lógica que se refere à lei e também, um modo de investimento, que é efeito da paixão.

A concepção hierárquica de família deverá supor que a lógica pela qual se articulam as representações e o modo pelo qual o sujeito nelas investe são idênticos ao infantil?

O código moderno, fundar-se-ia numa outra lógica, mais abstrata ?. Por meio dele o sujeito vem a se colocar a questão da escolha ou da opção entre uma ou outra referência ou "mapa". O sujeito do código moderno "escolhe" livremente a partir da consciência, é um sujeito da razão ? A lógica "moderna" produziria um "novo mecanismo psíquico", historicamente inédito, o "mecanismo da opção" ?

Na passagem de um código a outro o "desmapeamento" seria um acidente de percurso bastante frequente. Prisioneiro da "lógica arcaica", o sujeito "suprime" as representações do modelo hierárquico de família, investindo maciçamente nas modernas representações de sujeito e acreditando na "ilusão" de que seu ser real corresponde a essas imagens. Lêdo engano, pois as representações são novas e atuais, mas o modo pelo

qual o sujeito se apropria delas é fiel ao modo arcaico. Modernos na aparência, esses sujeitos são arcaicos ao nível de seu mecanismo psíquico.

Nessa utopia modernizadora, o "sujeito da lógica arcaica" seria erradicado pela mudança que viria a ser operada no seu "mecanismo psíquico". Por meio dela, ele deixaria de "suprimir" o que lhe desagrada e passaria a acolher no campo da consciência todas as contradições. Ao final dessa ficção pacificadora o sujeito, agora moderno, escolheria livremente o que lhe convém, independentemente de quaisquer preconceitos acerca do que seja moderno ou arcaico no campo das representações ideais de sujeito.

Nossa principal questão com o paradigma de Figueira é a assimilação dos ideais da família hierárquica dos anos 50 a uma espécie de "realidade de fato". A diferença de papéis sexuais e a desigualdade entre as faixas etárias organizadora do **dispositivo de aliança** não são devidamente percebidos, na sua dimensão inevitavelmente estética, ou na qualidade de **representações ideais**. Embora a noção de desmapeamento fale em conflito de "códigos" o autor nos dá uma série de indicações de que está mais inclinado a considerar as referências identificatórias da família dos anos 50 como mais próxima da "natureza mesma das coisas".

Nossas ponderações acerca do pensamento de Figueira serão amplamente discutidas no capítulo: Psicologismo e Modernização social. Trouxemos para nossa discussão as idéias

mais recentes de Foucault para introduzir o que pensamos ser uma convergência entre a direção que assumiu seu pensamento e a concepção implícita na teoria freudiana do poder. Nesta teoria, como no pensamento de M. Foucault **representações ideais** são "ilusões" dotadas de **positividade** na esfera intrapsíquica. A cisão do sujeito entre um "eu real" e "ideais do eu" não é cativa do acidente histórico do individualismo (Dumont, 1966), nem da separação entre a esfera pública e a privada da existência (Berger, Luckmann, 1978), nem da passagem da sociedade feudal ao Estado burguês (Donzelot, 1978).

A análise de material de divulgação comum, manuais destinados a orientação de pessoas em dificuldades, atesta como vimos na primeira parte, que a contradição e o conflito, o mal estar que se expressa numa demanda de saber, de conselhos, de reflexão e elaboração de si, cercam ao longo dos anos 50 insistentemente a esfera dos vínculos amorosos, do casamento, da ascendência dos pais e do desempenho dos papéis ligados ao gênero.

Nosso trabalho ao centrar-se na comparação entre as representações ideais nos anos 50/60 x 70 como matéria prima da elaboração moral, ressaltou especialmente as vias e ascese ou os modos de subjetivação nesses dois períodos.

Localizou também, entre esses modos de referência ao prazer, o processo de difusão da psicanálise. Sua positividade, o que ela opera no imaginário dos saberes e das

práticas de elaboração da subjetividade, foi valorizada; guardamos portanto distância com relação a perspectiva habitual que limita-se a reduzi-la ao que ela não é, ou seja psicanálise verdadeira.

O saber psicanalítico difundido nas revistas e bancas de jornal apresenta-se como instrumento de um cuidado estético e de uma preocupação moral com a qualidade das relações afetivas, da identificação ao próprio sexo, do comportamento e dos prazeres sexuais. Apresenta-se como meio eficaz na dissolução dos impasses inconscientes que inviabilizam a conformidade dos sujeitos (que escrevem cartas à redação das revistas ou que são caracterizados de acordo com determinados traços típicos com os quais, supomos, um número razoável de leitores se identifica) a imagens idealizadas de homem, mulher, sujeito de uma sexualidade prazeirosa ou de uma relação de conjugalidade sadia.

Nossas incursões pelo material extraído dos meios de comunicação evidenciou as circunstâncias de penetração do pensamento psicanalítico nos canais de difusão de práticas de aconselhamento calcadas na sabedoria e na tradição social. Permitiu igualmente o acompanhamento da evolução do processo de difusão trazendo à luz as articulações mais frequentes entre conceitos psicanalíticos fundamentando interpretações e avaliações diagnósticas e representações ideais de saúde mental, felicidade, bem-estar e cura.

A psicanálise difundida, como é facil verificar, apresenta-se sempre e necessariamente associada a um horizonte de representações daquilo que seria desejável vir a ser. Através de sua retórica interpretativa delineia-se com clareza um quadro de representações da subjetividade ideal, de um ideal de feminilidade, de masculinidade de relacionamento de casal, de relação consigo mesmo.

O objetivo dessa apresentação comentada do esforço de Michel Foucault no sentido de estabelecer através da história da sexualidade uma arqueologia da psicanálise, é sugerir uma via de captação e análise da psicanálise difundida relevando sua positividade no processo de constituição da demanda de psicanálise.

O lugar ocupado pelo psicanalista nas revistas femininas, no espaço dos jornais dedicados a esta finalidade, nos periódicos de bancas de jornal que tematizam áreas diversas da existência em que o problema da elaboração ética e estética se coloca (conjugalidade, identidade de gênero, atividade sexual, a educação dos filhos) foi, em nosso passado recente (anos 50/60) explorado por aconselhadores. O trabalho desses conselheiros organizava-se essencialmente da mesma forma que hoje. Desenvolvia-se em torno da pedido direto de alguém, de um leitor ou leitora cujo sofrimento resultava de impasses frente a uma escolha de natureza amorosa. Essa é a forma clássica da apresentação da demanda de esclarecimento dirigida ao saber de alguém que por sua experiência e elevados padrões morais e éticos podia indicar

o melhor caminho a seguir rumo à felicidade, apoiada na realização de objetivos muito gerais, frequentemente a satisfação amorosa, o casamento, a estabilidade no trabalho, a descendência, entre as representações mais densas de uma existência dotada de sentido.

A análise dessa articulação faz transparecer como e porque ela vem se dirigir ao psicanalista e não ao confessor, ao pai de santo às lideranças espirituais dos moralistas, pedagogos e todos os diretores de consciência que oferecem seu saber e anunciam um conjunto de práticas através das quais prometem dissolver o mal estar na civilização.

Será com base nessa experiência de análise do material concreto extraído de revistas femininas que vamos empreender uma análise das retóricas psicologizantes que emergem no material sobre o qual trabalharam alguns autores brasileiros. A intenção principal será contornar os efeitos da dissociação entre ideologia e poder que ainda marcam essas análises procurando resgatar a positividade dos efeitos da difusão psicanalítica sobre a produção de retóricas psicologizantes e que para nós, vamos insistir mais uma vez, são a expressão da demanda de novos ideais.

PARTE 7

PSICOLOGISMO E MUDANÇA SOCIAL

I. INTRODUÇÃO

A cultura psicanalítica pode ser pensada com recurso à teoria psicanalítica do sujeito. O **psicologismo**, dialeto produzido por essa cultura, expressa a demanda de mudança dos sujeitos nessa mesma cultura em direção às **representações ideais**, gestadas pelos ideais analíticos particulares às diferentes versões da psicanálise difundida. O psicologismo pode ser apreendido como uma prática de elaboração de si.

A correta articulação do pensamento psicanalítico é fundamental para a captação do psicologismo como dialeto da demanda de psicanálise. Os trabalhos de autores brasileiros, sobre a questão da modernização social no Brasil, permitem entrever os contornos no campo do psicologismo das duas principais versões da cultura psicanalítica. A leitura que fizemos destes trabalhos foi marcada pela perspectiva de que o sujeito da chamada modernização social é uma produção da cultura psicanalítica. Seu psicologismo é a expressão de sua demanda de conformar sua subjetividade aos "ideais analíticos" difundidos como verdadeiras **Weltanshauungs** fundadas na teoria psicanalítica.

Essa leitura do psicologismo e do processo de mudança social inspira-se, de um lado, na própria teoria psicanalítica do sujeito e, de outro, na analítica das

relações concretas de poder de Michel Foucault. Na teoria psicanalítica porque o pensamento de Freud é pródigo em reflexões sobre a relação do sujeito ao ideal e deste último na economia psíquica e na organização grupal. No pensamento de Foucault enquanto crítica à negatividade da noção de ideologia. Por meio dessa inspiração quisemos evitar dissociações teóricas, que induzem a relegar ao campo da sociologia o tratamento da questão da difusão da psicanálise e de seus efeitos. A teoria psicanalítica do sujeito permite dar conta de aspectos muito finos dessa discussão e que, como veremos, transparecem nas lacunas do tecido conceitual dos trabalhos que analisaremos em seguida.

A teoria psicanalítica não dissocia indivíduo e sociedade, razão pela qual pode pensar através do seu aparelho conceitual sobre os efeitos de sua difusão no campo dos ideais dominantes na cultura. Sempre que não se considera a linguagem e a cultura na constituição do sujeito, credita-se à teoria psicanalítica uma dissociação entre o social e o individual. Assim, o campo das "ideologias", das "representações sociais", ou dos ideais de uma certa cultura, devem ser tomados na positividade plena de seus efeitos para a constituição do sujeito. E do mesmo modo, o discurso sobre si ou o psicologismo dos sujeitos da cultura psicanalítica não é uma ideologia no sentido negativo de má consciência. O psicologismo é a via legítima de captação da relação do sujeito aos ideais éticos e estéticos de sua cultura e o meio pelo qual se expressa sua adesão a esses ideais e sua demanda de conformar sua própria subjetividade segundo esses ideais.

II. A QUESTÃO DO "PONTO DE VISTA": PESQUISADORES X ENTREVISTADOS

Os trabalhos que discutiremos em seguida orientam-se por um objetivo comum: analisar o processo de modernização social no Brasil. Todos eles tiveram de certo modo que lidar com o problema do psicologismo e da forte influência da psicanálise difundida sobre os fenômenos sociais analisados. A influência da teoria psicanalítica é também muito forte na cultura universitária da qual fazem parte sociólogos, antropólogos e psicólogos. Essa influência insinua-se nos modelos de análise utilizados por alguns dos autores sem que, entretanto, o regime de inserção do ponto de vista psicanalítico tenha sido explicitado.

Nosso comentário vai procurar explicitar e radicalizar o referencial psicanalítico, onde supomos que ele esteja implícito, incluindo-o e redimensionando a discussão onde acreditamos que ele faz falta. Nesse sentido, vamos tratar das relações entre o psicologismo e a subjetividade, no campo intrapsíquico e intersubjetivo, tendo em conta a metapsicologia freudiana dos ideais, considerando sua dupla face: a que remete aos "modos de investimento" e que diz respeito às vicissitudes da pulsão na economia psíquica; e aquela que remete à eficácia dos processos identificatórios como modo de articulação do sujeito no grupo social. Por essa razão, a expressão **representações ideais** nos parece preferível a noção de "ideologia". Essa noção evoca a dimensão dos ideais como um investimento psíquico, o caráter contraditório e múltiplo das identificações, e situa a

"mudança social" no campo dos ideais e das práticas de elaboração de si. Assinalamos assim que, pela noção de **repesentações ideais**, desejamos marcar a inserção dos ideais no campo social e psíquico justamente pelo seu caráter de produção do desejo - ao contrário da noção de ideologia que costuma ser contraposta à "realidade de fato". Desse modo, acreditamos sustentar nossa análise na impossível dissociação entre indivíduo e sociedade, evitando alguns dos mal-entendidos que dificultam a discussão do imaginário da modernização social.

O fenômeno da psicologização parece representar um intransponível obstáculo para uma avaliação do processo modernizador. Avaliamos que essa dificuldade é conseqüência de um certo modo de conceber as relações entre indivíduo e sociedade que se cristaliza na noção de "ideologia", e pela qual a referência do eu ao ideal é passível de ser captada como "ilusão" mais ou menos carente de positividade. Desse ponto de vista, a "ideologia" não é compreendida como uma dimensão intra e intersubjetiva e não se considera o **movimento** do sujeito na relação com seu ideais, ou do social no seu constante produzir de novos ideais.

Por outro lado, a redução da difusão da psicanálise e da cultura psicanalítica a uma mera "ideologia individualista" importa em desconsiderar a retórica dos sujeitos entrevistados enquanto uma prática de elaboração da subjetividade e por isso referida a ideais éticos e estéticos. Se tomamos o psicologismo como uma prática e não uma retórica vazia, podemos por meio dele perceber suas modificações na articulação com a economia dos investimentos

psíquicos na relação com os ideais e não menos com o movimento de transformação próprio ao campo psicanalítico oficial e seus "ideais analíticos".

A plena positividade das mudanças sociais contemporâneas tem ligação íntima com o campo da teoria psicanalítica difundida com seu impacto sobre a ética e a estética dos sujeitos e da cultura. Por essa razão, seria preciso identificar e valorizar as mudanças de retórica dos sujeitos, pois através delas é possível captar a direção das mudanças nos ideais dominantes da cultura, que como afirmamos vêm sendo profundamente marcados pela evolução do movimento psicanalítico. O regime da referência do sujeito ao seu ideal e que chamamos: "o modo de investimento" é um dos modos de captação dessas mudanças e consiste nas inflexões da própria economia psíquica na relação com determinados ideais. As **representações ideais** em si mesmas, são outro meio de captar a direção das mudanças sociais, porque num período de tempo muito curto, o conteúdo das "ideologias" também se modifica e isto certamente se refletirá naquilo que os sujeitos desejam e dizem de suas experiências ou de seus projetos existenciais.

No primeiro caso, trata-se de valorizar o movimento do sujeito no processo identificatório que se esboça no seu psicologismo. O caráter de realização antecipatória da identificação à **representação ideal** transparece no "modo de investimento" apaixonado, pelo qual o sujeito, no movimento de adesão às **representações ideais** hegemônicas, supervaloriza a aproximação ou o afastamento de seu eu dessas representações. Se essa dimensão não é considerada pelo

pesquisador acarreta a conclusão de que a representação que o sujeito faz de si é "falsa", é ilusória, porque do ponto de vista do pesquisador o sujeito não parece ser conforme o ideal que professa.

Este não é o único problema que a análise da retórica dos entrevistados pode colocar em razão de sua inevitável relação com a realidade psíquica e com o desejo. Em consequência dessa relação com o desejo, o investimento do sujeito no seu ideal se modifica ao longo de seus esforços para a realização de seus projetos. A mudança que se passa no campo do investimento no ideal pode produzir no entrevistador a impressão de que o projeto "fracassou". A correta identificação do conteúdo destes depoimentos poderia sugerir que a realização do projeto não trouxe a satisfação esperada. Nestes casos, o conteúdo decepcionado da entrevista tem menos a ver com um projeto que não se realizou, do que com uma realização que não ensejou a plenitude da satisfação esperada.<1>

Algumas vezes, as mudanças correntes na sociedade configuram novas representações ideais que se traduzirão pela mudança do investimento em direção a outras metas. A análise

---

1. Pois, como observa Lacan (1988, pag:56) sobre um trecho do Projeto onde Freud se refere à ação específica: "Há aqui todo um trecho extenso que terei oportunidade de retomar e de extrair o sumo para vocês. não há comentário mais vivo dessa margem tão inerente à experiência humana, dessa distância que e manifesta no homem entre a articulação do anseio e o que ocorre quando o desejo toma o caminho de realizar-se. Freud, articula o porquê de haver sempre aí algo que está muito longe da satisfação, e que não comporta as características buscadas na ação específica. E ele termina com a palavra - creio que é a última de seu ensaio - de qualidade monótona. Em relação a tudo que o sujeito persegue, o que pode produzir-se no âmbito da descarga motora tem sempre caráter reduzido."

das entrevistas confronta-se com uma nova fonte de deficuldades pois aquilo que o sujeito diz de seus projetos traz a marca dessas mudanças no campo dos valores sociais e reflete, por vezes, a adesão a novos ideais. Quando essas mudanças não são consideradas, o pesquisador é conduzido ao falso problema de julgar, quantificar, determinar o grau modernização de seus entrevistados.

O processo modernizador não difunde apenas uma "ideologia" individualista. Por isso, torna-se necessário registrar as nuances dessa "ideologia", caso contrário tende-se a eleger uma delas como a representante do novo e qualquer outra será percebida como expressão de um ou de outro modo de ligação com o antigo. Desse ponto, é um passo quase certo julgar, pela retórica dos sujeitos, que a modernização social falhou.

Os efeitos do processo de modernização social, analisados em diversos trabalhos recentemente elaborados no Brasil serão, como anunciamos, objeto de um comentário particularizado. Vamos nos interessar fundamentalmente por duas questões: como são tratadas as **representações de si na relação aos ideais**, relevando principalmente a eficácia concedida pelo pesquisador às **representações ideais**; e a consideração pelo "modo de investimento".

II. DOIS IDEAIS DE FAMÍLIA, DOIS TIPOS DE "IDENTIDADE"

Figueira (1981) caracteriza dois modelos de funcionamento das relações familiares, fundados em paradigmas distintos. O modelo de família hierárquico (ou tradicional) organiza-se a

partir do relevo concedido às diferenças entre os diversos componentes. Homem e mulher não são percebidos como "indivíduos" diferentes, como pessoas, mas sim como pertencentes a "categorias" diferentes. Por essa razão desempenham papéis concebidos de acordo com a "categoria" a que pertencem. De modo idêntico, adultos e crianças são entidades radicalmente distintas.

De acordo com Figueira, os princípios organizadores dessa classificação dos indivíduos em categorias são percebidos pelos sujeitos como fazendo parte da própria realidade dos objetos, como imanentes a esses objetos. Pai, mãe e filhos relacionam-se segundo regras que, operando no interior da família, guardam uma relação com a cultura de classe **latu sensu**. A realidade visível dos seus membros (sexo e idade) fixa o lugar na família e delimita com clareza as fronteiras entre situações, ocasiões e pessoas. Essas regras ordenam-se num código que, como veremos mais adiante, funcionam em "primeiro grau", pois determinam claramente que comportamentos são adequados à regra.

Ainda de acordo com Figueira (1986), a família hierárquica é relativamente organizada ou "mapeada". Homem e mulher manifestam suas diferenças acentuando sinais visíveis como o tipo de roupa, linguagem e comportamento e até sentimento adequado a cada sexo. Adultos são diferentes de crianças, sabem mais e melhor. Manifestam sem ambiguidade essa distinção, exercendo a autoridade com o sentimento de que esse papel é absolutamente legítimo, dada a diferença de categoria que os separa. Essas características seriam

reveladoras de um código constituído de regras de "primeiro grau".

O segundo modelo de família descrito por Figueira está fundado no paradigma do individualismo igualitário. Esse paradigma manifesta-se concretamente através da dissolução das categorias de gênero e geração. As diferenças entre os indivíduos são tratadas como diferenças pessoais e não como diferenças etárias e sexuais. Por essa razão, tendem a desaparecer os sinais estereotipados e visíveis que distinguiam as categorias segundo o gênero ou a geração.

O modelo igualitário de família funda-se na "ideologia" ou **representação ideal**, como preferimos chamar, do igualitarismo. Enquanto ideologia é um princípio geral e abstrato que depende dos sujeitos para ser concretizado. O sujeito, neste caso, é um **intérprete** de princípios gerais e abstratos, que entretanto existem e pertencem ao patrimônio coletivo, do grupo social. A condição do sujeito de **intérprete** fica, assim, totalmente condicionada à "ideologia", do que não podemos discordar. Entretanto, o sujeito da família hierárquica está imerso na "natureza das coisas" e portanto não é sujeito **intérprete** de nenhuma ideologia. Vamos relevar que para Figueira a positividade da representação pode ser plena. A representação pode não ser ideal e o sujeito consequentemente pode não ser intérprete.

Por meio dessa ideologia, tudo que diz respeito a valores passa a ser pensado como expressão do gosto pessoal. Em oposição, o modelo hierárquico privilegia a localização do sujeito na categoria de gênero ou faixa etária. No modelo igualitário, noções como certo e errado, noções de desvio de

comportamento, pensamento e desejo, perdem o contorno nítido porque não há referência à categoria, instaurando-se o reino da pluralidade de escolhas, limitadas pelo respeito à individualidade do outro.

O modelo de família igualitário concebe, na terminologia empregada por Figueira, a "identidade" dos sujeitos como uma expressão pessoal de princípios gerais, relativamente independentes do sexo e da geração. No processo de transição de um a outro ideal de família, surge um modelo intermediário a família "desmapeada". Nela imperam princípios absolutamente idiossincráticos. Cada um se converte no detentor de um código cuja chave é ele próprio e suas experiências pessoais e intransferíveis. Concluímos que o paradigma é ainda o individualismo, mas a "identidade" dos sujeitos não é concebida como pessoal e sim como idiossincrática.

As circunstâncias particulares do processo de modernização brasileiro, ainda de acordo com Figueira, como por exemplo: o fechamento político, com o conseqüente aumento da privatização da família e da subjetividade, a ascenção social acelerada de parcelas consideráveis dos extratos sociais médios, que ampliou mais ainda o processo de privatização e consequentemente, de isolamento da família e do sujeito com relação ao grupo social de origem, teriam sido grandemente responsáveis pelo efeito "desmapeamento" da família e do sujeito. Esse efeito é o resultado do conflito intrasubjetivo entre dois códigos (hierárquico e igualitário), que se faz inevitável quando o processo social de mudança é acelerado, impedindo a metabolização da mudança.

A idéia de desmapeamento reduz o conflito à contradição entre códigos de valores sociais, percebidos como algo que se estabelece e se modifica num "mundo exterior" ao sujeito que então entrará em conflito, independentemente de qualquer outra circunstância que permita indicar como e porque ele é implicado nessa mudança.

Falar em "desmapeamento" supõe responder sobre o que é o mapeamento. Para a teoria psicanalítica a constituição do sujeito se dá no processo de identificação, apontando que a idéia de "mapeamento" para esse referencial teórico é absolutamente estranha. "Desmapeamento" é uma noção que sugere, se associada à recorrência da palavra "identidade", a crença num "eu" virtualmente "mapeado ou identificado". Um eu que está completamente isento da função de intérprete.

A teoria psicanalítica faz referência, contrariamente à idéia de identidade, à identificação como um processo. Em consequência, o eu apresenta-se para si mesmo na sucessão de seu contante vir à ser, ora fundido, representado como um eu ideal, ora desdobrado numa representação de si que se confronta com uma **representação ideal** que se afigura transcendente. São dois modos de relação do "eu" com as **representações ideais.** A teoria do complexo edipiano e do narcisismo procura dar conta da dupla possibilidade de referência à instância do "ideal". O ideal de unificação, de síntese, de perfeição numa imagem plena percorre o funcionamento do eu sem que nunca a teoria possa supô-lo como "realizado". A noção de identidade aproxima Figueira dos autores que se interrogam - se houve ou não modernização? Se os sujeitos entrevistados mudaram mesmo ou estão iludidos ? -

e que por meio das questões formuladas assim testemunham sua crença num eu unificado.

A perspectiva de Figueira põe o conflito e a contradição na dependência da mudança social e em exterioridade com relação aos sujeitos. Seu ponto de vista do processo identificatório não é psicanalítico, o que nos sugere as seguintes questões de confessada inspiração na teoria psicanalítica: o sujeito no universo hierárquico não tem conflito ? Neste universo simbólico, as **representações ideais** são dotadas de um sentido pleno ? Existe símbolo capaz de realizar uma "mapeamento" onde o sujeito não experimente qualquer diferença entre o seu "eu real" e as **representações ideais**" dominantes ? Nesse mundo perfeitamente "imaginário" não há problematização da subjetividade ? Reina perfeita harmonia entre o sujeito e a "ideologia" ? O sujeito é aquilo que as representações sociais hegemônicas impõem ou supõem que ele seja ?

Poderíamos supor que não há numa organização social como essa problematização da subjetividade e que reina então perfeita harmonia entre o sujeito e a "ideologia" e nesse caso toda diferença com relação à "ideologia" seria reduzida ao desvio. Essa é uma questão extremamente delicada, pois envolve supor que o campo da problematização da subjetividade pode ser exaurido na estreita fronteira do certo e do errado, do pecado e da absolvição, da falta e da punição. O sujeito desse período histórico seria reduzido a um sujeito da "moral". Privado da dimensão estética da existência, conformado à representações sociais inapelávelmente irrelatavizáveis, esse sujeito é puramente um "assujeitado" à

ordem social, ãs instituições e à "ideologia". Um mundo de "replicantes" ?

Admitindo, por hipótese, que essa perfeita soldagem entre o sujeito e a "ideologia" é impossível, e que o "mal estar na civilização" não é uma invenção da história recente, seria preciso perguntar onde é que o "conflito e a contradição" se localizavam na aurora do processo de modernização social. Como compartilhamos a convicção de que há algo de incontornávelmente conflitivo na relação do sujeito com a civilização, queremos pôr em dúvida essa versão paradisíaca dos anos 50. (2)

Uma outra abordagem do conflito e da contradição entre códigos é ensaiada por Nicolaci da Costa (1985) como efeito da oposição de duas dimensões do sujeito, ou dois planos de funcionamento mental distintos. O contemporâneo, imediato e atual, onde o sujeito relaciona-se institucionalmente com um outro em posições nas quais viu seus agentes socializadores funcionarem no passado. O outro seria composto de representações referidas à própria inserção do sujeito naquele momento, isto é, no passado. Essa representações, de si e do outro socializador, foram internalizadas na infância juntamente com representações à respeito de sua futura localização social.

---

2. Esta via apresentaria um contorno para a difícil questão da implicação da difusão psicanalítica com uma concepção de sujeito que não é intérprete e sim o suporte passivo da ação explicativa do analista. Por esse caminho, acreditamos que o que Figueira toma como o sujeito nos anos 50 é o efeito de uma captação do sujeito engendrada na aurora do processo de difusão das psicologias em geral, quando uma certa versão pedagógica desses saberes, articula-se ao imaginário social, destituindo-o de suas nuances e produzindo um discurso reificador dos ideais desse período.

Quando a sociedade muda muito rapidamente, um mesmo sujeito seria exposto a dois códigos diferentes. Assim, na vida adulta, seus papéis sociais não coincidirão com aqueles que viu a geração precedente desempenhar. O conflito e a contradição entre códigos dizem respeito a dois modos de funcionamento e organização familiar, conforme a definição proposta por Figueira e que já apresentamos acima.

De acordo com Nicolaci da Costa, quando o sujeito se encontra na posição de reprodutor da ordem social (quando passa a se relacionar com um outro em posição de complementaridade, ou que está numa posição em que ele próprio esteve, (respectivamente cônjuge e filho) é que podem enfrentar-se nele as definições contraditórias, modernas e arcaicas, dessas mesmas posições.

Moderno e arcaico, desse ponto de vista, são momentos históricamente distintos que, no plano da subjetividade dos agentes sociais concretos, envolveriam necessáriamente a oposição entre "infantil" e "adulto". Mas, são também dois códigos de organização familiar, como já havíamos mencionado no parágrafo anterior. Nesse ponto, torna-se uma tarefa extremamente árdua, discernir o que da representação que esse mesmo sujeito faz (no momento em que se torna reprodutor da ordem social) é expressivo de "um outro universo de valores sociais", e o que desta mesma representação é apenas o resultado de sua perspectiva infantil, do "lugar ocupado pelos sujeitos adultos".

É justamente aqui que pensamos poder localizar melhor o estatuto da "contradição e do conflito" como condição universal da estrutura psíquica e que, embora informada pelos

processos históricos, não se reduz a um dado momento da nossa história recente. Parece claro que existe uma diferença impossível de dissolver entre as representações que a criança faz da atividade do adulto e aquelas que o adulto se faz quando em posição de exercer legítimamente essas atividades. Esse trabalho tem o mérito de valorizar o hiato entre o adulto e o infantil, reduzindo-o porém às aporias do processo de mudança social. Faz crer que, não fossem as particularidades da história recente, reinaria a harmonia no sujeito consigo mesmo.

Esse é um aspecto crucial para a nossa discussão, de vez que aquilo que nos habituamos a considerar como sendo o comportamento típico de homens, mulheres e crianças na família de classe média urbana (e freqüentemente católica) é efeito do discurso, dos sujeitos envolvidos com o imaginário da modernização social. Esse discurso supõe uma homogeneidade das **representações ideais** de familia, fazendo crer que esta última teria sido (até os anos 50) patriarcal, hierárquica, autoritária, ao contrário do que se tornou, então, moderna e igualitária, graças ao esforço de modernização da sociedade e dos agentes sociais, nos anos 60/70.

As formulações teóricas de Figueira e Nicolaci-da Costa nos apresentam uma imagem do sujeito dos anos 50 destituída de conflito. Esses sujeitos têm "identidade", são mapeados, não são vítima do conflito de códigos, não têm referências ideais contraditórias. Incorrem, portanto, no mesmo artifício que o dispositivo da modernização: reduzir o sujeito do momento histórico anterior a um "ser sem alma", passivo perante a sociedade e as instituições para então vender a

"imagem" do "sujeito moderno" como ser que "opta", que "escolhe", "questiona" e não se submete às instituições, às normas de comportamento, à determinação social. Se o discurso modernizador afeta essa representação de uma conotação negativa, essa mesma representação é secundáriamente reabilitada quando a esse sujeito se credita uma paradisíaca ausência de conflitos de ideais.

Quando a contradição e o conflito entre códigos eclodem, o psicologismo<3>, segundo Figueira (1981) instala-se como linguagem, como efeito do "desmapeamento" no campo das relações inter-subjetivas. Mais do que um dialeto expressivo do elevado grau de subjetividade dos valores e critérios culturais, o psicologismo seria um mecanismo, um operador de discriminação entre identidades idiossincráticas.(4)

A desorientação e a perplexidade das vítimas do processo acelerado de mudança social se expressa e "ensaia organizar-se" através do dialeto psicologizante. Dialeto da **demanda** que já revela, pela sua origem, seu endereço. Forjado no

---

3. É a linguagem psicológica e não outra que se instala , como efeito do desmapeamento, por que do nosso ponto de vista, desde cedo, a modernização social se propaga em associação com a difusão das psicologias ou mais precisamente da psicanálise. O desmapeamento e o psicologismo são absolutamente coevos e contemporaneos.

4. Essa formulação contrasta com a que propusemos acima. Não porque não creditemos ao psicologismo as funções admitidas por Figueira e sim porque não menciona aquilo que nos parece central na produção do fenômeno. O psicologismo é um dos modos de expressão, históricamente contextuado porque absolutamente dependente da difusão de um certo saber, a psicanálise, de uma **demanda** de sentido que supomos universal. Se não assumimos com a teoria psicanalítica a impossibilidade da unificação plena do eu, em razão do funcionamento do inconsciente e dos destinos da pulsão, como é possível que emerja uma tal representação de sujeito que é uma "identidade idiossincrática" ?

movimento da difusão da psicanálise só pode encontrar acolhimento na escuta do psicanalista.

A origem da **demanda** é, de acordo com Figueira, a contradição entre os códigos moderno e arcaico. Não quer com isso se referir às dificuldades do sujeito quando tem que lidar com as **representações ideais** enquanto adulto, em consequência de sua inserção infantil no social. A contradição entre hierárquico e o igualitário não é, no entender de Figueira, o inevitável confronto no sujeito entre duas estruturas de dependência, primária e secundária, ou dois modos de identificação narcísica ou edipiana. Não são dois modos de identificação que se confrontarão inevitávelmente no sujeito no momento de lidar com os ideais. Seu raciocínio faz derivar o conflito da referência a dois "mapas" presentes na estrutura social num momento histórico determinado. É por isso que esse autor fala em dois tipos de "identidade" para caracterizar o sujeito na sociedade hierárquica e o sujeito na sociedade cujo ideal é igualitário. Aparentemente o sujeito se "identifica" de uma vez por todas seja a um, seja a outro dos ideais ou, cai vítima da contradição e da impossibilidade de fazer uma escolha coerente. E porque não o faz ? Por que há um conflito presente na sociedade.

Com relação às representações, Figueira não distingue representações de si e representações ideais. Ao tratar os códigos hierárquico e igualitário como dois "ideais" anuncia a dialética do processo de identificação para fechá-lo em seguida com a noção de identidade.

Vamos considerar a distinção proposta por FIgueira entre modernização verdadeira e falsa, de um outro ponto de vista, valorizando as **representações ideais** que governam dois psicologismo diferentes e situando o problema do "modo de investimento" que os sujeitos fazem nessas representações num e noutro ideário.

III. DUAS LÓGICAS (OU DOIS "MODOS DE INVESTIMENTO"?): DUAS REPRESENTAÇÕES DE SUJEITO

Figueira (1986) desenvolve a hipótese de que há dois modos pelos quais o ideário moderno, individualista igualitário, pode ser absorvido pelos sujeitos sociais. A distinção proposta por Figueira (1987) entre modernização reativa" e modernização do mecanismo, na medida em que remeteria a duas apresentações da relação entre o sujeito e seus ideais, e que seriam efeito de duas "lógicas". É uma hipótese que, do nosso ponto de vista, considera dois "modos de investimento" em representações idealizadas.

A hipótese central é a de que conquanto o sujeito venha a aderir ao ideário moderno, nem por isso se "modernizou de fato". O sujeito pode aderir ao conteúdo do ideário moderno, sem que a organização intra-subjetiva reflita essa mudança de conteúdo. Nesse caso os valores professados (a liberdade, segundo supomos) são "modernos" (ou igualitários, ao que parece), enquanto que a lógica que governa a adesão do sujeito às suas novas **representações ideais** permaneceu arcaica (hierárquica, no sentido de autoritária ou obrigatória, poderíamos dizer). O sujeito ainda lidaria

internamente com seus ideais como se fossem coercitivos, inescapáveis e obrigatórios.

Esse estado interno e "invisível" manifestar-se-ia através do empenho renovado desse tipo de sujeito em diferenciar-se daqueles que considera dotados de uma identidade "arcaica".

Nesse caso, o sujeito, de acordo com Figueira, adere a uma ilusão identificatória, quando incorpora os **conteúdos** modernos: sujeito moderno, individualista e igualitário e bloqueia os **conteúdos** arcaicos da sua identidade. Estes, no entanto, continuam ativos inconscientemente, sempre prontos a se manifestarem, exigindo um esforço contínuo para garantir a sua supressão. A palavra **conteúdo** surge em dois contextos distintos: associado à **identidade** e ao **inconsciente.**

A modernização reativa é uma modernização dos **conteúdos.** O que são conteúdos? Parece acertado sugerir que são **representações ideais** de um dado sujeito, pois há momentos em que o autor fala em "ideais" para designar "conteúdos". Que tipo de **representações ideais** ? É a si mesmo que o sujeito representa como ideal, quando se moderniza por reação aos ideais arcaicos ? Ou será, da natureza mesma da representação, enquanto representação idealizada, que se trata ?

Se a relação que esse sujeito estabelece com essas representações é uma relação coercitiva como define o autor, podemos supor que alguma coisa intervém na natureza do processo de produção do ideal, gerando esse efeito "reativo" na subjetividade. Concluímos que as representações modernas podem assumir um caráter irrelativizável na estrutura

psíquica em consequência de um certo "modo de investimento", que chamaremos de linguagem da paixão. As representações saturadas de desejo são totalizadas, unificadas, sintéticas, operando no campo identificatório uma aterrorrizante "lógica" do "tudo ou nada", ou se é como o ideal e então se usufrui do sentimento de ser um "ego ideal" ou, se é diferente e não resta ao eu outro sentimento, senão o de ser um eu destituído de valor.

Pode-se dizer que o modo pelo qual essas representações se constituem é algo que tem a ver com o investimento que o sujeito faz pois, é o excesso, a generalização abusiva do valor da representação, aquilo que estabelece esse estado monárquico no campo intrasubjetivo. Nesse estado absolutista não há intervalo entre a representação do "eu" e aquela ditada pelo "ideal". Ou a representação do "eu" é "plena" de identidade com o "ideal" ou é "vazia" de semelhança.

Lembramos que, neste momento de sua análise, Figueira parece dar um "salto" que não é explicitado e que, como já havíamos constatado anteriormente, dificulta seguir seu raciocínio. Tudo leva a crer que a organização social fundada na hegemonia de **representações ideais** "hierárquicas" é responsável pela fabricação de sujeitos que necessáriamente mantêm no plano da estrutura intrapsíquica e narcísica uma relação autoritária, coercitiva, irrelativizável entre o "eu" e seus "ideais".

Nesse grupo social, os indivíduos dos anos 50, não há conflito de referências. A referência dominante é ao mesmo tempo a "realidade de fato". Portanto, somos forçados a concluir que não há distância entre o "ideal" e o "eu real",

a que Freud se refere. O sujeito social que desvia da referência dominante não seria acolhido por outra, encarnaria por isso apenas uma referência negativa, nunca alternativa.

Distinguindo "mecanismo" (em nossa linguagem: modo de investimento), de "conteúdo" (em nossa linguagem: **representação ideal**), Figueira pensa o contraste entre o arcaico e o moderno, não apenas enquanto modelos que fazem circular representações em oposição, mas também como "lógicas" que induzem efeitos diferentes na estrutura psíquica sobre o que nos parece ser da ordem do "modo de investimento". Ao tomar o sujeito do modelo hierárquico de família como um sujeito prisioneiro de uma "lógica arcaica", incorre numa fusão conceitual entre a lógica arcaica que governa as produções do inconsciente e a concepção ideal hierárquica de família. Contrapropomos que o ideal hierárquico é ainda um ideal e não uma "realidade de fato". Ou será a família dos anos 50 uma espécie de horda primeva ?

O ideal de família hierárquica - parece legítimo concluir que seja esse seu ponto de vista - induz **necessáriamente**, a uma relação obrigatória entre o "eu" e os "conteúdos ideais" do modelo.(5)

5.De acordo com Figueira: "Primeiramente, é possível distinguir dois tipos de regra: de primeiro grau e de segundo grau. Um exemplo de regra de primeiro grau é: No sinal vermelho, pare; no sinal verde, ande. Esse tipo de regra emana de uma autoridade exterior ao sujeito que incide sobre ele vinda de fora, determinando de fora o que ele deve fazer (deixando portanto em aberto a possibilidade do sujeito se rebelar, desviar da norma ou se contrapor à autoridade). Esta instância externa é, naturalmente, interiorizada, agindo dentro do sujeito como um externo-interno, como uma instância que o controla mas que pode ser manipulada, controlada e isolada ela própria. A regra de primeiro grau define o conteúdo do comportamento do sujeito (pare, ande), e este conteúdo tende a ser relativamente fixo. Entre a regra, o sinal e o comportamento tende a haver uma correlação, e a

Isso posto, o autor parece atribuir à modernização social uma positividade indiscutível. Ela não seria apenas o resultado de uma mudança no plano das ideologias dominantes enquanto **conteúdos**. A recente modernização social, parece produzir uma "subjetividade" historicamente inédita. Para além das mudanças visíveis de usos, hábitos, costumes e comportamentos, uma mudança em profundidade na organização intrapsíquica teria se operado. A liberdade de relacionamento intrapsíquico entre o "eu" e seus "ideais" seria uma novidade histórica, relativa à modernização do "modo de investimento" ou como diz Figueira, modernização do mecanismo psíquico. Este, que na vigência do modelo hierárquico era cativo da regra de primeiro grau, pode transformar-se influenciado pelo processo de modernização em um mecanismo comandado por regras de segundo grau.(6)

---

regra, com suas autoridades e dispositivos disciplinares, se realiza naquilo que é mais visível, em geral o comportamento. As regras de primeiro grau, que dão ênfase aos "códigos", são fundamentais para o ideal de família hierárquica. Regras deste tipo engendram um imaginário moral dicotômico e maniqueísta, com noções claras de certo e errado associadas a definições razoavelmente nítidas de desvio. Este imaginário moral baseia-se num imaginário espacial que distingue de modo simplista dentro e fora de categorias que são percebidas como intrínsecamente diferentes (por exemplo, homens com comportamento efeminado são desviantes porque, ao subverterem os marcadores visíveis da identidade masculina, não cabem nessa categoria e nem, óbviamente, na categoria mulheres). (Figueira, 1987 pag:25)

6.De acordo com o autor:**"A regra de segundo grau pode ser entendida a partir do seguinte exemplo: No sinal, quer ele esteja verde ou vermelho, pense e decida. Essa regra, que emana do exterior do sujeito, não define o que ele deve fazer, mas determina que um certo procedimento ou mecanismo de que o sujeito é capaz (pensar) entre em campo para decidir qual o melhor caminho a seguir. A possibilidade de rebeldia e confronto com uma instância externa ou interna é diminuída, pois essa tática de persuasão faz uma função e o próprio interesse do sujeito trabalharem a favor da regra, num processo que é caucionado pela própria idéia de liberdade. A regra de segundo grau não define, então, um comportamento com**

A modernização reativa seria efeito da "regra de primeiro grau" com conteúdo modernizado. Tem como característica converter os conteúdos identificatórios do imaginário da modernização social, em atributos a serem obrigatóriamente incorporados pela subjetividade. Sobre o "modo de investimento" na representação, diríamos que é passional.

A modernização verdadeira estaria na instauração do domínio da regra de segundo grau. A individuação, um processo fundado na opção, seria efeito da conversão de regras de primeiro grau em regras de segundo grau no plano do funcionamento do sujeito. Sobre o "modo de investimento" em representações em geral, digamos que é regulado pela vigência de um princípio, que interdita a produção de representações totalizadoras, garantindo uma distribuição e diferenciação do valor.

A analogia com os conceitos freudianos de processo primário e secundário não deve ser uma coincidência. Muito embora, na teoria freudiana, esses processos sejam, indiscutívelmente, integrados por regras de formação de enunciados, são também essencialmente governados por modos

---

conteúdo fixo e visível, mas incide no sujeito, no que é mais invisível, deixando a ele o direito de opção, que pode levar a comportamentos com conteúdos bastante variáveis. As regras de segundo grau, ao darem ênfase ao sujeito e não ao código (Foucault, 1984) são fundamentais para o ideal são fundamentais para o ideal de família igualitária . Regras desse tipo engendram um imaginário moral com mais espaço para negociação, variação e, dentro de certos liomites, relativização do desvio. Este imaginário moral, por estar associado a categorias cujas fronteiras não são mais percebidas como intrínsecas, acaba tendo como eixo a própria idéia de ligaçÃo, princípio universal, o indivíduo. No contexto das regras de segundo grau, a imoralidade é contrariar os princípios da ideologia individualista: respeito, igualdade, direito ao auto-desenvolvimento e etc..." (Figueira, 1987 pag: 26)

diferenciados de circulação do investimento libidinal, livre ou ligado, ou "modos de investimento". Não se tratando de modos de funcionamento independentes, o primário e o secundário são inconcebíveis sujeitos de um ou de outro processo. O primeiro seria pura paixão, caso essa lógica ou código implique em um "modo de investimento" e o outro seria uma "razão purificada".

IV. REPRESENTAÇÕES DE COISA E REPRESENTAÇÕES DE PALAVRA

Outros problemas apresentam-se onde o autor diz que quando é possível escolher, várias pessoas vão escolher conteúdos "arcaicos". Embora tenha enfatizado a ligação necessária entre os "conteúdos arcaicos" e o "mecanismo da regra de primeiro grau", quando analisou o modelo ideal hierárquico, não nos mostra contudo como é possível que um contéudo arcaico possa ser retomado pelo sujeito a partir de um mecanismo modernizado.

Retomamos, com o objetivo de tornar mais precisas nossas interrogações, a distinção proposta por Figueira (1985) entre três tipos de família, a hierárquica, a igualitária e a desmapeada. Para sustentar essa distinção, o autor alude a três princípios classificatórios, que governariam a percepção dos sujeitos de si próprios e dos outros, nos três modelos de funcionamento familiar.

O primeiro tipo de família é caracterizado pela percepção dos sujeitos segundo aspectos que fariam parte da sua natureza intrínseca e, portanto, seriam imanentes a própria realidade dos sujeitos. São princípios de

classificação que pertencem à experiência que cada sujeito partilha com milhares de semelhantes e têm origem na cultura de classe latu sensu. Crianças têm um status inferior nas decisões da família porque os adultos são diferentes/superiores. O lugar na família é fixado por características que fazem parte da realidade visível de seus membros: sexo/idade. Essas posições ocupadas pelos sujeitos seriam, do ponto de vista do autor, reificadas.

Pelo que pudemos entender, e traduzindo num dialeto que nos é mais familiar, essas representações não teriam o caráter de **representações ideais**, ainda que dominantes. Apresentam-se como se fossem da ordem da natureza mesma das coisas. São "representações-coisa" e não "representações-palavra" ? É por meio dessa aproximação entre o ideal hierárquico de família e o modo primitivo de representação, que somos induzidos ao desconhecimento de que o modelo de família hierárquico é também um ideal. No limite, o universo moral dos anos 50 não é simbólico.

Os princípios que norteiam a família igualitária fariam parte do patrimônio cultural num sentido mais restrito. Enquanto princípios percebidos como ideológicos fazem parte do acervo dos sujeitos pertencentes a um certo grupo social. **"São princípios percebidos como exteriores à realidade dos objetos, e têm origem num conjunto específico de conhecimentos (que aqui pode ser chamado teoria ou ideologia). O sujeito realiza a mediação entre esses princípios abstratos e sua aplicação concreta a este conjunto."** (Figueira, 1985, pag: 143)

O igualitarismo, ao contrário da hierarquia, seria uma ideologia, um princípio geral e abstrato que seria colocado em prática em cada situação específica com a contribuição dos sujeitos, enquanto agentes mediadores. No exemplo que nos oferece o autor recrudesce nossa dificuldade de acompanharmos esse raciocínio. **"Assim uma mulher de quarenta anos que se sente muito jovem veste as mesmas roupas, usa a mesma linguagem e procura algumas das experiências da filha de dezesseis anos que se sente muito moderna (enquanto na família hierárquica essa mulher teria que ser diferente da filha, porque é mãe, casada e mais velha)"** (Figueira, 1985: pag. 144)

Em que o paradigma igualitário é mais ideológico e menos concreto do que o hierárquico ? Pelo exemplo, um e outro expressam-se muito concretamente através do comportamento visível e dependem igualmente de mediação simbólica. Pois se no modelo hierárquico a "ideologia" dita que adultos e crianças são seres evidentemente iguais, uma mulher só terá como possibilidade - bem entendido, legítima - sentir que é diferente da filha e comportar-se de modo a expressar esse sentimento. Do mesmo modo, se a "ideologia" ou "referência ideal dominante" diz que todos são iguais apesar das eventuais "diferenças", então o único sentimento legítimo entre as mulheres que partilham a referência a esse ideal só pode ser o de identificação com a filha. Por essa razão, perde o sentido qualquer esforço de diferenciar os guarda-roupas, e qualquer comportamento diferenciador não deixará de ser percebido, seja pelo próprio sujeito, seja pelos outros, como dissonante com o ideal.

Não é compreensível, de vez que o igualitarismo, enquanto "ideologia" não é menos uma referência ideal do que a hierarquia, porque somente o primeiro produziria uma situação virtualmente instável: "igualdade formal entre pessoas diferentes", se não parece excluído pensar que a hierarquia produz, a seu modo, uma situação virtualmente instável ."hierarquia formal entre indivíduos eventualmente iguais".

Em nosso modo de entender, a explicação para as conclusões de Figueira é uma elisão conceitual: o narcisismo primário da teoria psicanalítica da constituição do sujeito. É essa noção que está no pano de fundo pelo qual o paradigma hierárquico surge como a ordem natural das coisas. A analogia entre o arcaico/hierárquico com o infantil/ego ideal governa implícitamente a construção da idéia de um sujeito da "modernização reativa". Este, inclusive, ao ser aproximado pelo "mecanismo" do "sujeito hierárquico" nos faz pensar que são ambos "remanescentes" do narcisismo infantil. Nem um, nem outro, foi destronado desse narcisismo primitivo, pois permaneceriam cativos da "nova ação psíquica" que os leva sistematicamente a projetar para fora do eu tudo que é ruim, desagradável, nocivo para si mesmo. Por que a referência ao ideal hierárquico deve ser cativa do modo de investimento característico do ego ideal ?(7)

7.Quer nos parecer que Freud é bem claro quanto à natureza dos ideais do eu () Esse ego ideal é agora alvo do amor de si mesmo (self-love) desfrutado na infância pelo ego real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual como o ego infantil se acha possuído de toda perfeição de valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de

Freud nos diz que é característico dos ideais que o eu admite para si que sejam idealizados, pois é da natureza do todo e qualquer ideal ser o substituto do narcisismo perdido. Do narcisismo, perdido, vamos reiterar. É ainda Freud (1914 pag.112) quem faz referência a dois procedimentos envolvidos no processo de constituição dos ideais: a idealização (seja na esfera da libido do ego, seja na esfera da libido objetal) e a sublimação.

A sublimação é um processo especial, estimulado pelo ideal, mas cuja excução é inteiramente independente de tal estímulo. Freud é bastante claro no sentido de que não é a natureza do ideal (igualitário, hierárquico ou qualquer outro) que induz a repressão (admitindo que quando Figueira fala de bloqueio do arcaico, e supressão, esteja como Freud se referindo à sexualidade infantil) e sim a incapacidade do sujeito de conferir aos seus impulsos um destino sublimado.

À despeito das evidentes analogias com conceitos psicanalíticos, a análise de Figueira não sustenta integralmente o referencial analítico, o que nos inspira algumas indagações. Acaso fará algum sentido supor que o sujeito do nosso passado recente, admitindo como referências ideais, a "hierarquia" e a "diferença" entre os sexos e as gerações, fosse por essa razão um neurótico incapaz de

---

sua infância; e quando , ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico , de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ideal do ego. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal. Freud (1914 **pag. 111)**

sublimar seus impulsos e esmagado pela "excessiva idealização" de seus ideais ?

Não podemos concordar integralmente com Figueira mas, admitimos, por outro lado, que a adesão a uma idéia, ideário, ideologia, é sempre, em princípio, da ordem da paixão. Aquilo que o sujeito "projeta diante de si" como sendo seu ideal é herdeiro de seu narcisismo primitivo. É por isso mesmo, que ao contrário de Figueira, não pensamos que a "verdadeira modernização" seja realizável. Quer nos parecer que essa é uma das utopias postas em circulação no processo de difusão da psicanálise. Nesta versão da teoria freudiana do sujeito, o famoso "Wo es war zoll ich werden" quer efetivamente dizer dizer que o eu, a racionalidade, o princípio de realidade, substituirão a irracionalidade do id.

A criança não morre e, por essa razão, alguns sujeitos entrevistados por Salem (1985) - como veremos em seguida - não poderão se referir à incompletude do ideário moderno senão pela adesão à paixão por um novo ideário. A modernização do mecanismo, "modernização verdadeira", não livra o sujeito do fardo da idealização. As observações de Figueira que conduziram a essa formulação - de uma modernização acabada - talvez pudessem ser referidas ao novo ideário que apaixonou o imaginário dos extratos médios: o ideal da singularidade. Um sujeito verdadeiramente modernizado seria um sujeito desideologizado, desapaixonado, consciente e optante. Como a sublimação é um conceito freudiano que diz respeito a uma inflexão pontual na vicissitude da pulsão, essa utopia sociológica de um sujeito plenamente sublimado não nos parece concebível. Por isso

preferimos pensar na hipótese de uma mudança no campo das representasções ideais da própria cultura da psicanálise.

A idéia de "modernização do mecanismo", ou de "reinado da opção", produz essa ilusão de que seria possível "atualizar-se" inteiro, destituindo definitivamente o "infantil". É possivel depreender das palavras de Figueira uma conclusão como essa:"...**a sucessão de ideais no processo de modernização, ao ser extremamente rápida, não dá ao sujeito a oportunidade de se modernizar realmente no seu funcionamento, nos seus conteúdos e na sua identidade" (Figueira, 1987, pag:29).**

Consideramos que a leitura desses conceitos pelo autor, muito embora não explicitada, funda-se numa particular compreensão da teoria psicanalítica do "eu ideal". Dizemos particular, porque a idéia de modernização verdadeira supõe sua definitiva superação. Pois a idéia de "reino da opção" identifica o "moderno" com um "puro "adulto". Aqui, intervém a idéia de "realidade" interceptando, no campo das representaçoes ideais, os efeitos da paixão. A lógica de construção das representações do mundo adulto conviveria, podemos supor, com a "impossibilidade da plenitude, investindo, "com o trabalho de elaboração", a incompletude. Qual incompletude, perguntamos, a do ideal ? O sujeito moderno abre mão da referência ao ideal? O ideal pode não ser idealizado ? As idealizações podem ser contingências idissincrásicas do livre jogo das pulsões, não guardando mais qualquer referência a uma "ideologia" coletiva ?

Pensamos que o reconhecimento da incompletude, na obra freudiana, fica referido à exigência de que, para recuperar

uma parte da auto-estima perdida, é preciso ir em busca da realização do ideal. Nada nesse percurso nos parece apontar para o fim do processo de idealização, quando muito para o seu deslocamento interminável.

V. MODERNIZAÇÃO REATIVA E "FALSA CONSCIÊNCIA"

A hipótese de uma modernização reativa ou "falsa modernização" tem alguma relação com o tratamento concedido ao dialeto do psicologismo ? Examinando os trabalho de alguns autores que tratam do processo de modernização no Brasil, é possível perceber uma indiscutível tendência a tratar do psicologismo como uma espécie de sintoma da falsa modernização. Um e outro, na verdade, quase que se equivalem. Freqüentemente, as pesquisas concluem pela falsidade ideológica do "sujeito moderno".

É possível fazer uma aproximação entre os conceitos de modernização reativa e o de "ideologia" como falsa consciência. Trata-se de uma adesão que é efeito de um fascínio fundado numa relação de dominação ou mais própriamente de paixão e que aliena o sujeito numa imagem do outro. Entretanto, a modernização reativa tem, de acordo com Figueira, duas ações: uma **positiva** e outra **negativa**. A ação negativa, como já indicamos, corresponde ao efeito bloqueador que a adesão do sujeito aos conteúdos modernos pode ter sobre os conteúdos arcaicos da sua "identidade". A ação positiva diz respeito à ilusão identificatória que a modernização reativa propicia ao desfazer imagináriamente as distâncias entre o "eu" e as representações ideais da modernidade.

A modernização reativa é falsa aparentemente em dois sentidos diferentes. A "ilusão" identificatória que sustenta a adesão do sujeito à modernidade e que o faz representar-se como idêntico ao seu ideal é susposta falsa pois não teria sido acompanhada de modificações efetivas no campo dos pensamentos e dos sentimentos desse sujeito e que teriam permanecido mais adequados ao modelo arcaico. Mas ela é falsa também num outro sentido: ela não tem **positividade**. Não lhe é suposta uma função antecipatória face a um projeto a realizar. O sujeito pensa que é algo que não é. A "ilusão" só é positiva, no discurso de Figueira, no sentido de "visível".

A questão da positividade é absolutamente crucial Afinal, Figueira supõe ao ideário moderno um valor efetivo de "modernidade" ? Moderno na sua teoria é um "mecanismo psíquico" ou é também um "conteúdo" ? O valor das **representações ideais** em si mesmas parece, por vezes, inteiramente dispensável. O conceito de modernização do mecanismo, aponta que a "verdadeira modernização" é a faculdade de "optar por "conteúdos" "arcaicos" ou "modernos", indicando que a natureza mesma daquilo que o sujeito vai assumir no processo de escolha é indiferente.

Assim, o ideário hierárquico é absolutamente comprometido com um mecanismo psíquico arcaico, mas o ideário moderno não traz consigo a automática modificação do mecanismo. Apresentamos resumidamente as colocações de Figueira para acentuar o que nos parece uma análise absolutamente cativa da sucessão dos acontecimentos mais recentes. O autor parece ter registrado com a mais que correta sensibilidade a inflexão que a retórica psicologizante sofreu entre os anos 60/70 e

80. Na alvorada dos anos 80 a paixão pela igualdade entre o sexos e as gerações vai ceder espaço ao valor hegemônico da diferença, que se manifesta através de um jargão da "escolha", da "opção", da "singularidade".

Admitir que essa retórica é mais moderna que a precedente é constatar uma sucessão histórica governado pela idéia de progresso. Chamá-la mais verdadeira que a precedente é não considerar os nexos que ligam as mudanças no imaginário social às inflexões no campo psicanalítico. Neste momento, é a direção assumida pelo imaginário da modernização social que forja a **representação ideal do sujeito singular**, colocando em crise o imaginário igualitário. O movimento próprio do processo de difusão da psicanálise é mais uma vez um dos poderosos artífices da nova **representação ideal**.

Essa inflexão do processo de modernização social manifesta-se claramente no interior do campo analítico, quando, na virada dos anos 80, a difusão do pensamento lacaniano vai colocar todos os psicanalistas sob a suspeita de não serem verdadeiramente analistas e sim psicoterapeutas à serviço das ideologias normalizadoras. A psicanálise que afirmou a hegemonia de seu saber face à opinião pública, na associação com a ideologias igualitárias dos anos 60/70, suspeita, nos anos 80, de toda vulgarização em nome da singularidade do sujeito.

VI.O PSICOLOGISMO COMO REPRESENTAÇÃO DE UMA REALIDADE IMPOSSÍVEL: A IDEOLOGIA X A REALIDADE

A inquietação com a natureza da modernização - a suspeita quanto ao seu verdadeiro alcance - orienta alguns trabalhos recentes de autores brasileiros e que relacionamos em seguida. Em todos eles está presente a mesma pergunta: - o que foi que mudou ? Presença que acusa a dificuldade de pensar a articulação entre as mudanças no plano da ideologia dominante com as que as acompanhariam no plano da subjetividade. Toda ideologia parece, por princípio, ser suspeita de fazer falsa representação. Ao mesmo tempo, há algo nessa noção que nos confunde porque, sendo representação, todos querem saber se os sujeitos concretos são ou não são idênticos a ela ? Poderiam ser ?

Todos os pesquisadores que vamos mencionar reconhecem a mudança de comportamento social associada à crescente preocupação com a esfera subjetiva em diferentes quadrantes da vida familiar. Será possível verificar que a função atribuída a retórica psicologizante é variável e vamos nos dedicar a explicitá-la. A dificuldade de incluir e tratar da difusão da psicanálise parece levar alguns autores a um sério impasse: "ideologia" **versus** "realidade de fato".

A tematização dos sentimentos, emoções, aspirações e desejos, protagoniza todos os eventos que outrora abasteciam-se de significação e importância nos veios da tradição, dos rituais, no manancial coletivo de significados. Eventos que, no passado recente, extraíam sua relevância do benefício que

traziam ao fortalecimento de laços de solidariedade familiar e social.

O sujeito contemporâneo manifesta uma inclinação a valorizar os momentos que, até recentemente, eram fortemente ritualizados e privilegiados para consolidar e renovar laços sociais (casamento, parto, puerpério) como oportunidades para expressar aspirações e desejos pessoais, eminentemente íntimas e privadas.

Nos trabalhos que se seguem a retórica psicologizante ou individualista, como pretendem esses autores, foi examinada em conexão com as experiências da gravidez, parto e puerpério, onde se verifica amplamente a privativação de esferas da vida outrora compartilhadas num segmento mais ampliado da vida social.

Salem (1985) analisou a "trajetória" de casais "grávidos", isto é, casais dispostos a tratar a gravidez de modo conjunto e compartilhado, revelando ambigüidades e revisões no projeto destes sujeitos. Entretanto, empenhados na recusa ao modelo de reprodução consagrado pelos casais dos anos 50, no momento do nascimento da criança, os "casais grávidos" - em diversos casos analisados - teriam sido levados não só a uma "suspeita" reaproximação com a família de origem, como também à reedição dos papéis tradicionais de pai/mãe, marido/mulher, até então duramente criticados.

A atitude do casal grávido, frente à experiência da gravidez, inspira-se, de acordo com a autora, na "ideologia individualista". É ela que justifica a necessidade de elaborar, na intimidade da vida privada do casal, as emoções, sentimentos e representações desse momento. O desejo de

superar a restrição natural que circunscreve no corpo da mulher a experiência gestação constitui-se no cerne da **representação ideal** da gravidez compartilhada.

De acordo com Salem, o projeto modernizante "fracassa" após o nascimento da criança. O retorno ao modelo "arcaico" é apontado pela autora em diversos casos pesquisados. Essa conclusão é extraída de alguns depoimentos que apontam para uma espécie de "revisão" do projeto inicial e que envolve básicamente uma "reaproximação com a família de origem" e "uma recondução do homem e da mulher aos papéis sociais tradicionalmente ligados ao gênero". O decepcionado retorno do modelo hierárquico foi entendido como expressão da "fragilidade" dos projetos modernizadores frente o peso da "realidade de fato" da permanência do arcaico na cultura. Por razões que não discutiremos nesse momento, mas que serão pensadas ao final desse capítulo, a autora convenceu-se de que essa revisão era menos "moderna" que o projeto original.

Porque será o modelo arcaico, a "realidade de fato"? No entender da autora: a) a realidade de que a criança é um elo da reprodução biológica e social e fortalece o dispositivo de aliança. A ideologia do casal grávido nega essa dimensão da "realidade de fato". Mas será o dispositivo de aliança uma "realidade de fato"? Se, por hipótese, a chamada "ideologia individualista" releva do dispositivo de sexualidade é menos uma "realidade de fato" ?

É por pensar assim que a reaproximação com a família de origem será tomada então como um dos índices de que a "realidade de fato" se impõe. Quando há um "**hiato entre o que foi idealizado na gravidez e o que é efetivamente implantado**

no pós-parto... instala-se uma demarcação mais nítida entre papéis femininos e masculinos e, ao mesmo tempo, torna-se mais visível o desacordo entre as 'necessidades' do homem e da mulher" (Salem 1985, pag:52). A segregação dos papéis femininos e masculinos também faz parte, assim, da "realidade de fato". Tomada por essa perspectiva, os dispositivo de aliança é "realidade de fato" e a ideolgia hierárquica não é uma ideologia e sim a natureza mesma dos vínculos familiares. A "ideologia individualista", por sua vez, é ideologia e não faz parte da "realidade de fato".

No artigo de Salem, porém, aparece outro sentido para "realidade de fato" que se liga a: b) a idéia de uma implosão ou de efeito de saturação que sobrevém à ideologia de casal grávido, tão logo seu projeto se consuma. **"Isto é, ela se instala quando existe, tanto por parte do homem quanto da mulher um intenso envolvimento com o bebê, e quando, além disso, o casal não conta com nenhum tipo de ajuda familiar."**

Há dois aspectos paradoxais em questão. Se a ideologia se consuma, o resultado, nas palavras de um dos informantes, é: **"o sufoco"**, a **"impossibilidade de estarem sozinhos"**, a nostalgia da vida **"a dois"**. Se ela não se consuma, **"há uma desilusão com respeito ao que fora projetado durante a gestação..."** Todos os arranjos parecem traduzir-se em algum tipo de insatisfação. A expressão cunhada por Salem define com rara felicidade qual é essa expectativa que não se realiza: a de **"um estado confusional à três"**.

A questão da oposição "ideologia x realidade de fato" reduz-se a que qualquer "realização da ideologia" mostra-se igualmente decepcionante. Sugerimos que a discussão teórica

dessa oposição deveria considerar justamente aquilo que essa expectativas contêm que não pôde resultar senão em "insatisfação". Afigura-se para nós um aspecto da ideologia que não foi ressaltado por Salem: o projeto do casal grávido deve assegurar uma "experiência satisfatória plena". Esse é o aspecto que todas as ideologias têm em comum: são totalizantes - de modo que é inútil procurar as razões de seu fracasso nas contingências do processo de modernização social. A ideologia escotomiza o essencial, ou seja, que nenhuma experiência pode oferecer satisfação plena. Essa é a "realidade de fato", do nosso ponto de vista, que é necessáriamente excluída da representação quando o investimento que o sujeito faz nessa representação traz a marca do "eu ideal".

Uma das informantes diz: **"A minha primeira gravidez foi romântica e idealizada.** Eu vivia conversando com o feto e achava que nunca mais ia poder viver sem aquela barriga. Já na segunda não tinha mais espaço para este tipo de delírio. Então foi uma gravidez mais chão, mais realista. Indiscutívelmente, sua fala já traduz uma captação da "realidade" numa linguagem que é cativa da difusão da psicanálise. Seu caráter psicologizante é inegável. Entretanto, em que residiria a diferença entre o psicologismo do projeto do casal grávido e o psicologismo que essa informante testemunha ?

É possível defender a hipótese de que o "projeto modernizante", na sua acepção pura, é a mais bem acabada expressão do "arcaico". Empregamos arcaico aqui no sentido de uma lógica que produz representações totalizadoras. Expressa-

se na linguagem da paixão. Tanto faz que seja "psicologizante" ou "coletivizante" que seja o "eu" ou a "família" o objeto cultuado. É indiferente se pensamos o "arcaico" como uma lógica, no sentido de um "modo de investimento", que o valor central da ideologia seja a hierarquia ou o indivíduo. Arcaico é um certo modo de investir representações.

A dificuldade de todas essas análises é que a passagem pelo "hierárquico" é uma condição inevitável na existência de todo sujeito. Não é possível vir a ser adulto sem que a dependência infantil condicione o essencial da visão arcaica: o excesso, o desejo de plenitude como efeito da estruturação hierárquica do mundo. Somente na medida em que o sujeito ocupou um dia o lugar de plenitude para um outro é que pode vir a desejar restabelecê-lo. É raro que a "realização do projeto" não se faça acompanhar de sentimentos de "desilusão" e até mesmo de um deslocamento da "coisa idealizada" para novas representações.

No trabalho de Salem, o dispositivo de aliança é tratado como parte da "realidade de fato". Confusão inevitável entre os valores da ideologia do passado recente de nossa sociedade - esta centrada no dispositivo de aliança e nas relações fortemente hierarquizadas - e o reconhecimento da dependência infantil da criança na família. Essa dependência, como sugere Nicolaci da Costa, condiciona uma representação hierárquica do universo familiar.

É preciso entretanto não confundir a ideologia hieráquica com a dependência primária da criança. Essa dependência existe e estrutura a lógica arcaica ou infantil mesmo quando

a ideologia é individualista. Hierárquico, arcaico e infantil, de um lado, individualista, moderno e adulto, de outro, são termos que induzem muitas confusões ao pensamento teórico, em função das coincidências organizadas entre eles pela recente associação do processo de modernização social com a difusão da psicanálise. Tais confusões resultam também que o pensamento teórico perca-se no psicologismo, dissolvendo a precisão seja de sua vertente sociológica e antropológica, seja de sua vertente psicanalítica.

Almeida (1986) analisa a "nova maternidade" ou a experiência da gravidez de mulheres que pretendem lidar com esse momento enquanto uma opção e não como uma obrigatoriedade. A gravidez das mães dos anos 50 seria uma espécie de **representação ideal negativa**, contra a qual as mães dos anos 80 organizam suas representações ideais. A experiência das mães dos anos 50 é percebida, pelas mães dos anos 80, como excessivamente dependente da autoridade do médico.

A experiência de gravidez dos anos 80 ou gravidez "alternativa" diferenciar-se-ia do modelo ideal precedente nos seguintes aspectos: a) quanto ao tipo de cuidado dispensado pelos médicos às parturientes na preparação para o parto, pelo caráter não autoritário - que se evidencia no acompanhamento individualizado do processo de gestação e intensa preocupação com a arquitetura íntima dos sentimentos que ligam os pais ao filho ainda em gestação; b) quanto aos sentimentos apropriados aos futuros pais, de que a gravidez é uma "opção" livre (a futura mãe deve acreditar que poderia ter "escolhido" não ter filhos) de que a participação dos

futuros pais no processo de gestação e no pós-parto é fundamental e de que a família de origem deve ser mantida a uma distância capaz de assegurar a menor interferência possível.

Os aspectos relacionados acima e apresentados como característicos da gravidez dos anos 80 foram percebidos pela autora como "reações ao modelo arcaico", e por isso mesmo julgou que seriam expressivos do tipo de modernização que Figueira chamou de reativa.

A análise comparativa da experiência de mães dos anos 80 revelou que a maternidade não era uma escolha livre, no sentido de que teria sido possível não optar por ela, e sim uma experiência que, sem deixar de ser obrigatória, foi sistemáticamente adiada, em todos os casos analisados, para torná-la compativel com as novas expectativas femininas no trabalho extradoméstico. O alcance modernizante da maternidade "como opção" foi relativizado pela autora. Haveria uma grande distância entre a "representação" que as grávidas fazem da sua experiência e aquilo que a observação sociológica permite concluir. A maternidade seguiria constituindo um aspecto crucial e necessário para a "identidade" da mulher.

Na "representação" que as mulheres-mães-de- 80 fazem de sua experiência, o papel da autoridade médica teria sido escotomizado. Ressaltando a continuidade entre o papel desempenhado pelos novos agentes especialistas em medicina e psicologia da gravidez, na produção da experiência física e psicológica da gravidez alternativa, Almeida conclui que laços intensos ligam essas mulheres a novas fontes e formas

de autoridade. Por essa razão, a autora propõe que a modernização dessa experiência é antes uma "**representação** ilusória" dos sujeito envolvidos no processo, do que uma realidade indiscutível. (grifo nosso)

VII.O PSICOLOGISMO COMO REPRESENTAÇÃO POSITIVA

Para Lo Bianco, o processo de modernização social descentrou a maternidade do lugar nuclear que ela ocupou na família tradicional, enquanto principal elemento definidor da "identidade" feminina. Hoje, o papel de mãe concorre com outros papéis também aspirados pela mulher sem que tenha perdido sua importância. Perdeu, isso sim, sua dominância. A experiência da maternidade teria tido o seu valor **resignificado**. O valor concedido à existência física e sobretudo psíquica do feto antes do nascimento cumpriria uma **função suturadora** na transição entre as representações "arcaicas" e "modernas" do papel feminino.

A psicologização do feto é percebida pela autora como um operador psíquico, pois importa num remanejamento do significado da relação mãe e filho e compatibiliza a maternidade com as novas aspirações e anseios. Recria a maternidade antes mesmo dela se concretizar, atribui-lhe uma importância e centralidade istanciando-a do significado que lhe era atribuído no **ideal de feminilidade** arcaico. Reduz a ambivalência da mulher decorrente da concorrência entre este e novos papéis sociais .

A "psicologização do feto" é uma nova "representação da infância" com amplos efeitos sobre as **representaçoes ideais**

do feminino, por causa de suas implicações para as representações de mãe e mulher. Cumpre um papel "positivo", pois sutura os "ideais" polarizadores do processo identificatório da mulher ao próprio sexo. As **representações ideais** do gênero feminino apoiam-se na psicologização latu sensu e, mais especificamente, na psicologização do feto para se integrarem.

A psicologização é proposta pela autora como algo dotado de "positividade". Não é ideologia no sentido de má consciência, de deformação, de reação, de engodo ou de ilusão que mente sobre a "realidade de fato". Também a "realidade de fato" não é tratada como "outra coisa", com relação às representações. É uma suposição, mas talvez implícito neste trabalho de pesquisa figure como pressuposto de que a "realidade de fato" não poderia ser idêntica à **representação ideal**. Admitindo a impossível redução do "eu" ao "ideal", é possível valorizar o "ideal" na sua positividade (de algo que o eu projeta diante de si) e pelo qual a "realidade de fato" é significada.

VIII. O IMAGINÁRIO MODERNO COMO EXPERIÊNCIA DE DISCURSO

Queremos propor, como instrumento de análise do pensamento desses autores, as categorias psicanalíticas de "eu ideal" e "ideal do eu". Vamos procurar entender, por meio dessas noções freudianas, porque enquanto uns falam da diferença entre a "realidade de fato" e as representações que o sujeito faz de si ou para si, outros parecem concebê-la como algo que, em princípio, não poderia mesmo ser soldado,

coeso, uno, monolítico , senão na ilusão teórica ou na crença empírica criada pelo conceito de "identidade".

Identificação ou identidade? Qual é o lugar das **representações ideais** no funcionamento intrapsíquico ? São "ilusões" ou têm um "positividade" ? É nosso ponto de vista e vamos distinguí-lo antes de iniciar nosso percurso pelo aparente paradoxo: são ilusões dotadas de positividade. São ilusões, na medida em que são **representações ideais** na exata dimensão de que são saturadas de investimento libidinal. São positivas, na exata medida do que Freud chamou de "estímulo" para o processo sublimatório.

Vamos retornar à comparação entre essas três abordagens e fazer algumas diferenças quanto ao valor concedido à retórica individualista ou como preferimos chamar, o psicologismo. Consideramos este último um dialeto da cultura psicanalítica e, portanto, o discurso da demanda dos sujeitos dessa cultura de conformar sua subjetivida às **representações ideais** ou ideais analíticos por ela veiculados.

O trabalho de Salem não atribui uma função positiva à retórica psicologizante. Esta é tratada como expressão da "ideologia individualista". Nas análises produzidas pela autora o **psicologismo** é uma linguagem que "representa" e veicula aquilo que os sujeitos pensam à respeito de suas experiências e seus projetos de transformação social. Assim, o **psicologismo** é tratado como a linguagem que veicula os valores e propostas codificados a partir do individualismo igualitário como **representação ideal** dominante num certo momento no imaginário da modernização social. Estaria, portanto, em desacordo com a "realidade de fato" que secunda

o nascimento do bebê do casal grávido e que "desmente" as ilusões alimentadas e veiculadas por esse discurso.

O discurso psicologizante acerca do bebê que vai nascer e da família que se quer construir veicula **representações ideais** de igualdade de papéis. Está em desacordo com a "realidade de fato" da incontornável irredutibilidade do papel de pai ao papel de mãe. O confronto entre as necessidades e expectativas do homem e da mulher após o nascimento do bebê desvelaria o caráter equivocado da representação que o casal faz de si.

A crise do "casal grávido" teria suas raízes na representação de casal nestes grupos. A ética da igualdade que domina sua agenda ideológica prevê que o casal se associe antes por suas semelhanças do que pelas suas diferenças. Os movimento individuais referidos à diferença sexual que emergem no período puerperal são identificados pelos atores como profundamente disruptivos em virtude do caráter contraditório com seus ideais.

A crise do casal é definida ainda como constitutiva da própria "ideologia individualista" : **"No contexto sócio-cultural onde o 'culto do eu' esboça-se como religião, o relacionamento entre o indivíduo (singular ou coletivo) com a unidade maior que o contém tenderá sempre a apresentar um cunho ambivalente, quando não conflitivo(...)Este dilema fundamenta-se no próprio caráter dual que a instância mais encompassadora manifesta em sua relação com as unidades que abarca , operando na fronteira tênue entre ser um preventivo contra a anomia a que estariam sujeitas as entidades modernas**

atomizadas e constituir um constrangimento à sua singularização." (Salem, 1983)

Discordamos de Salem quanto à natureza do conflito, pois este nos parece menos a resultante de uma oposição entre individualismo e holismo do que um enfrentamento entre duas retóricas igualmente individualistas e psicologizantes. Não tratá-las enquanto tal traz alguns embaraços para a análise do material dessas pesquisas. Coincidentemente, Salem, como Figueira, não registra essa inflexão recentíssima da "ideologia individualista" ou como preferimos, da cultura psicanalítica.

O individualismo igualitário no campo das relações conjugais está referido justamente a um ideal de funcionamento compartilhado. O fundamento da representação dos papéis sociais não diferenciados conforme o sexo e a aspiração à plena coletivização da vida dentro da esfera do privado cristalizam as expectativas de plenitude da vida amorosa. Enquanto **representação ideal** saturada de desejo, é romântica, absolutista, generalizante e passional.

A tensão se estabelece quando o ideal individualista igualitário cede terreno a uma outra versão do individualismo, comprometida com a defesa da singularidade irrepitível de cada um, para além de qualquer eventual semelhança. Individualismo da diferença, igualmente romântico nas suas pretensões, não menos desmedido, necessáriamente, nas suas exigências de satisfação.

Reiteramos nosso ponto de vista de que a despreocupação com as diferenças de retórica psicologizante no campo do individualismo obscurece as linhas tensão intra-código,

lançando a oposição que de direito se dá no território da própria ideologia para fora dessa órbita. A oposição enfatizada pela autora entre "ideal" e "realidade de fato" é a expressão, queremos crer, do insuficiente tratamento das tensões no campo da retórica do psicologismo.

Considerando o processo de revisão do projeto do casal grávido, Salem recolhe alguns depoimentos que testemunham a relação entre a "desidealização" do projeto inicial e "singularização" que se verifica quando a experiência da gravidez e do nascimento do primeiro filho expõe cada um dos participantes ao reconhecimento das suas necessidades singulares. A retórica psicologizante que constitui a representação ideal do casal grávido e que enfatiza o caráter totalizante desse projeto dá lugar a outra retórica que assinala as necessidades de um e de outro membro do par, distinguindo-as e elevando-as à condição de importância máxima. Individualismo da diferença que põe ênfase na a singularidade de cada um. O discurso sobre as diferenças entre por exemplo o nascimento do primeiro e do segundo filho ou entre as relações com a família de origem, antes e depois da primeira experiência de gravidez, indicam a substituição de uma concepção individualista por outra, que não é necessáriamente não-individualista.(8)

---

8. Quando apresentamos a cultura psicanalítica nos termos desses autores que a ela se referem como uma "ideologia individualista" não queremos com isso dizer que a teoria psicanalítica do sujeito é uma teoria individualista, de vez que o sujeito para esta teoria justamente não é "indivíduo". Queremos nos referir ao imaginário engendrado pela cultura psicanalítica que é indivudualista por oposição a holista ou a hierárquico e apenas nesse sentido específico aceitamos os termos dos autores que tratam o psicologismo como um discurso individualista.

O artigo de Almeida concentra-se na análise dos contrastes entre a maternidade dos anos 50 e 80. Tendo caracterizado o discurso psicologizante das mães de 80 como dissociado do "comportamento real" (uma vez que a escolha leva sempre e necessáriamente ao destino), Almeida enfatiza a importância que a relação da grávida com novos especialistas tem para a produção da experiência alternativa.

Essas pretensões, seja de liberdade frente ao destino tradicional feminino, seja de uma relação com a gravidez liberada da autoridade médica, são percebidas pela autora como uma retórica encobridora das reais continuidades com o modelo ideal "arcaico" do papel da mulher. O psicologismo, apreendido aqui na forma de uma retórica da escolha e da opção, recebe um tratamento semelhante àquele que é adotado por Salem. Nossos hábitos intelectuais resistem a abdicar da noção de ideologia em que pese a influência que Michel Foucault possa ter exercido. Representação encobridora, a ideologia funciona sempre a serviço do desconhecimento e da falsificação da "realidade de fato". Não é capaz de positividade, não funciona, não produz. É máscara que oculta e escotomiza a percepção clara e distinta da verdade .

A crença na opção, segundo nos parece, importa na dissolução de um certo tipo de coerção. Representa para o sujeito uma aquisição no plano da elaboração moral da maternidade. Que a questão de ser mãe ou não se desloque do plano dos mores, costumes e hábitos que não devem ser objeto de tematização, questionamento, incerteza ou conflito, para desembarcar no território livre da reflexão e do pleno direito à dúvida, parece constituir para esses sujeitos, um

"ganho em si". Nesse sentido, não faria parte da "realidade de fato" o "processo" pelo qual se decide pela conservação do valor atribuído à maternidade ?

O eixo de análise do trabalho de Almeida parece muito próximo da idéia de Figueira de modernização reativa. Supreendentemente - malgrado o "processo" pelo qual as mães de 80 aderem ao conteúdo "arcaico": ser mãe - as conclusões do trabalho não as reconhecem como "verdadeiramente modernas". E no entanto, seria possível dizer que o "mecanismo foi modernizado".

Paixão da liberdade ou da liberdade de optar quer dizer no dialeto do psicologismo o direito legítimo de acolher no campo da conciência e da experiência de si, sentimentos de incerteza, convicções adversárias entre si, desejos e aspirações contraditórios. Trata-se, fundamentalmente, de um ideal de democracia intra-psíquica. Que ao fim e ao cabo vença o costume ou a tradição é menos importante, ao que parece, que o sentimento que se aufere de "pensar" que se poderia ter decidido o contrário.

O artigo de Lo Bianco localiza esse aspecto com precisão ao valorizar a retórica psicologizante. Ao invés de tratá-la como algo que encobre, mascara, oculta a permanência da maternidade como valor central entre as referências identificatórias da feminilidade, a autora, neste trabalho, confere um valor positivo ao discurso psicologizante. Positivo no sentido proposto por Foucault em seus esforços para redefinir a noção de poder. Tomar o discurso em sua positividade é tentar apreender seus efeitos a partir da realidade que ele descortina, anuncia e constitui.

Lembramos, o psicologismo é um dialeto da paixão e desde a psicologia dos processo oníricos sabemos que o "sonho é realização de desejo" e que é característico do processos primários serem regidos pelo princípio do prazer e que é da natureza do desejo que se represente como realizado. A psicologização do feto é uma referência central para a constituição de uma **representação ideal** da maternidade cujos efeitos no plano da subjetividade não podem ser reduzidos à mera reação ao modelo arcaico. Enquanto "conteúdo", a **representação ideal** é um egente na "modernização do mecanismo". Sem esse remanejamento da representação da infância, o "mecanismo de opção" funcionaria do mesmo modo ?

A análise dos trabalhos citados revelou de um lado a presença de uma diversidade de representações da retórica psicologizante. Não encontramos nenhum registro, nenhuma observação dessa multiplicidade. A retórica da modernização social é acolhida em bloco e consequentemente essas diferenças não auxiliam o trabalho de análise. Pelo contrário, as diferenças de retórica são um obstáculo que induz os pesquisadores à concluírem pela falsidade da ideologia. Essa dificuldade diz respeito ao valor a ser concedido a retórica psicologizante, se ela será captada enquanto efeito encobridor, bloqueador dos conteúdos identificatórios arcaicos ou se será entendida a partir da sua possibilidade efetiva de mediatizar o trânsito do investimento de uma representação à outra "instituindo" o processo pelo qual a mudança pode vir a se dar. Os trabalho de Lo Bianco e Almeida são exemplares de cada um desses enfoques.

Para Almeida, o discurso psicologizante tem um papel diferenciador e é uma peça estratégica na reação dos sujeitos que aspiram realizar os ideais modernos, contra o "retorno do arcaico". Este aspecto se verificaria através da posição adotada pelos profissionais encarregados de promover a experiência alternativa da gravidez, de vez que manejariam a retórica igualitária e anti-hierárquica para demarcar as fronteiras com relação ao modelo médico tradicional. Esta mesma retórica caracterizaria a estratégia de reação das grávidas com relação ao modelo de maternidade de suas mães.

O sucesso do novo modelo de relação médico-paciente advém da **elisão** da inevitável continuidade com o modelo anterior, de vez que a retórica igualitária e individualista oculta a permanência da **hierarquia**. Esta se manifesta através da posição de pacientes que cabe às gestantes continuar ocupando. A submissão à apreciação e ao exame profissional dos que detêm o saber e o pagamento pelos serviços por eles prestados são, no entender da autora, a expressão visível da continuidade.

O "alternativismo" é um conjunto de saberes e práticas sobre o corpo da grávida e sobre a experiência emocional da gravidez que é enfeixado por uma retórica psicologizante. Nesta retórica, a psicologização do feto faculta à mulher harmonizar a gravidez (conteúdo arcaico) com a representação igualitária dos sexos (conteúdo moderno). Quando a paixão da igualdade entre os sexos dá lugar à valorização dos indivíduos, desaparecem uma série de linhas de tensão do momento histórico anterior. A redefinição da gravidez permite assimilar a "diferença entre os sexos" subordinando-a à

hegemonia de uma concepção igualitária. Homem e mulher, adulto e criança, são diferentes entre si anatômicamente, mas são idênticos enquanto indivíduos psicológicos no sentido mais amplo. As diferenças nesse terreno são entendidas como singularidade e guardam "idealmente" uma relação, necessáriamente, problematizada e reflexiva com a diferença anatômica.

A elisão da hierarquia necessária ao funcionamento de uma relação de serviço do tipo médico-paciente é efeito da paixão do igualitarismo, como **representação ideal** da liberdade que assola o imaginário social desde os anos 70. Não existe portanto qualquer diferença entre o fascínio que toma conta do casal no desejo de igualdade, ou qualquer outro, seja ele da gravidez, do feto, da criança, ou de "si mesmo". Não houve erradicação da concepção igualitária, mas o surgimento no final dos anos 70 de uma acentuação singularizante na ideologia individualista, modifica as **representações ideais** de inspiração exclusiva neste paradigma.

Figueira parece ter-se aproximado de valorizar esse efeito da paixão no que chamou de a dimensão positiva da modernização reativa, qual seja, a "ilusão identificatória". A "reação ao arcaico" nos parece ser a linguagem universal da "super-valorização" de qualquer código que aspire a exclusividade do investimento. A decepção que Salem constata acompanhar o nascimento da criança na trajetória do casal grávido não nos parece o efeito da modernização insuficiente e da não dissolução das formas hierárquicas de organização familiar e sim a conseqüência de que a "paixão" que funda esse projeto não é eterna.

Vamos admitir, por hipótese, que a modernização reativa seja o conjunto dos efeitos resultantes da adesão do sujeito a uma ilusão identificatória. Ao se representar como idêntico ao seu ideal, de sujeito moderno, igual a todo e qualquer outro sujeito, necessáriamente são escotomizados os aspectos da própria subjetividade e da relação com o outro que apontam a continuidade com o mundo hierárquico. Essa continuidade não é necessariamente uma continuidade fundada na adesão "antes recalcada e agora reconhecida" a outro código mas, como já afirmamos, o sinal de uma mudança no investimento. É a noção chave de liberdade que migra da **representaçao ideal** do igualitarismo para a **representação ideal** da diferença de desejo entre sujeitos iguais no plano da cidadania.

Os efeitos bloqueadores do arcaico ou negativos, como a eles se refere Figueira, são a expressão do desconhecimento daquilo que no plano da subjetividade, seja como referência identificatória, seja como desejo, testemunha a história de outros valores, crenças e sentimentos. Sua análise elide, entretanto, que o arcaico não se reduz às representações forjadas pelo modelo de família dos anos 50. O arcaico tem origem num passado onde o sujeito, necessáriamente, ocupou outras posições na organização familiar diferentes da que ocupa ou aspira ocupar no presente. Do ponto de vista do "modo de investimento" é disso que se trata.

O vínculo que liga o sujeito ao código hierárquico, do nosso ponto de vista, é menos um acidente associado a período histórico em que foi socializado e muito mais uma contingência inevitável de que todo adulto foi um dia criança. Por mais igualitárias que as relações dos adultos

com as crianças aspirem ser, não é possível contornar a dependência infantil.

É por essa razão que preferimos valorizar o hierárquico ou arcaico como referido ao infantil. Arcaico então é um certo tipo de investimento que se associa à inevitável passagem pelo "hierárquico" que não se perde, pois se reedita a cada vez que uma representação é investida de desejo. A adesão aos conteúdos modernos pode ser efeito do mesmo tipo de investimento que sustenta a adesão às representações do mundo infantil.

Se tomamos o trabalho de Lo Bianco como a expressão da concepção positiva do psicologismo, é porque pretendemos articulá-la conceitualmente à questão da modernização verdadeira. Seria preciso pensar na possibilidade considerada pela autora de que a retórica psicologizante, em alguns contextos, e através de algumas categorias suturadoras, ultrapasse a oposição entre arcaico e moderno, constituindo-se num referencial identificatório que moderniza porque harmoniza aspirações fundadas em cada um desses modelos. O "conteúdo" desempenharia seu papel na "modernização do mecanismo".

Em que sentido pode-se dizer que a psicologização do feto **moderniza** porque **harmoniza** aspirações e papéis femininos contraditórios? Porque essa **harmonia** promovida pela psicologização do feto é percebida como mais **moderna** ? A aproximação com a idéia de Figueira de "mecanismo da opção" é transparente, pois essa noção assenta-se no sentimento experimentado pelo sujeito de tolerância frente a desejos e aspirações fundados em dois códigos sociais distintos. A

harmonia entre os conteúdos arcaicos e modernos é o aspecto valorizado, por um e outro autor, para conceituar modernidade. O valor implícito da singularidade do desejo governaria a produção desses conteúdos harmonizadores.

Para Lo Bianco, não é o conteúdo da gravidez alternativa, representado pela psicologização do feto, que é moderno por si e sim o efeito que ele tem sobre a modernização dos papéis femininos. Se, num certo momento da biografia da mulher, a maternidade, como aliás constata Almeida, é percebida como um embaraço para a sua profissionalização, de acordo com Lo Bianco, a psicologização do feto ao investir a gravidez de novos significados, harmoniza-a com o trabalho extradoméstico.

O conteúdo da representação de "filho" e da representação de "mãe" importa no reconhecimento da singularidade de cada um. A singularidade de cada um justifica e legitima que o pleno e melhor exercício da função materna dispense a exclusividade da dedicação à criança. O conteúdo novo da representação de feto é essencial portanto do ponto de vista da autora para que o sujeito alcance a tolerância na convivência entre o moderno e o arcaico.

CONCLUSÃO

O campo psicanalítico foi tratado como um todo articulado que inclui: produções teóricas diversificadas e práticas clínicas que definem a direção da cura segundo princípios diversos, instituições de transmissão com perspectivas diferentes entre si da formação do psicanalista, e também uma dimensão menos explorada desse campo embora não menos essencial ao seu funcionamento que são as versões hegemônicas desse saber e de suas práticas tal como vêm a ser difundidas entre o público leigo. Dizemos que a difusão da psicanálise é uma dimensão essencial e constitutiva do campo psicanalítico porque é por meio dela que a demanda de psicanálise, de sue saber e de suas práticas ganha uma forma própria, particular e específica que são os ideais analíticos, suas versões ou **Weltanschauugen.**

As versões ou **Weltanshauungen psicanalíticas** conformam todo um imaginário de representações ideais desejáveis porque investidas de uma promessa de felicidade. Em que pesem as dúvidas de Freud quanto à "inexistência no programa da criação de uma determinação de que o homem seja feliz", é Lacan quem afirma "que não escapava à Freud que a felicidade é para nós, o que deve ser proposto como termo a toda busca, por mais ética que seja". As versões da psicanálise difundida no público leigo bem o testemunham, pois associam-se diferentes representações ideais do que seja o bom e o belo,

de como fazer para alcançá-las e não ser neurótico, reprimido, auto-agressor, e sim um sujeito feliz.

Freud aliás parecia estar completamente consciente desse destino da teoria psicanalítica e em vários momentos em sua obra ele nos dá testemunho dessa sua preocupação. Em 1925, por exemplo, Freud diz:**"Muitos autores tem dado ênfase à fraqueza do ego em relação ao id e aos nossos elementos racionais em face das forças demoníacas dentro de nós, e exibem forte tendência para transformarem o que eu disse em pedra angular de uma Weltanschauung psicanalítica."**

"A questão de uma **Weltanschauung** psicanalítica" se apresenta usualmente como distorção da atitude de receptividade ao imprevisível, ao desconhecido e à incerteza que deveria marcar a atitude com relação ao seu saber. A compulsão à síntese, à unificação, à esquematização, à simplicação induziriam necessáriamente à produção de **representações ideais** de sujeito com consequências sobre a direção da cura e a própria produção de conhecimento. De acordo com Lacan, essas representaçoes às quais chamamos, representações ideais são como que "algo harmonioso", expressão da "presença plena" do analista no campo de uma ciência das virtudes, que obstrui a técnica de desmascaramento. A higiene do amor, o ideal de autenticidade e a profilaxia da dependência são as representações mais cotadas entre os ideais analíticos, de acordo com Lacan.

Minha perspectiva desse problema não foi a de perseguir essa direção enunciada por Freud. Quís, isso sim, estabelecer um contraponto nessa discussão que não é uma oposição global ao ponto de vista freudiano. Quando buscamos o vínculo entre a difusão da psicanálise no público leigo e a constituição de uma demanda é justamente para relevar a positividade dessas **Weltanschauungen** que, pela produção de **representações ideais** de sujeito fabricam como que pontos de captação imaginária da cura analítica, os ideais analíticos de que falava Lacan no seu seminário sobre a Ética, efetuando uma certa amarração do investimento dos sujeitos concretos sobre o dispositivo analítico e sobre a psicanálise como saber.

E se adotamos esse ponto de vista, é porque acreditamos que no percurso do movimento psicanalítico, inevitávelmente essa teoria toma determinadas formas ou versões e que entre elas, algumas exercem uma certa hegemonia seja no campo profissional, seja entre o público leigo. É forçoso reconhecê-lo e é justamente do reconhecimento deste fato que toda uma obra como a de Lacan pode aspirar "retornar a Freud" e nessa releitura retomar o sentido mais genuíno de seu pensamento, resgatando - em suas próprias palavras - "a virtude alusiva da interpretação que deve reencontrar o horizonte deshabitado do ser".

Certamente, tenho sido lembrada e mais de uma vez, por aqueles que me escutam de que a demanda de análise é tributária antes da angústia do que dos ideais analíticos e que seria uma leviandade referir suas fontes, como eu faço, a

difusão da psicanálise à uma produção de referenciais estéticos, modelos identificatórios, **representações ideais** de sujeito e de modos de subjetivação. Sem ser conclusiva a esse respeito, e admitindo que essa senda foi muito pouco explorada nesse trabalho, confesso que algumas vezes me interroguei sobre as mudanças na cultura, inclusive aquelas produzidas pela cultura psicanalítica, e a produção da angústia, do sofrimento psíquico e do conflito identificatório. Essa questão foi apenas indicada em meu trabalho, mas acredito que se seguimos os passos da reflexão de Freire Costa em "Sobre a a Geração AI-5", à propósito da cultura do narcisismo, que como ele a define **"é um conjunto de ítens materiais e simbólicos que maximizam real ou imagináriamente a Ananké forçando o Ego ativar paroxísticamente os automatismos de preservação face o recrudescimento da angústia de impotência."** e incluirmos entre os ítens simbólicos, a difusão da psicanálise na constituição dessa cultura, talvez possamos localizar entre os efeitos dessa cultura psicanalítica, a densificação do desamparo e daí a demanda de subjetivação pela psicanálise. Penso nas palavras de Lacan na "Direção da cura e os princípios de seu poder" sobre **"as almas que se extravazam na ternura mais natural e que chegam a perguntar-se, se satisfazem uma normalização delirante da relação genital - fardo inédito que, à maneira daqueles que o Evangelho amaldiçoou, nós (ele quer dizer nós psicanalistas) amarramos nos ombros dos inocentes."**

Constituir-se como sujeito da cultura psicanalítica, talvez seja alguma coisa absolutamente necessária e vital para os sujeitos de alguns grupos sociais, sem o que estariam expostos a uma das fontes do "desamparo" enunciadas por Freud em "Mal-estar na Civilização": **"aquela que nos ameaça a partir de nosso relacionamento com os outros homens"**. E com relação a qual nos adverte: **"O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro. Tendemos a encará-lo como uma espécie de acréscimo gratuito, embora ele não possa ser menos fatídicamente inevitável do que o sofrimento oriundo de outras fontes."**

Em razão dessas e de outras reflexões admitimos plenamente o ponto de vista de Figueira, quanto à difusão da psicanálise no Rio de Janeiro, ter alcançado um grau de saturação que justifica que se fale numa "cultura psicanalítica", acrescentando que desde o início dos anos 60 uma certa sucessão de versões hegemônicas desse saber, confere a essa cultura um certo número de particularidades, em razão das quais seria mais apropriado falar em culturas da psicanálise.

Meu trabalho centrou-se portanto numa análise comparativa entre o imaginário pré-psicanalítico e as culturas da psicanálise. Dizemos culturas e não cultura porque entendemos que a análise dos artigos e colunas de aconselhamento de inspiração psicanalítica, constante em revistas femininas é revelador de pelo menos duas culturas psicanalíticas. A primeira delas foi orientada pelo par pulsão sexual/repressão

sexual, que deu lugar a um imaginário da modernização social. Por imaginário da modernizaçào social, entendemos um conjunto de representações ideais de masculino, feminino e relacionamento entre os gêneros, fundado numa concepção igualitária dos papéis sociais. É possível, que os ideais analíticos, do amor genital, da autenticidade, e da profilaxia da dependência, aos quais Lacan se refere, tenham nessa cultura sua melhor expressão. Esta, não é, entretanto, a única cultura da psicanálise. Recentemente, na virada dos anos 70/80, surge uma cultura que tem como horizonte a pulsão de morte, e cuja tematização privilegiada é o narcisismo e as vicissitudes da auto-agressão, auto-destruição ou auto-desvalorização. A obssessão com o fantasma do reprimido, característica da cultura da modernização social, deu lugar à preocupação com o sentimento de culpa e suas vicissitudes. Nessa cultura, o único ideal é a singularidade irrepetível e os obstáculos à "assunção" desse ideal, são da ordem do sentimento inconsciente de culpa e não da repressão dos impulsos sexuais.

Cada uma dessas **Weltanshauungen** psicanalíticas, engendraria uma retórica psicologizante particular, porque centrada em **representações ideais** de sujeito diferentes. A essa retórica chamamos dialeto da demanda - discurso pelo qual descortinam-se os objetos socialmente construídos de demanda - desde que se considere, como faz Lacan, que não há como fazer psicanálise sem passar pelas vias da psicologia, o que é uma maneira de declinar qual é a relação entre o desejo e a demanda.

Sobre a cultura psicanalítica da modernização social, o essencial dela, é o pesado investimento contra as representações ideais de feminilidade, masculinidade, e relacionamento entre os sexos que se fizeram ideais nos anos 50. A ordem familiar destes anos 50, com seus papéis segregados de acordo com o gênero foi reduzida no novo campo de representações ideais a nada menos que uma organização produtora de neuróticos. O homem infiel, a mãe abnegada, a mulher infantil, caprichosa ou esperta são as imagens mais frequentemente associadas com o casamento de papéis segregados. O trabalho extradoméstico da mulher e uma nova moral sexual serão as expressões concretas de um ideal de autenticidade construído na obssessão de colocar em discurso, da igualdade entre os sexos e as gerações sob o espectro da repressão. A demanda de falar, de pela fala constituir-se como sujeito autêntico, é uma produção da cultura psicanalítica. Ainda uma vez evoco Lacan em "A Direção da Cura e os Princípios do seu Poder" que diz que essa demanda **"não é nem mesmo dele"** (do paciente), **"sou eu"** (o analista) **"quem lhe oferece falar. Conseguí em suma, o que no campo do comércio comum seria desejável realizar tão fácilmente: com a oferta criei a demanda".**

Essas problematizações inspiraram-se no confronto entre os escritos de Carmem da Silva, psicanalista cujo trabalho se desenvolveu na revista Cláudia entre os anos 60 e 80 e a consultora Olga Mayo, que na primiera revista feminina, a Lady, durante nos anos 50 respaldou seu trabalho de

aconselhamento psicológico, por meio da grafologia, no imaginário tradicional de representações do feminino, masculino e relacionamento entre os gêneros.

Encontrei em alguns trabalhos sociológicos e antropológicos a correta identificação dessa cultura da modernização social. No trabalho de Almeida (1986), são retratados seus aspectos "reativos" às representações tradicionais. Noutros trabalhos, como o de Salem (1985) é também produtora de representações de masculino, feminino e casal, de referenciais identificatórios igualitários, que configuram uma nova moral sexual e novos padrões éticos estéticos. Os projetos modernizadores são enfocados no conflito e não na "reação" aos valores e comportamentos tradicionais. Lo Bianco (1985) identifica entre as novas representações, a positividade da sutura entre o imaginário tradicional e o imaginário da modernização social. Seu trabalho apontou claramente, alguma coisa que eu já suspeitava na leirura de Salem, o advento de um novo imaginário, o da singularidade. Este novo imaginário foi detectado também por Figueira, que não indicou, entretanto, por que representaçào ideal seria regido, fazendo crer que a modernidade instaurava o fim das representações ideais coletivas e o advento de um "reinado da opção" ou de uma "modernização do mecanismo psíquico da escolha" equivalente a uma modernização absoluta ou verdadeira.

Ainda nos anos 70, minha análise de outra publicação também registrou essa mudança. Considero-a entretanto, como

uma inflexão da própria cultura psicanalítica. Em meados dos anos 70 já começa a se esboçar a desconstituição do imaginário da modernização social. Uma nova cultura psicanalítica, ao mesmo tempo que diagnostica o mal estar narcísico nos artigos e colunas de aconselhamento da revista Nova, já não assegura que as **representações ideais** da igualdade entre os sexos e da não segregação dos papéis de gênero reunidos por Carmem da Silva - sob o signo da autenticidade - sejam bastante poderosos contra os sentimentos auto-destrutivos.

No plano das **representações ideais**, assistimos a uma pluralização dos referenciais identificatórios, ou para fazer uma apropriação do que diz Figueira, um imaginário do "reino da opção". A mulher liberada, referencial identificatório assíduo nas páginas dessa revista é fundamentalmente uma mulher que não tem compromissos com os ideais da modernidade e em certa medida pode expressar sua "liberação" pela via de papéis sociais antes, nos anos 60/70, identificados como repressivos, neurotizantes ou masoquistas. Ela já não teme a opressão, na relação entre os sexos, nem a repressão sexual mas, vive às voltas com a indecisão, a insegurança, a auto-censura, a auto-agressão e de acordo com os consultores especializados é vítima do sentimento inconsciente de culpa.

Essas mudanças penso eu, foram registradas em pesquisas sociológicas por vários autores e deram margem a diferentes tentativas de interpretação. Entre essas pesquisas, as de Salem sobre casais grávidos, constataram através de

entrevistas o malógro dos projetos de modernização. E nos pareceu que suas entrevistas poderiam sugerir outras leituras, especialmente tendo em conta aquilo que a análise do material de revistas femininas indicava. Uma primeira questão problemática é a decepção com os projetos de mudança expressada por alguns entrevistados. Esta decepçào, se observada de um outro ponto de vista, não parecia ter relacão com o malogro do projeto de mudança em si, posto que este muitas vezes, concretizara-se. Pareceu que se tratava muito mais de algo da ordem da experiência de satisfação que essa concretização trouxe, muito menor do que a satisfação esperada. Assim, sujeitos que nos anos 70 projetaram tornar-se modernos de acordo com o imaginário da cultura psicanalítica da modernização social, mostraram-se insatisfeitos com a satisfação obtida e não necessáriamente com a materialidade da mudança realizada. A pergunta que me ficou da leitura dessas entrevistas foi algo como: trata-se somente de decepção, ou o relato da decepção, do malôgro do projeto modernizante dos casais igualitários, já está referido à uma mudança na ordem das representações ideais. Estas, na aurora dos anos 80 já migravam do mito igualitário para o ideal da singularidade e da diferença.

Do ponto de vista dos entrevistadores, os projetos de modernização social não passaram de "ilusões". A realidade de fato da inércia das construções tradicionais da diferença de gêneros e da organização familiar, teria se insinuado entre os projetos modernizadores evidenciando-se como uma "revisão" ou retorno às representações tradicionais.

A dissociação no ponto de vista do entrevistador entre a "realidade de fato" (algumas vezes percebida como os papéis tradicionais associados com o gênero) e a ideologia chamou minha atenção num sentido muito preciso - do meu ponto de vista - o fato de que o sujeito esteja capturado pelo imaginário da modernização social constitui um fato, que tem positividade em si. A positividade aqui, é positividade no sentido de inserção num certo imaginário, independentemente de quanto as práticas concretas pelas quais o sujeito realiza essa relação a um ideal lhe pareçam satisfatórias ou não. As chamadas "revisões" dos projetos modernizantes, se consideramos a inserção do sujeito num certo imaginário e suas decepções face a "satisfação esperada", aparece sob um fundo regulado por uma nova representação ideal, a da singularidade. As revisões dos projetos modernizadores, sob essa nova ótica, seria melhor dizer sob essa nova ética ou estética, articulam-se a um novo imaginário regido pela noção de diferença ou de singularidade.

É preciso mencionar, que essa observação me ocorreu com a leitura do artigo sobre "A psicologização do feto" de Lo Bianco, quando ela postula que essa extensão ao feto, da representação da infância cumpria um papel suturador entre as representações tradicionais do papel social da mulher e aquelas trazidas pela modernização social. E isso me levou a pensar que a distinção proposta por Figueira entre modernização reativa e modernização verdadeira podia ser percebida como ordenada entre duas concepções de sujeito, uma

referida aos anos 60/70, ou o sujeito da modernização social e outra referida ao sujeito da cultura do narcisismo, cujo ideal de si é a própria singularidade irrepetível, sua diferença. As "revisões de projeto" de que fala Salem me pareceram, desde então, verdadeiras redefinições no sentido apresentado por Lo Bianco. Trata-se na "revisão" de produzir a sutura. Trata-se de engendrar representações harmonizadoras de conteúdos pertencentes aos universos de representações tradicionais e modernas. Acrescento que essas representações harmonizadoras são orquestradas pelo psicologismo ou **Weltanschauung** psicanalítica da diferença ou da singularidade. Nesse sentido, a cultura psicanalítica centrada na diferença não é "retorno" ao universo de representações arcaico. Ao contrário, como atestam vários depoimentos, a inclusão de algumas representações tradicionais, na pauta dos valores cotidianos de sujeitos cujo projeto era uma "revisão" do moderno, articulava-se em torno de uma nova representação ideal, a do sujeito singular.

Essa leitura das mudanças no campo das representações ideais desse período, diverge da de Figueira, na medida em que não diríamos que se trata de verdadeira ou falsa modernizaçào e muito menos de que o sujeito da "revisão do projeto" é um sujeito do "reinado da opção". Isso porque, esta expressão indica um imaginário sem uma representação ideal dominante". Ao contrário, reconhecemos um novo ideário onde supostamente se trata do fim dos ideários. O sujeito da subjetividade singular, única, irrepetível, o sujeito da cultura psicanalítica do narcisismo é um novo ideal.

A questão aqui é a da positividade da ideologia, de sua ação concreta sobre o sujeito e retomando o Foucault da "arqueologia do sujeito" penso ter encontrado os fundamentos para a captação da "cultura psicanalítica", suas **Weltanschauungen**, suas versões e suas representações ideais, mas também suas práticas, como um campo cultural capaz de prover referenciais identificatórios e modos de subjetivação que são diferentes, na exata medida em que as representações meta são outras.

Certamente todo o percurso de Foucault, desde o volume I da História da Sexualidade foi reinventado nessa releitura, onde sugerimos algumas aproximações com a trajetória dos conceitos freudianos. Trata-se de uma mitologia e como tal não deixará de ser uma leitura fantástica do percurso de Foucault. Pois aquilo que Foucault nos legou como uma "analítica do poder" e que fundamenta sua teoria de que ideologias não são "ilusões" pois tem a positividade de constituir domínios de conhecimento e de prazer, bem como os sujeitos desses novos domínios. Esse conceito tem a mesma abrangência que a pulsão na rede dos conceitos freudianos. Se esse conceito permite a Freud multiplicar os domínios do que é sexual, a representação de poder concebida por Foucault quer multiplicar a localização do político, ultrapassando a associação com o Estado e seus aparelhos ideológicos. O corpo social, por analogia ao corpo erógeno de cujas fonte a pulsão extrai suas forças é constituído e atravessado por

correlações de forças que testemunham a pervasividade do poder e sua erogeneidade política .

Dizer que o poder não se reduz à interdição da lei, que o poder não é uma instância transcendente que obriga cada um a renunciar a uma parcela de seus direitos naturais, mas é uma resultante pontual e permanentemente móvel das correlações de forças entre indivíduos ou grupos é afastar-se de uma captação freudo-marxista do pensamento freudiano. Como a de Reich, por exemplo, visto que seu Freud é aquele de "Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna". É retomar o Freud do traumatismo em dois tempos, para quem o recalque tem como efeito a sexualização de novos domínios. Penso que essa articulação com o pensamento freudiano pela oposição entre pulsão sexual e pulsões de auto-conservação inspira as teses de Foucault nesse período. Construí esse ponto de vista, sobre a convicção de que sua pretendida arqueologia da psicanálise tinha como alvo a cultura psicanalítica da modernização social e suas oposições quase puerís entre indivíduo e sociedade, sexualidade e repressão.

Os volumes II e III dessa história da sexualidade refletem uma nítida mudança de ponto de vista do seu autor. Não são a continuação de uma arqueologia da psicanálise, penso eu. São a pesquisa de uma arqueologia do sujeito, que pudesse localizar a constituição histórica do sujeito do desejo, digo do desejo e não da sexualidade, de vez que essa última guarda relações com o dispositivo médico-psiquiátrico, enquanto que o "homem do desejo" liga-se à experiência cristã

da carne. Nessa arqueologia a experiência de prazer e as experiências sexuais teriam sido desde a antiguidade greco-latina a matéria prima de toda elaboração ética e estética da subjetividade. Mais além do código jurídico que delimita o permitido e o proibido, o homem fixou para si mesmo um certo conjunto de ideais e submeteu-se a uma ordem de privações voluntárias de modo a alcançar o domínio de si, que é de ordem ética e subjetivar-se de acordo com certos ideais estéticos.

O poder não é aqui o que constitui o sexual e sim o que constitui o sujeito ou diferentes sujeitos - sejam eles sujeitos de seus atos ou sujeitos de desejo -, por referência a saberes e práticas diversos que fazem o modo de subjetivação. Eu me pergunto, se o poder ainda é - nessa mudança de trajetória - o análogo da pulsão sexual ? Eu me pergunto, delirando muito, se o sujeito de seus atos, o sujeito do "domínio de si", que é o antecessor do "homem do desejo" não coloca como hipótese arqueológica a representação unificada de si, o domínio de si, o narcisismo, em anterioridade com relação ao amor de objeto?

A pulsão no âmbito da constituição do sujeito narcísico não seria antes da ordem da pulsão de morte ? A questão para Foucault naturalmente não é essa, seu problema é reponder porque o homem se priva de uma satisfação, porque ele se impõe uma experiência desprazeirosa se não há nada na ordem do social que o obrigue a isso ?

Uma questão que encontra uma resposta - Foucault se limita a dizer - "para se fazer sujeito". Quando Freud observava o jogo de seu neto ao jogar um carretel, murmurando algo como "fort", sua estranheza quando ao significado do brinquedo certamente não era ingênua. Os limites da clínica psicanalítica, a inacessibilidade narcísica de alguns pacientes, a neurose traumática, a neurose destino, a compulsão ã repetição do desprazeiroso indicavam um certo número de direções de análise envolvendo a hipótese de uma pulsão de morte. Face a essas evidências da clínica é levado a perguntar se o menino não ensaiava por meio desse gesto, praticar ativamente a deserção à qual era submetido passivamente pela mãe que diáriamente saía pra o trabalho. O gesto de lançar longe o carretel-mãe, era o correlato do investimento narcísico, pelo qual o menino se fazia sujeito do seu desamparo. O investimento sexual do eu é correlato de um gesto masoquista pelo qual o sujeito se priva do objeto primordial. O traço do "Mais além do princípio do prazer" é esse gesto masoquista, essa compulsão à repetição da experiência desagradável que age como um sentimento inconsciente de culpa.

Totem e Tabú, desse ponto de vista é contemporâneo do "Mais além do princípio do prazer". O parricídio originário coloca o sujeito e a cultura numa certa relação que vai do crime coletivo, ao sentimento de culpa e à idealização. O crime parricida é fundador da ordem simbólica e se repete ritualmente nas cerimônias religiosas onde as formas imaginárias do pai são reassassinadas para dar lugar à sua

metabolização como símbolo. O pai imaginário e o pai simbólico nos são apresentados nesse mito numa relação cuja dialética é o mistério da sacrifício antropofágico. As fontes da compulsão à repetição ou se quizermos da pulsão de morte situam-se no plano desse acontecimento mítico - o assassinato do pai da horda - o que evoca no seu estatuto filogenético um lugar de transcendência com relação à história ontogenética. Entretanto, como indica Assoum (1989) na sua leitura dos fundamentos metapsicológicos do laço social na obra freudiana, o ideal se pratica. O pacto social como nos indica Birman (1989h) não é jurídico e sim político é pacto com o outro, o irmão, pela ligação ao Outro, o pai morto ou pai simbólico. Não se trata portanto, no caso do parricídio da passagem de uma ordem de natureza a uma ordem cultural e sim de um estado pré-político ao estado político, pelo que a querela dos ideais alcança um lugar de importância quando se trata de considerar a questão da **Weltanshauungen** psicanalíticas.

Esta questão se coloca desde o ponto de vista, de que essa teoria do sujeito e suas práticas podem funcionar como uma religião de um grupo, que é preciso definir no sentido largo de sujeito da cultura psicanalítica. O ideal de acordo com Assoum (1989) é o objeto do grupo e esse ideal se pratica, o que significa que se submete aos rituais sacrificatórios de morte e idealização. Esse é o sentido que atribuímos à evidência de que essa cultura psicanalítica não é estática pois produz imaginários diferentes que equivalem a exaltação de certos ideais analíticos ou determinadas

Weltanschauungen que são subsequentemente assassinados, devorados, reinventados produzindo no seu movimento novos pactos narcísicos e novos sujeitos dessa cultura.

A questão dos ideais analíticos dos anos 70 não é como se pode depreender dos escritos de Birman a esse respeito um problema cativo da difusão da psicanálise no público leigo Sua análise vem situá-la no centro dos processos de transmissão ou de formação do psicanalista. A reificação da teoria, sua utilização no interior do dispositivo analítico como um sistema de crenças ou - nas suas próprias palavras - um "código explicativo" faculta ao analisando a identificação ao analista como portador de uma teoria universalizante do sujeito, prescindindo do manejo da transferência. Prática que aprisiona e reifica o sentido na palavra do analista reduzindo a verdade do desejo à verdade científica ou à verdade histórica.

Do final dos anos 70 aos anos 80, o campo psicanalítico no Rio de Janeiro, passa por transformações sensíveis nas definições de sua prática, dos modos de transmissão, da direção da cura, do lugar da interpretação, da função do analista, entre alguns dos paradigmas que nos ocorreu relacionar. Um outro aspecto marcante, curioso, desse campo, foi observado por Figueiredo (1987), sobre os analisados, que acreditavam dever se reanalisar segundo os novos códigos que vieram a reger a cultura psicanalítica. O início da difusão lacaniana tem muito a ver com esse fenômeno. Nessa cultura, a singularidade será o contraponto constante com os analistas

cujo ideal de cura é a identificação do paciente com o ego do analista, que utilizam a teoria como um código explicativo, que manejam a teoria como um sistema de crenças, analistas que adaptam o indivíduo à sociedade. Certamente, todas essas críticas não inocentarão aqueles que abraçaram a psicanálise através do ideal da modernização social. A reação a essa versão do campo analítico foi condensada na fórmula "isso não é psicanálise" e que tão frequentemente é acionada indicando esses seus destinatários e, não menos, os analistas rendidos ao mito da modernização social. O ideal da singularidade, no campo psicanalítico parece funcionar regido por novos princípios que me ocorre atribuir à questão da clínica da psicose e da pulsão de morte. Penso uma vez mais nas palavras de Lacan sobre a experiência analítica ter nos conduzido a aprofundar o universo da falta, em razão do que ele se pergunta: qual é a obra, a obra coletiva na qual estamos mergulhados?

BIBLIOGRAFIA

ALTHUSSER,L. (1970), IDEOLOGIA E APARELHOS IDEOLÓGICOS DO ESTADO, Lisboa, Ed. Presença, s/d.

ARIÉS,P.(1978), HISTÓRIA SOCIAL DA CRIANÇA E DA FAMÍLIA, Zahar Ed., R.J.

ASSOUM, P.-L.(1989) "El Sujeto del Ideal"in: ASPECTOS DEL MALESTAR EN LA CULTURA, Ediciones Manancial, Argentina

AULAGNIER,P.C.(1970)"Um Probleme actuel: les Constructions Psychanalytiques", in Topique no. 3, Press Universitaires de France.Paris.

----------(1975) A VIOLÉNCIA DA INTERPRETAÇÃO, Imago Eds. R.J.

----------(1979)OS DESTINOS DO PRAZER, Imago Eds. R.J.

----------(1989)"Sociedades de Psicanálise e Psicanalistas de Sociedade" in Birman, J. FREUD 50 ANOS DEPOIS, Relume-Dumará, R.J.

BERGER,P., LUCKMANN,T. (1978) A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE, Petrópolis, R.J.

----------(1980) "Para uma Compreensão Sociológica da Psicanálise", in: Figueira, S.A. (org.) PSICANÁLISE E CIÉNCIAS SOCIAIS, R.J., Francisco Alves

BEZERRA,JR. "Subjetividade Moderna e o Campo da Psicanálise",in: Birman,J.FREUD 50 ANOS DEPOIS, Relume Dumará, R.J.

BIRMAN,J., NICÉIAS, C.A.(1983)"Apresentação" in: Birman, J. e Nicéias, C.A.- PSICANÁLISE E PSICOTERAPIA, Ed. Campus, R.J.

BIRMAN, J.(1988a) "Sujeito, Estrutura e Arcaico na Metapsicologia Freudiana" in: Birman, J. PERCUSOS NA HISTÓRIA DA PSICANÁLISE, Taurus, R.J.

--------(1988b) "Alquimia no Sexual" in, Birman, J. e Nicéias, C.A. - A ORDEM DO SEXUAL, Ed. Campus, R.J.

---------(1988c) "A Razão da Impostura" in, Birman, J.e Nicéias, C.A.- O OBJETO NA TEORIA E NA PRÁTICA PSICANALÍTICA, Ed. Campus, R.J.

----------(1988d) "Finitude e Interminabilidade do Processo Analítico" in: Birman, J. e Nicéias, C.A. - UMA LEITURA DA ANÁLISE COM OU SEM FIM, Ed. Campus, R.J.

----------(1989e) FREUD E A EXPERIÊNCIA ANALÍTICA, Timbre-Taurus Eds, R.J.

----------(1989f) "Sobre a Paixão: comentários sobre o discurso freudiano" in: PSICANÁLISE E PSICOLOGIA, Ed. UFRJ

----------(1989g) "A palavra Entre Atos" in: FREUD 50 ANOS DEPOIS, Relume Dumará, R.J.

----------(1989h) Entre o Simbólico e o Imaginário, (exemplar xerografado)

BLEICHMAR,H.(1984) INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS PERVERSÕES: Teoria do Édipo em Freud e Lacan artes Médias, Porto Alegre

------------(1987) O NARCISISMO: Estudo sobre a Enunciação e a Gramática do Inconsciente, Artes Médicas, Porto Alegre

------------(1987) DEPRESSÃO: Um Estudo Psicanalítico, Artes Médicas, Porto Alegre

BUARQUE DE HOLANDA,S. (1982) RAÍZES DO BRASIL, Livraria José Olympio Editora, R.J.

CASTEL,R. (1978) O PSICANALISMO, Ed. Graal, R.J.

----------(1987) A GESTÀO DOS RISCOS, R.J., Francisco Alves

COELHO DOS SANTOS, T. E RUSSO,J. (1981)"psicanálise e CAsamento, in FAMÍLIA, PSICOLOGIA E SOCIEDADE, Ed. Campus, Rio

----------(1982)A DIFUSÀO DA PSICANÁLISE NA FAMÍLIA: um estudos dos efeitos sobre a mulher, tese de mestrado, PUC RJ

----------(1986)"De D. Letícia à Carmem da Silva:as revistas femininas e a modificação do comportamento da mulher, in UMA NOVA FAMÍLIA ?, Jorege Zahar Ed. Rio

----------(1988)"A mulher liberada e a difusão da psicanálise", in EFEITO PSI, Ed. Campus, Rio

----------(1989)"Representações do masculino nas revistas femininas e suas relações com a psicanálise difundida", in FREUD, 50 ANOS DEPOIS, Relume Dumará Eds. Rio

ENGELS,F.(1974), A ORIGEM DA FAMÍLIA, DA PROPRIEDADE E DO ESTADO, Ed. Civilização Brasileira,R.J.

DAUSTER, T. (1987) NOME DE FAMÍLIA: Maternidade fora do Casamento e o Princípio de Filiação Patrilinear, Museu Nacional,PPGAS, UFRJ (Tese de Doutorado - (Exemplar xerografado)

DELEUZE,G. (1986) FOUCAULT, Editions de Minuit, Collection Critique, Paris.

DONZELOT,J.(1977) LA POLICE DES FAMILLES, Editions de Minuit

DONZELOT,J.(1984) L'INVENTION DU SOCIAL, Librairie Arthéme Fayard

DUMONT,L. (1966) HOMO HIERACHICUS, Paris, Editions Gallimard.

DUMONT,L.(1983) ESSAIS SUR L'INDIVIDUALISME: une perspective anthropologique sur l'ideologie moderne, Paris, Seuil, Collection Esprit

FIGUEIRA,S.A.(1978)"Notas introdutórias ao estudo das terapêuticas I:Lévi-Strauss e Peter Berger", in: Figueira, S.A. (coord.) SOCIEDADE E DOENÇA MENTAL, Ed. Campus,R.J.

----------(1980) A representação social da psicanálise, in PSICANÁLISE E CIÊNCIAS SOCIAIS, Francisco Alves Eds., Rio

----------(1981), O CONTEXTO SOCIAL DA PSICANÁLISE, Francisco Alves Eds., R.J.

----------(1981b)"Psicanálise e Antropologia: Uma visão do mundo brasileiro", Jornal do Brasil, 20/12/81

----------(1985a)"Modernização da família e desorientação: Uma das raízes do psicologismo no Brasil, in CULTURA DA PSICANÁLISE, São Paulo, Brasiliense

----------(1985b)"No reino da opção", Jornal do Brasil, 14/7/85

----------(1987)"O'moderno' e o 'arcaico' na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social, in UMA NOVA FAMÍLIA ? Jorge Zahar, Ed. Rio

----------(1988)"Psicanalistas e pacientes na cultura psicanalítica", in EFEITO PSI, Ed. Campus, Rio

FIGUEIREDO, A.C. (1984), ESTRATÉGIAS DE DIFUSÃO DO MOVIMENTO PSICANALÍTICO NO RIO DE JANEIRO -1970/1983, Dissertação de Mestrado, PUC-R.J.

FLANDRIN,J-L. (1979) ORIGENES DE LA FAMÍLIA MODERNA, Ed.Critica, Barcelona,

FOUCAULT,M.(1977a), VIGIAR E PUNIR, Petrópolis, Ed. Vozes.

----------(1977b), HISTÓRIA DA SEXUALIDADE I- A Vontade de Saber, Ed. Graal, R.J.

----------(1978), A VERDADE E AS FORMAS JURÍDICAS, Cadernos da PUC, R.J.

----------(1979), MICROFÍSICA DO PODER, Ed. Graal, R.J.

----------(1984), HISTÓRIA DA SEXUALIDADE II - O Uso dos Prazeres, Ed.Graal, R.J.

----------(1984), HISTÓRIA DA SEXUALIDADE III - O Cuidado do Si, Ed. Graal, R.J.

FREIRE COSTA,J.(1983) ORDEM MÉDICA E NORMA FAMILIAR, R.J., Graal

----------(1984) "Sobre a Geração AI 5: violência e narcisismo", in: VIOLÊNCIA E PSICANÁLISE, Ed. Graal, R.J.

----------(1988a)"Narcisismo em Tempos Sombrios", in: Birman, J. PERCURSOS NA HISTÓRIA DA PSICANÁLISE, Taurus, R.J.

----------(1988b)"A Cultura da Razão Cínica", Caderno de Idéias, Jornal do Brasil, 21/5/89.

FREYRE, G.(1985) CASA GRANDE E SENZALA, Livraria José Olympio Editora, R.J.

---------- SOBRADOS E MOCAMBOS, Livraria José Olympio Editora, R.J.

FREUD, S.(1950 1892) "Extratos dos documentos dirigidos a Fliess" vol I, pag 378, ESB

----------(1905)"Três Ensaios Sobre a teoria da Sexualidade", vol. VII, ESB

--------(1908) "Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna" vol.IX

--------(1910) "Psicanálise silvestre" vol. XI, ESB

--------(1911) "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental" vol. XII, ESB

----------(1910)"Leonardo Da Vinci e Uma Lembrança de sua Infância" , vol XI, ESB

----------(1911)"Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia" (Dementia Paranóides)" , vol XII, ESB

----------(1913, 1912-13)"Totem e Tabú" , vol XIII, ESB.

----------(1913)"Sobre o Início do Tratamento: Novas Recomendações sobre a Técnica da Psicanálise", vol. XII, ESB.

----------(1914) "Sobre o Narcisismo: uma Introdução" vol.XIV, ESB.

----------(1914, 1918)"História de uma Neurose Infantil" , vol VII, ESB

----------(1915)"Os Instintos e suas Vicissitudes" vol. XIV, ,ESB.

----------(1917-1915)"Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos" vol XIV ESB.

----------(1917-1915) "Luto e Melancolia" vol XiV, ESB.

----------(1915)"Um Caso de Paranóia que Contraria a Teoria Psicanalítica da Doença" , vol XIV, ESB.

----------(1916-17, 1915-17)"Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise", vol XV, Conf. XIII, XXVI, XXVII, XXVIII, ESB.

----------(1917) "As Transfromações do Instinto Exemplificadas Pelo Erotismo Anal" vol XVII, ESB.

----------(1918-1917) "O Tabú da Virgindade" (contribuição à Psicologia do Amor III) , vol. XI,----------"Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise" (1917), vol.XVII, ESB

----------(1919) "Uma Criança é Espancada" - Uma contribuição ao Estudo da Origem das Perversões Sexuais" vol. XVII, Parte V, ESB

----------(1919) "O Estranho" Parte II, Vol. XVII, ESB

----------(1920)"Além do princípio do Prazer" , vol. VIII, Parte III, ESB, pags 34, 35, 49, 70, 72, 73, 74, 80.

----------(1921)"Psicologia de Massas e Análise do Ego", vol XVIII, ESB.

----------(1920)"A Psicologia de um Caso de Homossexualismo numa Mulher", vol XVIII, ESB .

----------(1922)"Alguns Mecanismos neuróticos no Ciúme, na Paranóia e no Homossexualismo",ESB .

----------(1923)"O Ego e o Id" vol XIX, ESB.

----------(1940 -1938)"Um Esboço de Psicanálise" vol XXIII ESB.

----------(1924 1923) "Neurose e Psicose", vol XIX, ESB

----------(1924) "O Problema Econômico do Masoquismo", vol XIX, ESB

----------(1924) "A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose", vol XIX, ESB

----------(1925) "A Negativa", vol XIX, ESB

----------(1926) "A Questão da Análise Leiga", vol XX, ESB

----------(1927) "O Futuro de uma Ilusão", vol XXI, ESB

----------(1930-1929) "O Mal-estar na Civilização", vol. XXI, ESB

----------(1933) "A Questão de uma **Weltanschauung**", vol. XXII, ESB

GABRIEL,Y.(1983) Freud and Society Londres:Routledge and Kegan Paul.

GADDINI,E. (1984) Changes in psychoanalytic patients up to the present day. The International Psychoanalytic Association, Monograph Series number 4, Changes in analysts and in their training (editado por R.S. Vallerstein)

GARCIA-ROZA,L.A. (1984), FREUD E O INCONsCIENTE, Ed. Zahar, R.J.

----------(1986), ACASO E REPETIÇÃO EM PSICANÁLISE: Uma Introduçào à Teoria das Puslsões, Jorge Zahar Ed., R.J.

----------(1989), O INCONSCIENTE E A VORSTELLUNG, (exemplar xerografado)

GEERTZ,C. (1984) 'Anti-antirelativism' in American Anthropologist,86, 263-278

GUIDDENS,A.(1971) The Individual in the writings of Durkheim, Archives Europeénes de Sociologie, Tome XII, n0 2

HARNECKER, M.(1974), LOS CONCEPTOS ELEMENTALES DEL MATERIALISMO HISTÓRICO, Buenos Aires, Siglo Vientiuno Ed.

JURANVILLE,A. (1987) LACAN E A FILOSOFIA, Jorge Zahar Ed., R.J.

KURTZ,I.(1981) CRISES: A guide to your emotions, Cosmopolitan, London

LACAN, j.(1986) SEMINÁRIO, livro I, Os Escritos Técnicos de Freud", Rio Jorge Zahar Eds,

----------(1985)SEMINÁRIO, livro II, O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise", Rio, Jorge Zahar

----------(1966)ECRITS, "Le stade de Miroir comme formateur de la fonction du je

----------(1988), A ÉTICA DA PSICANÁLISE, Zahar Eds. R.J.

----------(1988b,)"A Direção da Cura", (exemplar xerografado)

LASCH, C (1970), THE CULTURE OF NARCISSISM, N.Y., Warner Books Edition

----------(1986), O MÍNIMO EU: A sobrevivência psíquica em tempos difíceis, Ed. Brasiliense,S.P.

LO BIANCO,A.C.(1981) "Concepções de Família em Atendimentos Psicológicos Fora do Consultório: Um Estudo de Caso", in: Figueira, S.A. e Velho, G. (ORGS), FAMÍLIA PSICOLOGIA E SOCIEDADE, Ed. Campus, R.J.

----------(1985) "A Psicologização do Feto", in: Figueira, S.A. (org.) CULTURA DA PSICANÁLISE, S.P. Brasiliense

----------(1989) "Questões Para a Teoria Psicanalítica na Sociedade Brasileira" in: Birman, J. FREUD 50 ANOS DEPOIS, Relume Dumará, R.J.

MACHADO, R. (1979) "Por uma Genealogia do Poder", in: Foucault, M., MICROFÍSICA DO PODER, Ed. Graal, R.J.

----------(1982) CIÊNCIA E SABER, Ed. Graal, R.J.

MARTINS,L.(1979) "A Geração AI5", in Ensaios de Opinião, Vol. II, Paz e Terra

MEZAN,R.(1988)"Psicanálise e Psicoterapia" in: A VINGANÇA DA ESFINGE, Ed. Brasiliense.

----------"Rumo à Epistemologia da Psicanálise" in: VINGANÇA DA ESFINGE, Ed. Brasiliense

----------"Pode-se Ensinar Psicanalíticamente a Psicanálise ?" in: A VINGANÇA DA ESFINGE, Ed. Brasiliense

----------" Uma Arqueologia Inacabada: Foucault e a Psicanálise" in: A VINGANÇA DA ESFINGE, Ed. Brasiliense

PASSOS, M.D.(1984) O PROCESSO DE LEGITIMAÇÃO DO PSICANALISTA: Uma análise de Estudos e Formação Freudiana, Dissertação de Mestrado, PUC R.J.

NICOLACI DA COSTA,(1985) A.M. "Mal-estar na família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos", in, CULTURA DA PSICANÁLISE, Brasiliense, São Paulo

MENDES DE ALMEIDA,M.I.(1986) "A nova maternidade: uma ilustração das ambiguidades do processo de modernização da família, in UMA NOVA FAMÍLIA ?, Jorge Zahar Eds. Rio

SAFOUAN,M.(1979)ESTUDOS SOBRE O ÉDIPO: Introdução a uma teoria do sujeito, Zahar Eds. Rio

----------(1988), O FRACASSO DO PRINCÍPIO DO PRAZER, Ed. Papirus, Campinas.

SALEM, T.(1985), "A trajetória do casal grávido: de sua constituição à revisão de seu projeto", in CULTURA DA PSICANÁLISE, Brasiliense, São Paulo

SENNETT,R. THE FALL OF PUBLIC MAAN, Cambridge University Press, London Melbourne

SIMMEL,G.(1984), "Female Culture" in George Simmel: on women sexuality and love, G. Oakes(ed.) Yale University Press.

SHORTER, E. (1977), NAISSANCE DE LA FAMILLE MODERNE, Paris, Ed. du Seuil

STONE, L. (1979), THE FAMILY, SEX AND MARRIAGE IN ENGLAND, 1500-1800, Hardmondworth, Penguin Books

RIEFF,P.(1966) THE TRIUMPH OF THE TERAPEUTIC ,penguin University Books Harmondsworth Middlesex, England.

RIEFF,P. ((1979) FREUD: PENSAMENTO E HUMANISMO,Interlivros, Belo horizonte.

ROUDINESCO, E. HISTÓRIA DA PSICANÁLISE NA FRANÇA, vols I e II, Jorge Zahar Ed., R.J.

ROUSTANG, F.(1980) ELLE NE LE LACHE PLUS, Les Editions de Minuit, Paris

---------- (1976) UM DESTIN SI FUNESTE, Les Editions de Minuit, Paris

---------- (....) La Psychanalyse Peut-elle S'Exporter ?" in: Psychanalystes, Revue due Collége de Psychanalystes, no. 11, Paris

RUSSO,J.A. (1982) OS EFEITOS TERAPÉUTICOS DA PSICANÁLISE: Uma discussão, Dissertaçào de Mestrado, PUC-R.J.

----------(1987) "Difusão da Psicanálise nos anos 70: indicação para uma análise" in: Família e Valores, S.P. Loyola.

----------(1987b) "Individualismo à Brasileira" (exemplar xerografado)

----------(1988) "O lacanismo e o campo psicanalítico do Rio de Janeiro (exemplar xerografado)

----------(1989)"O corpo contra a palavra": Algumas reflexões sobre a evolução do movimento 'psi' brasileiro" (exemplar xerografado)

TOCQUEVILLE,A. (1977) A DEMOCRACIA NA AMÉRICA, Edusp Itatiaia

TURKLE,S. (1978) PSYCHANALITICS POLITICS - FREUD'S FRENCH REVOLUTION, London, Burnett Books Limited.

USSEL,J.v. (1980), REPRESSÃO SEXUAL, Ed. Campus, R.J.

VELHO, G.(1980)"Projeto, Emoção e Orientação em sociedades complexas,in PSICANÁLISE E CIÉNCIAS SOCIAIS, Francisco Alves Eds., Rio

---------(1981) INDIVÍDUO E CULTURA: notas para uma antropologia da sociedade contenporânea, Zahar Eds. Rio.

----------(1981)"Parentesco, Individualismo e acusações", in,FAMÍLIA, PSICOLOGIA E SOCIEDADE, Ed. Campus , Rio

---------(1985)"A busca de coerência: coexistência e contradições entre códigos em camadas médias urbanas", in CULTURA DA PSICANÁLISE, Sào Paulo, Brasiliense Ed.

WAGLEY,G.(1968) Kinship patterns on Brasil: the persistence of a cultural tradition, in The Latin American Tradition, New York, Columbia University Press.

WILLEMS,E.(1954) A estutura da família brasileira, Sociologia XVI, 4.

RELAÇÃO DOS ARTIGOS CONSULTADOS NA REVISTA CLAÚDIA

DE AUTORIA DE CARMEM DA SILVA

JAN 64 AMOR, MORTE E RESSUREIÇÃO

FEV 64 VOCÊ VIVE NO TEMPO PRESENTE ?

JUN 64 PORQUE ENGANAM OS HOMENS?

JUL 64 UM MURO É UM MURO

AGO 64 TRABALHAR PARA NÃO SER BIBELÔ

SET 64 CIÚME, PORQUÈ

OUT 64 VOCÊ VIVE OU VEGETA ?

NOV 64 O COMPLEXO DE IDADE

DEZ 64 INDEPENDÊNCIA

FEV 66 QUESTÃO DE SIMPATIA

JUN 66 PARA QUE RIMAR AMOR COM DOR

AGO 66 GRANDE SONHO É GRANDE FUGA

SET 66 TÉDIO

NOV 66 DE AMOR E LIBERDADE

RELAÇÀO DOS ARTIGOS DE 1970 a 1979

JAN 70 A CABELEIRA NÃO FAZ O HIPPIE

FEV 70 a CRISE NO CASAMENTO

ABR 70 CARTA O AO HOMEM BRASILEIRO: qUEM AVISA AMIGO É

MAIO 70 CLAUDIA RESPONDE ; SERÁ QUE TENHO CULPA

JUN 70 NãO BOTE O AVENTAL NO SEU MARIDO

JUL 70 QUAL É A SUA POSIÇÃO DENTRO DO CASAMENTO

AGO 70 NÃO HÁ MAL QUE SEMPRE DURE:DO PRECONCEITO AO AMOR

SET 70 REVOLUÇÀO SEXUAL ?

NOV 70 A SUPERIORIDADE NATURAL DA MULHER

DEZ 70 CASAR OU NÃO CASAR ?

FEV 71 APRENDA A VIVER

MAR 71 UFA COMO É DURO ACOMPANHAR ESSE MUNDO

ABR 71 ERA UMA VEZ UMA TÍMIDA

MAI 71 O VELHO AMOR ESTÁ NO FIM ?

JUN 71 SEJA O QUE VOCÉ É

JUL 71 O QUE É UMA MULHER LIVRE ?

AGO 71 PORQUE É PRECISO SER LIVRE ?

FEV 71 PARABÉNS A TODAS NÓS

OUT 71 VAMOS QUEBRAR UMA VELHA IMAGEM

DEZ 71 PROJETO 72 : SER UMA NOVA MULHER

JAN 72 O NAMORO ESTÁ EM CRISE /

FEV 72 O NAMORO ATÉ ONDE PODE IR A INTIMIDADE

ABR 72 IGUALDADE, JUSTIÇA E PARTICIPAÇÀO

MAI 72 NÓS E A LUTA DAS MULHERES

JUN 72 CRISE NO CASAMENTO: SERÁ QUE VOCÊ ESCOLHEU CERTO ?

JULHO 72 NÃO FECHE OS OLHOS À REALIDADE

SET 72 COMO VOCÊ ENCARA A MENTIRA ?

OUT 72 BONDADE NÃO É SACRIFÍCIO

NOV 72 NÃO FIQUE REMOENDO A SUA RAIVA

DEZ 72 A PALAVRA,NÓS AS MULHERES

JAN 73 NÃOSE ENGANE COM MENTIRAS,

MAR 73 A MULHER E A IDADE DIFÍCIL DO HOMEM

ABR 73 o PAPEL DA SEGUNDA MULHER

JUN ELE QUER SER LIVRE. VOCÉ DEIXA

JUL 73 VOCÉ PODE MANTER SEU CASAMENTO FELIZ

SET 73 DIFICIL PAPEL DA MÀE DESQUITADA

NOV 750 SEU BOM CASAMENTO VAI MAL ?

JAN 74 AS SANTAS PRISIONEIRAS DO AMOR

FEV 74 AS SOLTEIRONAS

ABR 74 OS PROBLEMAS DA MULHER NO MUNDO

MAIO 74 a MULHER E O TRABALHO EM PORTUGAL

JUN 74 ROSA UM EXEMPLO DE MULHER PARA TODAS NÓS

AGO 74 A MULHER SOB O DOMÍNIO DA CULPA

OUT 74 O QUE É O MOVIMENTO FEMINISTA

MAR 75 ESTE É O ANO DA MULHER

JUN 75 DIVÓRCIO

JUL 75 CONVERSA DE SALÀO

AGOSTO 75 NÃO VIVA COM FALSAS ILUSÕES,

NOSSO VELHO NOVO,MUNDO

SET 75 AFINAL SOMOS REALMENTE LIVRES ?

OUT 75 HOMEM É HOMEM , MULHER É MULHER

NOV 75 MULHER :PROFISSÃO PRENDAS DOMÉSTICAS

DEZ 75 A CAÇA

JAN 76 OPRIMIDA PELO MARIDO,

VAMOS EM FRENTE

FEV 76 A INIMIGA

MAR 76 AMOR E LIBERDADE,

NEM ANJOS NEM DEMÔNIOS, SOMOS GENTE.

MAIO 76 QUANDO O TRABALHO AFASTA O CASAL,

NOVEMBRO 76 A CULPA NÀO É SÓ DA OUTRA, VOCÉ AINDA PODE SER

FELIZ DEZ 76 CARTA ABERTA ÀS MULHERES

FALTA UM HOMEM NESTA COZINHA

MAR 77: VIOLÊNCIA

ABR 77 AFINAL QUEM É O RÉU

MAI 77 CONSIDERAÇOES EM TORNO DA CARTA DE UM HOMEM UN 77

DESCONFIE DO HOMEM QUE SE DIZ FEMINISTA

JUL 77 A CRISE DO CASAMENTO

AGOO 77 CANSAÇO DE UMA SUPER MULHER,

OUT 77 ELE PEDIU UMA PROVA DE AMOR,

SERÁ QUE AMELIA É MULHER DE VERDADE ?

NOV 77 UIDADO ATÉ NOSSO SEXO ESTÁ SOBRE CONTROLE

DEZ 77 CARA - METADE VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADA ASSIM

JAN 78 VOCÉ PODE VIVER SOZINHA SEM TER SOLIDÃO,

FEV 78 O PROBLEMA NÀO É DO SEU FILHO É SEU.

MAR 78 O BRASIL ESTÁCOMEÇANDO A DESCOBRIR A MULHER

ABR 78 HOMEM IGUAL À GENTE, ,MULHER GUAL À GENTE, MULHER

IGUAL A HOMEM MAIO 78 À PROCURA DA PRÓPRIA AFETIVIDADE ,

NUNCA TENTE SER A MÃE DE SEU MARIDO,

MULHER A GRANDE VÍTIMA DE CRIMES E AGRESSOES

JUL 78 NUNCA COMPARE SEU MARIDO A SEU PAI,

COMECE A DESCOBRIR SEU VERDADEIRO PAPEL NA SUA COMUNIDADE

AGO 78 ELA ESTÁ ANGUSTIADA COM SUAS FANTASIAS

PARA ELE; ELA QUER RUA E LIBERDADE JAN 79 aOS 47 ANOS ELA QUER DESPERTAR PARA A VIDA

AMOR, HOJE ESTA PALAVRA É UM OBJETO DE CONSUMO

FEV 79 ELE É CASADO E TEM OUTRA MULHER , A SUA INDECISÃO PREJUDICA TODO MUNDO,

ABR 79 IMATURA, ELA VIVE UM CONFLITO COM O MARIDO, MEU MARIDO ME TROCOU POR OUTRA MULHER

ANTIGAMENTE , ELA ERA O ANJO DO LAR , A MUSA ETC...HOJE É A COMPREENSIVA

MAIO 79 MATERNIDADE NÃO É OBRIGAÇÃO É ESCOLHA

JUN 79 A GRANDE DÚVIDA DE UMA MULHER OSCILANDO ENTRE O AMOR E SEUS SONHOS

A MULHER PRECISA CONQUISTAR A SI MESMA. PARA SER MÃE

JUL 79 PROCURA-SE MULHER (MÀE, ESPÔSA) QUE NÃO TENHA SEU EU ENCARCERADO

AGO 79 A CARÊNCIA, A FALTA DE AMOR, AFETANDO A PROCURA NO AMOR

SET 79 ELE É JOVEM, ELA UMA QUARENTONA,

LÁ SE VÀO DEZOITO ANOS E NÓS AQUI, BRIGANDO, DEBATENDO, CRESCENDO

OUT 79 O NEGÓCIO DELAS SÃO OS NÚMEROS,

DEZ 79 O QUE SERIA DO MUNDO SEM NÓS MULHERES.

EMÍLIO SERVÁDIO

JUL 62 A JOVEM ESPÔSA

AGO 62 MATERNIDADE

SET 62 A IDADE MADURA

OUT 62 SABER ENVELHECER

JAN 63 A CIUMENTA

FEV 63 A INDEPENDENTE

MAR 63 A NEURÓTICA

MAI 63 A ESPORTIVA

D. LETÍCIA

OUT 61 NÃO, ISTO EU NÃO TOLERO/

NOV 61 QUE FAZER COM O MARIDO INFIEL

FEV 62 TENTAÇÕES DE UMA JOVEM ESPÔSA

AUTORES IGNORADOS

NOV 61 O QUE NOS IRRITA NAS MULHRES

NOV 61 OS HOMENS COMPREENDEM AS MULHERES

RELAÇÀO DOS NÚMEROS DA REVISTA LADY CONSULTADOS

DEZ 56 CARTAS QUE A VIDA ESCREVE

JAN 57 CARTAS QUE A VIDA ESCREVE

FEV 57 AJUDE O SEU HOMEM A VENCER

-------REVELE-SE NA DECORAÇÀO DO SEU LAR

MAI 58 INVENTÁRIO ESPIRITUAL

-------CARTAS QUE A VIDA ESCREVE

JUN 58 CARTAS QUE A VIDA ESCREVE

-------A OPINIÃO DOS HOMENS SOBRE AS MULHERES

-------ESTE CASAMENTO PODE SER SALVO ?

OUT-NOV 58 SEJA SEVERA COM SUA FILHA

FEV 59 CARTAS QUE A VIDA ESCREVE

FEV 59 GENTIL E SUAVE

-------SENSITIVA E TEMPERAMENTAL

-------CONFIANTE E SEGURA DE SI

-------PSICOGRAFOLOGIA: A PROCURA DE UM CASAMENTO FELIZ

MAR 59 RETRATO PSICOGRAFOLÓGICO DA MULHER BRASILEIRA

ABR 59 SER INTERESSANTE

-------AJUDE SEU MARIDO A VIVER MAIS TEMPO

Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/Rio, pela aluna Tania Coelho dos Santos, intitulada **"SUBJETIVIDADE E DIFUSÃO DA PSICANÁLISE: UMA DISCUSSÃO DA CULTURA PSICANALÍTICA"**. Fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

Anna Carolina Lo Bianco Clementino
(Orientadora - PUC/Rio)

Joel Birman
(PUC/Rio - UFRJ)

Luiz Alfredo Garcia-Roza
(UFRJ)

Jurandir Freire Costa
(UERJ)

Terezinha Féres Carneiro
(PUC/Rio)

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 8 de junho de 1990

p/ Ana Maria Nicolaci-da-Costa
Coordenadora dos Programas de Pós-Graduação do Centro de Teologia e Ciências Humanas